

ÍNDICE

<i>Agremiação</i>	<i>Página</i>
<i>G.R.E.S. IMPÉRIO SERRANO</i>	<i>03</i>
<i>G.R.E.S. SÃO CLEMENTE</i>	<i>61</i>
<i>G.R.E.S. UNIDOS DE VILA ISABEL</i>	<i>121</i>
<i>G.R.E.S. PARAÍSO DO TUIUTI</i>	<i>173</i>
<i>G.R.E.S. ACADÊMICOS DO GRANDE RIO</i>	<i>225</i>
<i>G.R.E.S. ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA</i>	<i>277</i>
<i>G.R.E.S. MOCIDADE INDEPENDENTE DE PADRE MIGUEL</i>	<i>349</i>



G.R.E.S. IMPÉRIO SERRANO



**PRESIDENTE
VERA LÚCIA CORRÊA DE SOUZA**

“O Império do Samba na Rota da China”



Carnavalesco
FÁBIO RICARDO

FICHA TÉCNICA

Enredo

Enredo "O Império do Samba na Rota da China"					
Carnavalesco Fábio Ricardo					
Autor(es) do Enredo Fábio Ricardo e Helenise Guimarães					
Autor(es) da Sinopse do Enredo Fábio Ricardo, Helenise Guimarães e Roberto Vilaronga					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile Fábio Ricardo e Helenise Guimarães					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
01	Lonely planet: Grandes Viagens	BAIN, Andre ET alli	Ed. Globo	2017	Todas
02	Coleção História Sociedade & Cidadania: A China Antiga.	BOULOS JR. Alfredo	FTD	2004	Todas
03	A Extraordinária História da China	COUTO, Sergio Pereira	Universo dos Livros	2008	Todas
04	A Revolução Chinesa.	COGGIOL, Osvaldo	Ed. Moderna	1995	Todas
05	Como Reconhecer a Arte Chinesa	BEDIN, Franca	Martins Fontes	1978	Todas
06	O Guia da China	KAPLAN, Fredric et ali;	CEDIBRA	1987	Todas
07	A Rota da Seda	PEREZ, Teresa.	Traveller World	2017	Todas
08	O Livro Ilustrado dos Mitos	PHILIP, Neil	Editores Marco Zero	1996	Todas
09	O Livro das Maravilhas: a descrição do Mundo	POLO, Marco	L&PM,	2017	Todas
10	As Viagens	POLO, Marco	Martin Claret	2015	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
11	Travel Guide – China		PUBLIFOLHA	2015	Todas
12	China Ontem e Hoje	ELVIN, M. e BLUNDEN	Ediciones Folio	2008	Todas
13	China: o Renascimento do Império	TREVISAN, Cláudia	Ed. Planeta do Brasil	2006	Todas
14	Luzes no Oriente China	TWITCHETT, Denis	ABRIL LIVROS	1995	Todas
15	Tecendo o fio de Seda	VON KOSS, Monika	Andreoli	2010	Todas
16	China Through the Looking Glass	GALLIANO, John et ali	Metropolitan Museum of Art	2015	Todas
17	Grande Enigmas das Civilizações Desaparecidas	ULRICH, Paul	Editora Ferni – Otto Pierre Editores	1978	Todas

Outras informações julgadas necessárias

Sites consultados para a pesquisa:

<http://bichodasedatdc.blogspot.com.br/2011/02/historias-mitos-e-lendas.html>

<http://www.acasadoespiritismo.com.br/religioes/5%20confucionismo.htm>

<https://www.significados.com.br/ying-yang/>

<https://www.significados.com.br/taoismo/>

<https://www.epochtimes.com.br/antigas-moedas-chinesas-reflexo-epocas/#.WjWWUuvysdU>

<http://www.brasileiraspelomundo.com/invencoes-chinesas-que-mudaram-o-mundo-371443281>

: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/curiosidades/historia-da-pipa>

<https://chinaminhavidacom/2013/04/01/as-lanternas-chinesas/>

<http://www.sitedooriente.com/2014/03/china-as-famosas-lanternas.html#.WjW5IOvysdU>

<http://mgturismo.com.br/2017/06/08/circo-imperial-da-china-no-brasil/>

<http://www.portalsaofrancisco.com.br/curiosidades/polvora>

<http://negociosbrasilchina.blogspot.com.br/2013/09/pandas-um-simbolo-da-china.html>

<http://panoramainternacional.fee.tche.br/article/inovacoes-tecnologicas-na-china-licoos-e-perspectivas/>

<http://brasilescola.uol.com.br/china/made-in-china-como-china-virou-potencia.htm>

<http://br.china-embassy.org/por/>

<http://riodejaneiro.chineseconsulate.org/pot/>

FICHA TÉCNICA

Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Sobre Fabio Ricardo

Até conquistar o respeito por sua atuação como carnavalesco do Grupo Especial, Fabio Ricardo, de 43 anos, (conhecido no mundo do samba como “Fabinho”) tem sua trajetória marcada por anos de experiência junto a grandes mestres da criação de desfiles de escolas de samba. Esta experiência lhe rendeu vários prêmios entre eles o de Melhor Carnavalesco (Revista Veja/2015), e pode ser creditada ao seu trabalho como assistente de carnavalescos no período de 1995 a 1998 como Joãozinho Trinta e Max Lopes.

Com mais de uma década de intenso trabalho nos bastidores, cursando Artes Cênicas na Escola de Belas Artes da UFRJ, Fabio Ricardo em 2008 assinou seu primeiro desfile em carreira solo, no G.R.E.S. Acadêmicos da Rocinha, sendo então apontado como uma das novas revelações do cenário da folia carioca. Dali em diante sua trajetória foi marcada por diversos convites e desfiles de notável qualidade artística.

Em 2011, Fabio Ricardo foi contratado pelo G.R.E.S. São Clemente, no momento em que esta retornava ao primeiro grupo. Após três bem sucedidos carnavais, foi contratado pelo G.R.E.S Acadêmicos do Grande Rio, tendo sido apontado pela carnavalesca Rosa Magalhães em entrevista para Revista Veja Rio 20 anos como seu sucessor no carnaval.

Fabio Ricardo em 2017, completou seu quarto carnaval na Acadêmicos do Grande Rio, trazendo a eletrizante estrela do carnaval baiano Ivete Sangalo, para conduzir pela avenida um encantador banho de axé, quando a escola apresentou um emocionante desfile, ficando na quarta colocação, brilhando no desfile das Campeãs.

Fabio Ricardo parte então para mais um desafio no desfile de 2018, assinando o carnaval de outra tradicional agremiação, o Grêmio Recreativo Escola de Samba Império Serrano, que neste ano retorna ao Grupo Especial, apresentando o enredo “O Império do Samba na Rota da China” onde numa narrativa vibrante descreve a milenar cultura da mais antiga civilização da terra.

Sobre Helenise Guimarães

Professora da Escola de Belas Artes da UFRJ, pesquisadora de carnaval e cultura popular, é doutora em Artes Visuais e tem experiência com o campo do carnaval de escolas de samba desde 1987 quando teve sua primeira experiência no barracão do G.R.E.S Paraíso do Tuiuti.

Em 1989 assinou o carnaval do G.R.E.S Unidos de Vila de Santa Tereza e daí mergulhou no campo da pesquisa, trabalhando também na introdução de alunos da EBA/UFRJ no campo profissional dos barracões, com três convênios realizados entre a EBA e a LIESA. Foi julgadora do Jornal JB e da LIESA no quesito Alegorias e Adereços no desfile do Grupo Especial.

Autora de diversos artigos sobre festas e cultura popular, lançou em 2015 o livro “Batalha das Ornamentações: A Escola de Belas Artes e o Carnaval Carioca”, onde descreve oitenta anos de decorações carnavalescas do Rio de Janeiro.

Em 2016 foi convidada por Fabio Ricardo para ser historiadora do enredo “Ivete do rio ao Rio!”, para o qual desenvolveu a pesquisa baseada em entrevista com Ivete Sangalo e na bibliografia sobre os diversos elementos construtores da narrativa do desfile. Com Fabio Ricardo concebeu o roteiro do desfile, a sinopse e os textos descritivos de fantasias e alegorias.

Em 2017, mantendo a parceria com Fabio Ricardo, pesquisou a milenar cultura chinesa e suas possibilidades poéticas e históricas, elaborando com o carnavalesco o roteiro do desfile, a sinopse, e as descrições de fantasias, alegorias e adereços do livro Abre-Alas do Grupo Especial.

HISTÓRICO DO ENREDO

O IMPÉRIO DO SAMBA NA ROTA DA CHINA

A escolha do “Reizinho de Madureira” - uma figura simbólica na história do Império Serrano de grande apelo afetivo – permitiu a construção de um viajante destemido e curioso, seguindo um fio de seda que o levará pela rota milenar que um dia ligou ocidente ao misterioso oriente.

O Grêmio Recreativo Escola de Samba Império Serrano, ao retornar ao desfile do Grupo Especial em 2018, escolheu para comemorar sua vitória e sua volta ao lado de suas tradicionais coirmãs, um enredo que traduz aquilo que o imperiano tem de mais caro: o amor a sua coroa e as suas tradições.

Como a China milenar que honra seus antepassados, o Império Serrano honra suas raízes e seu gosto pelos desafios de enredos complexos e lúdicos, sem deixar de trazer páginas célebres de histórias, personagens e lendas, sendo ele mesmo o fio condutor desta narrativa na figura emblemática do “Reizinho de Madureira”.

Uma das mais antigas civilizações do planeta, a China exerce sobre nós grande fascínio. Ao mesmo tempo em que trouxe ao mundo invenções capazes de influenciar os destinos da humanidade, a China busca manter vivas suas tradições e o respeito à ancestralidade - aspectos que, aliás, espelham uma das marcas do Império Serrano.

E é segurando o brilhante fio da seda que seguiremos nossa aventura em direção a China, berço de dinastias cujos imperadores deixaram para a humanidade um legado de conquistas e belas narrativas. Tão importante que seu povo a chamava de “O Império do Centro”, pois, para os chineses era realmente o “centro” do mundo que conheciam. Para conhecer suas filosofias mais relevantes vislumbramos os ensinamentos de suas principais doutrinas, O Confucionismo, o Taoísmo e o Budismo.

Nesta viagem encontraremos desbravadores, como **Marco Pólo**, embaixador de um grande Imperador, que muito sabiamente permitiu os intercâmbios de culturas diferentes na antiga Rota da Seda, com seu rico comércio e variedade de povos mercadores. Nesta rota as paisagens vibram nos desertos sem fim e na arquitetura de templos e mercados que até hoje encantam o mundo.

Conheceremos alguns elementos históricos desta grande civilização de majestosos imperadores, corajosos guerreiros e invenções que mudaram o mundo. E seguindo o fio da mítica seda contemplaremos o universo rico e distante no tempo, trazido ao Brasil pelo perfume das folhas do chá que encantaram D. João VI, mas também pela velocidade de novas tecnologias e o tão conhecido “Made in China” de nosso cotidiano.

O Império Serrano traz para a Sapucaí um imenso legado de culturas que se entrelaçam, com as cores e formas espetaculares de um povo que cultua a beleza, a harmonia e a energia da vida. Subindo a Serrinha, comemoraremos felizes um Ano Novo Chinês Imperiano!

SINOPSE

O IMPÉRIO DO SAMBA NA ROTA DA CHINA

SETOR 1 - O IMPÉRIO TOCOU REUNIR... NA CHINA!

Mal clareou no subúrbio, e eu não falo absurdo...

o Imperiano já foi trabalhar!

É tanta lida no seu caminhar, que na escola de samba ele faz o seu altar. A baiana borda a fantasia, a passista risca o chão de poesia e o poeta afina seu cantar...

É pelo espelho da cultura que o sambista se deslumbrava com mundos diferentes descobrindo pelo descortinar do enredo, um outro Império, de outras vertentes - Império do Centro.

Centro de culturas milenares, sabedorias e tradições Conhecer a China de raízes, raças, heróis e povos constituídos num só coração.

Ao fundo do suntuoso salão avistamos o sábio que conta para ele sobre a lenda matriz: Há 3.000 anos o casulo do bicho-da-seda caiu no chá da Imperatriz Ao retirar de sua xícara, descortina um fio brilhante que borda nossa história. Nasce então a seda verde e branca que nos guiará nessa viagem fascinante pela memória.

Este fio resistente escreve sinuosamente a história da criação: um mundo de opostos e magia. Da fénix a prosperidade e do majestoso dragão a sabedoria, no seu bailar infinito, emanam beleza tal qual a coroa Imperial... Emoldurando em colorida aquarela uma antiga cidade proibida de visão sem igual!

SETOR 2 - VELHA GUARDA IMPERIAL DA CHINA – AS DINASTIAS

Os ventos sopram fortes, e a viagem segue pelos seus caminhos... Corações varonis que cultuam nobreza aos seus ancestrais!

Seus legados deixaram registros presentes em nosso dia a dia Talhados no tempo: ouro, prata e bronzes das Dinastias.

SETOR 3 – O SAMBA É NOSSA RELIGIÃO – “Todo chinês é taoísta em casa, confucionista na rua e budista na hora da morte”

O gongo anuncia o Império do samba nos jardins delicados da imortalidade local onde as religiões conduzem ideais de harmonia, paz, equilíbrio e serenidade do confucionismo a ética, do Taoísmo o equilíbrio e do budismo o culto aos antepassados povo de alma moldada em magias, talismãs e reencarnação em corações matizados.

SETOR 4 – PREGOA, PREGOEIRO: O MERCADO É TODO SEU!

Nas areias do tempo, em meio ao deserto árido e ao sol quente, entre mercadores, pregoeiros e compradores, uma nova era no oriente. É rota de comercio aberta, “plantando” legados nesse solo fecundo, soprando nas areias do tempo a “colheita” para todo mundo. O Reizinho maravilhado contemplou as maravilhas que o bravo viajante relatou: invenções, segredos e tantas magias, com tantas revelações se encantou.

SETOR 5 – O MEU IMPÉRIO É RAIZ, HERANÇA!

Contemplando as paisagens resplandecentes, ouvindo o som das festas dos povos felizes, mirando espelhos e porcelanas de raro esplendor... Subi bem alto na grande muralha, e mergulhei num horizonte repleto de iguarias! Guerras, batalhas, vitórias de um exército que não se mexia...

Ao longe bandeiras se agitam e anunciavam o grande circo... Demonstram para todo o mundo, o legado milenar ao som de fogos de artifício.

SETOR 6 – SERRINHA CUSTA, MAS VEM!

Viajar é ótimo, mas retornar à Madureira é preciso! Na bagagem: chá de modernidade, povo hospitaleiro e das crianças o sorriso. Festejam juntos Imperianos e Chineses o ano novo chinês E mais uma vez a Serrinha se mostra uma escola aguerrida. E o povo, festeja feliz, te homenageando, te escolhendo como a escola preferida!

Carnavalesco: Fábio Ricardo

Pesquisa e Sinopse: Helenise Guimarães e Roberto Vilaronga

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

A criação do enredo sobre a China implicou na seleção de recortes no tema tendo em vista sua vasta história – a mais antiga civilização sobre a terra, com pelo menos 10 mil anos de existência - sendo que seus primeiros assentamentos datavam de 8 mil anos antes de Cristo. A China tem o orgulho de ser uma das mais antigas civilizações unificadas do mundo, cuja história apresenta dramáticas mudanças de poder, intercalando longos períodos de paz e prosperidade ao absorver ideias estrangeiras, e períodos de guerras internas onde a luta pelo poder mergulhava sua população no caos, e como a sua mítica *Fenghuang*, renascer fortalecida na sua crença de ser o “Império do Centro”.

Estabelecer um fio condutor desta extensa história nos colocou diante de opções mais temáticas do que cronológicas, ou seja, optando por uma narrativa que acentuasse elementos históricos, lendários, religiosos e culturais no sentido de compor uma viagem de reconhecimento e também de encantamento com seus mistérios.

A proximidade do carnaval de 2018 com a data do ano novo chinês, que ocorrerá no dia 16 de fevereiro, nos fez trabalhar com um panorama festivo onde a nação Imperiana comemora seu justo retorno ao Grupo Especial. Com seu passado de tradição e glória, traz para a avenida a alegria de sua comunidade de mãos dadas com a nação chinesa, honrando a infinita criatividade do homem e o respeito por seus ancestrais.

Cada setor revelará elementos de uma viagem fantástica que reúne passado e presente, repleta de símbolos, cores, gestos, imagens e invenções cujo sentido será o de reunir dois Impérios gloriosos.

DESENVOLVIMENTO POR SETORES

SETOR 1 - O IMPÉRIO TOCOU REUNIR... NA CHINA!

O **primeiro** setor apresenta importantes lendas, onde o grande Rio Amarelo nos remete a criação do universo e a conjunção das energias de Yin e Yang. Neste mar de correntes que se encontram, bailam o Dragão e a Fênix, respectivamente nosso Mestre-sala e nossa Porta-bandeira, celebrando sua paixão. Em nossa narrativa o fio da seda nos conduzirá pelos caminhos que nos levarão a desvendar esta misteriosa civilização, levando com orgulho nossa bela coroa Imperiana. Foi às margens do Rio Amarelo (Huang Ho), que os primeiros grupos de caçadores e coletores se fixariam praticando a agricultura e a criação de animais. Uma variedade de cereais como painço e a cevada e mais tarde o arroz marcariam estas primeiras culturas e por volta de 2 mil a.C. seriam produzidos os primeiros fios de seda.

Nosso carro Abre-alas, puxado por dois tripés de dragões, trará a coroa Imperial cercada de dragões e a sua frente compondo a nobreza antecederem as baianas representando o bicho-da-seda. Entre a ala das baianas e o Maravilhoso Rio Amarelo, vem bailar um grande Leão, simbolizando a força e trazendo a boa sorte para o desfile e toda comunidade do samba. E A Rota da Seda será nosso caminho, pelos olhos deslumbrados de Marco Polo, o eterno aventureiro.

Estas são as lendas escolhidas:

A criação do mundo

No começo tudo era o caos, sob a forma de um ovo cósmico. Dentro deste ovo habitavam Yin e Yang, as duas forças opostas que compõem o universo: a escuridão e a luz, o feminino e o masculino, o frio e o calor, o seco e o molhado.

O conflito destas forças quebraria o ovo e de seus elementos formaram-se a terra e o céu, e entre eles está P'an-ku o primeiro ser, que sairia pelo mundo com quatro animais imaginários altamente simbólicos na cultura chinesa: a Tartaruga, o Unicórnio, o Dragão e a Fênix.

O mito da Fênix

Celebrado como um dos mais importantes, o mito da Fênix conta a história de uma ave que nasceu do sol, para acompanhar P'an-ku pela terra, cujo canto se constitui de cinco notas e sua bela plumagem deslumbra a humanidade, e representa a beleza e a harmonia, sendo associada aos casamentos felizes. Em nosso desfile, a **Fênix vem bailar com o Dragão**, símbolo de poder, dignidade, fertilidade e sabedoria.

Os filhos do Dragão

O dragão chinês é uma criatura fascinante que no mito da criação do universo vem junto com a fênix, o unicórnio e a tartaruga auxiliar o criador. Ao contrário do dragão ocidental, ele simboliza poder e é muito utilizado na arte chinesa. Seu caráter foi moldado nas dinastias Ying e Shang, encontrado em carapaças de tartaruga e recipientes de bronze da antiga China. Tornou-se também símbolo da nação chinesa e muitos de seus cidadãos ainda se denominam “filhos do dragão”.

A lenda do fio da seda

Das muitas versões desta lenda, escolhemos a que nos fala de uma Imperatriz, Lei Zu, concubina do imperador Xuanyuan, a quem creditam a criação da sericultura. Estava a bela imperatriz bebendo seu chá sob uma amoreira quando um bicho da seda cai em sua tigela. Ao tentar removê-lo descobre que dele sai um delicado e resistente fio, que seria a matéria da principal indústria têxtil chinesa. Lei Zu ficaria conhecida como a “Deusa do Bicho-da-Seda” e em abril na cidade de Huzhou é celebrado um grande festival em sua honra. E este material de riqueza inigualável deu origem a Rota da seda, caminho pelo qual viajou Marco Polo e agora caminha glorioso o Império Serrano.

SETOR 2 - VELHA GUARDA IMPERIAL DA CHINA – AS DINASTIAS

A Ala da Velha Guarda, como “Nobres da Coroa Imperial” e a ala do Cabelo Branco, como “Cortejo da Seda Imperial”, simbolicamente representam as “dinastias imperianas” e precedem as três primeiras dinastias chinesas, trazendo no início deste setor dois grupos tradicionais da Império Serrano, como seus ancestrais.

Três Dinastias marcaram a história da China Antiga:

A mítica ***Dinastia Xia***, no período da idade do Bronze, da qual ainda se buscam maiores evidências arqueológicas. Como referências existem sinais da fundição de bronze e objetos de jade identificando um processo de produção artesanal.

A ***Dinastia Shang*** confirmada como a primeira dinastia chinesa pelos historiadores, tem seu legado registrado numa escrita feita em carapaças de tartaruga, e sabe-se que no seu período a sociedade já se encontrava organizada, com uma interessante estrutura cultural, econômica e política.

A ***Dinastia Zhou Oriental***, consolida uma fase de prosperidade econômica e aumento demográfico, mas também de lutas internas, de onde vem uma grande produção de material bélico tais como armamentos. É neste período que nasceria Confúcio, primeiro grande pensador chinês, que sintetizaria culturas e pensamentos passados para formular a grande doutrina confuciana. Esta dinastia dominou um extenso território no qual sete principados guerreavam entre si até que Chi Huang Ti, o rei de Qin, assumiria o poder na China, sendo considerado o primeiro Imperador Chinês.

O Conto do Rouxinol e o Imperador da China

Finalizando o setor trazemos um conto escrito por Hans Christian Andersen “O Rouxinol do Imperador da China”, que fala de um rouxinol que era famoso no território chinês e é levado ao palácio para cantar para o Imperador, que o torna cantor oficial da corte. Ao ganhar um rouxinol de corda, enfeitado de rubis e diamantes o imperador esquece a outra ave, que voa para a floresta. O rouxinol dourado se quebra, e um dia o Imperador adoece gravemente e a morte senta-se em seu peito... Até que um mavioso canto é entoado da floresta e no parapeito da janela pousa o pequeno rouxinol... E a morte encanta-se com aquela melodia e desiste de levar o pobre Imperador... Que emocionado sente sua saúde retornar e então pode vê-lo não como pássaro cinzento, mas com os olhos do coração, um belo pássaro ali se apresenta. **O terceiro tripé faz referência** ao artefato típico da cultura chinesa, o leque, mas também ao rouxinol que encantou o imperador.

SETOR 3 - O SAMBA É NOSSA RELIGIÃO – “Todo chinês é taoísta em casa, confucionista na rua e budista na hora da morte”

Trazemos neste setor as três doutrinas religiosas chinesas, como afirma um antigo ditado: “Todo chinês é taoísta em casa, confucionista na rua e budista na hora da morte” o que nos dá uma ideia da complexa espiritualidade da cultura mais antiga do mundo.

No contexto da “religião tradicional chinesa” veremos que estas doutrinas se misturam e criam uma rede de ensinamentos, regras de etiqueta, miríades de talismãs cujas origens se perdem no tempo, embora estejam presentes e muito vivas na vida cotidiana dos chineses, e tenham ultrapassado suas fronteiras trazendo seus ensinamentos para os quatro cantos do mundo. **Confúcio** (Kung-Fu-Tzu) também conhecido como “venerável mestre Kung”,

nasceu numa época de guerras, fome e miséria e desejando reformar o mundo dos homens elaborou uma doutrina – o **Confucionismo** - baseada na benevolência, no humanismo e no altruísmo resumida na máxima “não faça aos outros o que não desejas que faça a ti”, mas também na crença de que a harmonia entre os homens dependia do respeito a hierarquia e a etiqueta. Constitui mais uma filosofia ética do que uma religião, ainda que missionários cristãos no século 15 tenham descrito o confucionismo como a religião oficial da China. Na verdade, uma das regras do venerável mestre Kung era o respeito aos cultos tradicionais como forma e manter coesa a sociedade.

Nesse culto dos antepassados passou então a repousar grande parte da religião chinesa que tem, assim, um cunho nitidamente imortalista. Mas a tríade espiritual chinesa também se apoia no Taoísmo e no Budismo...O **Taoísmo**, de onde tiramos os símbolos Yin e Yang é atribuído a três fontes principais e contemporâneo do confucionismo, se constitui numa filosofia mística em que nenhuma afirmação é considerada totalmente certa ou errada. A principal obra do taoísmo é o *Tao Te Ching*, um livro conciso e ambíguo que contém os ensinamentos atribuídos a Lao Zi. Enquanto o confucionismo enfatiza a ordem, o taoísmo enfatiza a espontaneidade e a dualidade dos opostos – como o Yin e o Yang. E chegamos ao **Budismo**, religião que chega a China no século I depois de Cristo, sendo rapidamente difundida. Seus ensinamentos básicos indicam que o crente deve evitar o mal, fazer o bem e cultivar a própria mente.

Há três tipos de budismo, O Han, o Budismo tibetano e o Budismo do sul da China, sendo definidos pela língua e pelas regiões. A flor de lótus é uma das preciosidades do budismo, representando a pureza e o crescimento espiritual.

A segunda alegoria que encerra este setor homenageia estas doutrinas e também representa a beleza da arquitetura chinesa, com a majestosa figura de Buda.

SETOR 4 – PREGOA PREGOEIRO: O MERCADO É TODO SEU!

O quarto setor é dedicado a famosa Rota da Seda, que na verdade constituía uma antiga rede de trilhas de caravanas que atravessavam montanhas cobertas de neve e temíveis desertos da Ásia central, levando a seda e outros produtos exóticos da China para o Império Romano e Bizantino, mas que também representou a expansão do budismo na direção do leste oriental. Esta estrada original aos poucos foi substituída por rotas marítimas e assim se configura uma extensa malha por onde viajantes corajosos e ambiciosos desbravaram o “Império do Centro”. Floresceu em seus caminhos uma população composta por turcos, persas, mongóis, entre muitos povos que dela fizeram uso, e europeus.

Dentre eles, Marco Polo foi um dos mais famosos, trazendo uma nova dimensão para a Rota da Seda. Em meados do século XIII Veneza era uma potência do Mediterrâneo, inspirando Nicolo e Maffeo Polo a viajarem com uma carga de pedras preciosas de Constantinopla até a Criméia, de onde chegaram ao poderoso imperador Kublai Khan. Numa de suas viagens a

serviço do imperador, levam Marco Polo, que cai nas graças do governante e ordena que ele faça um reconhecimento de seu grande império.

Os relatos **de Marco Polo**, ditados quando foi preso em Genova, revelam uma China maravilhosa e plena de mistérios. Mais do que uma rota de comércio, a Rota da Seda também levou para o ocidente muitas invenções, com as quais a China beneficiaria o mundo, pelas mãos dos mercadores e viajantes. O setor 4 trata destas caravanas, cujos mercadores trazem algumas invenções: os de Veneza, o macarrão, os persas a bússola e os turcos a moeda. Finalizando trazemos os mongóis do grande Khan.

A terceira alegoria faz a referência a paisagem que encontramos seguindo a Rota da Seda: as dunas dos desertos, os grandes mercados com todas as suas riquezas e a exótica arquitetura encontrada nesta rota, em que vários estilos se completam num visual deslumbrante.

SETOR 5 – O MEU IMPÉRIO É RAIZ, HERANÇA!

Dando sequência as invenções e heranças milenares, exploramos aquelas mais lúdicas, como as pipas e as lanternas, brinquedos e sinos, acompanhados do grupo teatral que encena a Dança do Dragão.

Logo a seguir vem bailando o segundo casal de Mestre-sala e Porta Bandeira, representando dois famosos brinquedos que também são criações chinesas: o Jogo de Dominó e o Ludo Chinês ou Xadrez Chinês. O circo chinês vem anunciado por casais que representam uma trupe deste famoso grupo de espetáculos circenses.

E seguindo nesta teatralização, bravos soldados compõem nossa bateria que acompanham outra herança milenar chinesa: o Exército de Terracota do Imperador Qin.

Neste setor também fazemos a referência a este grande governante cujo exército foi encontrado soterrado em sua tumba, com a missão de guardar seus restos mortais pela eternidade. Também a ele é creditada a construção da fortaleza que precedeu a Muralha da China. A Muralha da China foi construída na época do Imperador Qin com objetivo de defender a China da invasão dos povos do norte e terminada na Dinastia Ming, no século XV. Também teve finalidade de controle de fronteira e imposição de direitos sobre as mercadorias da Rota da seda, regulando assim o comércio. Ao longo do tempo foram acrescentadas torres de vigia e estações para as tropas e guarnições. A quarta alegoria simboliza essa fortaleza através dos tempos.

SETOR 6 – SERRINHA CUSTA, MAS VEM!

Neste setor nossa viagem toma o caminho para casa, fará referências ao chá, planta trazida por D. João VI para ser cultivada em terras cariocas por chineses.

Outras referências mais modernas são o “Kung Fu Panda”. Herói de desenho animado muito popular que uniu o animalzinho símbolo da China e uma de suas mais famosas artes marciais.

Na sequência exploramos a expansão da tecnologia chinesa e as inovações da robótica e também trazemos um mercador de Madureira carregado de produtos “Made in China”. Aqui a antiga Rota da Seda se moderniza e conectará leste e oeste até chegar a Serrinha em Madureira.

Bailam neste setor a porta-bandeira representando a mais fina porcelana e o mestre sala vestido de Imperador apaixonado, nosso Reizinho de Madureira.

... E chegamos a grande celebração do samba no Ano Novo Chinês, encontro destes dois tradicionais Impérios, unindo nossas culturas que o fio da seda uniu e fez chegar à Marquês de Sapucaí. Diversas nações do Oriente adotam, pelo calendário chinês, o início de um novo ano. Como as datas se diferenciam, o início do novo ano chinês cairá sempre em datas diferentes no calendário ocidental. Segundo a tradição chinesa O ano-novo chinês começa na noite da lua nova mais próxima do dia em que o sol passa pelo décimo quinto grau de Aquário. E assim trazemos a festa de dois impérios que celebram com alegria e muito amor às suas tradições com tambores e agogôs. Nossa quinta alegoria reúne os vários simbolismos festivos destas culturas.

ROTEIRO DO DESFILE

1º SETOR – “O IMPÉRIO TOCOU REUNIR... NA CHINA!”

Comissão de Frente
“MADE IN IMPÉRIO... A CHINA É AQUI”

1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Feliciano Junior e Rafael Caboclo
“O DRAGÃO” E “A FÊNIX”

Guardiões – Grupo Teatral
GUARDIÕES DA ENERGIA CÓSMICA

Ala 01 – Baianas
“SENHORAS DA LENDA DA SEDA”

Grupo Teatral
“LEÃO DOURADO

Ala 02 – Comunidade
“MARAVILHOSO RIO AMARELO”

Tripés 01 e 02
“DRAGÕES IMPÉRIAIS”

Abre-Alas – Alegoria 01
“MÍSTICA COROA IMPERIAL”

2º SETOR – VELHA-GUARDA IMPERIAL DA CHINA – AS DINASTIAS

Ala 03 – Velha-Guarda
“OS NOBRES DA CIDADE IMPERIAL”

Ala 04 – Cabelo Branco
“CORTEJO DA SEDA IMPERIAL”

Musa 01
Anny Santos
“PEDRA DE JADE”

Ala 05 – Ala dos Devotos
“BRONZE E JADE DA DINASTIA XIA”

Ala 06 – Tributo ao Império
“A ESCRITA NA CARAPAÇA DA
TARTARUGA – DINASTIA SHANG”

Ala 07 – Vila da Penha
“ARMAS DA DINASTIA ZHOU”

Musa 02
Nilce Mell
“FAISÃO REAL”

Tripé 03
“LEQUES IMPERIAIS E O ROUXINOL DO
IMPERADOR”

**3º SETOR – O SAMBA É NOSSA RELIGIÃO – “TODO CHINÊS É TAOÍSTA
EM CASA, CONFUCIONISTA NA RUA E BUDISTA NA HORA DA MORTE”**

Ala 08 – Comunidade
“OS MESTRES DO CONFUCIONISMO”

Ala 09 – Comunidade
“TAOÍSMO – YIN E YANG”

Ala 10 – Ala da Resistência
“PUREZA BUDISTA – FLOR DE LÓTUS”

Musa 03
Monique Rizeto
“FLOR DE PESSEGUEIRO”

Alegoria 02
“A RELIGIOSIDADE CHINESA”

4º SETOR – PREGOA PREGOEIRO: O MERCADO É TODO SEU!

Ala 11 – Vencedor
“MERCADORES DE VENEZA E O
MACARRÃO DA CHINA”

Ala 12 – Comunidade
“BÚSSOLA DO MERCADO PERSA”

Ala 13 – Comunidade
“MERCADORES TURCOS E AS
MOEDAS CHINESAS”

Ala 14 – Comunidade
“MONGÓIS DO GRANDE KHAN”

Musa 04
Fernanda Corrêa
“IMPÉRIO DOS MONGÓIS”

Alegoria 03
“TESOUROS DOS MERCADORES DA ROTA DA
SEDA”

5º SETOR – O MEU IMPÉRIO É RAIZ, HERANÇA!

Ala 15 – Mirai
“OS VENTOS QUE SOPRAM AS PIPAS
CHINESAS”

Grupo Teatral
“A DANÇA DO DRAGÃO”

Ala 16 – Rica
“AS LUZES DAS LANTERNAS
MÁGICAS”

2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Matheus Machado e Maura Luiza
“SENHOR DO DOMINÓ” E “ESTRELA DO
LUDO CHINÊS”

Ala 17 – Ala das Feras
“SINOS MÍSTICOS”

Madrinha da Ala de Passistas
Rubia Coboclo
“GUARDIÃ DAS DANÇAS MÁGICAS”

Ala 18 – Passistas
“ESTRELAS DO CIRCO CHINÊS”

Rainha de Bateria
Milena Nogueira
“GUERREIRA DO HUAN MULAN”

Ala 19 – Bateria
“EXÉRCITO DE TERRACOTA DO
IMPERADOR QIN”

Ala 20 – Ala das Guerreiras (Comunidade)
“GUERREIRAS DA NAÇÃO CHINESA”

Ala 21 – Comunidade
“A PÓLVORA E OS FOGOS DE
ARTIFÍCIO”

Musa 05
Cristina Cruz
“BATALHAS”

Alegoria 04
“A GRANDE MURALHA DA CHINA”

6º SETOR – SERRINHA CUSTA, MAS VEM!

Ala 22 – Heróis da Liberdade
“GUARDIÕES DO CHÁ”

3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Yuri Pires e Flora Cruz
“IMPERADOR APAIXONADO” E
“ESTRELA DA PORCELANA CHINESA”

Ala 23 – Crianças
“PEQUENOS KUNG FU PANDAS”

Ala 24 – Cigana Guerreira
“A CHINA E AS INOVAÇÕES
TECNOLÓGICAS”

Ala 25 – Comunidade
“MERCADORES DE MADUREIRA
MADE IN CHINA”

Ala 26 – Compositores
“BAMBAS DO IMPÉRIO”

Ala 27 – Ala das Damas (Comunidade)
“ALA DAMAS DA CHINA”

Ala 28 – Comunidade
“ALA IMPERIANOS DA CHINA”

Musa 06
Yasmim Castrilon
“RAIZ E TRADIÇÃO”

Alegoria 05
“O ANO NOVO CHINÊS NA SERRINHA”

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Fábio Ricardo		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p>Tripés 01 e 02</p> <p>DRAGÕES IMPERIAIS</p> 	<p>Os primeiros tripés apresentam dois dragões imperiais, que vêm puxando o carro Abre-alas e são seus guardiões.</p>
01	<p>MÍSTICA COROA IMPERIAL</p> 	<p>O Abre-Alas trará a coroa símbolo do Império Serrano ladeada por dragões chineses, abrindo o desfile com a viagem em direção aos mistérios e história da China antiga e milenar.</p> <p>Destaque Central: “Imperador do Rio Amarelo” - Diogo Ribeiro</p> <p>Composições: Fio Dourado da Seda</p> <p>Composições: Baluartes da Tradição do Império Serrano</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Fábio Ricardo		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	Tripé 03 LEQUES IMPERIAIS E O ROUXINOL DO IMPERADOR	<p>O terceiro tripé traz um artefato típico da China - o leque - e faz referência ao conto do Rouxinol e o Imperador da China. Hans Christian Andersen escreveu sobre um pássaro que salvou a vida de um poderoso imperador chinês, quando ao retornar ao palácio, depois da quebra de um rouxinol de corda, encontra o rei moribundo e a morte pronta para levá-lo. Com seu canto ele emociona a Morte fazendo-a desistir, e o Imperador recupera sua saúde e vê o Rouxinol com os olhos do coração, com sua plumagem colorida e seus movimentos sinuosos e encantadores.</p> <p>Semi Destaque Direito: Pássaro do Sonho Azul - Claudia Macedo</p> <p>Semi Destaque Esquerdo: Pássaro do Sonho Dourado - Karyn Kliver</p>
02	RELIGIOSIDADE CHINESA	<p>A segunda alegoria faz referência a religiosidade, tendo como figura principal a flor de lótus, símbolo da pureza, cercada de flores de Pessegueiro, outra planta lendária que significa “longevidade”, mas também um local fora da realidade, um paraíso. Completa a alegoria a figura de Buda. Também representa a majestosa arquitetura china dos templos que até hoje se encontram na Rota da Seda e suas decorações típicas. Ao redor meditam monges budistas e dançam belas bailarinas com leques representando a flor de lótus.</p> <p>Destaque Central Anterior: Pássaro do Paraíso - Antônia Fontenelle</p> <p>Destaque Central Flor de Lotus Maravilha - Sergio Amaro</p> <p>Composições: Pureza da Flor de Lotus</p> <p>Grupo Teatral: Flores do Pessegueiro</p> <p>Composições: Monges Budistas</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Fábio Ricardo		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p>TESOUROS DOS MERCADORES DA ROTA DA SEDA</p> 	<p>A terceira alegoria representa as planícies desertas da Rota da Seda, mas também os fervilhantes mercados onde eram comercializadas as ricas mercadorias que levariam beleza e invenções chinesas para fora das fronteiras da China.</p> <p>Composições: Mercadores da Rota da China</p>
04	<p>A GRANDE MURALHA DA CHINA</p> 	<p>A quarta alegoria representa uma das sete maravilhas do mundo antigo, a Grande Muralha da China, que inicialmente se constituiu por uma série de edificações construídas no período do Imperador Qin, com o objetivo de proteger as fronteiras das invasões dos vários grupos de nômades, entre eles os temidos mongóis. Foi concluída na Dinastia Ming e desde então vem sendo reformada. O elemento escultórico dianteiro homenageia o lendário Imperador Qin. Esta alegoria buscou trazer o simbolismo da fortificação e sua imponência.</p> <p>Destaque Central: Guardião Guerreiro da Muralha - Carlos Tabares</p> <p>Semi Destaques Direito: Guardião da Lança de Ouro - Thiago Monarca</p> <p>Semi Destaques Esquerdo: Guardião da Espada de Ouro - Adilson Borges</p> <p>Composições femininas: Guerreiras Sentinelas da Muralha</p> <p>Composições Masculinas: Guerreiros Imperiais</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Fábio Ricardo		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	<p>O ANO NOVO CHINÊS NA SERRINHA</p> 	<p>A 5ª alegoria representa a celebração do Ano Novo Chinês unindo a cultura chinesa e a vibração de seus tambores e a cultura imperiana com a sonoridade de seus agogôs, numa vibrante festa antecipando o Ano Novo Chinês que se iniciará em 16 de fevereiro de 2018.</p> <p>Destaque Central: Esplendor Mágico da Serrinha - Iran Chagas</p> <p>Semi Destaques Frontal: Majestosa Foliã Imperiana - Geórgia Veneno</p> <p>Composições: Estrela de Madureira</p> <p>Composições: Tocadores de Tambor chinês</p> <p>Composições: Tocadores de Agogô da Serrinha</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
<p><u>Abre-Alas – Alegoria 01</u> Diogo Ribeiro</p> <p><u>Tripé 03</u> Cláudia Macedo (lateral direita) Karyn Hliver (lateral esquerda)</p> <p><u>Alegoria 03</u> Antônia Fontenelle Sérgio Amaro</p> <p><u>Alegoria 04</u> Thiago Monarca (lateral direita) Carlos TaBares (central) Adilson Borges (lateral esquerda)</p> <p><u>Alegoria 05</u> Iran Chagas (central) Geórgia Veneno (frente)</p>	<p>Figurinista</p> <p>Professora de Educação Física Educadora</p> <p>Atriz Radiologista</p> <p>Empresário Cabelereiro Fiscal de atendimento e Professor</p> <p>Contador aposentado Funcionária pública federal</p>
<p>Local do Barracão Cidade do Samba – Barracão nº. 07</p>	
<p>Diretor Responsável pelo Barracão Paulo Elias e Zé Luiz Escafura</p>	
<p>Ferreiro Chefe de Equipe Wilson Medeiros</p>	<p>Carpinteiro Chefe de Equipe Robson Vieira</p>
<p>Escultor(a) Chefe de Equipe Everdon Simas</p>	<p>Pintor Chefe de Equipe Gilmar Moreira</p>
<p>Eletricista Chefe de Equipe Márcio</p>	<p>Mecânico Chefe de Equipe Paulo Ferraz</p>
<p>Outros Profissionais e Respectivas Funções</p> <p>Danielly Valente dos Reis - Designer Gráfico e Assistente do Carnavalesco Willian Costa - Diretor de Composição de Alegoria Teatral João Allan Torres - Projetista</p>	

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Fábio Ricardo				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	Guardiões da Energia Cósmica 	<p>No início da criação do Universo as energias viviam em conflito dentro do “ovo cósmico”, até o dia em que este se quebra e estas energias se dividem entre terra e céu. Estas energias se organizaram e no desfile do Império Serrano surgem como Guardiões da Energia Cósmica, seguindo a Porta-bandeira como plumas da Fênix bailando na avenida.</p>	Guardiões do 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira	Andrea João
01	Senhoras da Lenda da Seda 	<p>A lenda o fio da seda tem muitas versões, e neste desfile escolhemos a que nos fala de uma Imperatriz, Lei Zu, concubina do imperador Xuanyuan, a quem creditam a criação da sericultura. Estava a bela imperatriz bebendo seu chá sob uma amoreira quando um bicho da seda cai em sua tigela. Ao tentar removê-lo descobre que dele saía um delicado e resistente fio, que seria a matéria da principal indústria têxtil chinesa. Lei Zu ficaria conhecida como a “Deusa do Bicho-da-Seda” e em abril na cidade de Huzhou é celebrado um grande festival em sua honra.</p> <p>“Senhoras da Lenda da Seda” traz as baianas do Império Serrano magnificamente trajadas em ouro e verde, em que parte de seu corpo representa o bicho-da-seda recém-saído de seu casulo dourado e a parte inferior as folhas da amoreira, a única capaz de produzir o fio inigualável e resistente da seda. Abrindo o desfile como primeira ala, também representam o louvor as matriarcas ancestrais do Império Serrano.</p>	Baianas (Segmento da Escola) 1947	Tia Eni

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Fábio Ricardo

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
02	<p>Maravilhoso Rio Amarelo</p> 	<p>O Rio Amarelo (Huang Te) tem este nome devido ao sedimento amarelado rico em calcário, o loess. É o segundo maior rio chinês e é um dos mais importantes na história da China, junto com os rios Wei e Luo. Foi as margens deste rio, que a primeira dinastia – Xia – fez seu assentamento, constituindo assim o berço dessa civilização. Sua cor amarela é proveniente do solo, e suas cheias contribuíram desde os tempos iniciais para a irrigação de terras e sua fertilização.</p> <p>“Maravilhoso Rio Amarelo” vem representar as águas deste turbulento rio, que rodopiam sob o ritmo sonoro da bateria e da melodia do samba-enredo. As bandeiras representam a ancestralidade deste rio que foi domesticado pelos primeiros chineses e acolheu em suas margens as primeiras culturas agrárias chinesas.</p>	<p>Ala de Comunidade 1947</p>	<p>Comissão de Carnaval</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Fábio Ricardo				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
03	Os Nobres da Cidade Imperial  	<p>A sociedade chinesa antiga dividia-se geralmente, em quatro níveis, sendo o primeiro – Imperadores, nobres e altos funcionários. O segundo nível composto por artesãos, mercadores e letrados, o terceiro pelos camponeses e o quarto pelos escravos. Os nobres tinham acesso direto ao Imperador, constituindo o grupo mais rico, por suas posses mas também por sua cultura e hábitos elegantes entre eles apreciar o chá e as artes.</p> <p>A Velha Guarda vem trajando “Os Nobres da Cidade Imperial” – Representando a nobreza das dinastias, com seu traje elegante. Os homens trazem nas mãos um bastão e as mulheres uma delicada sombrinha. A roupa feminina tem delicados bordados enquanto que a dos homens porta o brasão do império Serrano e representam assim a nobreza de nossa escola.</p>	Velha-Guarda (Segmento da Escola) 1947	Sr. Gaspar

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Fábio Ricardo

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
04	<p>Cortejo da Seda Imperial</p> 	<p>Na hierarquia da sociedade chinesa antiga, os altos funcionários estão também no primeiro escalão. A fantasia Cortejo da Seda Imperial é trazida pela tradicional ala “Cabelo Branco”, unindo as duas cortes, da China antiga e da nobre escola da Serrinha.</p>	<p>Cabelo Branco (Segmento da Escola) 1947</p>	<p>Sr. Kakaio</p>
05	<p>Bronze e Jade da Dinastia Xia</p> 	<p>A mítica Dinastia Xia, no período da idade do Bronze, da qual ainda se buscam maiores evidências arqueológicas é considerada segundo a tradição chinesa como o “primeiro estado chinês”. Como referência existem sinais da fundição de bronze e objetos de jade identificando a produção artesanal. O fundador, Rei Dayi, foi reverenciado por ter conseguido controlar as cheias do Rio Amarelo, que ameaçava a vida de seu povo, que assim o considerou o verdadeiro fundador desta Dinastia. Bronze e Jade da Dinastia Xia vem representar esta dinastia, com elementos de bronze dourado e o verde do jade, além da imponência e majestade que esta primeira dinastia evoca.</p>	<p>Ala dos Devotos (Ala Comercial) 2002</p>	<p>Vitor Monteiro</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Fábio Ricardo				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
06	A Escrita na Carapaça da Tartaruga – Dinastia Shang 	<p>A dinastia Shang confirmada como a primeira dinastia chinesa pelos historiadores, dominou a região do Rio Amarelo, tem seu legado registrado numa escrita feita em carapaças de tartaruga, e sabe-se que no seu período a sociedade já se encontrava organizada, com uma interessante estrutura cultural, econômica e política. “A Escrita na Carapaça da Tartaruga – DINASTIA SHANG” representa esta dinastia, onde a primeira escrita chinesa foi encontrada, com os registros feitos nas carapaças de tartarugas, que também serviam de oráculo. Os pinces simbolizam o instrumento, a técnica e o poder da escrita, que recobre não só a carapaça, mas também o resto da roupa. Os caracteres registrados significam amor, sorte, prosperidade e paz.</p>	Ala Tributo ao Império (Ala Comercial) 1993	Ilmar de Sá e Ney

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Fábio Ricardo

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
07	<p>Armas da Dinastia Zhou</p> 	<p>A <i>Dinastia Zhou Oriental</i>, ao derrotar a Dinastia Shang, consolida uma fase de prosperidade econômica e aumento demográfico, mas também de lutas internas, de onde vem uma grande produção de material bélico tais como armamentos. É neste período que nasceria Confucio, primeiro grande pensador chinês, que sintetizaria culturas e pensamentos passados para formular a grande doutrina confuciana. Esta dinastia dominou um extenso território no qual sete principados guerreavam entre si até que Chi Huang Ti, o rei de Chin, assumiria o poder na China. Embora se desenvolvesse num período de guerras – definido como “Primavera e Outono” e posteriormente o período dos Estados Combatentes – o período da Dinastia ZHOU trouxe um grande enriquecimento cultural até que a China passa por uma unificação pelas mãos do Imperador Qin. “Armas da Dinastia Zhou” faz referência ao equipamento bélico – as armas e a armadura - que foi aperfeiçoado para a formação dos exércitos, num período de constantes guerras e massacres e simboliza a união de forças para a primeira unificação da China.</p>	<p>Ala Vila da Penha (Ala Comercial) 1995</p>	<p>Márcio Araújo e Renan</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figuristas)				
Fábio Ricardo				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
08	Os Mestres do Confucionismo 	<p><i>Confucio</i> (Kung-Fu-Tzu) também conhecido como “venerável mestre Kung”, nasceu numa época de guerras, fome e miséria e desejando reformar o mundo dos homens elaborou uma doutrina – o <i>Confucionismo</i> - baseada na benevolência e no humanismo e no altruísmo, mas também na crença de que a harmonia entre os homens dependia do respeito a hierarquia e etiqueta. “Os Mestres do Confucionismo” faz referência a uma tradicional indumentária dos monges, os rolos de manuscritos que adornam a fantasia são aqueles usados pelos monges para compilar as ideias do mestre. Estes manuscritos incorporaram os cinco textos: O livro das Mutações (I Ching), o Clássico da História, o Clássico da Poesia, o Clássico dos Ritos e os Anais da Primavera e Outono.</p>	Ala de Comunidade 1947	Comissão de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantásias

Criador(es) das Fantásias (Figurinistas)

Fábio Ricardo

DADOS SOBRE AS FANTÁSIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
09	<p>Taoísmo – Yin e Yang</p> 	<p>O Taoísmo tem suas raízes também na dinastia Zhou sendo contemporâneo do Confucionismo. O Taoísmo segue a busca pelo <i>tao</i>, conceito que equivale a caminho ou curso e representa a força cósmica que cria o universo e todas as coisas. São dois os elementos centrais da vida: o <i>yin</i> e o <i>yang</i>. Essas duas forças representam as dualidades contidas na natureza: o feminino e o masculino, o bem e o mal, o claro e o escuro, e etc. Enquanto o confucionismo enfatiza a ordem, o taoísmo enfatiza a espontaneidade e a dualidade dos opostos – como o Yin e o Yang. Yin Yang é um princípio da filosofia chinesa, onde yin e yang são duas energias opostas. Yin significa escuridão sendo representado pelo lado pintado de preto, e yang é a claridade.</p> <p>“Taoísmo – Yin e Yang” representa cada um destes elementos, sendo o Yin representado na cor negra e o Yang na cor branca, e ambos se complementam no desfile, simbolizando a harmonia dos opostos proposta no Taoísmo.</p>	Ala de Comunidade	Comissão de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Fábio Ricardo				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
10	Pureza Budista – Flor de Lótus 	<p><i>O Budismo</i>, religião que chega a China no Século I depois de Cristo, teve uma rápida difusão. Seus ensinamentos básicos indicam que o crente deve evitar o mal, fazer o bem e cultivar a própria mente. Há três tipos de budismo, O Han, o Budismo tibetano e o Budismo do sul da China, sendo definidos pela língua e pelas regiões.</p> <p>“Pureza Budista – Flor de Lótus” representa esta flor que é uma das preciosidades do budismo, representando o crescimento espiritual.</p>	Ala da Resistência (Ala Comercial) 2017	Ida Saraiva
11	Mercadores de Veneza e o Macarrão da Cinha 	<p>Marco Polo foi um dos mais famosos exploradores, trazendo uma nova dimensão para a Rota da Seda. Em meados do século XIII Veneza era uma potência do Mediterrâneo, inspirando Nicolo (pai) e Maffeo Pólo (tio) a viajarem com uma carga de pedras preciosas de Constantinopla até a Criméia, de onde chegaram ao poderoso imperador Kublai Khan, que depois toma Marco Polo como seu embaixador. Uma das lendas que cercam o macarrão seria de que o próprio Marco teria levado esta iguaria para a Europa. Assim como outras invenções se beneficiaram da Rota da Seda.</p> <p>“Mercadores de Veneza e o Macarrão da China” mostra um rico comerciante veneziano que segura uma bandeja com delicioso espagete.</p>	Ala Vencedor 2017	Dedé

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Fábio Ricardo

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
12	<p>Bússola do Mercador Persa</p> 	<p>A origem da Bússola remonta a China antiga por volta do ano I antes de Cristo. Os chineses foram os primeiros a usar a magnetita para definir os pontos cardeais, onde para eles, o norte possuía grande importância, e nos palácios era o ponto onde era colocado o trono dos imperadores. A primeira bússola chinesa “Si Nan” era composta por um prato quadrado com uma colher magnetizada, cujo cabo apontava na direção sul. Nos mercados persas era objeto valioso vindo da China, junto com outras mercadorias. Ela teria sido levada por astrônomos e também por mercadores.</p> <p>“Bússola do Mercado Persa” representa o rico viajante que pela Rota da seda leva para o mundo este imprescindível instrumento para os navegadores.</p>	<p>Ala de Comunidade 1947</p>	<p>Comissão de Carnaval</p>
13	<p>Mercadores Turcos e as Moedas Chinesas</p> 	<p>Na China, a história da moeda remonta a mais de 4 mil anos, mas se diz que pode chegar a 5 mil anos. Os tipos de moedas usadas na época eram muitas e variadas. Dentre as mais antigas formas de moeda pode-se encontrar o ouro, a prata, e o cobre, e até mesmo o papel. O primeiro dinheiro feito de papel que se tem registro, foi produzido na China durante a dinastia Tang (618-907). O dinheiro em papel foi inventado, pois era difícil para se locomover com grandes quantidades de dinheiro em moedas feitas de ouro e prata.</p> <p>“Mercadores Turcos e as Moedas Chinesas” apresenta um rico mercador turco com o traje adornado por moedas de ouro.</p>	<p>Ala de Comunidade 1947</p>	<p>Comissão de Carnaval</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Fábio Ricardo				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
14	Mongóis do Grande Khan 	<p>Kublai Khan foi o quinto Grande Khan do Império Mongol, de 1260 a 1294, e o fundador da dinastia Yuan, que dominou grande parte da Ásia Oriental. Neto de Gengis Khan, fundador de um dos maiores impérios de que se tem conhecimento, foi um governante aberto a outras culturas. Recebeu Marco Polo em sua corte tornando-o um de seus embaixadores. “Mongóis do Grande Khan” representa um guerreiro mongol com o traje do exército e a bandeira de seu imperador.</p>	Ala de Comunidade 1947	Comissão de Carnaval
15	Os Ventos que Sopram as Pipas Chinesas 	<p>A Pipa foi inventada na China há cerca de três mil anos e o primeiro texto que descreve o este artefato foi escrito pelo filósofo Mo Tzu. Intimamente ligada à religião e mitologia, ela foi usada para chamar a atenção das mentes, e muitas vezes tinha a forma de um pássaro. Sabe-se que por volta do ano 1200 a. c. foram utilizadas como dispositivo de sinalização militar. Os movimentos e as cores das pipas eram mensagens transmitidas à distância entre destacamentos militares. “Os Ventos que sopram as pipas chinesas” faz referência a uma tradicional pipa chinesa, com cores vibrantes e de aparência leve e delicada.</p>	Ala Mirai (Ala Comercial) 2008	Joaquim Horácio e Carla Garcia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Fábio Ricardo

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
16	<p>As Luzes das Lanternas Mágicas</p> 	<p>Quase tão antigas quanto à história da China, as lanternas chinesas devem datar de antes de 250 AC, e são um dos mais importantes símbolos chineses. As mais comuns são as vermelhas e ovais, decoradas com amarelo ou dourado, que representam a prosperidade e boa sorte.</p> <p>Os materiais utilizados, podem ser: bambu, madeira, vime ou fio de aço para a estrutura e papel de seda ou de arroz para o revestimento. No entanto, nem sempre a lanterna foi usada para decoração e atrair prosperidade nas festividades chinesas, como o Ano Novo. Ela surgiu como uma ferramenta para manter o fogo usado na iluminação, já que o papel protege a chama de ser apagada pelo vento e ainda oferecia uma forma mais difusa de luz. “As Luzes das Lanternas Mágicas” apresenta um típico cidadão da China Antiga segurando uma lanterna vermelha, associada ao Festival das Lanternas que teve origem na Dinastia Tang.</p>	Ala Rica (Ala Comercial) 2001	Ricardo Vandervilde

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Fábio Ricardo				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
17	Sinos Místicos 	<p>Um das mais antigas invenções chinesas, o Sino foi criado há cerca de três mil anos antes de Cristo, e eram chamados de “lings” Instrumento de percussão, no início era um objeto utilizado para comunicação, com a função de marcar as horas para que os trabalhadores soubessem o início e o fim de seus turnos de trabalho. Difundidos por toda Ásia, Oriente Médio e finalmente pela Europa, tornaram-se instrumentos musicais. Na China antiga todas as cidades possuíam uma torre com um sino tocado para indicar a passagem do tempo. Esta invenção foi levada para a Europa e inicialmente considerada pagã, porém logo foi adotada pelos povos medievais para suas igrejas e campanários. A fantasia da Ala dos Sinos Místicos reproduz quatro sinos de bronze adornando o chapéu que aqui serve de suporte para o antigo carrilhão. Também representa o guardião dos sinos, em traje de gala, com adornos também de bronze, metal nobre do qual eram feitos os sinos que com seu som claro e cristalino marcava os ritmos dos rituais religiosos chineses.</p>	Ala das Feras (Ala Comercial) 1985	Rosimeri

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Fábio Ricardo

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
18	<p>Estrelas do Circo Chinês</p> 	<p>A tradição do circo chinês teve início há mais de dois mil anos no Período dos Estados Combatentes. Artistas chineses, acrobatas e contorcionistas são claramente reconhecidos em artefatos antigos já nas dinastias Qin e Han (221 a. C. – 220 a. D.). Os registros históricos, as relíquias antigas, as esculturas em relevo em túmulos, pedra e tijolos, murais em templos e grutas e padrões decorativos em utensílios mostram que durante séculos o público ficou fascinado com as performances deslumbrantes de artistas chineses, acrobacias e circo. Em 1949, a República Popular da China começou a financiar grupos e o circo chinês ressurgiu como uma forma de arte popular. Foi criado um grande número de novos programas com acompanhamento musical, figurinos, adereços, iluminação e o circo chinês tornou-se uma forma abrangente de arte de palco, tão magnificamente representada pelos artistas do circo imperial da china. “Estrelas do Circo Chinês”, feminino e masculino, faz referência aos artistas das trupes deste que é considerado um dos melhores circos do mundo, apreciado nas mais diferentes culturas e sempre levando para outros horizontes a graça e beleza de sua dança e performance.</p>	<p>Ala de Passistas (Segmento da Escola) 1947</p>	<p>Gabriel Castro</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas) Fábio Ricardo				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
19	<p>Exército de Terracota do Imperador Qin</p> 	<p>O Exército de terracota, Guerreiros de Xian ou ainda Exército do imperador Qin, é uma coleção de esculturas de terracota representando os exércitos de Qin Shi Huang, o primeiro imperador da China. É uma forma de arte funerária enterrada com o imperador em 210-209 a.C. e cuja finalidade era proteger o governante chinês em sua vida após a morte. O Imperador Qin (Qin Shi Huang) foi responsável por unificar a China antiga governando de 246 a 210 a.C. e foi responsável por obras grandiosas como a precursora da Grande Muralha da China.</p> <p>A fantasia “Exército de Terracota do Imperador Qin” representa os guerreiros deste exército, fabuloso achado arqueológico encontrado casualmente em 1974, a cerca de 30 quilômetros da cidade de Xian, ex-capital de 11 dinastias e outrora a maior cidade do Planeta.</p>	<p>Bateria (Segmento da Escola) 1947</p>	<p>Comissão de Mestre Gilmar Cunhal</p>
20	<p>Guerreiras da Nação China</p> 	<p>Todos os imperadores das diversas dinastias primaram pela coragem e competência de seus exércitos. A fantasia “Guerreiras da Nação chinesa” representa um exército formado por mulheres treinadas em artes marciais, portando a bandeira da nação chinesa.</p>	<p>Ala das Guerreiras (Ala de Comunidade) 1947</p>	<p>Valéria</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Fábio Ricardo

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
21	<p>A Pólvora e os Fogos de Artifício</p> 	<p>Duas das mais famosas invenções chinesas, a pólvora e os fogos de artifício demonstram a capacidade inventiva deste povo.</p> <p>A pólvora foi descoberta no Século I, na China, durante a Dinastia Han. A descoberta foi feita por acidente por alquimistas que procuravam pelo elixir da longa vida, e as primeiras referências à pólvora aparecem como avisos em textos de alquimia para não se misturarem certos materiais uns com os outros. A pólvora antiga inventada pela China era uma mistura proporcional de salitre, enxofre e carvão de madeira, chamando-lhe vulgarmente “remédio do fogo”. Já os chamados fogos de artifício, também oriundos da China, datam de alguns milhares de anos antes de Cristo, isto é, em uma época muito anterior ao conhecimento da pólvora. Eles surgiram quando se descobriu que pedaços de bambus ainda verdes explodiam quando colocados em fogueira. Eram os primeiros fogos de artifício a serem fabricados como conhecemos hoje. “A pólvora e os Fogos de Artifício” representa a magia destas duas invenções chinesas, que mudaram o mundo seja no seu uso nas guerras, ou na pirotecnia das festas.</p>	Ala de Comunidade 1947	Comissão de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Fábio Ricardo				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
22	Guardiões do Chá 	<p>No final do século XIX, por iniciativa de D. João VI, um grupo de imigrantes chineses foi trazido ao Brasil para plantar chá no Rio de Janeiro. Considerada como uma visionária iniciativa de nosso Rei com a presença chinesa no Brasil, o projeto não teve êxito. A ideia era uma produção de chá a ser cultivado na Ilha do Governador e no Jardim Botânico, no Rio. Foram trazidos em média entre 200 e 500 trabalhadores, os chamados “coolies”. A vinda dos chineses teria como tarefa aclimatar a valiosa planta em terras brasileiras. O chá era um dos principais produtos de comércio no Ocidente e plantá-lo no Brasil aumentaria os lucros da Coroa Portuguesa. “Guardiões do Chá” representa os primeiros trabalhadores que trouxeram esta valiosa planta tão popular, buscando aclimatá-la em terras brasileiras.</p>	Ala Heróis da Liberdade 1989	Cosme e Nilton

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantásias (Figuristas)

Fábio Ricardo

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
23	<p>Pequenos Kung Fu Pandas</p> 	<p>O urso panda é um animal símbolo para os chineses, e habita as montanhas da região leste d China. Seu nome em chinês “Da Xiong Mao” significa grande urso-gato. Alimenta-se de folhas e brotos de bambu, é um animal dócil e a pouco tempo correu risco de extinção, sendo salvo por uma estratégia de reprodução em cativeiro que fez crescer a população de pandas na China. O filme de animação “Kung Fu Panda” conta as aventuras de um pequeno urso que foi escolhido para cumprir uma profecia, ao se deparar com o desafio de se transformar num guerreiro habilidoso nas artes do Kung Fu. A fantasia “Pequenos Kung Fu Pandas” apresenta este personagem, homenageando tanto a figura do urso, símbolo da China, mas também a esta tradicional arte de luta marcial, que observa os movimentos dos animais e os transforma em movimentos de ataque e defesa.</p>	<p>Ala das Crianças (Ala de Comunidade) 1947</p>	<p>Comissão de Carnaval</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Fábio Ricardo				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
24	A China e as Inovações Tecnológicas 	<p>Assim como revolucionou o mundo com suas invenções na Antiguidade, a China hoje é uma das potências no mundo que mais cresce no setor de inovações tecnológicas. Até o século 17, a tecnologia chinesa era a mais avançada do mundo. Para Francis Bacon, o grande filósofo britânico, as três invenções responsáveis pela transição europeia da Idade das Trevas para a modernidade foram a pólvora, a bússola e a imprensa — todas originadas na China. Nos últimos anos, o mundo vem testemunhando modificações significativas na distribuição da produção de inovações tecnológicas. Os produtos chineses de alta tecnologia, representados pelas ferrovias de alta velocidade, energia nuclear e satélites, foram aplaudidos em diversos países. Uma das áreas da tecnologia com crescimento vertiginoso é a “robótica”, e na China várias fábricas já utilizam robôs como mão-de-obra, comandando uma nova revolução industrial com base na automação. Também é fato que o incentivo à pesquisa científica estabeleceu novos níveis de qualidade de produtos tecnológicos. “A China e as Inovações Tecnológicas” faz uma referência bem-humorada a esta “robotização”, numa indumentária cheia de elementos eletrônicos e tecido metálico.</p>	Ala Cigana Guerreira (Ala Comercial) 1999	Adriana

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Fábio Ricardo

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
25	<p>Mercadores de Madureira – Made In China</p> 	<p>A popularização dos produtos “Made in China” tem seu início com a estratégia de uma série de reformas econômicas que tornou a China um gigante nas exportações. Inicialmente marcados pelo estigma da “cópia barata”, a produção em massa fez com que o preço dos produtos caísse, dando ao país uma fantástica competitividade internacional. Embora ainda encarada como um fabricante de produtos baratos e de qualidade duvidosa, a China vem superando velozmente este estigma, mudando seu perfil econômico e investindo em infraestrutura, matéria-prima, qualificação de mão-de-obra e sem dúvida, a inclusão da robótica em suas linhas de produção. Com a sua tradição cultural coletiva do budismo e do confucionismo, esta ampliação baseia-se numa visão de futuro que mantém sua expansão em pequenos passos e com uma diretriz segura. No cotidiano é fácil se deparar com algum produto Made in China e há um mercado crescente de consumo destes produtos, tanto que a China está entre os países que mais investem, no Brasil, não só em vendas de produtos, mas em áreas como energia, petróleo, agricultura, finanças e tecnologia. O mercado de Madureira apresenta um universo de infinitas possibilidades de compra destes produtos. A fantasia “Made in China” traz a figura de um mercador com suas mercadorias “Made in China” bichos de pelúcia, calculadoras, gatos chineses entre outros.</p>	Ala de Comunidade 1947	Comissão de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Fábio Ricardo				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
26	Bambas do Império 	A fantasia representa a tradição do Império Serrano no samba, elegantemente trajado. Simboliza a nobreza da corte imperiana que vem celebrar a alegria de estar novamente no grupo especial, mas também anuncia o Ano Novo Chinês.	Ala de Compositores (Segmento da Escola) 1947	Jorge Lucas
27	Ala Damas da China 	A figura feminina na cultura chinesa é muito cultuada, e nos antigos mitos Nü Gua, a “Harmonia Feminina” é a deusa-mãe criadora da humanidade. A ala das Damas homenageia a figura materna chinesa trazendo as figuras femininas do Império Serrano personificando esta imagem das matriarcas	Ala das Damas (Ala de Comunidade) 1947	Comissão de Carnaval
28	Ala Imperianos da China 	Todas as dinastias trazem um imperador como símbolo máximo de sabedoria, coragem e poder. A ala dos Imperianos da China vem homenagear simbolicamente esta força vital masculina tão presente na cultura chinesa até os dias de hoje na figura do patriarcado e no culto aos ancestrais	Ala de Comunidade 1947	Comissão de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Local do Atelier Cidade do Samba – Barracão n°. 07	
Diretor Responsável pelo Atelier Evandro Vicente	
Costureiro(a) Chefe de Equipe Nívea Maria	Chapeleiro(a) Chefe de Equipe Sérgio Dandão
Adrecista Chefe de Equipe Actir Gonçalves	Sapateiro(a) Chefe de Equipe Gomes
Outros Profissionais e Respectivas Funções Anderson Silva - Chefe de Equipe de Composições	
Outras informações julgadas necessárias	

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

DEFESA DO SAMBA-ENREDO

A 1ª parte do samba-enredo faz um jogo de palavras: “confio” refere-se ao fio da seda, mas também na confiança em sua escola, “conceda” faz referência poética a “seda” mas também pede a concessão para reinar num caminho milenar, e “Oriente” faz dupla referência ao local geográfico (China – oriente) mas também pede orientação para desvendar os mistérios desta cultura. A trajetória passa pela lenda do chá (o chá no qual o bicho da seda mergulhou e gerou a lenda) e também por elementos importantes como a dinastia, os ancestrais e o legado imortal desta cultura.

QUANDO SOAR O GONGO TOCA ESSE AGOGÔ
RODA A BAIANA, É FESTA UM RITUAL DE AMOR
A TRADIÇÃO MILENAR APRENDENDO A SAMBAR
COM O MELHOR PROFESSOR

O refrão cita o gongo e o agogô dois instrumentos musicais importantes, o gongo típico chinês e o agogô típico do nosso samba. O ritual de amor vem simbolizado pela dança do 1º casal de mestre-sala e porta-bandeira, e a tradição milenar e o aprendizado do samba a ser contada tem em seu “melhor professor” a própria cultura chinesa junto com o Império Serrano.

A SABEDORIA TÃO PERFEITA
FEITO UM OÁSIS DE INVENÇÕES
O “VENTO” SOPRA AO MUNDO UMA “COLHEITA”
DOS “FRUTOS” QUE MUDARAM GERAÇÕES
SUA “FORTALEZA” É O QUE ME FAZ SEGUIR
SOU MAIS UM GUERREIRO A LUTAR POR TI
“NÃO DESFAZENDO DE NINGUÉM”
VOLTEI AO “MEU LUGAR”
“SERRINHA CUSTA MAIS VEM”
PRA FICAR

A 2ª parte do samba faz referência a diversos elementos encontrados na Rota da Seda, bem como os frutos – invenções – que mudaram o mundo. A “fortaleza” remete à força desta nação, mas também a Muralha grandiosa e seus guerreiros, representados no desfile sob bários perfis mas sobretudo o Exército de Terracota (bateria).

NOSSA COROA A BRILHAR
A CHINA VEM FESTEJAR
E ANUNCIAR O “NOVO ANO” DEIXA O POVO CANTAR
MATAR A SAUDADE DO IMPÉRIO SERRANO

O último refrão reverencia a coroa Imperiana e a maravilhosa China, celebrando o Ano Novo Chinês, comemorado na comunidade da Serrinha matando a saudade do Império Serrano em sua gloriosa volta ao Grupo Especial.

FICHA TÉCNICA

Bateria

Diretor Geral de Bateria Gilmar Cunha				
Outros Diretores de Bateria Douglá Julião, Wallace Gomes, Renan Alvarenga, João Elis, Felipe D'lelis, André Silva, Walter, Thales, Tadeu Meira, Eliezer Carvalho, Sílvio Manuel. Fabiane e Sílvio				
Total de Componentes da Bateria 270 (duzentos e setenta) componentes				
NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS				
1ª Marcação 12	2ª Marcação 12	3ª Marcação 18	Reco-reco 0	Ganzá 0
Caixa 90	Tarol 0	Tamborim 25	Tan-Tan 0	Repinique 30
Prato 01	Agogô 30	Cuíca 24	Pandeiro 4	Chocalho 24
Outras informações julgadas necessárias				

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Diretor Geral de Harmonia

Cosme Márcio

Outros Diretores de Harmonia

Adriano Amaral, Antonio Marcos, Arinaldo Silva, Bianca Souza, Carlos Pereira, Luiz Silva, Nélio Azevedo, Valnei Ribeiro

Total de Componentes da Direção de Harmonia

60 (sessenta) componentes

Puxador(es) do Samba-Enredo

Marquinhos Art'Samba

Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo

Violão Sete Cordas – Andy Lee

Cavaco Solo – Evandro Alves e Vitor Nascimento

Cavaco Base – Willians Figueiredo

Outras informações julgadas necessárias

Apoiadores do Intérprete do Samba-Enredo:

Jovaci, Aldo, Andinho, Leleo, Marquinhos Silva, Tinguinha, Dudu Derê, Pepê Niterói e Viny Machado.

FICHA TÉCNICA

Evolução

Diretor Geral de Evolução Cosme Marcio
Outros Diretores de Evolução Adriano Amaral, Antonio Marcos, Arinaldo Silva, Bianca Souza, Carlos Pereira, Luiz Silva, Nélio Azevedo, Valnei Ribeiro
Total de Componentes da Direção de Evolução 60 (sessenta) componentes
Principais Passistas Femininos Carolane Silva, Raquel Oliveira, Luana Estrela e Linne Chaves
Principais Passistas Masculinos Yan Guimarães, Matheus Andrade, Jonathan Santos, Wesley “Rabisca” e Douglas Cardoso
Outras informações julgadas necessárias Os componentes da Harmonia também exercem as funções da Evolução. Diretor Geral da Ala de Passistas: Gabriel Castro Outra Diretora da Ala de Passistas: Helen Beatriz Padrinhos da Ala de Passistas: Hélio Ricardo Rainho e Leonardo Santos Rainha da Ala de Passistas: Rubia Caboclo

FICHA TÉCNICA

Informações Complementares

Vice-Presidente de Carnaval Paulo Roberto Elias		
Diretor Geral de Carnaval Zé Luiz Escafura e Hélio Oliveira		
Outros Diretores de Carnaval Careca, Carola, Márcio Araújo, Leonardo Silva e Alexandre Pitti		
Responsável pela Ala das Crianças Débora Cristina		
Total de Componentes da Ala das Crianças 60 (sessenta)	Quantidade de Meninas 30 (trinta)	Quantidade de Meninos 30 (trinta)
Responsável pela Ala das Baianas Tia Eni		
Total de Componentes da Ala das Baianas 80 (oitenta)	Baiana mais Idosa (Nome e Idade) Dona Lindalva 83 anos	Baiana mais Jovem (Nome e Idade) Daniele Almeida 38 anos
Responsável pela Velha-Guarda Sr. Gaspar		
Total de Componentes da Velha-Guarda 100 (cem)	Componente mais Idoso (Nome e Idade) Dona Pedrina Richa 87 anos	Componente mais Jovem (Nome e Idade) Joacir Martins 53 anos
Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.) João Bosco, Míria Pérsia, Aluísio Machado, Quitéria Chagas, Tia Maria do Jongo, Eraldo Leite, Carlos Gil, Marcelo Moutinho, Arlindo Neto, Antonia Fontenelle, Maria Augusta.		
Outras informações julgadas necessárias		

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Responsável pela Comissão de Frente Junior Scapin		
Coreógrafo(a) e Diretor(a) Junior Scapin		
Total de Componentes da Comissão de Frente 30 * (trinta)	Componentes Femininos 15 (quinze)	Componentes Masculinos 15 (quinze)
Outras informações julgadas necessárias		
<p>* Observação: A performance da Comissão de Frente é feita por 15 componentes, que se alternarão na avenida.</p> <p>Desenvolvimento conceitual da apresentação: “Made in Império...a China é aqui!”</p> <p>A primeira parte da Comissão de Frente trará para a avenida uma China ancestral. A tradição milenar vem representada pelos “Guerreiros gudiões do Templo Dourado”, um templo místico, imaginário, nascido dos sonhos do conquistador Marco Pólo. Tirada de uma iluminura chinesa, esta cena inicial representa a força e a beleza da cultura oriental, mágica, misteriosa e eterna!</p> <p>Na segunda parte, é o momento de transformação, revelando a China dos dias de hoje tomando conta da avenida. A China que assimilou a cultura ocidental e a devolve no espírito “pop”, irreverente e divertido!</p> <p>O Templo se transforma e estamos no Saara, e como no fervilhante mercadão de Madureira, encontramos nosso templo do “<i>Made in China!</i>”. Personagens jovens, irreverentes, vibrantes, conectados ao moderno ritmo do mundo globalizado. Esta cena mostra a mistura das duas culturas: oriente e ocidente que se encontram. Cultura também do genérico, já que é preciso criar, sobreviver, reinventar para viver o sonho sempre... Mistura de tradição e tecnologia, recriando um mundo novo, possível e reinventado.</p> <p>Formas e cores, danças e lutas vem encantar a avenida com o mesmo espírito daqueles comerciantes chineses, europeus e asiáticos... E hoje a Nova Rota da Seda renasce, reconectando leste e oeste com a dinâmica desta cultura tradicional e também tão moderna.</p> <p>O templo do espírito é o templo do coração de inúmeras riquezas e belas surpresas! Que o bravo Marco Polo acompanhado destes nobres Guerreiros nos guie pela nova Rota da Seda: <i>a China é aqui.</i>”</p>		

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

1º Mestre-Sala Feliciano Junior	Idade 27 anos
1ª Porta-Bandeira Rafael Caboclo	Idade 24 anos
2º Mestre-Sala Matheus Machado	Idade 19 anos
2ª Porta-Bandeira Maura Luiza	Idade 32 anos
3º Mestre-Sala Yuri Pires	Idade 21 anos
3ª Porta-Bandeira Flora Cruz	Idade 15 anos

Outras informações julgadas necessárias

1º CASAL DE MESTRE SALA E PORTA BANDEIRA



MESTRE SALA – DRAGÃO

O Dragão (long) é um dos animais sagrados, convocados por P’an-ku (o deus criador) para participarem da criação do mundo. Chefe das criaturas escamosas é um misto de vários animais místicos: Diferente da imagem ocidental, tem olhos de tigre, corpo de serpente, patas de águia, chifres de veado, orelhas de boi e bigodes de carpa. Sua forma mais comum é a que possui quatro patas, cada uma com 4 dedos para frente e um para trás – dragão imperial – ou aquele que carrega uma pérola, a Yoku “dragão das águas marinhas”. Representa a energia do fogo que destrói e permite o nascimento do novo, mas também simboliza a sabedoria e o Império. Também simboliza a junção do conceito de yang (masculino) e associado ao tempo para trazer chuvas. Seu correspondente feminino é a *Fenghuang* (Fênix).

A fantasia do Mestre –Sala representa o Dragão mitológico, que surge na criação do universo junto com a Fênix, e aqui se torna seu par como um amante apaixonado que a leva bailando, simbolizando a eterna união de Yang (masculino) com Yin (feminino).

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

PORTA-BANDEIRA – FÊNIX

Celebrado como um dos mais importantes, o mito da Fênix conta a história de uma ave que nasceu do sol, para acompanhar *P'an-ku* pela terra, junto com os outros animais sagrados: o dragão, o unicórnio e a tartaruga. Seu canto é uma doce melodia de cinco notas e sua bela plumagem deslumbra a humanidade, e representa a beleza e a harmonia, sendo associada aos casamentos felizes. Também conhecida como *Fenghuang*, é o correspondente feminino (Yin) do Dragão. Na mitologia chinesa difere das lendas ocidentais, mas mantém o simbolismo do renascimento, e seu corpo é composto de vários elementos místicos: sua cabeça é a do galo, suas costas a curva de uma lua crescente, as penas de sua cauda são árvores e flores e seus pés representam a terra.

A fantasia da Porta-bandeira representa a Fênix chinesa, o mais belo pássaro já criado e senhora de todas as aves, cuja plumagem delicada e leve bailado a todos encanta. Seu bailar é a dança do amor com o seu par, o Dragão, e aqui, ao invés de serem oponentes, personificam o amor de todos os casais. O grupo teatral “Guardiães da Energia Cósmica” acompanham o bailado da Porta-bandeira, desenhando simbolicamente a cauda da fênix.

2º CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA



MESTRE – SALA – SENHOR DO DOMINÓ

Representa o jogo que foi criado pelo soldado chinês Hung Ming, que viveu de 243 a.C. a 182 a.C. e tem muito em comum com os demais jogos chineses, como mahong e o xadrez chinês. O antigo dominó chinês traz todas as 21 combinações que podem ser obtidas ao lançar dois dados, sugerindo que um jogo possa ter nascido do outro.

PORTA-BANDEIRA – ESTRELA DO LUDO CHINÊS

Também conhecido como Damas Chinesas, recebeu estas designações para que se tornasse um jogo mais exótico. Criado na Alemanha onde se chamava “Jogo Estrelado”, foi levado para os EUA, onde passou a ter vários nomes entre eles “Ludo Chinês”.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

3º CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA



MESTRE-SALA – IMPERADOR APAIXONADO

Figura tradicional na cultura imperiana, nosso Imperador personifica a imagem do reizinho de Madureira, aqui bailando com a Estrela da Porcelana Chinesa.

PORTA-BANDEIRA – ESTRELA DA PORCELANA CHINESA

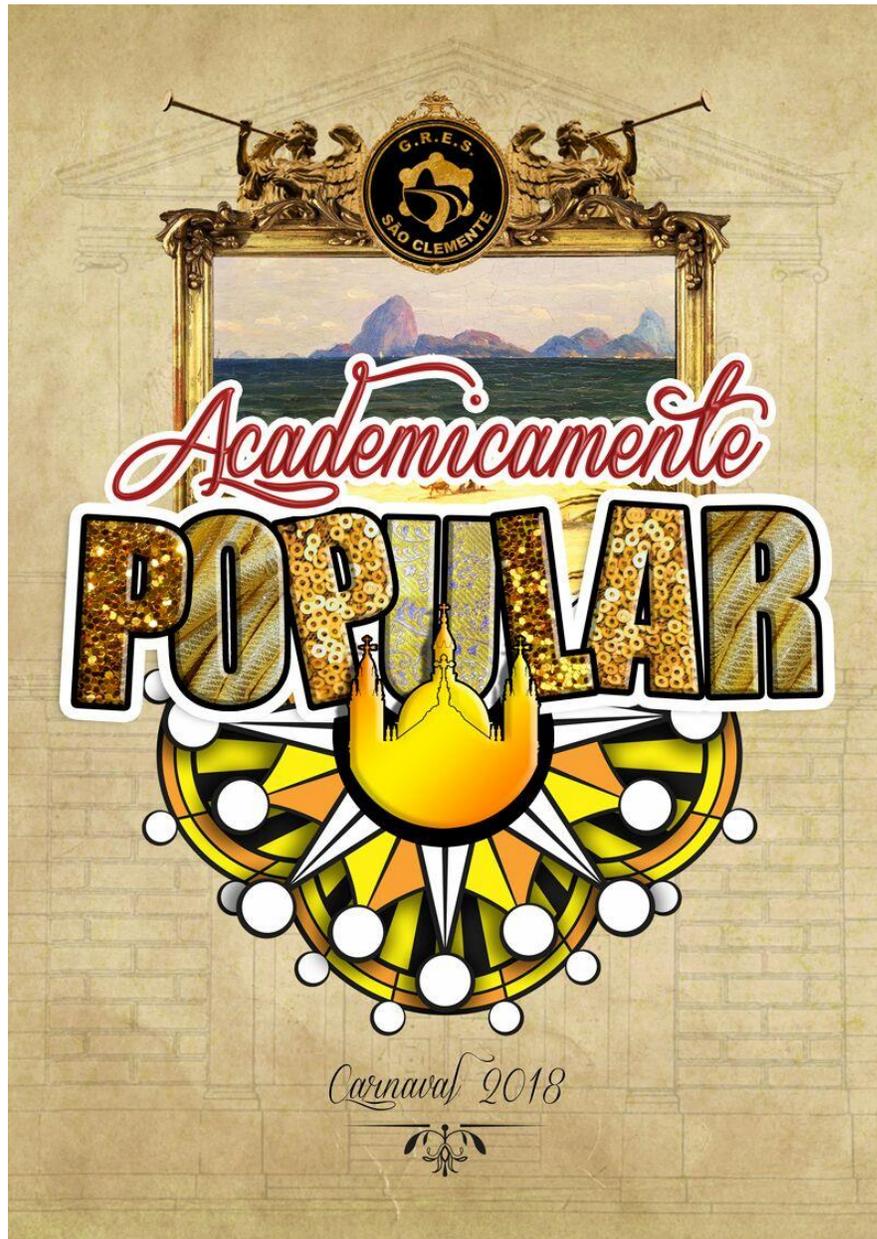
Representando a valiosa porcelana chinesa que surgiu na China há mais de 1700 anos. A partir daquele momento, as porcelanas chinesas foram levadas para todo o mundo e muitas de suas preciosidades estão conservadas em museus de muitos países. Segundo os registros históricos, a porcelana chinesa é exportada desde o século VIII ao Oriente Médio para atender às necessidades dos reis e da nobreza. No século IX, em Bagdá, então centro comercial do mundo islâmico, a seda e a porcelana chinesas eram as principais mercadorias. O destaque vai para a porcelana branca, tricolor e azul, introduzida no Ocidente por intermédio desta cidade.

G.R.E.S. SÃO CLEMENTE



**PRESIDENTE
RENATO ALMEIDA GOMES**

“Academicamente Popular”



Carnavalesco
JORGE LUIZ SILVEIRA

FICHA TÉCNICA

Enredo

Enredo “Academicamente Popular”					
Carnavalesco Jorge Luiz Silveira					
Autor(es) do Enredo Jorge Luiz Silveira					
Autor(es) da Sinopse do Enredo Jorge Luiz Silveira					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile Jorge Luiz Silveira					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
01	<i>História Ilustrada do Vestuário: Um estudo da indumentária, do Egito Antigo ao final do século XIX</i>	LEVENTON, M. (Org.).	São Paulo: Publifolha	2013	Todas
02	<i>A Missão Artística Francesa: coleção Museu Nacional de Belas Artes.</i>	XEXÉO, P. M. C.; ABREU, L. M. N. de; DIAS, M. G	Rio de Janeiro: Museu Oscar Niemeyer	2007	Todas
03	<i>Arquivos da Escola de Belas Artes.</i>	CUNHA, A. P. (Org.).	Rio de Janeiro: EBA/UFRJ	1999	Todas
04	<i>A batalha das ornamentações: A escola de Belas Artes e o Carnaval Carioca</i>	GUIMARÃES, H.	Rio de Janeiro: Rio Book's	2015	Todas
05	<i>a viagem Pitoresca e Histórica do Brasil</i>	MATHIAS, H. G.; WULFES, A.	Editora Tecnoprint S.A.	1980	Todas
06	Museu Nacional de Belas Artes	SOUZA, A. M. de (Editor).	São Paulo: Banco Safra	1985	Todas
07	<i>Viagem pitoresca e histórica ao Brasil</i>	DEBRET, J. B.	São Paulo: Círculo do Livro S.A.	Volume 01	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
08	<i>ACADEMISMO: PROJETO ARTE BRASILEIRA</i>	-	Rio de Janeiro: FUNARTE	1986	Todas
09	<i>As Primas Sapecas do Samba: alegria, crítica e irreverência na avenida</i>	BALTAR, A.; LEAL, E.; DATOLLI V.	Rio de Janeiro: Novaterra e Editora Distribuidora Ltda.	2015	Todas
10	<i>Museu Nacional de Belas Artes.</i>	SOARES, A. J. et al	Rio de Janeiro: AGGS – Indústrias Gráficas S.A.		Todas
11	<i>Os Museus Castro Maya Apresentam O Teatro de Debret</i>	ABREU, G. C. et al.	Rio de Janeiro: Nova Brasileira	2008	Todas
12	<i>Castro Maya Colecionador de Debret.</i>	CARDOSO, Rafael et al.	Rio de Janeiro: Museu Castro Maya	2003	Todas
13	<i>As descobertas do Brasil: O olhar estrangeiro na construção da imagem do Brasil</i>	FRANÇA, J. M. C.; Cribelli, T.; PARADA, M.	Palavra	2014	Todas
14	<i>Acervo Museu Nacional de Belas Artes – Collection Museum of Fine Arts.</i>	LUSTOSA, H. A. et al.	São Paulo: Banco Santos	2002	todas

Outras informações julgadas necessárias

Toda construção do enredo, pesquisa e lógica narrativa foram previamente apresentados e avaliados por uma junta de professores da Escola de Belas Artes. Fizeram parte desse processo o Professor Carlos Terra (diretor da EBA por duas gestões) e a professora Madalena Grimaldi (vice-diretora da EBA).

HISTÓRICO DO ENREDO

“Academicamente Popular”

Vindos da fria Europa, com a missão de fundar no Novo Mundo uma nova Academia artística, os célebres virtuosos do império Napoleônico desembarcam nas águas quentes da Guanabara, trazidos pela vontade soberana de Dom João. Em suas malas, a riqueza da bagagem Neoclássica; réguas, esquadros, pincéis e manuais; o desejo de “civilizar” através da força de seus ícones culturais. Fundam a Escola Real de Ciências Artes e Ofícios para organizar o ensino das artes e estabelecer uma linguagem estética oficial para a corte da nova capital. A nobre arte Francesa toca o solo brasileiro para fincar suas raízes e edificar seus conceitos, erguendo colunas de saberes. Era seu destino semear essa nova terra, incrivelmente fértil de possibilidades.

A beleza sempre foi a mais cobiçada de todas as bênçãos. Através dos tempos o homem buscou a forma ideal, a sensação plena da estética. Desde a antiguidade clássica o belo era tratado e considerado uma dádiva dos deuses e cultuado pelos mortais. A arte sempre foi objeto de encantamento e despertar dos sentidos, emoções e sensações; uma das ferramentas mais importantes na construção das alegorias da mente humana.

O povo sempre buscou a força da arte para se entender humano e transcender o “ser humano”, como partes complementares de uma mesma existência.

Quis o destino que esse peculiar encontro ganhasse novos e singulares contornos nas terras do Novo Mundo, banhado pelo Atlântico, emoldurado por um verde exuberante. Musas da arte sopraram através dos mares misteriosos as mentes de nobres artistas até a nova capital do império português. Tal encontro só poderia surgir nessa terra privilegiada, isolada entre o mar e montanha, que chamamos São Sebastião do Rio de Janeiro. O encontro entre a arte acadêmica e as forças ocultas que nascem do povo; um povo mestiço, matizado com tons nativos e africanos. Somente aqui seria possível conceber tal mistura, entre a acadêmica arte e espontaneidade dos mais calorosos corações.

Rapidamente a força desse cenário captura a alma de Debret, que eterniza em aquarela a diversidade desse novo mundo que surgia. O olhar do talentoso artista foi enamorado pela beleza local e pelo esplendor de nossa mestiçagem. Em suas pinceladas registrou o cenário da capital do Império, com todos os seus contrastes. Impossível ficar indiferente aos cânticos vindos das ruas, onde o estruendo tomava as praças em dias de festejo carnavalesco: como um cronista visual buscava o exótico, o cotidiano, os viveres dessa gente. Sua obra testemunhava a fluência do encontro de nossas matrizes culturais. Um Rio onde a negritude predominava caminhando por um cenário de arquitetura colonial.

Com o passar dos anos as primeiras gerações de artistas acadêmicos brasileiros são formadas. Em suas obras, davam vida e cor a importantes passagens da história nacional: momentos de esplendor da corte, cenas de batalhas e a glória do exército ganham contornos épicos na visão dos artistas. A figura do índio surge nas telas como herói nacional. Era nos grandes salões anuais que eles expunham o resultado de seus estudos. Os que mais se destacavam nas competições eram premiados com medalhas e recebiam uma bolsa para completar seus estudos em renomados ateliês da Europa. Ao retornar ao Brasil postulavam a vaga de professor titular ou substituto. Gradativamente a primeira geração de mestres estrangeiros vai sendo substituída por brasileiros. Os princípios franceses de igualdade norteavam essa transformação: sem restrições, a Academia se abria a receber os estudantes independente de sua origem social ou da cor da sua pele. Exemplo disso foi a importante presença de Estevão Silva: negro, filho de escravos, que chegou a rejeitar publicamente uma premiação das mãos do imperador que não fazia jus ao seu talento.

Passo a passo a academia vai se entrelaçando com o Brasil, como raízes firmes que abraçam o solo, se misturando a ele e extraindo sua essência. Impossível não se deixar levar pela grandeza deste verdejante país. O calor dos trópicos e a luminosidade seduzem o olhar dos artistas, sensibilizando sua paleta para os infinitos tons que nossa paisagem é capaz de produzir; a natureza brasileira “não cabia nos manuais”. Era preciso levar o cavalete até o bosque e se permitir sentir a mensagem que ecoava da mata, advinda dos troncos, dos riachos, das flores e do canto dos pássaros.

A cada geração a academia buscava mais e mais uma identidade nacional, trazendo para o foco dos artistas o cotidiano, o folclore, as causas sociais e políticas. Sobretudo, a escola se permitiu vivenciar ares de modernidade e inovação, trazendo ao âmbito das discussões plásticas as transformações da sociedade. Os tipos brasileiros, o caipira, o interior: os caminhos vão se abrindo e a mentalidade começa a mudar.

A estética mudou; as técnicas mudaram; os temas mudaram. Novas linguagens são incorporadas. A cultura popular se torna objeto de estudo e reflexão dos artistas e intelectuais. Com o passar dos anos a academia foi se transformando, sem jamais abrir mão de sua importância e seu papel. Os salões da tradicional escola se abrem à modernidade, que cresce vigorosa como uma árvore que se ergue ao futuro, mas com raízes fortemente fincadas as suas origens.

Nessa terra de misturas raras, a bagagem clássica se entrelaçou nas folhas das palmeiras, no canto das lavadeiras, se coloriu com os tons da alegria e se fez carnaval. Basta olhar para a natureza do nosso povo para fazer crer que a missão desta Academia era ser popular. Ainda no começo do século XX o professor Rodolfo Amoedo tomou o pincel e emprestou sua arte ao estandarte do Ameno Resedá: um lampejo de um grande casamento que viria a seguir. Salve o casal Nery, professores pioneiros na aproximação desses dois mundos, trazendo a viagem pitoresca de Debret ao Salgueiro de 1959! Salve

Mestre Pamplona, que com a benção de Campofiorito, realizou esse encontro entre os filhos da academia e a arte do povo, guiando uma geração inteira de artistas para as escolas de samba nos anos 60 do século XX.

O clássico e o popular encontram abrigo no carnaval. Desde a chegada da Missão em 1816 até hoje, o tempo moldou a academia e abriu suas portas à cultura nacional. O barracão da escola de samba tornou-se um grande ateliê, onde arquitetos, pintores, desenhistas, figurinistas, realizam todos os anos a “missão” de criar e recriar a fantasia do carnaval. É missão da São Clemente, uma escola essencialmente carioca, eternizar na passarela esses mais de 200 anos de arte e cultura dessa instituição moldada e emoldurada pelas curvas sinuosas do Rio de Janeiro, que amorosamente carregamos em nosso pavilhão.

Foram grandes as barreiras e desafios vencidos. Até mesmo o fogo que atingiu a sede da EBA (Escola de Belas Artes) recentemente não tem o poder de apagar sua história. Pois é das chamas que ela há de se reerguer, como uma fênix que renasce: “quem chorava vai sorrir”.

Nessa ópera carnavalesca, nossa escola honrosamente apresenta sua tese, para ser avaliada pela banca popular, saudando a história da Escola de Belas Artes. Nossa defesa é o próprio desfile em si: ao adentrar a passarela em 2018 a escola de samba da Zona Sul será a grande confirmação de que era destino da EBA (Escola de Belas Artes) dar as mãos ao povo em forma de um carnaval Academicamente Popular.

Jorge Luiz Silveira
Carnavalesco

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

ACADEMICAMENTE POPULAR E SEUS 200 ANOS

Em 1808, a Família Real de D. João VI e centenas de funcionários, criados, assessores e pessoas ligadas à corte Portuguesa desembarcam no Rio de Janeiro vindo de Lisboa e iniciasse uma nova fase no país. Alguns anos depois, em 1816, a convite do governo de D. João VI, a Missão Francesa chega na capital do novo reino. O grupo de pintores, escultores, arquitetos, músicos, artesãos, mecânicos, ferreiros e carpinteiros liderado por Joachim Lebreton, tinha em sua comitiva nomes como Jean Baptiste Debret, Grandjean de Montigny, Nicolas-Antoine Taunay.

Esses artistas e artífices pintavam, desenhavam, esculpiam e construía à moda europeia. Transformaram a arte, a arquitetura e a paisagem urbanística do Rio de Janeiro, abandonando os princípios do barroco colonial português e implantando o estilo neoclássico na cidade. E os versos dizem “vem ver! Convidei Debret / para pintar o desfile do meu carnaval / a arte neoclássica impera / no Brasil Colonial”. Esse é o primeiro passo na direção da Independência e na passagem do estatuto de Colônia a Império, na tentativa de nação para o nosso País. Mais uma vez os poetas dizem “D. João! Em nobres traços vê inspiração / e faz um Rio à francesa / erguendo os pilares do saber / emoldurando... a exuberante natureza / onde toda forma se mistura / na mais perfeita arquitetura”.

Fundada por decreto real, em 12 de agosto de 1816, a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios seguiu durante o Império o modelo da Academia Francesa. Os membros da Missão Francesa como Debret, Montigny, Antoine e Félix Taunay procuraram dotar a instituição de um ensino em que o desenho e a pintura alicerçavam as práticas artísticas. A poesia nos diz “ao ver a minha obra na avenida / lembro dos artistas imortais / é a brasilidade dando vida / à arte dos salões aos carnavais / hoje... “quem chorava vai sorrir” / os manuais vão reluzir / a “missão” no peito de quem ama / em manter acesa a chama / recriar... os 200 anos de história / numa linda trajetória / academicamente popular”.

Ao longo de sua trajetória a Escola foi recebendo diversos nomes – Real Academia de Desenho Pintura, Escultura e Arquitetura Civil; Academia das Artes e Academia e Escola Real; Academia Imperial de Belas Artes; Escola Nacional de Belas Artes e por último Escola de Belas Artes (EBA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Dos idos tempos da Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, essa bicentenária instituição cresceu e muito se modificou, mas sua missão continua sendo a formação artística, técnica e científica no campo da arte, do design e da cultura.

Sua atual estrutura equilibra legados artísticos e culturais com abordagens e técnicas inovadoras de arte contemporânea, contemplando treze cursos de graduação, dois programas de pós-graduação *stricto sensu* e um curso *lato sensu*. Nesse grande universo acadêmico, temos, em 2017, pouco mais de 2800 estudantes matriculados nos cursos de graduação e pós-graduação. O contexto interdisciplinar da EBA proporciona várias formas de ensino e aprendizagem, desempenhando um papel notável no contexto cultural, social e político no país.

Seu território acadêmico transcende o simples ensino artístico e se imbrica com as atividades populares, como o Carnaval. Como os poetas dizem: “é a força da mata, salve São Sebastião/ onde o artista encontra o povo, e a beleza deste chão / viu no tom a negritude, viu no índio atitude / o esplendor de nossa nação”.

Destacamos ainda que, dos primeiros mestres que vieram com a Missão Artística Francesa, por aqui passaram grandes nomes da cultura brasileira, como: Adir Botelho; Afonso Eduardo Reidy; Antonio Parreiras; Araújo Porto- Alegre; Ascânio MMM; Burle Marx; Cândido Portinari; Cícero Dias; Eliseu Visconti; Fernando Pamplona; Henrique Bernardelli; Jorge Machado Moreira; Lúcio Costa; Lygia Pape; Manoel de Araujo Porto Alegre; Marc Ferrez; Maurício Salgueiro; Oscar Niemeyer; Rosa Magalhães; Sophia Jobin; Timóteo da Costa; Ubi Bava; Victor Meirelles; entre tantos outros que compuseram os quadros da EBA, como artistas, mestres e estudantes. Todos eles cantaram: “a mais bela arte o samba me deu / fiz da São Clemente o retrato fiel / os traços mais finos, com as bênçãos de deus / deslizam no meu papel”.

Por tudo isso que a Escola de Belas Artes continua sendo Academicamente Popular, aqui todos estudavam as mais belas artes...

Carlos Terra e Madalena Grimaldi
Diretor e Vice-Diretora da Escola de Belas Artes

ROTEIRO DO DESFILE

Comissão de Frente

“O ATELIÊ”

1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Fabício Pires e Amanda Poblete

“O ENCONTRO”

Ala 01 – Comunidade

“A BAGAGEM NEOCLÁSSICA”

Abre-Alas – Alegoria 01

**“A CHEGADA DA MISSÃO ARTÍSTICA
FRANCESA E A FUNDAÇÃO DA ESCOLA
REAL DE CIÊNCIAS, ARTES E OFÍCIOS”**

Ala 02 – Comunidade

“NATIVOS”

2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Anderson Mota e Bárbara Falcão

“MATRIZ AFRICANA”

Ala 03 – Comunidade

“NEGROS DO MERCADO”

Ala 04 – Baianas

**“NEGRA TATUADA VENDENDO
CAJUS”**

Grupo Cênico

“CORTEJO FAMILIAR” (LITEIRA)

Ala 05 – Comunidade

“DAMAS E SENHORES”

Ala 06 – Comunidade
“ENTRUDO”

Alegoria 02
“O RIO DE DEBRET”

Ala 07 – Comunidade
“JOÃO CAETANO INTERPRETANDO
OSCAR, FILHO DE OSSIAN”

Ala 08 – Comunidade
“A BATALHA DO HAVAÍ”
(PINTURA DE VICTOR MEIRELLES)

Ala 09 – Comunidade
“INDEPENDÊNCIA OU MORTE”
(PINTURA DE PEDRO AMÉRICO)

Rainha de Bateria
Raphaela Gomes
“IRACEMA”

Ala 10 – Bateria
“D. PEDRO I”
(PINTURA DE MANUEL DE ARAÚJO
PORTO ALEGRE)

Coordenadores da Ala dos Passistas
Belinha Delfim e Rafael Jhonson
“O ORIENTALISMO”

Ala 11 – Passistas
“O ORIENTALISMO”

“RABEQUISTA ÁRABE”
(Masculino)

“JUDITH RENDE GRAÇAS A JEOVÁ”
(Feminino)

Ala 12 – Comunidade
“A BATALHA DOS GUARARAPES”
(PINTURA DE VICTOR MEIRELLES)

Musa
Amanda Gomes
“O OURO DA VITÓRIA”

Alegoria 03
“OS SALÕES DA ACADEMIA”

Ala 13 – Comunidade
“O SOL DO NOVO MUNDO”

Ala 14 – Comunidade
“AS ÁGUAS CRISTALINAS”

Ala 15 – Comunidade
“O VERDE EM INFINITOS TONS”

Ala 16 – Comunidade
“RAÍZES E TRONCOS”

Ala 17 – Comunidade
“FLORES DE TODAS AS CORES”

Ala 18 – Comunidade
“AVES COLORIDAS”

Musa
Bruna Almeida
“CÉU TROPICAL”

Tripé
“A EXUBERANTE NATUREZA DO NOVO
MUNDO”

Ala 19 – Comunidade
“O VIOLEIRO DE ALMEIDA JUNIOR”

Ala 20 – Comunidade
“AS MARINAS DE PANCETTI”

Ala 21 – Comunidade
“A ALMA DE VICENTE DO RÊGO
MONTEIRO”

**3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Marcelo Tchetchelo e Érica Duarte
“GEORGINA DE ALBUQUERQUE NA
PLANTAÇÃO DE CAFÉ”**

Ala 22 – Comunidade
“O SURREALISMO DE ISMAEL NERY”

Ala 23 – Comunidade
“AS PIPAS DA INFÂNCIA DE
PORTINARI”

Ala 24 – Comunidade
“A CHUVA DE OSWALD GOELDI”

**Alegoria 04
“SOPRO DE MODERNIDADE NA ACADEMIA”**

Destaque de Chão
Danielle Soares
“AMENO RESEDÁ
(PROFESSOR RODOLPHO AMOEDO)”

Guardiões da lateral do Setor
“DECORAÇÃO DE CARNAVAL”

Ala 25 – Comunidade
“A VIAGEM PITORESCA ATRAVÉS DE
DIRCEU E MARIE LOUISE NERY”

Ala 26 – Comunidade
“O QUILOMBO DE PAMPLONA”

Ala 27 – Comunidade
“DOMINGO DE MARIA”

Ala 28 – Comunidade
“PASSARINHO, PASSAROLA DE LÍCIA
LACERDA”

Ala 29 – Comunidade
“ROSA NA CORTE DOS TUPINAMBÔS
E TABAJERES”

Ala 30 - Comunidade
“TAÍ MÁRCIA, EU FIZ TUDO PRA
VOCÊ GOSTAR DE MIM”

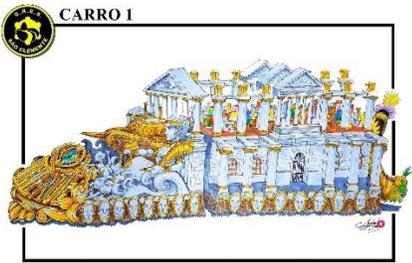
Alegoria 05
“BELAS ARTES, BELOS CARNAVAIS”

Tripé
“O INCÊNDIO”

Ala 31 – Comunidade
“BACHARÉIS DA ACADEMIA”

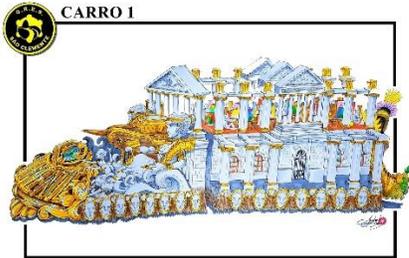
Tripé
“QUEM CHORAVA VAI SORRIR”

FICHA TÉCNICA**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Jorge Luiz Silveira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p>“A CHEGADA DA MISSÃO ARTÍSTICA FRANCESA E A FUNDAÇÃO DA ESCOLA REAL DE CIÊNCIAS, ARTES E OFÍCIOS”</p>  <p>“A CHEGADA DA MISSÃO ARTÍSTICA FRANCESA E A FUNDAÇÃO DA ESCOLA REAL DE CIÊNCIAS, ARTES E OFÍCIOS”</p> <p>(NA ILUSTRAÇÃO ESTÃO JUNTOS OS DOIS EIXOS QUE COMPÕEM O ABRE-ALAS)</p>	<p>Abre-alas “A chegada da Missão Artística Francesa e a fundação da Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios” – Em síntese, o abre-alas da São Clemente remete a chegada dos artistas da Missão Artística Francesa ao Brasil em 1816 e a posterior inauguração de sua primeira sede em 1826. No eixo dianteiro temos a representação do navio “Caupe” – embarcação que fez a travessia pelo Atlântico trazendo a nobre Missão até o Novo Mundo. O Navio é guiado por musas da arte: figuras de inspiração Neoclássica, que junto a ninfas aquáticas representam a inspiração das matrizes da escola de arte de Paris – origem dos artistas que para cá vieram. As duas musas principais saltam do pórtico de entrada carregando em suas mãos os louros da vitória. De um lado, uma empunha uma cornucópia com frutas tropicais. A outra, a chama clássica do conhecimento. Juntas representam a síntese da nova escola de arte que iria surgir no Brasil. À frente do navio, sobre o letreiro com o nome da escola, uma bússola orienta o caminho até o Rio de Janeiro.</p> <p>No segundo eixo a representação do primeiro prédio da Escola, projetado pelo arquiteto Grandjean de Montigni. A estrutura obedece aos padrões da arquitetura Neoclássica – simetria, equilíbrio, proporção. Na parte de cima um atelier vazado recria o interior das salas de aula da academia. Na base do carro, cabeças de modelos gregos representam o material de estudo e as referências dos manuais trazidos pelos mestres da Missão para propagação de seus ensinamentos. Colunas se erguem ao céu, fincadas sobre o solo brasileiro, se enraizando a ele, mostrando que a fusão dos dois mundos se daria através desse encontro de culturas. Essa escola de origem europeia irá se alimentar da essência da nossa terra para edificar uma nova instituição artística. Sobre as colunas, musas da arte (composições) e deuses do olimpo (composições) representam a origem da inspiração Neoclássica.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Jorge Luiz Silveira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p>(Continuação)</p> <p>“A CHEGADA DA MISSÃO ARTÍSTICA FRANCESA E A FUNDAÇÃO DA ESCOLA REAL DE CIÊNCIAS, ARTES E OFÍCIOS”</p>  <p>CARRO 1</p> <p><small>“A CHEGADA DA MISSÃO ARTÍSTICA FRANCESA E A FUNDAÇÃO DA ESCOLA REAL DE CIÊNCIAS, ARTES E OFÍCIOS”</small></p> <p>(NA ILUSTRAÇÃO ESTÃO JUNTOS OS DOIS EIXOS QUE COMPÕEM O ABRE-ALAS)</p>	<p>Transformação: durante o desfile, as colunas do abre-alas irão se abrir e transformar o prédio de arquitetura Neoclássica na verdejante mata carioca. As cabeças de modelos gregos transformar-se-ão em cocares indígenas. Essa transformação representa o impacto da força da natureza local na visão dos artistas vindos da fria Europa. Ao se deparar com o esplendor e exuberância da nossa natureza, o ímpeto criativo dos artistas é fortemente impactado.</p> <p>Na parte traseira do segundo eixo temos a figura de um índio pintado por Debret em aquarela. Ele introduz o segundo setor que remete ao Rio de Janeiro representado pelas aquarelas do artista.</p>
02	<p>“O RIO DE DEBRET”</p>  <p>CARRO 2</p> <p><small>“O RIO DE DEBRET”</small></p>	<p>A segunda alegoria reconstrói um fragmento do Rio de Janeiro colonial, pano de fundo das aquarelas de Jean Baptiste Debret. O artista registrou em rápidas pinceladas a diversidade cultural presente nas ruas da nova capital do império. A arquitetura colonial portuguesa predominava nos casarios do espaço urbano. Sobre as calçadas de pedra, os negros faziam a roda da economia girar. A mão-de-obra escrava era a força motriz da máquina do império.</p> <p>Na parte dianteira do carro se projetam as pranchas de aquarela do artista, que vão saltando do papel e ganham tridimensionalidade no trabalho cenográfico da alegoria. Paletas de pintura se mesclam aos elementos arquitetônicos, representando a visão de Debret, que tal qual um cronista visual, enxerga arte e beleza na paisagem carioca e na riqueza étnica que caminhava pelas ruas da cidade.</p>

FICHA TÉCNICA**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Jorge Luiz Silveira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p>“OS SALÕES DA ACADEMIA”</p>  <p>“OS SALÕES DA ACADEMIA”</p> <p>CARRO 3</p>	<p>A terceira alegoria do nosso desfile faz referência a fase áurea dos grandes salões anuais da Academia. Os alunos da escola apresentavam seus melhores trabalhos numa consagrada exposição anual. Neste evento eles disputavam medalhas de ouro, prata e bronze, além de importantes menções honrosas. O próprio Imperador Ihes conferia a premiação. Os que mais se destacavam eram agraciados com o esperado prêmio de viagem ao exterior. Nessa viagem os premiados iam completar seus estudos em renomados atelieres da Europa, retornando ao Brasil postulantes a uma vaga de professor na Academia. Uma geração de valorosos artistas brasileiros emoldura esse período.</p> <p>Diversas obras significativas deste período estão representadas na alegoria: na parte frontal, junto as medalhas, uma natureza morta composta de frutas ilustra a obra de Estevão Silva - primeiro pintor negro, filho de escravos da Academia.</p> <p>No centro da alegoria um cenário giratório destaca 3 importantes obras, pontuando 3 temáticas muito marcantes nos trabalhos deste período. São elas: “O Último Tamoio” pintado por Rodolfo Amoedo em 1883 (marcando a presença da temática indianista, que eleva a figura do nativo ao status de herói nacional); “A Primeira Missa no Brasil” pintada por Vitor Meirelles em 1860 (marcando a pintura histórica, registrando de forma gloriosa e épica importantes passagens da história brasileira) e “Sagração de Dom Pedro II” pintada por Manuel de Araújo Porto Alegre em 1840 (marcando o papel da Academia no registro da vida da corte brasileira e seus grandes momentos). De forma humanizada, cada uma dessas obras ganha vida nos cenários.</p> <p>Na parte traseira do carro uma homenagem a Pedro Américo, um dos mais expoentes artistas da escola. A figura feminina ladeada por anjos faz referência ao quadro “A noite com os gênios do estudo e do amor”, executada pelo pintor em 1883. Na representação da noite, a lua e as corujas (composições) remontam a atmosfera do quadro.</p> <p>Todas essas obras são emolduradas por volutas na base do carro onde estão as composições laterais, formando uma grande moldura dourada, que guarda todo requinte e sofisticação dos salões.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo)		
Jorge Luiz Silveira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p>TRIPÉ “A EXUBERANTE NATUREZA DO NOVO MUNDO”</p>  <p>TRIPÉ</p>	<p>Em 1878 chegou ao Brasil um pintor de origem alemã para dar aula na cadeira de pintura de paisagem na Academia. Seu nome era Johann Georg Grimm. Na ocasião a pintura de paisagem era considerada uma das disciplinas de menor expressão; uma etapa de estudos para o desenvolvimento dos alunos. A paisagem era cenário para os grandes temas históricos e gloriosos; poucas vezes era tratada como tema das obras.</p> <p>Essa perspectiva começa a mudar quando Grimm, impactado pela luminosidade tropical do Brasil e sua incrível diversidade natural, começa a levar seus alunos a pintarem em contato direto com a natureza. Ao romper os limites do atelier, o professor estimulava seus alunos a se libertarem da rigidez imposta pelos manuais da Academia e se permitir observar a natureza in loco. Essa mudança de paradigma abriu a percepção dos jovens artistas a riqueza que a paisagem do nosso país poderia proporcionar. Começa um novo olhar sobre as formas brasileiras, pelos elementos que compõem o cenário do nosso país; é um importante passo na direção da arte na busca de um viés brasileiro, um traço de nossa matriz.</p> <p>A filosofia de trabalho de Grimm o levou a criar um grupo chamado “Grupo Grimm”, onde se destacaram os pintores Castagneto e Antônio Parreiras, desvinculado da Academia.</p> <p>“É a força da mata! Salve São Sebastião!” – trecho do samba.</p> <p>“Passo a passo a Academia vai se entrelaçando com o Brasil, como raízes firmes que abraçam o solo, se misturando a ele e extraindo sua essência. Impossível não se deixar levar pela grandeza desse verdejante país. O calor dos trópicos e a luminosidade seduzem o olhar dos artistas, sensibilizando sua paleta para os infinitos tons que a nossa paisagem é capaz de produzir; a natureza brasileira “não cabia nos manuais”. Era preciso levar o cavalete até o bosque e se permitir sentir a mensagem que ecoava da mata, advinda dos troncos, dos riachos, das flores e do canto dos pássaros”. –Trecho da sinopse.</p> <p>No tripé, uma grande figura feminina emoldurada personifica a própria Natureza Brasileira, que seduz o olhar dos artistas. Araras que colorem os céus pontuam a paisagem. Bromélias nativas da Mata Atlântica se projetam de molduras, representando o recorte do olhar de cada pintor sobre a nossa Exuberante Natureza. No centro do tripé, sendo observado pela Grande Natureza, a representação de um atelier natural: o artista, o cavalete, suas tintas e pincéis, marcando na tela sua impressão.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Jorge Luiz Silveira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
04	<p>“SOPRO DE MODERNIDADE NA ACADEMIA”</p> 	<p>Com o passar do tempo a produção da Academia vai se abrindo a uma busca por uma identidade nacional. A rigidez dos dogmas Neoclássicos vai abrindo espaço para o surgimento de novas linguagens estéticas. A temática das obras aproxima o universo brasileiro dos trabalhos, e finalmente os salões se abrem a construção de um panorama que contempla a brasilidade. O camponês, o pescador, os elementos da cultura regional, a busca pelos elementos que compõem a imagem de um brasileiro genuíno – a modernidade brasileira vai buscar descortinar os diferentes Brasis.</p> <p><i>“É a brasilidade dando vida, a arte dos salões aos carnavais” – trecho do samba</i></p> <p>“A cada geração a academia buscava mais e mais uma identidade nacional, trazendo para o foco dos artistas o cotidiano, o folclore, as causas sociais e políticas. Sobretudo, a escola se permitiu vivenciar ares de modernidade e inovação, trazendo ao âmbito das discussões plásticas as transformações da sociedade. Os tipos brasileiros, o caipira, o interior: os caminhos vão se abrindo e a mentalidade começa a mudar. A estética mudou; as técnicas mudaram; os temas mudaram. Novas linguagens são incorporadas. A cultura popular se torna objeto de estudo e reflexão dos artistas e intelectuais. Com o passar dos anos a academia foi se transformando, sem jamais abrir mão de sua importância e seu papel. Os salões da tradicional escola se abrem a modernidade, que cresce vigorosa como uma árvore que se ergue ao futuro, mas com raízes fortemente fincadas as suas origens.” – trecho da sinopse.</p> <p>Na alegoria fazemos referência a dois importantes nomes da arte moderna brasileira: o pintor Cândido Portinari e o gravador Oswald Goeldi.</p> <p>Na base do carro a textura das tábuas de madeira remete ao universo da xilogravura, linguagem fundamental de Goeldi. O cenário de cais do porto periférico, tão presente nas suas imagens, é composto por pequenos barcos de pescadores (composições) e barracos de tábuas. As serpentes “emadeiras” dispostas pelo carro fazem referência ao poema “Cobra Norato” de Raul Bopp, ilustrado por Goeldi. É a presença forte da cultura regional se mesclando a linguagem da Academia, cada vez mais popular.</p> <p>Na parte de cima, se ergue ao céu uma frondosa árvore de pipas, fazendo referência ao universo lúdico das obras onde Portinari retrata sua infância na cidade de Brodowski. A inocência brinca em balanços e gangorras (composições), alçando o céu, com as cores do mestre, considerado o maior pintor brasileiro de todos os tempos.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Jorge Luiz Silveira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	<p>“BELAS ARTES, BELOS CARNAVAIS”</p> 	<p>Era destino da escola de Belas Artes se aproximar do povo. A cada geração, mais e mais, aumentava-se a busca por uma linguagem brasileira. A cada dia a proximidade com as mais populares manifestações da nossa cultura se tornava evidente. Em meados do século XX uma geração de artistas da EBA migra da Academia para dentro da maior festa da cultura brasileira: o carnaval. Nomes como Fernando Pamplona, Adir Botelho, Mauro Monteiro, Fernando Santoro e David Ribeiro desenvolveram ano após anos os projetos da decoração aérea do carnaval da cidade. Painéis luminosos coloridos enchem de alegria e vida as noites de carnaval da Cidade Maravilhosa.</p> <p>Dentro da passarela, assistimos trabalhos dos grandes mestres da Academia, moldando ano após ano a linha do tempo das escolas de samba. Os artistas da EBA ajudaram a trazer os conhecimentos técnicos e plásticos da escola erudita para o universo das agremiações do Rio de Janeiro, fazendo a ponte definitiva da construção de um carnaval Academicamente Popular.</p> <p>Na alegoria, desenhos de luminárias inspiradas nas históricas decorações da cidade compõem o carro. Ao fundo a igreja da Candelária – ícone fundamental do cenário do carnaval da Avenida Presidente Vargas.</p> <p>“Salve o casal Nery, professores pioneiros na aproximação desses dois mundos, trazendo a viagem pitoresca de Debret ao Salgueiro de 1959! Salve Mestre Pamplona, que com a benção de Campofiorito, realizou esse encontro entre os filhos da academia e a arte do povo, guiando uma geração inteira de artistas para as escolas de samba nos anos 60 do século XX.”</p> <p>– trecho da Sinopse.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Jorge Luiz Silveira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p>TRIPÉ “O INCÊNDIO”</p> 	<p>No dia 13 de fevereiro de 2016 algumas salas da Escola de Belas Artes, localizadas no prédio da reitoria da UFRJ sofreram um incêndio. Desde então, a EBA encontra-se na busca de uma solução para o seu espaço físico. Os cursos foram divididos em outros espaços do campus, dificultando a logística de ensino.</p>
*	<p>TRIPÉ “QUEM CHORAVA VAI SORRIR”</p> 	<p>Ao longo de sua trajetória foram muitos os desafios enfrentados pela Escola de Belas Artes na consolidação de sua história. Deslocados de sua primeira sede na Travessa Bellas Artes (próximo à praça Tiradentes), foram realocados no prédio da Avenida Rio Branco. Na época do governo militar a escola foi retirada do centro da cidade e realocada na Cidade Universitária, usando algumas salas emprestadas da Faculdade de Arquitetura. Recentemente em 2016, parte de suas salas sofrem um incêndio, que leva os alunos a se espalharem mais uma vez por diferentes salas de outras unidades na Universidade.</p> <p>Hoje a instituição espera das autoridades uma resposta sobre a construção de uma nova unidade própria para a EBA. Mais de 200 anos depois a mais importante escola de arte da América Latina ainda busca abrigo para seu patrimônio; uma morada definitiva.</p> <p>Nós da São Clemente, através dessa homenagem, pretendemos lançar luz sobre o tema e com nosso histórico espírito crítico, cobrar soluções para esse problema. Nosso samba exaltação diz <i>“a São Clemente vem ai, quem chorava vai sorrir”</i>. Da mesma forma dizemos que quem chorou a perda do patrimônio da Escola de Belas Artes vai sorrir através do nosso carnaval. A EBA há de renascer das cinzas, tal qual fênix: o pássaro mitológico que renasce de seus destroços.</p> <p>“Foram grandes as barreiras e desafios vencidos. Até mesmo o fogo que atingiu a sede da EBA (Escola de Belas Artes) recentemente não tem o poder de apagar sua história. Pois é das chamas que ela há de se reerguer, como uma fênix que renasce: “quem chorava vai sorrir.” – trecho da sinopse.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
Yasmim Gomes (Carro 01 – Abre-Alas) Fantasia: A Inspiração Neoclássica	Universitária
Geraldo Lima (Carro 02) Fantasia: Ancestralidade Africana	Empresário
Robson Pantoja (Carro 03) Fantasia: Alegoria ao Império Brasileiro	Estilista
Nando Cunha (Carro 03) Fantasia: Estevão Silva (Personagem)	Ator
Murilo Moura (Tripé) Fantasia: A Exuberante Natureza	Estilista
Paulo Dalagnoli (Tripé) Fantasia: Antônio Parreiras (Personagem)	Ator
Sueli Alves (Carro 04) Fantasia: A Lenda de Cobra Norato	Empresária
Kátia Lepletier (Carro 04) Fantasia: As Pipas de Portinari	Advogada
Samille Cunha (Carro 05) Fantasia: Cidade das Maravilhas	Professor
Local do Barracão	
Cidade do Samba – Rua Rivadávia Correa, nº. 60 – Barracão nº. 09 – Gamboa – RJ	
Diretor Responsável pelo Barracão	
Roberto Almeida Gomes	
Ferreiro Chefe de Equipe João da Silva	Carpinteiro Chefe de Equipe Futica
Escultor(a) Chefe de Equipe Ronildo e Flavinho	Pintor Chefe de Equipe Rafael Vieira
Eletricista Chefe de Equipe Minibrut e Sidnei	Mecânico Chefe de Equipe José
Outros Profissionais e Respectivas Funções	

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Jorge Luiz Silveira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
01	<p>“A Bagagem Neoclássica”</p> <p>Figurino 01 (Fileiras laterais)</p>  <p>Figurino 02</p> 	<p>Os artistas da Missão Artística Francesa trazem em suas bagagens intelectuais a tradição da arte Neoclássica. A coluna grega, um dos principais elementos da sua arquitetura, sintetiza o ideal de beleza da Academia. Simbolicamente, malas representam a viagem do Velho Mundo para o Brasil. De dentro delas, os componentes representam as estátuas de modelos usados como referência para os estudos dos artistas.</p> <p>Em sua bagagem intelectual, os artistas da Missão trazem da Europa um manancial de saberes e conteúdos fundamentados nas mitologia greco-romana. Ninfas, heróis, lendas e mitos dessa cultura compõem o imaginário e o repertório estético dos franceses recém-chegados. Na fantasia, a figura de um fauno estilizado traz consigo uma cornucópia repleta de frutas (simbolizando a fartura). Ele representa o espírito festivo e a celebração da chegada da Nobre Missão.</p>	Comunidade (2011)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Jorge Luiz Silveira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
02	<p>“Nativos”</p> 	<p>Ao chegar no solo brasileiro, Debret se encanta com a diversidade étnica do país. Seu olhar atento percorre a diversidade dos nativos do Novo Mundo e registra em aquarela cada detalhe. Em seu trabalho documenta o cotidiano e as relações culturais dos povos indígenas que teve contato, a riqueza de sua indumentária, a pintura corporal, seu habitat e sua relação com os portugueses. Na fantasia, um guerreiro exhibe a arte plumária que tanto encantou o olhar do cronista visual.</p>	Comunidade (2011)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Jorge Luiz Silveira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
03	<p>“Negros do Mercado”</p> <p>Figurino 01</p>  <p>Figurino 02</p>  <p>Figurino 03</p> 	<p>Pelas ruas do Rio de Janeiro Debret se depara com uma cidade onde a imensa maioria dos ofícios e profissões eram exercidos pela mão de obra escrava. Os negros carregam os navios de mercadorias, trabalham no calçamento de ruas, conduziam liteiras com seus senhores. Vindos de diferentes nações africanas, eram igualados a mão de obra do império. Nos mercados, Debret registrava os escravos em suas tarefas diárias e documentava para posteridade a importância fundamental do negro na formação da cidade.</p>	Comunidade (2011)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)

Jorge Luiz Silveira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
04	<p>“Negra Tatuada Vendendo Cajus”</p> 	<p>As mães baianas ilustram uma das aquarelas mais famosas de Debret: “Negra tatuada vendendo Cajus”. Neste trabalho o artista registra a beleza de uma jovem, sentada sobre a calçada de pedra vendendo seus cajus num cesto. O cenário da cidade serve de moldura para o incrível contraste entre a beleza e elegância de sua pintura tribal e a opressão do sistema escravista. Nenhum detalhe escapava a percepção do pintor, que entendia a cidade a partir da relação do espaço com a presença do negro.</p>	Baianas (2011)	José Luiz

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Jorge Luiz Silveira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Cortejo Familiar (liteira)</p>	<p>É a partir dos registros visuais realizados por Debret que temos um dos mais ricos relatos de como era a vida na cidade do Rio de Janeiro do período de Dom João. É enorme a quantidade de desenhos feitos pelo artista sobre a diversidade cultural das ruas da capital. A relação dos senhores com os escravos, a vida religiosa da corte, o trabalho, o mercado: tudo passou pelo olhar do pintor. Nesse grupo cênico compilamos diversos grupos representativos de famosas aquarelas de Debret em plena interação social.</p>	Grupo Cênico (2011)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Jorge Luiz Silveira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
05	<p>“Damas e Senhores”</p> <p>Figurino 01</p>  <p>Figurino 02</p> 	<p>O cotidiano da corte na capital fez parte do repertório visual de Debret. O luxo e a pompa dos trajes da fidalguia pelas ruas do Rio aparecem em diversas aquarelas do artista. A moda Europeia contrastava com o calor tropical do Novo Mundo. Senhores ostentando casacas e chapéus emplumados, ladeados por senhoras enroladas em tecidos bordados, adornadas por joias e rococós: a indumentária agrupava socialmente a corte, e separava a elite dos escravos.</p>	Comunidade (2011)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA**Fantasia**

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas) Jorge Luiz Silveira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
06	“Entrudo” 	<p>O entrudo tomava as ruas em dias de festejo carnavalesco. A brincadeira se espalhava pela cidade, despejando baldes de água, farinha, limões de cheiro entre os foliões. Trazida pelos portugueses, essa tradição era considerada por muitos nociva e desagradável, devido a baderna causada. Uma verdadeira guerra de detritos; brincantes borrifavam líquidos fedorentos uns nos outros. Até mesmo o exótico desta manifestação foi registrado pelo pintor em suas aquarelas.</p>	Comunidade (2011)	Direção de Carnaval
07	“João Caetano Representando Oscar, o Filho de Ossian” 	<p>A ala faz referência a obra do escultor Francisco Manuel Chaves Pinheiro, que data de 1860. Arte feita em bronze, em tamanho natural; simbolicamente ela guardava a entrada do prédio da primeira sede da Academia na travessa Belas Artes no centro do Rio, recebendo todos os alunos diante do pórtico. Após a demolição do prédio em 1937, a obra foi transferida para frente do teatro João Caetano, na praça Tiradentes.</p>	Comunidade (2011)	Direção de Carnaval

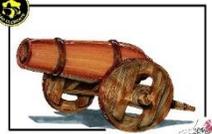
FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Jorge Luiz Silveira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
08	<p>“A Batalha do Avaí (Pintura de Victor Meirelles)”</p> <p>Figurino 01</p>  <p>Figurino 02</p>  	<p>A ala rende homenagem a monumental obra do pintor Pedro Américo. A tela que data de 1877, retrata o episódio homônimo ocorrido nove anos antes do artista retratá-lo. O tema da tela é o conflito da Guerra do Paraguai, retratando de forma épica o duelo. Na visão do artista, a violência da guerra ganha contornos heroicos. O trabalho é um dos símbolos mais importantes da fase das pinturas históricas da Academia.</p> <p>A ala interage com canhões, simulando a guerra.</p>	Comunidade (2011)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Jorge Luiz Silveira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
09	<p>“Independência ou Morte (Pintura de Pedro Américo)”</p> 	<p>A ala faz referência a obra de Pedro Américo, finalizada em 1888. A tela encomendada pela Família Real representa a cena de Dom Pedro I proclamando a Independência do Brasil as margens do Rio Ipiranga. Junto da figura clássica do imperador empunhando a espada, surgem os Dragões da Independência – a guarda da coroa. Montados em seus cavalos, fazem alegoria à libertação política do Brasil da interferência portuguesa, inaugurando um novo império.</p>	Comunidade (2011)	Direção de Carnaval
*	<p>“Iracema”</p> 	<p>Nossa rainha rende homenagem a tela “Iracema” do pintor José Maria de Medeiros, pintada em 1881. A obra faz referência ao romance de mesmo nome de José de Alencar, publicado em 1865. Neste período a arte da academia absorve a figura do índio como herói mítico nacional. Esse movimento ficou marcado como “Indianismo”. É dessa época também “Moema” de Vitor Meireles, pintada em 1866 e “Marabá”, pintada por Rodolfo Amoedo em 1882.</p>	Rainha de Bateria (2011)	Raphaela Gomes

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Jorge Luiz Silveira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
10	<p>“D. Pedro I (Pintura de Manuel Araújo de Porto Alegre)”</p> 	<p>A Fiel Bateria da São Clemente rende homenagem a obra de Manuel de Araújo Porto-Alegre. O Quadro retrata a figura do imperador em seu fardão oficial, destacando a glória e a riqueza do Império Brasileiro. A pintura de retrato era uma das formas mais importantes de representação de status e poder entre a nobreza.</p>	Bateria (2011)	Caliquinho e Gil
*	<p>“O Orientalismo”</p> 	<p>Os coordenadores dos passistas rendem homenagem a uma importante fase da arte dos salões acadêmicos: o Orientalismo. Integrado a temas tradicionais, temas bíblicos e de atmosfera oriental desperta o interesse do olhar dos artistas da Academia. A roupa deles se integra ao figurino da ala dos passistas, que vem logo em seguida.</p>	Coordenadores da Ala dos Passistas (2011)	Belinha Delfim e Rafael Jhonson

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)				
Jorge Luiz Silveira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
11	<p>“O Orientalismo”</p> <p>Rabequista Árabe (Figurino Masculino)</p>  <p>Judith Rende Graças a Jeová (Figurino Feminino)</p> 	<p>Nossos passistas rendem homenagem a uma importante fase da arte dos salões acadêmicos: o Orientalismo. Integrado a temas tradicionais, temas bíblicos e de atmosfera oriental desperta o interesse do olhar dos artistas da Academia. Os Passistas masculinos representam a tela “A rabequista árabe” de 1884, e as passistas femininas representam a tela “Judith rende graças a Jeová” de 1880, ambas de Pedro Américo.</p>	Passistas (2011)	Belinha e Rafael

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Jorge Luiz Silveira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
12	<p>“Batalha do Guararapes (Pintura de Victor Meirelles)”</p> 	<p>A ala rende homenagem a tela de Victor Meirelles de Lima. Pintada em 1879 a obra retrata o conflito entre o exército holandês e os defensores do império português no Morro dos Guararapes, em Recife, entre 1648 e 1649. A fantasia é inspirada no uniforme dos soldados holandeses retratados na obra histórica do professor da Academia.</p>	Comunidade (2011)	Direção de Carnaval
*	<p>“O Ouro da Vitória”</p> 	<p>Um dos ritos mais importantes da Academia eram os Salões anuais. Os melhores alunos da Escola eram condecorados com medalhas de ouro, prata e bronze.</p>	Musa (2011)	Amanda Gomes

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Jorge Luiz Silveira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
13	“O Sol do Novo Mundo” 	<p>Com a chegada do pintor alemão Georg Grimm em 1882 para lecionar na cadeira de pintura de paisagem, o olhar dos artistas acadêmicos sobre a paisagem brasileira começa a mudar. Ao introduzir a pintura ao ar livre em suas aulas, o professor chamou atenção do olhar dos alunos a luminosidade local. O mestre desperta a percepção de seus alunos para os tons presentes na natureza tropical de nosso país, instigando-os a representar o cenário natural com suas reais cores, libertos das determinações dogmáticas dos manuais acadêmicos.</p>	Comunidade (2011)	Direção de Carnaval
14	“As Águas Cristalinas” 	<p>Ao adentrar a paisagem brasileira, os artistas se deparam com um país banhado por um manancial de águas cristalinas. Uma riqueza enorme de rios, cascatas, lagos e lagoas refletem a luz do sol e enchem de vida o cenário local. O calor das águas da Guanabara e de todo imenso litoral desse país continental serviu como um grande tema para seus estudos em diversas telas.</p>	Comunidade (2011)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Jorge Luiz Silveira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
15	<p>“O Verde em Infinitos Tons”</p> 	<p>A força da mata e a diversidade de espécies do Brasil instiga a curiosidade dos artistas. A incrível variedade vegetal brasileira torna-se um atrativo ao olhar. Ao adentrar a floresta e perceber suas formas exóticas a paisagem chama os artistas para dentro da essência de nosso país: virgem e exuberante. Um paraíso natural, pronto para ser desvendado pelas pinceladas destes artistas.</p>	Comunidade (2011)	Direção de Carnaval
16	<p>“Raízes e Troncos”</p> 	<p>Ao percorrer os bosques brasileiros, desbravando a floresta virgem, os artistas se encantam com arvores seculares; testemunhas da imponência e da permanência no tempo de nossa força nativa. Imensos caules erguem-se na mata; raízes cavam profundo no solo; troncos constroem labirintos naturais, instigando ainda mais o olhar curioso dos artistas. Tudo se torna cenário ao olhar dos pintores.</p>	Comunidade (2011)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Jorge Luiz Silveira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
17	<p>“Flores de Todas as Cores”</p> <p>Figurino 01</p>  <p>Figurino 02</p> 	<p>Ao levar o cavalete para o bosque e pintar em contato direto com a natureza, os pintores da Academia experimentam novas sensações visuais. A natureza brasileira provoca o olhar dos artistas através de uma enorme variedade de espécies vegetais. Flores multicoloridas se destacam em meio ao verde perene das matas. Hibiscos, begônias, bromélias; um mundo de tons e texturas se descortina e ganha esplendor através das telas.</p>	Comunidade (2011)	Direção de Carnaval
18	<p>“Aves Coloridas”</p> 	<p>Assim como as flores enfeitam o verde da mata, pássaros de cores exuberantes coloreem os céus iluminados do Novo Mundo. Espécies exóticas da mata brasileira trazem para a tela dos artistas matizes coloridas da riqueza de nossa fauna. O bater das asas inspira a liberdade presente no ato de pintar ao ar livre, em contato direto com a natureza.</p>	Comunidade (2011)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)

Jorge Luiz Silveira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>“Céu Tropical”</p>  <p><i>Musa Bruna Almeida</i></p>	<p>Ao olhar para o céu tropical, a percepção dos artistas se abriu para novas impressões cromáticas. O intenso azul ensolarado é pincelado por matizes de araras coloridas, cruzando a imensidão. A natureza sensibiliza fortemente a obra dos artistas. O contato direto com a força da mata carioca orienta a criação na busca das cores da nossa terra; rica e esplendorosa.</p>	<p>Musa (2011)</p>	<p>Bruna Almeida</p>
19	<p>“O Violeiro de Almeida Junior”</p> 	<p>Almeida Junior registra nesta obra o desejo de aproximar sua arte do cotidiano do homem do interior. Ao buscar o tema rural, o homem simples, o pintor representa a essência do brasileiro, com seus hábitos mais naturais. A tela de 1899 suprime a monumentalidade e começa a traçar uma linha na direção de representar os personagens brasileiros em suas telas.</p>	<p>Comunidade (2011)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>
20	<p>“As Marinas de Pancetti”</p> 	<p>José Pancetti, de origem familiar italiana, destacou-se por suas pinturas sobre o litoral brasileiro. As paisagens marinhas se apresentam em suas telas repletas da luminosidade da nossa terra, registrando a relação do homem com o mar. Pelo volume e qualidade de sua produção, é considerado pelos especialistas como um dos mais importantes pintores paisagistas brasileiros.</p>	<p>Comunidade (2011)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Jorge Luiz Silveira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
21	<p>“A Alma de Vicente do Rêgo Monteiro”</p> 	<p>Original de Recife, Vicente do Rego Monteiro era um artista múltiplo: pintor, desenhista, muralista. Sua obra é marcada por uma forte densidade, que aproxima a textura de suas imagens da escultura. Sua paleta de cor cerâmica reflete suas referências do universo nordestino que alimentaram sua formação. Temas míticos, cotidianos e religiosos serviram de tema para suas composições. A espiritualidade da alma do brasileiro ganha forma pelas mãos do artista.</p>	Comunidade (2011)	Direção de Carnaval
22	<p>“O Surrealismo de Ismael Nery”</p> 	<p>Nascido no Pará, Ismael Nery ingressou muito jovem na Escola de Belas Artes. Ao contrário de muitos artistas contemporâneos ao seu período, o pintor fugiu dos temas nacionais e focou seu interesse nas questões filosóficas da existência. O corpo humano multifacetado tornou-se um reflexo de sua busca pelas diferentes identidades da psique. Sua pintura é fortemente marcada por um essencialismo caótico, cheio de contrastes de formas e cores.</p>	Comunidade (2011)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)

Jorge Luiz Silveira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
23	<p>“Pipas da Infância de Portinari”</p> 	<p>Nascido na cidade de Brodowski, São Paulo, Portinari é considerado um dos maiores pintores de todos os tempos da arte brasileira. Com cerca de quase cinco mil obras catalogadas, o pintor registrou os mais diferentes aspectos da formação da identidade do povo brasileiro. Artista de renome internacional, figura entre os mais significativos acervos pictóricos do mundo. A ala faz referência a fase lúdica de seu trabalho, com imagens da sua infância na pequena Brodowski: pipas coloridas pontuam o céu de suas telas.</p>	Comunidade (2011)	Direção de Carnaval
24	<p>“A Chuva de Oswald Goeldi”</p> 	<p>Mestre da xilogravura brasileira, Goeldi é uma referência brasileira nessa expressão artística. Foi professor no curso de gravura da Escola de Belas Artes, onde formou gerações de incríveis discípulos. Sua obra é fortemente marcada pelos acentuados contrastes entre a luz e sombra, pontuadas pela cor. A vida simples, o cenário da periferia, o pescador, são presenças marcantes entre seus temas. A ala faz referência a uma de suas gravuras mais famosas: “A chuva” – um homem de capa caminha na noite escura em meio a chuva; destaca-se seu guarda-chuva vermelho.</p>	Comunidade (2011)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Jorge Luiz Silveira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>“Ameno Rosedá (Professor Rodolpho Amoedo)”</p> 	<p>Um dos primeiros contatos entre o universo das artes da Academia e o carnaval de rua da cidade foi através do professor Rodolfo Amoedo. Pintor, diretor da Escola de Belas Artes, o professor pintou o estandarte do Ameno Resedá, importante rancho carnavalesco, em meados de 1913. A destaque carrega consigo uma réplica deste estandarte.</p>	<p>Destaque de Chão (2011)</p>	<p>Danielle Soares</p>
*	<p>“Luminárias de Carnaval”</p> 	<p>A partir dos anos 50 artistas e professores da Escola de Belas Artes participaram do desenvolvimento da decoração de rua dos carnavais da cidade do Rio de Janeiro. Através do domínio de matérias e técnicas construtivas, os profissionais oriundos da EBA redimensionaram as características dos ornamentos. Nomes como Fernando Pamplona, Adir Botelho, Rosa Magalhães e Mauro Monteiro exploraram diversos temas em cenários luminosos. Neste elemento destacamos a decoração emblemática realizada por Adir Botelho, Fernando Santoro e David Ribeiro para o carnaval de 1965, cujo tema eram as aquarelas do artista Debret.</p>	<p>Guardiões da lateral do Setor (2011)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)

Jorge Luiz Silveira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
25	<p>“A Viagem Pitoresca Através de Dirceu e Marie Louise Nery”</p> 	<p>Em 1959 o Salgueiro levou para avenida o carnaval “Viagem pitoresca através do Brasil- Debret, realizado pelo casal de artistas Dirceu e Marie Louise Neri. Através de uma estética revolucionaria para época, os artistas implementaram conceitos plásticos nos desfiles carnavalescos, fundamentados no conhecimento oriundo da EBA. O próprio tema deste desfile rendia homenagem a um dos filhos mais ilustres da instituição: Jean Baptiste Debret.</p>	Comunidade (2011)	Direção de Carnaval
26	<p>“O Quilombo de Pamplona”</p> 	<p>Um dos nomes mais importantes da história do carnaval carioca, o mestre Fernando Pamplona, foi o professor responsável por levar uma grande geração de alunos da EBA para os barracões das escolas de samba a partir dos anos 60. Artista impar na defesa das matrizes culturais do carnaval, foi responsável por trazer ao universo dos desfiles das escolas de samba a valorização dos temas africanos. A ala faz referência ao desfile realizado por Pamplona no Salgueiro em 1960: “Quilombo dos Palmares”. Nesse carnaval padrões geométricos remetiam a estética da linguagem da arte das estampas africanas.</p>	Comunidade (2011)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Jorge Luiz Silveira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
27	“Domingo de Maria” 	<p>Maria Augusta: artista oriunda do grupo encabeçado pelo professor Fernando Pamplona no Salgueiro, foi na União da Ilha que marcou sua identidade através de desfiles extremamente populares e cariocas, com temáticas leves e cotidianas. A fantasia faz referência a uma das alas do desfile de 1977: “Domingo”. Nesse trabalho a carnavalesca reproduzia a alegria festiva do domingo do carioca.</p>	Comunidade (2011)	Direção de Carnaval
28	“Passarinho, Passarola de Lícia Lacerda” 	<p>A artista oriunda da Escola de Belas Artes iniciou sua carreira no carnaval do Salgueiro de 1971 como assistente. Na época ainda era aluna da escola. Ao longo dos anos desenvolveu uma parceria de trabalho com a professora Rosa Magalhães, que rendeu belos desfiles. A ala faz referência a um desfile onde a artista assinou sozinha a autoria do trabalho: “Passarinho, passarola quero ver voar”, realizado na Tradição em 1994. Nesse trabalho a carnavalesca imortalizou o sentimento do home de voar.</p>	Comunidade (2011)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figuristas)

Jorge Luiz Silveira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
29	<p>“Rosa na Corte dos Tupinambôs e Tabajeres”</p> 	<p>Rosa Magalhães: a maior campeã do carnaval carioca tem sua carreira marcada por momentos marcantes na história dos desfiles. O requinte de seus desfiles imprimiu no tempo uma marca própria, cultuada no mundo do samba como uma das maiores representantes da arte carnavalesca. Nossa homenagem a professora é através do figurino de sua histórica comissão de frente na Imperatriz Leopoldinense de 1994. “Catarina de Médici na corte dos Tupinambôs e Tabajeres”: leques em verde e dourado marcaram a coreografia histórica daquele ano, inaugurando uma nova era na dinâmica das apresentações deste quesito.</p>	Comunidade (2011)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Jorge Luiz Silveira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
30	<p>“Taí Márcia, Eu Fiz Tudo pra Você Gostar de Mim”</p> <p>Figurino 01</p>  <p>Figurino 02</p> 	<p>Marcia Lage, atual carnavalesca da Grande Rio ao lado de seu marido, o cenógrafo e carnavalesco Renato Lage, figura entre as mais importantes artistas do carnaval carioca. Em 2008 deu ao Império Serrano o campeonato da série A com o enredo “Taí, eu fiz tudo pra você gostar de mim”, reverenciando Carmem Miranda. A fantasia faz referência a comissão de frente daquele ano desenvolvida pela artista, composta por representações da Carmem e do Zé Carioca.</p>	Comunidade (2011)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantásias

Criador(es) das Fantásias (Figurinistas)

Jorge Luiz Silveira

DADOS SOBRE AS FANTÁSIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
31	<p>“Bacharéis da Academia”</p> 	<p>A última ala da São Clemente presta uma homenagem a geração atual de alunos da EBA. Após os mais de 200 anos de história, a instituição se consagrou como um dos mais importantes celeiros de artistas do nosso país. Pioneira no desenvolvimento de linhas de pesquisa nas mais diversas áreas da criação. Hoje são diversos cursos na graduação e pós-graduação, configurando a maior e mais complexa escola de arte da América Latina.</p> <p>Neste figurino, em parceria com a direção da EBA, 300 telas foram pintadas pelos alunos dos mais diferentes cursos. Nessa tarefa, participaram 300 alunos selecionados para representar a pluralidade de linguagens estéticas que a instituição apresenta.</p> <p>A roupa de formandos traz um protesto ao incêndio ocorrido no prédio da instituição em 2016 na forma de chamas incandescentes. No peito, a medalha cunhada em homenagem aos 200 anos da escola. Nas costas as asas da fênix: nosso maior desejo é poder chamar a atenção das autoridades para o difícil momento que a EBA atravessa sem suas instalações. Aspiramos que a EBA se recomponha, como o pássaro mitológico, que renasce das cinzas.</p> <p>No meio dessa ala um elemento alegórico representa a fênix, composta por objetos de trabalho das oficinas da Escola de Belas Artes.</p>	Comunidade (2011)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Local do Atelier Cidade do Samba – Rua Rivadávia Correa, nº. 60 – Barracão nº. 09 – Gamboa – RJ	
Diretor Responsável pelo Atelier Thiago Martins	
Costureiro(a) Chefe de Equipe Sheila Martonelli	Chapeleiro(a) Chefe de Equipe Diversos
Aderecista Chefe de Equipe Diversos	Sapateiro(a) Chefe de Equipe Washington
Outros Profissionais e Respectivas Funções	
Ricardo Hessez	- Assistente do Carnavalesco
Almir	- Arame
Vitor	- Vime
Simone	- Espuma
Outras informações julgadas necessárias	

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Autor(es) do Samba-Enredo		
Gustavo Clarão, Ricardo Góes, Flavinho Segal, Serginho Machado, Naldo, Fabiano Paiva, Igor Marinho e Orlando Ambrósio		
Presidente da Ala dos Compositores		
Ricardo Góes		
Total de Componentes da Ala dos Compositores	Compositor mais Idoso (Nome e Idade)	Compositor mais Jovem (Nome e Idade)
46 (quarenta e seis)	Toninho Nascimento 71 anos	Thiago Meiners 25 anos
Outras informações julgadas necessárias		
<p>Vem ver! Convidei Debret Pra pintar o desfile do meu carnaval A arte neoclássica impera No Brasil colonial D. João! Em nobres traços vê inspiração E faz um Rio à francesa Erguendo os pilares do saber Emoldurando... a exuberante natureza Onde toda forma se mistura Na mais perfeita arquitetura</p> <p>É a força da mata, salve São Sebastião Onde o artista encontra o povo, a beleza desse chão Viu no tom a negritude, viu no índio a atitude BIS O esplendor de uma nação</p> <p>Ao ver a minha obra na avenida Relembro dos artistas imortais É a brasilidade dando vida A arte dos salões aos carnavais Hoje... “quem chorava vai sorrir” Os manuais vão reluzir A “missão” no peito de quem ama Em manter acesa a chama Recriar... os 200 de história Numa linda trajetória Academicamente popular</p> <p>A mais bela arte o samba me deu Fiz da São Clemente o retrato fiel Os traços mais finos, com as bênçãos de Deus BIS Deslizam no meu papel</p>		

FICHA TÉCNICA**Bateria**

Diretor Geral de Bateria Caliquinho				
Outros Diretores de Bateria Tião Belo, Stalone, Kaká, Rafael Patrick, David, Márcio, Sidney e Sidiclei				
Total de Componentes da Bateria 250 (duzentos e cinquenta) ritmistas				
NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS				
1ª Marcação 12	2ª Marcação 13	3ª Marcação 15	Rece-Reco 0	Ganzá 0
Caixa 90	Tarol 0	Tamborim 35	Tan-Tan 0	Repinique 20
Prato 01	Agogô 15	Cuíca 24	Pandeiro 0	Chocalho 24
Outras informações julgadas necessárias				
A bateria da São Clemente se diferencia das demais por ser a única entre as escolas de samba do Rio a não usar apito, somente conduzir a regência com gestos.				
Rainha de Bateria: Raphaela Gomes – Universitária – 19 anos				
Gilberto Almeida – Superintendente da bateria				

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Diretor Geral de Harmonia

Marquinho São Clemente

Outros Diretores de Harmonia

Evandro, Gustavo, Regina, Zé Luiz, Claudinho e Jorginho

Total de Componentes da Direção de Harmonia

40 (quarenta) componentes

Puxador(es) do Samba-Enredo

Intérprete Oficial – Leozinho Nunes

Auxiliares – Anderson Paz, Maninho, Vitória, Roselene, Cecília

Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo

Cavaco – Hugo Bruno

Violão – Rafael Prates e Victor Alves

Outras informações julgadas necessárias

A harmonia da São Clemente tem como objetivo levar a técnica e a alegria para todos os seus componentes, fazendo com que a escola cante e encante a todos com amor, garra e muita vontade de vencer.

FICHA TÉCNICA

Evolução

Diretor Geral de Evolução Roberto Gomes
Outros Diretores de Evolução Vários
Total de Componentes da Direção de Evolução 20 (vinte) componentes
Principais Passistas Femininos Juju São Clemente
Principais Passistas Masculinos Rafael Jhonson e Danilo Vieira
Outras informações julgadas necessárias A São Clemente trabalhou intensamente nos ensaios técnicos todas as terças e sábados, buscando aperfeiçoar o samba no pé, a garra e a vibração dos nossos componentes.

FICHA TÉCNICA

Informações Complementares

Vice-Presidente de Carnaval Ricardo Gomes (in memoriam)		
Diretor Geral de Carnaval Thiago Martins		
Outros Diretores de Carnaval Thiago Martins		
Responsável pela Ala das Crianças -		
Total de Componentes da Ala das Crianças -	Quantidade de Meninas -	Quantidade de Meninos -
Responsável pela Ala das Baianas José Luiz		
Total de Componentes da Ala das Baianas 70 (setenta)	Baiana mais Idosa (Nome e Idade) Maria José 81 anos	Baiana mais Jovem (Nome e Idade) Bianca 28 anos
Responsável pela Velha-Guarda Luzia Carvalho		
Total de Componentes da Velha-Guarda 20 (vinte)	Componente mais Idoso (Nome e Idade) Lizete 80 anos	Componente mais Jovem (Nome e Idade) José Jorge 63 anos
Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.) -		
Outras informações julgadas necessárias		

FICHA TÉCNICA**Comissão de Frente**

Responsável pela Comissão de Frente Kiko Guarabyra		
Coreógrafo(a) e Diretor(a) Kiko Guarabyra		
Total de Componentes da Comissão de Frente 15 (quinze)	Componentes Femininos 05 (cinco)	Componentes Masculinos 10 (dez)
Outras informações julgadas necessárias		
<p>Nome da Comissão de Frente: “O Ateliê”</p> <p>Representatividade: O ateliê é uma extensão do próprio artista. É o espaço entre o esforço e a inspiração. É nele que a arte ganha forma; um verdadeiro eco da mente do artista. Em seu mundo particular nascem as ideias e ganham a materialidade através de um conceito. Todo ateliê é uma caixa de ressonância da alma criativa – local de caos e equilíbrio. É onde o artista ganha repouso para seus ímpetos e faz explodir seu trabalho para além da mente.</p> <p>É onde surge o ato inicial; do lápis ao papel, da tinta e do pincel, da pedra e do cinzel.</p> <p>Nossa comissão de frente vai representar o mágico espaço de um ateliê, onde as ideias circulam em eufórica dinâmica. A arte ganha vida através do gesto dos artistas.</p> <p>O Tripé trazido pela comissão de frente representa um atelier de arte atemporal; é a representação do espaço criativo do artista plástico, interagindo com as cores e as formas no ato da criação. Os rapazes encarnam a figura do artista, envolto nas cores; as moças encarnam a forma de musas inspiradoras para esses artistas. Uma das moças se destaca como sendo a materialização da obra do pintor, ganhando vida em meio a composição criada na avenida, na forma de uma linda bailarina.</p>		
<u>Kiko Guarabyra:</u>		
Coreógrafo, bailarino, modern jazz e contemporâneo. Especializado em canto e metodologia de dança. Experiência como coreógrafo em companhias de dança, programas de tv, peças teatrais e musicais, vídeo clips de artistas (cantores e atores), shows e eventos. Experiência como bailarino em espetáculo de dança, companhias de dança, comerciais publicitários, seriados internacionais e vídeo clips. Experiência como professor em escolas de dança, academias, empresas e projetos culturais.		
<u>Experiência profissional no exterior:</u>		
Solista da Cia de dança Shirley Kirkes Mar (Los Angeles Academy West); solista do vídeo clip “The Time”, dirigido por Grant Taylor (UCLA – Los Angeles); participação no seriado “FAME” – (Los Angeles); aprovado na audição do musical “Cats” – (Los Angeles) para integrar o elenco principal; coreógrafo da cantora Nistha A. (Los Angeles).		

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Outras informações julgadas necessárias

Experiência profissional no Brasil:

Coreógrafo Experts convidado da F.I.G. (Federação Internacional de Ginástica Artística).

Coreógrafo de várias ginastas do clube Fluminense e do clube do Flamengo que tem integração a Seleção Brasileira.

Coreógrafo de Tatiana Figueiredo atleta representante do Brasil nos Jogos Olímpicos de Los Angeles.

Coreógrafo da série de solo de Soraya Carvalho qualificada para representar o Brasil nos Jogos Olímpicos de Atlanta.

Coreógrafo do musical “COMUNITÁ” em cartaz no Rio e São Paulo durante o final de 2003 e 2004.

Coreógrafo do musical “CONSTELLATION” em cartaz durante 2 anos entre o eixo Rio/São Paulo/Brasília, Porto-Alegre (2002/2003)

Coreógrafo do cantor Chris Duran – divulgação do novo cd e música de trabalho no Brasil em diversos programas de TV (Globo/RedeTV/Band/SBT/Record)

Coreógrafo do musical “FRANCISCO” sobre a vida de Francisco de Assis que permaneceu em cartaz durante 5 anos (Rio/Brasília e etc.) – Direção Ciro Barcellos.

Coreógrafo do show “Ela é Carioca” – Direção Abelardo Figueiredo.

Coreógrafo do programa VIDA AO VIVO c/ Luís Fernando Guimarães e Pedro Cardoso (TV Globo) – Direção Ary Coslov.

Coreógrafo convidado do programa “A TURMA DO DIDI” de Renato Aragão (TV Globo) – Direção Paulo Aragão

Coreógrafo do especial p/ TV “DIDI E SUA TURMA” - ATL Hall – Direção Jorge Fernando

Coreógrafo do show “INTUIÇÃO” do cantor Fábio Jr (Canecão/Imperator e etc.) – Direção Roberto Talma.

Coreógrafo do show “DEPOIS DA CAMA” do cantor Wando – (Canecão / RJ)

Coreógrafo do show “PAIXÃO” do cantor José Augusto.

Coreógrafo exclusivo do grupo “DOMINÓ” – Promoarte – coreografia de 5 músicas de trabalho de diferentes CDs do grupo.

Coreógrafo do grupo “APOLOS” – coreografia de lançamento do grupo.

Coreógrafo do vídeo clip funk da cantora Rosana

Coreógrafo do musical “Deu Broadway na Cabeça” – Dir. Cidinha de Paula – (Garden Hall)

Integrou a Cia de dança Ballet do terceiro Mundo de Ciro Barcellos.

Participação especial na Cia de Dança Vacilou Dançou.

Participação especial na Cia de Dança Denise Cerqueira.

Bailarino selecionado p/ o comercial de lançamento da Malt 90 no Brasil c/ o coreógrafo americano Dennõn Rawles.

Bailarino comercial da Caixa Econômica Federal.

Bailarino do comercial Hollywood Spor Line.

Coreógrafo e diretor do Grupo Guarabyra

Coreógrafo do Grupo “Pernas Vicais” c/ direção de Ney Matogrosso.

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Outras informações julgadas necessárias

Cursos Ministrados:

- Academia Califórnia, (Milano/Itália) – Modern Jazz
- Centro de Artes Saronno (Itália) – Modern Jazz
- On Stage (Milano/Itália) – Modern Jazz
- Art Studio (Largo de Garda/Itália) – Modern Jazz
- Ballet Academy (Estocolmo/Suécia) – Modern Jazz
- Vik Ballet School (Verona/Itália) – Modern Jazz
- Academy West (Sta Mônica/Los Angeles) – Modern Jazz
- Faculdade Federal de Educação Física da Bahia
- Escola de Ballet EBATECA (Salvador/BA)
- Academia Lider de Arte (Rondonópolis/MT)
- Ballet Caroline (Cuiabá/MT)
- Academia Cláudia Borges (Fortaleza/CE)
- Academia Sate Dança (Fortaleza/CE)
- Dance Studio (Fortaleza/CE)
- Academia Movimento (Belo Horizonte/MG)
- Clube de Tênis (Foz do Iguaçu/PR)
- Academia Nora Andrade (Pati de Alferes/MG)

Prêmios:

- Melhor Bailarino pelo CBDD (Concelho Brasileiro de Dança) – entregue pela bailarina Cubana Alícia Alonso
- Melhor coreografia na 1ª Mostra de Novos Coreógrafos
- Melhor coreografia – comercial Caixa Econômica Federal
- Melhor comercial / coreografia – Malt 90

Formação Profissional (formou-se com os seguintes prof./coreógrafos)

Lennie Dale – Michael Rooney – Dennõn Rawles – Joe Bennet – Clowde Topson – Tatiana Leskova - Nino Giovanetti – Carlota Portela – Aldo Lotufo – Edmundo Carijó – Ciro Barcellos – Marly Tavares

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

1º Mestre-Sala Fabrício Pires	Idade 35 anos
1ª Porta-Bandeira Amanda Poblete	Idade 21 anos
2º Mestre-Sala Anderson Mota	Idade 30 anos
2ª Porta-Bandeira Bárbara Falcão	Idade 23 anos
3º Mestre-Sala Marcelo Tchetchelo	Idade 44 anos
3ª Porta-Bandeira Érica Duarte	Idade 32 anos

Outras informações julgadas necessárias

1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

FANTASIA: “O ENCONTRO”

O QUE REPRESENTA: A Missão Artística trouxe ao Novo Mundo o conhecimento Neoclássico, base da civilização europeia. Ao chegar no Brasil, ocorre o encontro destes conhecimentos com as matrizes indígenas nativas e os saberes oriundos dos africanos, trazidos como mão-de-obra escrava para servir o Império. Esses três mundos se entrelaçam, dando origem a uma nova nação, composta por essas três essências culturais.



FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

FANTASIA: “MATRIZ AFRICANA”

O QUE REPRESENTA: Pelas ruas do Rio de Janeiro Debret se depara com uma cidade erguida por mãos negras. Milhares de homens e mulheres trazidos da África em regime de escravidão compunham a base da pirâmide produtiva do império. Diferentes etnias, nações, credos e ritos culturais: arrancados de sua terra natal, para servir de mão-de-obra na construção deste novo país. O artista registra em suas aquarelas toda diversidade que encontrou por aqui.



3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

FANTASIA: “GEORGINA DE ALBUQUERQUE E A PLANTAÇÃO DE CAFÉ”

O QUE REPRESENTA: Georgina foi a primeira mulher a assumir a cadeira da diretoria da Escola de Belas Artes nos anos 1950. De origem paulistana, a pintora trouxe de viagens que fez a Europa conceitos da arte impressionista. Em suas telas, a beleza da luminosidade brasileira contornava elegantes figuras humanas. A obra representada na fantasia faz referência ao trabalho nas lavouras de café.



G.R.E.S. UNIDOS DE VILA ISABEL



**PRESIDENTE
BERNARDO BELO**

“Corra que o futuro vem aí!”



Carnavalesco
PAULO BARROS

FICHA TÉCNICA**Enredo**

Enredo “Corra que o futuro vem aí!”					
Carnavalesco Paulo Barros					
Autor(es) do Enredo Paulo Barros					
Autor(es) da Sinopse do Enredo Paulo Barros – Isabel Azevedo – Ana Paula Trindade – Simone Martins					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile Paulo Barros					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
01	As 100 Maiores Invenções da História	Tom Philbin	Editora Difel	2006	Todas
02	A Alma de Leonardo da Vinci: Um Gênio em Busca do Segredo da Vida	Fritjof Capra	Editora Cultrix	2012	Todas
03	A Era das Revoluções (1789-1848)	Eric Hobsbawm	Paz e Terra	2004	Todas
04	Bússola: A Invenção que mudou o Mundo	Amir D. Aczel	Jorge Zahar Editor	2002	Todas
05	Santos Dumont e a Invenção do Avião	Henrique Lins de Barros	CBPF	2006	Todas
06	<i>Sapiens</i> : Uma Breve História da Humanidade	Yuval Noah Harari	Editora L&PM	2017	Todas
07	Guia A História do Computador: da Pré-História ao Futuro	Ana Vasconcelos	Editora On Line	2016	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Relação de sites

Abertura - E Fez-se a Luz!

<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/geografia/tecnica-e-tecnologia-como-o-homem-construiu-o-conhecimento.htm>

www.blogs.unicamp.br/pt_BR/blog/uma-breve-introducao-historia-da-tecnica-e-da-tecnologia

www.blogs.unicamp.br/apedra/2016/05/06/nossos-primeiros-passos

www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCACAO_E_TECNOLOGIA/HIS_TDATECNICA.PDF

<http://conceito.de/invencao#ixzz4kBCY6ssD>

www.revistas.ufg.br/rir/article/viewFile/20417/19175

www.youtube.com/watch?v=ySMr3SDZY9Y (vídeo *A aventura do conhecimento*)

www.historiadigital.org/curiosidades/10-grandes-invencoes-de-leonardo-da-vinci

www.cienciahoje.org.br/noticia/v/ler/id/2785/n/a_descoberta_que_mudou_a_humanidade

<http://gcn.net.br/noticias/214996/clubinho/2017/11/a-descoberta-do-fogo-mudou-a-vida-do-homem>

<http://revistagalileu.globo.com/Caminhos-para-o-futuro/Energia/noticia/2016/10/ha-137-anos-uma-lampada-eletrica-foi-acesa-por-thomas-edison.html>

<https://super.abril.com.br/historia/prometeu-martir-e-heroi/>

www.fnac.pt/Uma-Viagem-na-Historia-das-Ciencia-O-Legado-de-Prometeu-RAQUEL-GONCALVES-MAIA/a146797#

www.aspi.org.br/Portals/0/aspi/historico1/ASPI25ANOSCapituloI.pdf

Setor 01 – Gira Mundo sem Parar

www.museudantu.org.br

<http://claudiofilosofo.blogspot.com.br/2010/06/roda-como-grande-invento-da-humanidade.html>

www.carroantigo.com

www.educamor.net

www.cdcc.usp.br

<http://efisica.if.usp.br/mecanica/curioso/historia/antiguidade>

netserv.em.com.br

www.researchgate.net/publication/308654194_Aspetos_Gerais_sobre_Engrenagens

www.if.ufrgs.br/tex/fis01043/20012/Severo/arquimedes.html

<https://civilgeeks.com/2011/08/15/arquimedes-un-gran-genio-cientifico-un-titan-de-la-guerra>

www.anthropologies.es/arquimedes-el-hombre-que-se-enfrento-a-un-ejercito

www.autoentusiastasclassic.com.br/2010/06/as-antigas-e-surpreendentes-sementes.html?m=1

www.etimologista.com/2012/11/a-origem-do-moinho.html

<http://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/historia-geral/os-moinhos.htm>

<http://m.meusrelogiosantigos.com.br/curiosidades/a-historia-do-relogio>

<http://super.abril.com.br/historia/relogio-maquina-do-tempo>

<http://infobart.blogspot.com.br/2008/06/primitivos-relgios-mecnicos.html>

<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/fabricas-tempo-relogio.htm>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Locomotiva_a_vapor

<http://historiaemcartaz.blogspot.com.br/2015/10/revolucao-industrial-as-maquinas-que.html>

FICHA TÉCNICA

Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Setor 02 – O Mundo na Palma da Mão

<http://antigoegito.org/a-escrita-dos-hieroglifos>
www.cienciahoje.org.br/noticia/v/ler/id/658/n/hieroglifos_baguncam_historia_da_escrita_na_america
www.pucrs.br/edipucrs/oegitoantigo.pdf
<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/egito-antigo-planicie-fertil-do-rio-nilo-favoreceu-civilizacao-egipcia.htm>
www.egitoantigo.net/lingua-e-escrita-egipcia.html
http://dialogica.ufam.edu.br/PDF/no3/Eduardo_Aspectos_da_escrita_na_Historia_da_humanidade.pdf
www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=911&sid=7
<https://hestoriadopc.wordpress.com/2011/06/23/abaco-a-primeira-calculadora-da-historia>
www.tecmundo.com.br/tecnologia-da-informacao/1697-a-historia-dos-computadores-e-da-computacao.htm
<http://brasilescola.uol.com.br/matematica/o-abaco.htm>
<http://historiadomundo.uol.com.br/idade-moderna/invencao-imprensa.htm>
<http://brasilescola.uol.com.br/historiag/invencao-imprensa.htm>
www.britannica.com/biography/Johannes-Gutenberg
www.terra.com.br/noticias/tecnologia/antonio-meucci-o-inventor-do-telefone-nasceu-ha-205-anos,00d9401577afd310VgnVCM3000009acceb0aRCRD.html
www.cienciaviva.pt/projectos/inventions2003/eca.asp
www.tecmundo.com.br/ciencia/20570-graham-bell-ou-antonio-meucci-quem-inventou-o-telefone-.htm
<http://brasilescola.uol.com.br/datas-comemorativas/dia-telefone.htm>
www.tecmundo.com.br/tecnologia-da-informacao/1697-a-historia-dos-computadores-e-da-computacao.htm
<https://novaescola.org.br/conteudo/2950/computadores-janelas-para-o-mundo>
www.cultura.gov.br/o-dia-a-dia-da-cultura/-/asset_publisher/waaE236Oves2/content/ministro-da-cultura-gilberto-gil-em-aula-magna-na-universidade-de-sao-paulo-usp-/11025

Setor 03 – Som e Imagem em Ação

<http://minasnerds.com.br/2016/03/11/arte-e-ciencia-conexoes-e-reflexoes>
<http://biblioteca.cm-seixal.pt/Documentao/Servi%C3%A7os/Espa%C3%A7o%20Jovem/Teatro%20de%20Sombras.pdf>
<http://fotografiamais.com.br/historia-completa-da-fotografia>
<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/artes/fotografia-1-como-a-tecnica-foi-inventada.htm>
www.infoescola.com/artes/fotografia
www.tecmundo.com.br/fotografia-e-design/60982-175-anos-fotografia-conheca-historia-dessa-forma-arte.htm
<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/moci/article/viewFile/1967/1237>
<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/origem-cinema.htm>
<http://cultura.estadao.com.br/noticias/cinema,invencao-sem-futuro-dos-irmaos-lumiere--o-cinema-faz-120-anos,10000005794>

FICHA TÉCNICA

Enredo

Outras informações julgadas necessárias

www.sul21.com.br/jornal/o-dia-em-que-os-irmaos-lumiere-apresentaram-o-cinema-ao-mundo/
www.smartkids.com.br/trabalho/evolucao-do-radio
www.youtube.com/watch?v=xBNLIrErprA
<https://escola.britannica.com.br/levels/fundamental/article/Guglielmo-Marconi/481834>
www.ipv.pt/forumedia/4/16.htm
www.abert.org.br/web/index.php/quemsomos/historia-do-radio-no-brasil
www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/marketing/o-surgimento-do-radio-e-da-televisao/42860
<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-09/chacrinha-100-anos-conheca-trajetoria-do-velho-guerreiro>
www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/Um%20olhar%20historico%20na%20formacao%20e%20sedimentacao%20da%20TV%20no%20Brasil.pdf

Setor 04 – Aonde você quer ir?

<https://educacao.uol.com.br/resenhas/bussola---a-invencao-que-mudou-o-mundo.htm>
<http://chc.cienciahoje.uol.com.br/como-chegar-la-sem-se-perder>
www.cienciahoje.org.br/noticia/v/ler/id/49/n/bussola:um-misterio-que-ajudou-a-desvendar-misterios
www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=798&sid=7
<https://super.abril.com.br/historia/bussola>
www.ahistoria.com.br/a-origem-da-bussola-e-sua-evolucao
<http://chc.org.br/a-ciencia-do-descobrimento>
<http://aoleme.cienciaviva.pt/?p=42>
<http://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/acervo/bartolomeu-lourenco-gusmao-padre-queria-voar-434927.phtml#.Wf4JfNWnGUK>
www.historiadetudo.com/balao
www.infoescola.com/curiosidades/balao-de-ar-quente
www.balonismo.org.br/historia
www.planetamergulho.com.br/showExemplar.asp?var_chavereg=96
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Escafandro>
www.immersioni.com.br/a-historia-do-mergulho
www.ebah.com.br/content/ABAAE-QUAC/santos-dumont-a-invencao-aviao
www.frm.org.br/acoes/o-poeta-voador-santos-dumont
<https://super.abril.com.br/historia/maquinas-realizam-o-sonho-de-voar>
<https://super.abril.com.br/historia/conquista-do-espaco>
<http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/a-conquista-do-espaco/n1237629098258.html>
https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Explora%C3%A7%C3%A3o_espacial
www.cienciahoje.org.br/noticia/v/ler/id/69/n/breve-historia-da-conquista-do-espaco
<http://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Espaco/noticia/2015/03/12-reflexoes-que-vaio-te-introduzir-ao-pensamento-de-carl-sagan.html>
http://conquista-do-espaco.blogspot.com.br/2010/05/rumo-ao-espaco_30.html?m=1
https://br.sputniknews.com/portuguese.ruvr.ru/news/2014_06_29/NASA-testou-com-sucesso-disco-voador-0350/
<https://mobile.seuhistory.com/noticias/nasa-comeca-produzir-discos-voadores-e-ja-planeja-envia-los-marte>

FICHA TÉCNICA

Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Setor 05 – Como Será o Amanhã?

www.atitudessustentaveis.com.br

www.pensamentoverde.com.br/reciclagem/arte-e-reciclagem-a-transformacao-do-lixo

<https://optclean.com.br/do-lixo-ao-luxo-o-objetivo-e-a-sustentabilidade>

www.cartacapital.com.br/sustentabilidade/lixo-materia-prima-do-futuro

www.greenme.com.br/consumir/reutilizacao-e-reciclagem/2936-reciclar-reutilizar-diferenca

www.viveirorenascer.com/2017/06/girassol-alternativa-ao-biodiesel.html#ixzz52IazVqdv

<http://biocombustivel.info>

www.somostodosum.com.br/artigos/corpo-e-mente/o-que-sao-produtos-organicos-1848.html

www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/448-4.pdf

www.portalconscienciapolitica.com.br/products/historia-da-educa%C3%A7%C3%A3o-ambiental

www.cartacapital.com.br/sustentabilidade/o-que-torna-uma-cidade-sustentavel-3443.html

<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/geografia/protocolo-de-kyoto-paises-se-comprometeram-a-reduzir-emissao-de-gases.htm>

<http://protocolo-de-kyoto.info/conferencias-sobre-meio-ambiente.html>

HISTÓRICO DO ENREDO

CORRA QUE O FUTURO VEM AÍ!

RESUMO

De onde viemos? Aonde vamos? Como escolher o futuro que queremos? A Vila Isabel quer traçar uma trajetória de descobertas e invenções que nos trouxeram até aqui. E que podem nos levar ainda mais longe. Depressa, tomem seus lugares. Preparados? A Vila vai partir! Vamos saber, juntos, o que ainda somos capazes de construir. Mas, para encontrar as respostas, precisamos começar olhando para o passado. Desde o início da história, estamos inventando o futuro, e, todos os dias, damos um passo em sua direção. Então, como nossos antepassados criaram o mundo que conhecemos hoje? O que descobrimos que fez com que chegássemos onde estamos? E o que seremos capazes de inventar ainda para revolucionar nosso futuro?

E FEZ-SE A LUZ!

Os primeiros habitantes do planeta viveram por muito tempo nas trevas, em um mundo perigoso e hostil. Há milhares de anos, estávamos sozinhos e na escuridão, até que começamos a aprender a controlar a natureza. O fogo foi a maior conquista do homem pré-histórico. Depois, descobrimos como carregar aquela luz e clarear os caminhos. E fomos evoluindo ao longo do tempo, inventando outras maneiras de transformar o conhecimento.

GIRA MUNDO SEM PARAR

E quem de nós fez o mundo girar? Uma nova era de mudanças surgiu quando criamos a primeira roda, utilizada na agricultura e em outras atividades. Passamos a produzir engrenagens que aumentam ou diminuem a velocidade. Ganhamos potência e resistência para levantar peso, fixar e deslocar objetos. E começamos a mover moinhos, movimentar as águas e controlar as horas, os segundos... Que surpreendente pensamento inventou de contar o tempo para a vida acelerar? Inventores extraordinários sempre contribuem para mudar nossas vidas com descobertas que nos levam a disparar em direção ao futuro!

O MUNDO NA PALMA DA MÃO

Para entender o presente e pensar o futuro, não podemos deixar de observar como nasceram os primeiros registros em barro, que, com o passar do tempo, deram origem à escrita de diferentes povos. E, quando surgiram os números e aprendemos a matemática, criamos invenções fantásticas, que multiplicaram nossa capacidade de somar. Letras e números inspiraram outra revolução na história da humanidade: a invenção da imprensa! Os livros impressos facilitaram a criação do futuro em todas as áreas e ganharam o mundo. A comunicação se expandiu, mas foi através do telefone que nos aproximamos ainda mais uns dos outros. Quanto mais avançamos, menores se tornam as distâncias entre nós. Em busca desse objetivo, inventamos a linguagem dos computadores. As primeiras máquinas eram enormes, mas em pouco tempo caberiam na palma de nossas mãos. Hoje, nos comunicamos em rede com pessoas de todo o planeta, com apenas um clique, de qualquer lugar. Estamos mais uma vez no limiar de uma nova era.

SOM E IMAGEM EM AÇÃO

E pensar que tudo começou em torno da luz, um fenômeno fascinante que também exerce uma influência incrível na história da arte e dos meios de comunicação da humanidade. No passado, a diversão vinha de uma das mais singelas e belas formas de representação: o teatro de sombras. Através de inúmeros estudos, muitos procuraram como reproduzir e fixar a imagem, até dominarem a técnica da fotografia. Logo, pessoas do mundo todo passaram a registrar os momentos mais importantes de suas vidas. Algumas dezenas de anos depois, podíamos chegar a todos os lugares com a informação. A invenção do rádio e da televisão permitiu a transmissão da notícia e do entretenimento de forma imediata. As grandes telas do cinema, a sétima arte que uniu imagem e movimento e criou efeitos especiais espetaculares para um público apaixonado, deixaram de ser o único espaço possível para assistir às superproduções. A grande estrela, a televisão, invadiu todos os lares e se transformou no principal veículo de massa do planeta.

AONDE VOCÊ QUER IR?

É preciso voltar no tempo, mais uma vez, para encontrar o melhor caminho para alcançar o futuro. Outra invenção que mudou o mundo foi a bússola. No mar, na terra ou no ar, viajantes e exploradores passaram a determinar uma direção e percorrer longas distâncias, a qualquer hora do dia ou da noite. Os navegantes conseguiram dominar os oceanos, sem perder o rumo, e o comércio entre os continentes floresceu. E os mistérios escondidos nas profundezas do mar, que sempre inquietaram o homem em suas viagens, também foram revelados. Esse desejo de conhecer lugares inexplorados inspirou as ideias de inventores visionários, atravessou séculos de inovação e nos levou a dominar até o espaço. Primeiro, vieram os balões. Depois, os aviões e os foguetes. Agora, podemos navegar em busca de outros planetas, vivendo a fantástica aventura da engenhosidade humana.

COMO SERÁ O AMANHÃ?

Mas foi um longo caminho percorrido até aqui. A essa altura, podemos escolher como queremos que seja o nosso amanhã. Em breve, as novas tecnologias que já estão nas ruas serão acessíveis a todos. Hoje, dispomos de conhecimento capaz de criar veículos que circulam sem causar nenhuma emissão de gases poluentes e que podem ser abastecidos em casa. Atravessamos milhares de anos, procurando conhecer a natureza e, agora, descobrimos como é importante preservá-la. Sem poluição nem devastação, podemos conceber um futuro sustentável, que produza energia limpa e em total equilíbrio com o meio ambiente. Afinal, é preciso avançar na direção de uma existência em harmonia e com respeito a todos aqueles que habitam o planeta. Pronto para se conectar? Viver em cidades inteligentes, em que tudo pode acontecer, se planejarmos e comandarmos digitalmente o nosso dia? Duvida? Então, corra, porque essa revolução já começou. Nos vemos no futuro!

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

Um mundo de descobertas e invenções

A Vila Isabel desfila, em 2018, com o surpreendente enredo “Corra que o futuro vem aí!”. Na Passarela, a Azul e Branco conduz o público em uma inusitada aventura através de grandes realizações da inventividade humana. Cada nova invenção é como um passo em direção ao futuro. Das técnicas rudimentares à tecnologia digital, a saga dos homens em busca de conhecimento é incessante e influencia nosso modo de viver, há centenas de milhares de anos; é condição essencial para a nossa existência, um valor indispensável que nos diferencia. Somos seres do conhecimento. Nas últimas décadas, mudanças radicais de comportamento em sociedade, influenciadas pelas novas tecnologias, chegam até nós, cada vez mais rápido. Precisamos nos preparar: investir em ciência e tecnologia e acreditar que, em muito pouco tempo, seremos capazes de conquistar o futuro desejado.

Explorar o passado, entender o presente e correr em direção ao futuro

Ao pensar que, nos primórdios da existência na Terra, vivíamos expostos aos perigos naturais, sem que nada pudesse nos proteger do frio, dos inimigos e das adversidades de um mundo hostil, nos perguntamos: o que aconteceu para que, hoje, o ser humano tenha acesso a todo tipo de tecnologia disponível ao seu conforto? Tudo o que utilizamos em nosso dia a dia está ao alcance de nossas mãos, e parece “natural” que nos pertença e que possamos, facilmente, fazer uso do que possuímos. Já parou para se perguntar como mudamos nossos hábitos e tivemos acesso a tantas coisas que queremos e sequer podemos dispensar? Qual a origem dos objetos, instrumentos, ferramentas, equipamentos e serviços que se tornaram indispensáveis para nossa existência? E o que mais ainda está por vir? Que vontades ainda podem ser satisfeitas? Que sonhos ainda estão por se realizar?

Fruto da criação humana e de um longo processo de aprendizagem e trocas, o que nos serve para viver é resultado da observação, da experimentação, da idealização e da engenhosidade de muitos homens que se deparam com o desafio de vencer obstáculos, solucionar problemas, ultrapassar limitações impostas pelo meio que os cerca. O desejo de superar dificuldades nos impulsiona a construir formas de melhorar a qualidade de nossas vidas: aprendemos a nos proteger ou diminuir nosso esforço, produzindo força e movimento; criamos maneiras de medir as horas, os minutos e os segundos; de armazenar e compartilhar informação, de criar e usufruir da arte, de saber o que se passa em outros lugares, de vencer distâncias e ganhar o mundo; de dominar e controlar a natureza, explorando seus recursos e, depois, entender por que é preciso recuperar o tempo perdido e preservá-la. E sonhamos em descobrir outros horizontes; projetar voos cada vez mais altos, propor novos desafios. Mas, antes, para que possamos avançar, é preciso perguntar: a quem devemos cada uma dessas conquistas? Como nos trouxeram até aqui?

A curiosidade nos faz percorrer os caminhos do conhecimento: procurar, questionar, propor, projetar, inventar... Nessa busca, é preciso desvendar o passado para compreender o presente e imaginar o futuro. Essa capacidade de investigar as inúmeras possibilidades de mudança

nos impulsiona, nos transforma a cada nova ruptura com os modelos existentes, que, muitas vezes, nos limitam e nos obrigam a conviver com a rotina e a sensação de que existem situações imutáveis. Aqueles que não se acomodam, os inquietos e os persistentes inventores de novos tempos, se diferenciam, pois conseguem enxergar o que ninguém de sua época foi capaz de conceber. O conhecimento é um processo dinâmico sem fim. Ele existe porque é transmitido e eternizado pelos curiosos, rebeldes, revolucionários e visionários. Suas ideias e invenções muitas vezes encontram resistência, pois estão sempre fora do lugar e pertencem ao futuro.

No começo, chegamos a acreditar que a natureza era a única força reguladora da vida; os fenômenos naturais eram atribuídos a misteriosos deuses que controlavam nossos destinos, até que alguém acendeu a primeira chama sem que um raio caísse dos céus. E muitos outros aprenderam como repetir esse grande feito. Ao tocar o interruptor de nossa sala e iluminar o ambiente, não pensamos na primeira fogueira acesa pelo homem. E quem inventou a lâmpada? Se esse inventor pudesse olhar pela janela, nos dias de hoje, e ver toda uma cidade iluminada, o que sentiria? Assim caminhamos... Fizemos um longo percurso para chegar até aqui. E o que ainda está por vir?

A Vila Isabel quer provocar, no público da Marquês de Sapucaí, a curiosidade. E desafiá-lo a prever o futuro: "Quem quer tocar o horizonte e conhecer o que virá? Mergulhe fundo, o passado é a fonte. Quem nunca foi, jamais será!".

A cada setor, o enredo apresenta algumas das mais importantes invenções que revolucionaram a história da humanidade, fazendo uma breve evolução da origem às influências que tiveram em tempos atuais. Imaginem como os inventores do passado seriam surpreendidos, se pudessem presenciar tudo o que foi possível ser desenvolvido a partir de suas ideias e inventos? Somos capazes de enxergar o futuro? Na velocidade com que estamos transformando nossa existência, é possível vislumbrar o que virá?

O desfile começa comandado por um mestre de cerimônia muito especial: Leonardo da Vinci, um dos maiores gênios da história da humanidade. Da Renascença para a Avenida, ele aceita o convite de propor ao público o exercício da projeção do futuro: até onde podem nos levar a pesquisa, a curiosidade e o espírito investigativo do homem? As visões do futuro do mestre alcançam diferentes épocas e inventos, para anunciar que a Azul e Branco deu a partida em sua aventura do conhecimento. O visionário, que combinava capacidade científica, curiosidade intelectual apaixonada e engenhosidade extraordinária, foi pioneiro em seus estudos. A partir da cuidadosa observação da natureza, produziu uma série de projetos nas mais diversas áreas, da hidrodinâmica à mecânica, da matemática à física óptica até a aerodinâmica, idealizando invenções que só seriam realizadas séculos depois. No século XV, o maior gênio de todos os tempos também foi capaz de projetar uma cidade do futuro. As imagens que a mente inquieta do renascentista traz para o desfile, no entanto, são algumas das muitas referências da capacidade criadora do homem, ao longo de sua história, tão bem representada por um de seus principais inventores.

O primeiro casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira representa o fogo, a descoberta que mudou a humanidade, influenciando sua forma de pensar, comer, se proteger, criar. Ele, faísca luminosa, dança na Avenida para cortejar sua dama e acendê-la, fogueira, que rodopia incandescente espalhando sua alegria.

O fogo também está representado pelo Abre-Alas, que mostra o começo de uma nova era, ainda na pré-história. Sua importância ultrapassa a solução dos problemas cotidianos daquele período em que nossos antepassados lutavam para sobreviver ao frio e aos inimigos naturais, mais fortes e poderosos. Ao conceber a técnica para produzi-lo, foi possível se aquecer e sobreviver ao frio congelante, proteger-se dos predadores e cozinhar os alimentos. Como nenhuma outra criatura do planeta, conseguimos usar a nosso favor um fenômeno natural para ajudar a vencer as dificuldades diárias. Mas evoluímos, utilizando as chamas para transformar a sociedade, com a produção de novos materiais e como fonte de calor para inúmeras outras aplicações: os primeiros utensílios, armas e ferramentas, a maior durabilidade dos alimentos, maior tranquilidade para descansar, já que os inimigos não chegavam perto das fogueiras... Apenas seres humanos se reuniam em torno delas e passavam mais tempo juntos. Olhavam-se, faziam gestos, usavam a voz para buscar uma forma de comunicação. Demorou ainda muito tempo até o homem formular sons que seriam as primeiras palavras. Tudo aconteceu ao redor da fogueira. Ali, o destino da humanidade começa a mudar! O fogo da Vila Isabel incendeia a Avenida. Protegido pela Coroa, símbolo da Escola, ele brilha na Sapucaí para nos reunirmos em torno dele. A Alegoria faz referência, ainda, à mitologia grega, na figura do titã Prometeu, que enfrentou a ira de Zeus por ter roubado o fogo do conhecimento dos deuses para entregá-lo aos homens. Ele concedeu aos seres humanos o poder de pensar e raciocinar, bem como lhes transmitiu os mais variados ofícios e aptidões. A tragédia foi escrita entre 452 e 459 a.C., e sua autoria é atribuída a Ésquilo. O mito trata do surgimento da intelectualidade e é representado pela busca do fogo do conhecimento, que passa a iluminar a trajetória da humanidade. Essa luz do conhecimento, forma alegórica de conceber o início de um processo de transformação que determina o incessante desenvolvimento científico e tecnológico que vivemos, está representada pelo "fogo que arde na alma da gente", na abertura do desfile da Vila.

Acesa a fogueira, começa a história que vai mostrar algumas das mais importantes invenções do homem. Então, para que isso aconteça, é preciso experimentar a observação do mundo em que vivemos hoje: ele gira sem parar! Se a primeira grande descoberta foi a técnica de como produzir o fogo, que nos foi revelada a partir da investigação dos fenômenos da natureza, a roda foi a primeira grande invenção da humanidade. Quando o homem já se organizava em civilizações à beira dos rios, na Suméria, há cerca de seis mil anos, era preciso deslocar pedras para a construção das primeiras cidades e vencer distâncias que exigiam enorme esforço porque tinha que caminhar e arrastar todo tipo de materiais. Contam os registros encontrados pelos arqueólogos em placas de argila, deixados pelos antigos povos daquela região, que a roda surgiu nessa época para o transporte de um carro fúnebre. Imagine nossas vidas sem elas... As baianas da Vila representam a maior invenção do homem. Sem a roda, não iríamos muito longe. As quatro principais fontes de energia utilizadas para a nossa existência são fundamentadas na roda: a água, a energia elétrica, o

animal e o vento. Rodas e revoluções. Inspirado pela utilidade da roda, o grego Arquimedes (287-212 a.C.) inventou a engrenagem. São **rodas dentadas**, geralmente circulares ou cilíndricas, cujas extremidades estão cortadas em seções, em forma de "dentes", e são projetadas com a finalidade de compor um sistema que produz movimento. Arquimedes inventou muitas máquinas, tanto para uso civil quanto para uso militar, com as quais sua cidade, Siracusa, conseguiu resistir aos ataques romanos por mais de dois anos. Os moinhos de vento, a partir do século X, inovaram as técnicas agrícolas e foram empregados para a produção de energia, possibilitando o aumento da produção de alimentos e o crescimento populacional, transformando o período feudal na Europa. O desenvolvimento das engrenagens foi determinante para a nossa engenharia. A partir do surgimento das rodas dentadas, passamos a ser capazes de construir máquinas cada vez mais complexas. **Esse mecanismo nos permite coordenar, de um jeito bem simplificado, diferentes processos que ocorrem ao mesmo tempo dentro de um dispositivo mecânico.** Elas são responsáveis pelo funcionamento do relógio de ponteiro e viraram um símbolo de tudo o que remeta a fábricas ou a indústrias. Vamos avançar em direção ao futuro. Chegamos ao século XIX, em plena Revolução Industrial, um divisor de águas na história que influenciou quase todos os aspectos da vida cotidiana. Os métodos de construção artesanal foram substituídos pelo trabalho das máquinas, novos processos de produção através da química, da transformação dos metais, além da substituição da madeira e de outros biocombustíveis pelo carvão. Tudo começou na Inglaterra, mas, em pouco tempo, a mudança atingiu toda a Europa Ocidental e os Estados Unidos. Os historiadores concordam que a Revolução Industrial é o evento mais importante na história econômica da humanidade, desde a domesticação de animais e da agricultura. Na Avenida, ela vem representada pela locomotiva a vapor, um veículo poderoso que permitiu o aumento da circulação de passageiros e mercadorias entre cidades e países. "O mundo gira nas voltas da Vila. Rodas da vida que movem moinhos. No sopro de um novo tempo, força do pensamento, descobrindo novos caminhos". E, assim, a humanidade caminha e trabalha... Sempre em direção a um novo tempo. Esse período da história está representado pelo movimento constante à procura de respostas e de inovação. O mundo gira, mas, quem faz as rodas girarem, somos nós, porque nossa busca é interminável. A engrenagem do progresso é uma concepção humana que pode nos levar a qualquer lugar. E nos trouxe até aqui.

Outro aspecto fundamental para que possamos entender o presente e imaginar o futuro é a capacidade do homem de registrar, armazenar e difundir a informação. Vivemos na era da informação, conhecida, também, como era digital ou era tecnológica. Esse período, que vem após a era industrial, mais especificamente após a década de 1980, colocou o mundo na palma de nossas mãos, através da criação de microprocessadores, cada vez mais acessíveis e inteligentes, e de uma veloz rede de trocas virtuais, a Internet, capaz de nos conectar, em tempo real, com pessoas de todo o planeta. Então, agora, a aventura exige voltar às origens, para descobrir como desenvolvemos essa incrível capacidade. Para isso, vamos à época em que surgiram as grandes civilizações. O que fizeram os homens daquele período para dar o *start* no avanço tecnológico em que nos encontramos? A escrita, sem dúvida, foi a principal invenção para que pudéssemos, hoje, registrar e transmitir tantas informações. Os hieróglifos parecem ser o sistema completo mais antigo de registro existente no mundo. Em torno de

4.000 a.C., os egípcios criaram essa forma de escrita para anotar, em monumentos e papiros, tudo o que se referia ao universo sagrado. Considerada enigmática e de difícil tradução, a linguagem hieroglífica possui, aproximadamente, sete mil tipos de sinais diferentes. Através dela, conseguimos conhecer e decifrar o modo de vida dos povos antigos. Além da escrita, nossa capacidade de calcular é imprescindível. O ábaco, primeiro instrumento de cálculo que superou a contagem nos dedos da mão e com pedras, é composto por varetas e contas e surgiu, também, na Antiguidade, tendo sido utilizado por diferentes culturas. Na China e em outros países, é adotado, até hoje, no ensino de matemática. O *suanpan*, como é conhecido o ábaco chinês, é mencionado pela primeira vez em um dos livros do século I da Dinastia Han Oriental. As letras e os números nos permitiram registrar e difundir informações. A invenção da máquina de impressão com tipos móveis, pelo alemão Johannes Gutenberg, no século XV, permite a reprodução em grandes tiragens de textos em livros e jornais. Em vez de escrever, manualmente, cada exemplar existente, passamos a imprimir e distribuir em larga escala. Os livros, além de outros impressos, difundiram todo tipo de conhecimento e se tornaram o principal veículo de propagação da informação; na era digital, eles continuam a habitar estantes e cabeceiras. Há bem pouco tempo, o telefone deveria constar como um objeto apenas de comunicação. No entanto, com a evolução tecnológica, ele se tornou um poderoso instrumento de registro, armazenamento e transmissão de qualquer tipo de informação. Mesmo não tendo sido criado com essa finalidade, pelo escocês Alexander Graham Bell, em 1876, o telefone adquiriu inúmeras outras finalidades: fotografar, calcular, escrever, gravar áudio e vídeo, acessar a Internet, enfim... Na Avenida, o antigo modelo de mesa remete à origem do aparelho que, hoje, é móvel e nos permite o acesso a serviços disponíveis através da tecnologia digital. E isso é possível, também, graças à Web. Aprendemos a escrever e a fazer cálculos e aperfeiçoamos cada vez mais nosso poder de inventar instrumentos de processamento e transmissão da informação. As imensas calculadoras se transformaram em computadores, em meados do século XX. Na velocidade dos nossos tempos, essas máquinas foram ganhando maior capacidade de armazenamento e diminuindo suas dimensões, até se tornarem portáteis. Atualmente, carregamos no bolso pequenos e poderosos celulares, que são a combinação de todo esse avanço tecnológico. Os computadores estão evoluindo a cada dia e já se sabe que, em breve, serão programados para a inteligência artificial. Desde o final da Segunda Guerra Mundial, essa área da computação é estudada, tornando-se mais um campo da ciência. Seu desenvolvimento tem extrapolado os clássicos programas de xadrez ou de conversão e envolvido áreas como visão computacional, análise e síntese da voz, lógica difusa, redes neurais artificiais e muitas outras. Pode ser que ainda leve algum tempo, mas os robôs farão parte do cotidiano da humanidade realizando operações automatizadas mais complexas para facilitar nossas vidas. E, por trás deles, o homem continuará programando suas finalidades e atribuições, como na visão otimista da ficção, que prevê um horizonte promissor para a robótica.

Estamos vivendo, mais uma vez, no limiar de uma nova era, onde informação e comunicação se fundem em novos ambientes digitais transformados com bases na comunicação da informação, na construção coletiva do conhecimento e das relações humanas fortemente mediadas pelas inovações tecnológicas. O fortalecimento do campo, já

consolidado, de atuação da Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) prova que as fronteiras entre essas duas áreas do conhecimento estão desaparecendo.

Os computadores de hoje podem armazenar todo tipo de informação: de programas que comandam robôs – e alguns que executam tarefas simples já estão fazendo parte do nosso cotidiano – àqueles que memorizam o que queremos assistir pela televisão ou tudo aquilo que registramos e produzimos para trocar e nos comunicar com o resto do mundo. A cultura contemporânea está inserida nesses ambientes digitais e um dos conceitos que procura definir o tempo em que vivemos é o da cultura digital. Segundo Gilberto Gil, na época em que foi Ministro da Cultura, “novas e velhas tradições, signos locais e globais, linguagens de todos os cantos são bem-vindos a este curto-circuito antropológico. A cultura deve ser pensada nesse jogo, nessa dialética permanente entre tradição e invenção, nos cruzamentos entre matrizes muitas vezes milenares e tecnologias de ponta, nas três dimensões básicas de sua existência: a dimensão simbólica, a dimensão de cidadania e inclusão, e a dimensão econômica”. O uso da Internet e dos *softwares* livres democratiza o acesso à informação e ao conhecimento, aos bens e serviços culturais e permite, também, a produção cultural, criando, inclusive, novas formas de arte.

Em tempos em que a cultura digital invade nossas vidas, com rapidez e intensidade, os limites entre informação e comunicação se tornam tênues, quase inexistentes. Além disso, é preciso considerar a relação entre arte e ciência, que sempre estiveram em conexão, ao longo da história, se misturando e se influenciando, mutuamente, há séculos. O desenvolvimento tecnológico das formas de produção da imagem é um bom exemplo dessa relação. Para perceber como essa transformação vem acontecendo, a Vila nos convida a um outro mergulho no passado e nos leva ao fascinante mundo da arte e da comunicação: a produção audiovisual e a comunicação não podem mais ser pensadas sem considerar a apropriação coletiva das formas de produção de conteúdos proporcionada pelas tecnologias digitais. Som, imagem e ação: a Azul e Branco inicia mais um mergulho no passado. Quem nunca brincou de projetar sombras na parede e tentar reproduzir a silhueta de bichos, objetos ou personagens para contar histórias? O fascínio do homem com a projeção de imagens através da luz do Sol e das chamas inspirou uma das mais antigas formas de expressão da arte: o teatro de sombras, que surgiu, na China, por volta do ano de 121. Os recortes de bonecos presos a varetas ou fantoches expostos à luz impressionam o público, se manipulados por mãos habilidosas, que os fazem ganhar movimento, vida. Essa arte milenar foi uma das primeiras tentativas do homem de tirar partido da luz para dar forma e expressão à arte de contar histórias. Esse fenômeno estudado pela ciência vai influenciar a criação de outros inventos, como a fotografia. Em 1826, o francês Joseph Nicéphore consegue fixar uma imagem produzida pela ação da luz. Louis Jacques Mandé Daguerre, em 1839, desenvolve o daguerreótipo, primeiro processo prático de fotografar. Rapidamente, a fotografia se populariza e passa a ser utilizada para eternizar rostos, cenas e lugares, tornando-se, também, uma das mais significativas formas de expressão artística. A máquina fotográfica da Vila Isabel revela as imagens daqueles que dão vida ao Carnaval, construindo alegorias e fantasias nos barracões e ateliês da Escola. Sorria, você está na Vila!

O espírito investigativo e a curiosidade científica podem nos levar a muitos lugares. E nos levam a conhecer a vida e a obra de figuras incríveis e seus extraordinários inventos. Para cada investida à procura do entendimento, nos deparamos com estudiosos de diferentes épocas e lugares do mundo, que nos deixam contribuições valiosas e são eternizados por suas realizações. Fato é que ninguém está sozinho ao trilhar esse caminho. A bateria da Vila Isabel representa os inventores do passado, do presente e do futuro, que dão ritmo e sentido a essa trajetória. Homens como os irmãos Louis e Auguste Lumière, que, na França de 1895, dão vida às imagens através do cinematógrafo, o aparelho que permite registrar uma série de instantâneos fixos, em fotogramas, criando a ilusão de movimento, que, durante determinado tempo, ocorre diante de uma lente fotográfica. Assim nascia a sétima arte. Os primeiros filmes eram simples tomadas de poucos segundos, exibidos em uma sala escura, e pagava-se um ingresso para assistir a essa surpreendente invenção. Outros gênios criativos aparecem, percebendo que logo o público se cansaria de assistir à atração instantânea e primária de cenas do cotidiano, e decidem experimentar e contar uma história. A partir dessas primeiras experiências, o cinema se descobre e começa a inventar sua linguagem, utilizando a formulação de um roteiro e a montagem, ou seja, o cinema se reinventa, se potencializa, e o público responde com enorme interesse. As imagens ganham som, cores e efeitos especiais, atraem um grande público e se transformam em uma lucrativa indústria cultural. As experiências com ondas eletromagnéticas proporcionam, pouco tempo depois, as primeiras transmissões da voz humana através do ar. Em 1896, o físico Guglielmo Marconi inventa o telégrafo sem fio, ponto de partida para a criação do rádio. Tem início mais uma revolução: "Nas ondas do rádio ou da televisão", passamos a receber informações sobre assuntos variados. As notícias e o entretenimento circulam aproximando pessoas de todo o planeta. O rádio se torna um meio de comunicação de massa, propagando não apenas informações, como também o lançamento de programas de esportes comentados e a musicalização do cotidiano. Se o cinema reúne som e imagem em movimento, é a televisão que leva essa experiência para milhões de pessoas através de ondas eletromagnéticas. A história e o desenvolvimento da televisão estão relacionados a diversas pesquisas e descobertas científicas dos séculos XIX e XX. A transmissão de imagens à distância era uma tentativa constante entre os cientistas. As primeiras transmissões experimentais acontecem, em 1920, em diferentes lugares do planeta. As emissoras de TV se implantam em diversos países e disputam uma variada programação. Em 1950, Assis Chateaubriand funda o primeiro canal de televisão no Brasil, a TV Tupi, em São Paulo, e que entra no ar, no Rio de Janeiro, em 20 de janeiro de 1951. Não demora para que outras emissoras surjam por aqui. Notícias do mundo todo, transmissões de esporte, filmes, séries e divertidos programas de TV podem ser assistidos na intimidade das salas de estar de todo o planeta. No final da década de 1960, as transmissões começam a acontecer ao vivo. E, com o passar dos anos, se aperfeiçoam cada vez mais. A televisão é responsável, ainda, pela eternização de personagens singulares, como Abelardo Barbosa, o velho guerreiro de inesquecíveis programas de auditório. Reconhecido por seu poder de comunicação e empatia com o público, a máxima do apresentador, "Quem não se comunica, se trumbica", expressa o ambiente de uma época de franca expansão dos meios de comunicação de massa. Fatos, notícias, documentários, personalidades, arte, cultura e esporte são conteúdos audiovisuais que chegam até nós em instantes, através do trabalho criativo e corajoso de comunicadores responsáveis por

coberturas televisivas que marcaram época. Em 1970, o Prêmio Emmy, criado nos Estados Unidos, em 1949, como uma espécie de Oscar da televisão, passa a ter edições internacionais organizadas pela Academia das Artes e Ciências Televisivas. Um reconhecimento às cuidadosas produções que encantam o público. No século XXI, a incorporação da tecnologia digital e a convergência das mídias transformam nosso tempo e nossas vidas. Atualmente, quase tudo é transmitido *on line* e *on time*.

E até onde somos capazes de chegar? Como já sabemos, é preciso voltar ao passado para encontrar os caminhos. A invenção de um pequeno e simples objeto, no século XIII, vai mudar o rumo da história da humanidade. Se estamos procurando por uma direção, com uma bússola na mão, é possível encontrá-la. Com ela, fomos capazes de navegar pelas águas e pelo ar. Os mares bravios deixam de representar uma ameaça, porque muitos de nós desapareciam na imensidão na tentativa de explorar o desconhecido. As grandes navegações têm início a partir do invento que nos permite encontrar o rumo de volta para casa. Vencemos as leis da natureza e conseguimos tirar os pés do chão e sonhar ainda mais alto e profundamente. Ganhamos os céus e o fundo dos mares! A realização do desejo de voar começa, em 1709, com os experimentos do brasileiro Bartolomeu de Gusmão, em balões. Em 1839, o alemão Augustus Siebe desenvolve o escafandro: um capacete de metal preso a uma roupa fechada que revoluciona a exploração marítima. Quase dois séculos se passaram, desde a invenção do balão, até que o homem provocasse uma nova revolução. Em 1906, outro brasileiro, Alberto Santos Dumont, voa em Paris no avião, um aparelho mais pesado do que o ar. Graças a vidas inteiras dedicadas ao estudo e à experimentação, podemos explorar as profundezas dos oceanos ou viajar para qualquer lugar, cruzando continentes em poucas horas de voo. E o futuro? Próxima estação, Marte. Estamos projetando a conquista do espaço desde 1950, quando lançamos os primeiros satélites e foguetes. No entanto, esse destino não deve ser motivado pela procura de outro lugar no Universo que nos receba, caso a nossa forma de viver consuma os recursos naturais da Terra, de forma irreversível, como prevê a visão mais pessimista da ficção científica, que não acredita que sejamos capazes de mudar a nossa relação, ainda destrutiva, com o meio em que vivemos. Que seja pela insaciável vontade de descobrir o que existe acima da linha do horizonte, já que desvendamos o que se encontra para além da mesma.

A Vila Isabel nos leva a procurar o que existe de mais inovador, o que devemos adotar como uma atitude de vanguarda. Preservar o meio ambiente, convivendo em harmonia com a natureza, é a resposta para evitar uma série de problemas existentes no mundo: desmatamento de florestas, poluição das cidades, do ar e de recursos hídricos, como rios, lagos, lagoas e oceanos, além de atividades como a caça e a pesca predatória. Os desastres ambientais que atingem o planeta e estão, com frequência, ocupando cada vez mais o noticiário são, em parte, provocados pela atitude de exploração desenfreada dos recursos naturais. Desde 1972, que a Organização das Nações Unidas busca pactuar uma mudança de hábitos que implica adotar medidas para a redução e a troca de combustíveis fósseis por novas tecnologias energéticas, legislação e fiscalização, conscientização, criação de projetos de reflorestamento, entre outras providências. Para isso, foi criado o Protocolo de Kyoto, um tratado internacional que tem como objetivo fazer com que os países desenvolvidos

assumam o compromisso de reduzir a emissão de gases que agravam o efeito estufa, para aliviar os impactos causados pelo aquecimento global. Além disso, são realizadas discussões para estabelecer metas e criar formas de desenvolvimento que não sejam prejudiciais ao planeta, através de Conferências Internacionais realizadas no âmbito do **Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente**. Esses são cuidados indispensáveis, além do reaproveitamento, reciclagem e reuso do resíduo sólido urbano, diminuindo o lixo que polui nossos ecossistemas; da produção de energia através de fontes alternativas, como o biocombustível, que pode ser extraído até mesmo de flores como o girassol; do cultivo de alimentos orgânicos, que vem crescendo e se difundindo, porque é sustentável e garante uma alimentação de qualidade sem agrotóxicos; da preservação dos nossos recursos hídricos, habitat dos peixes, uma das principais fontes de sustento do homem ao longo de sua existência, simbolizando, por isso, a fartura do alimento sagrado. Esses são ensinamentos a serem aprendidos com a cultura tradicional dos povos indígenas, que sempre usufruíram da vida de forma sustentável, sem exaurir a terra e em equilíbrio com o ambiente. Sabemos que é tradição, desde os mais antigos carnavais, vestir a fantasia para realizar sonhos e desejos. Assim, a Vila Isabel traz para a Avenida alguns dos mais populares personagens da folia, para, com irreverência, participarem do maior espetáculo a céu aberto da Terra e contagiarem de alegria e esperança o público: "Esse ano não vai ser igual àquele passou...". No Carnaval do futuro da Azul e Branco, tudo pode mudar, o homem se transformou.

O futuro que queremos harmoniza práticas ecológicas e o conforto oferecido pelas novas tecnologias. Podemos imaginar uma cidade inteligente, conectada, programada para atender a todas as nossas necessidades. Uma cidade que produza energia limpa, totalmente automatizada e eficiente. Em pouco tempo, nossos sonhos idealizados pela ficção científica de cruzar as cidades em carros voadores será realizado. O conceito de mobilidade inteligente já é utilizado em veículos, em diversas partes do mundo, reunindo recursos de engenharia, construção e tecnologia, para transformar a maneira como os carros são conduzidos, impulsionados e integrados à sociedade. A reflexão mostra como o desenvolvimento histórico da tecnologia precisa ser entendido em sua relação íntima com as determinações sociais, políticas, econômicas e culturais, já que todas essas atividades humanas estão intimamente interligadas com seu desenvolvimento. A Vila Isabel, em 2018, propõe uma reflexão sobre a importância de investir em ciência e tecnologia. O progresso e o desenvolvimento econômico e social não podem prescindir da atenção e do financiamento adequado e permanente em pesquisa básica e da construção de centros de excelência em pesquisa. É preciso garantir as sementes do futuro, para colher os frutos, os benefícios que esse financiamento pode proporcionar para todas as áreas do conhecimento. A Vila desafia o público a ir além e observar, cuidadosamente e de forma cidadã, que esse investimento seja adequado e garanta o que sonhamos conquistar. "Hoje pensar em ciência é ter consciência do que está por vir. Então, pra que desistir?". Pronto para se conectar? Agora, dê a partida e corra para encontrar a melhor direção, porque o futuro está só começando!

ROTEIRO DO DESFILE

ABERTURA – E FEZ-SE A LUZ!

Comissão de Frente
LEONARDO DA VINCI, O VISIONÁRIO

1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Raphael Rodrigues e Denadir Garcia
FOGO, DESCOBERTA QUE ILUMINA O
FUTURO

Elemento Cenográfico (Tripé) – Alegoria 01
THOMAS EDISON

Alegoria 01 – Abre-Alas
A LUZ DO CONHECIMENTO

Ala 01 – Velha-Guarda
TRAJE TRADICIONAL

1º SETOR – GIRA MUNDO SEM PARAR

Ala 02 – Baianas
AS RODAS DA VILA

Ala 03 – Comunidade
A FORÇA DAS ENGRENAGENS

2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Jackson Senhorinho e Bárbara Dionísio
MOINHOS DE VENTO

Ala 04 – Comunidade
MOINHOS DE VENTO

Ala 05 – Comunidade
O TEMPO RODOU NUM INSTANTE

Ala 06 – Comunidade
NOS TRILHOS DA REVOLUÇÃO

Alegoria 02
NAS VOLTAS DA VILA

2º SETOR – O MUNDO NA PALMA DA MÃO

Ala 07 – Comunidade
HIERÓGLIFOS: ANTIGOS REGISTROS

Ala 08 – Comunidade
ÁBACO: UMA CONTA DA CHINA

Ala 09 – Comunidade
A PRIMEIRA IMPRESSÃO É A QUE
FICA

Ala 10 – Comunidade
ALÔ, ALÔ, RESPONDE!

Ala 11 – Comunidade
UMA JANELA PARA O MUNDO

Alegoria 03
NAS PONTA DOS DEDOS

3º SETOR – SOM E IMAGEM EM AÇÃO

Ala 12 – Comunidade
TEATRO DE SOMBRAS

Ala 13 – Comunidade
SORRIA, VOCÊ ESTÁ NA VILA!

Ala 14 – Passistas
CADA PASSISTA É UM FLASH!

Princesa da Bateria
Dandara
UMA IDEIA BRILHANTE

Rainha de Bateria
Sabrina Sato
A LUZ DA INSPIRAÇÃO

Ala 15 – Bateria
EUREKA!

Ala 16 – Comunidade
A SÉTIMA ARTE

Ala 17 – Comunidade
NAS ONDAS DO RÁDIO

Alegoria 04
NO AR, UMA CAMPEÃ DE AUDIÊNCIA

4º SETOR – AONDE VOCÊ QUER IR?

Ala 18 – Comunidade
DESCOBRINDO NOVOS CAMINHOS:
A INVENÇÃO DA BÚSSOLA

Ala 19 – Comunidade
NAVEGAR É PRECISO

Ala 20 – Comunidade
O VOO DO BALÃO

Ala 21 – Comunidade
NO FUNDO DO MAR

Ala 22 – Comunidade
NAS ASAS DA VILA

Ala 23 – Comunidade
A CONQUISTA DO ESPAÇO

Alegoria 05
RUMO ÀS ESTRELAS

5º SETOR – COMO SERÁ O AMANHÃ?

Ala 24 – Comunidade
COLOMBINA, COM QUE ROUPA EU
VOU?

Ala 25 – Comunidade
BIO-PIERROT, O COMBUSTÍVEL DA
PAIXÃO

Ala 26 – Comunidade
ARLEQUIM, O SABOR DO CARNAVAL

Ala 27 – Comunidade
O TESOURO DAS ÁGUAS

Ala 28 – Comunidade
ÍNDIO QUER RESPEITO

Alegoria 06
O FUTURO A GENTE INVENTA

Ala 29 – Compositores
TRAJE TRADICIONAL

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Paulo Barros e Paulo Menezes		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p>A LUZ DO CONHECIMENTO (com Elemento Cenográfico/Tripé: THOMAS EDISON)</p>  <p><i>* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução do Elemento Cenográfico (Tripé) e da Alegoria.</i></p>	<p>Elemento Cenográfico (Tripé): Thomas Edison (1847-1931) tem um papel fundamental na história das invenções que transformaram o mundo. O genial cientista e criador da lâmpada elétrica incandescente é o convidado especial da Azul e Branco, para atravessar a Sapucaí e ver como uma ideia brilhante é capaz de iluminar o futuro.</p> <p>Alegoria 01: A Vila Isabel ilumina a Avenida para preparar o início da grande viagem rumo ao futuro e revela "o fogo que arde na alma da gente", descoberta que acende a curiosidade humana e acelera o progresso da ciência e da tecnologia, e que agora brilha na Sapucaí, conduzido pela Coroa, símbolo resplandecente da Escola. O calor que emana das chamas provoca inúmeras mudanças, forjando novos sonhos, impulsionando o processo civilizatório, clareando nossos caminhos e inspirando grandes ideias, como a incrível criação da lâmpada. É, ainda, a representação do poder do conhecimento e da liberdade, roubado de Zeus pelo titã Prometeu, para ser entregue aos homens. Segundo a mitologia grega, ali está a luz do conhecimento das artes e dos ofícios, desejo que lança a humanidade na aventura incessante de inventar seu próprio destino.</p>

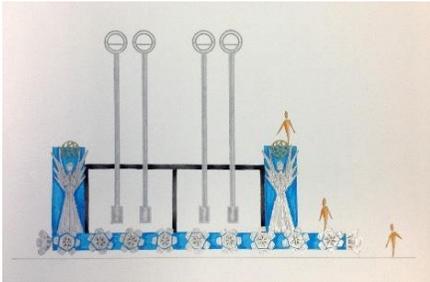
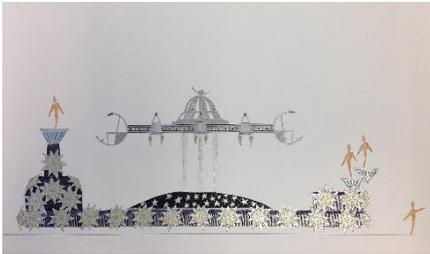
FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Paulo Barros e Paulo Menezes		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	<p>NAS VOLTAS DA VILA</p>  <p><i>* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da Alegoria.</i></p>	<p>A Alegoria simboliza a capacidade do homem de seguir em frente e manter a vida em constante movimento, através de suas realizações e do seu trabalho. Ao longo do tempo, a criação e a evolução das rodas e engrenagens transformam o mundo e aceleram os rumos da nossa história, trazendo maior energia, mobilidade e novas máquinas. Assim, cada invenção é um passo, uma conquista da humanidade, que se torna cada vez mais veloz. Com a Revolução Industrial, as grandes inovações tecnológicas alteram profundamente os modos de produção e o ritmo da vida e dos trabalhadores ao redor do planeta. E, na Avenida, em meio às engrenagens desses tempos modernos, o homem continua a avançar em direção ao futuro.</p>
03	<p>NA PONTA DOS DEDOS</p>  <p><i>* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da Alegoria.</i></p>	<p>Desde os povos antigos, que usavam dedos e pedras para contar, o homem procura descobrir formas de fazer cálculos rápidos e precisos. Os primeiros computadores são simples calculadoras imensas, que ocupam salas inteiras e pesam toneladas. Mas, em pouco tempo, vão além da resolução de problemas matemáticos e, com a evolução dos microprocessadores, diminuem de tamanho. Cada vez mais desenvolvidos, com memórias gigantes, processam velozmente dados e informações e, com a Internet, ligam pessoas em rede por todo o planeta. Com eles, temos o mundo inteiro na ponta dos dedos. As máquinas controlam nossas vidas cada vez mais, e talvez, um dia, robôs com inteligência artificial cheguem a pensar e agir como nós. Mas, por trás de toda tecnologia, estarão sempre a inventividade e a imaginação do gênio humano.</p>

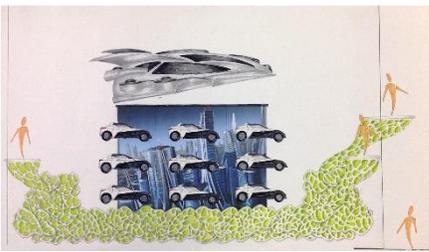
FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Paulo Barros e Paulo Menezes		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
04	<p>NO AR, UMA CAMPEÃ DE AUDIÊNCIA</p>  <p><i>* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da Alegoria.</i></p>	<p>Os anos de 1920 registram o início das transmissões experimentais da televisão pelo mundo. Se, no começo, é artigo de luxo, a TV não demora a conquistar mentes e corações, ditando tendências e influenciando comportamentos. Chega ao Brasil, em 1950, e rapidamente se populariza também por aqui. Notícias, desenhos, esportes, documentários, filmes e séries invadem milhões de lares diariamente. Artistas e apresentadores alcançam enorme sucesso e se transformam em ídolos de um dia para o outro. Personalidades e programas disputam prestigiados prêmios internacionais da TV. Digital, ao vivo e em cores, a televisão não para de se reinventar. O mundo nos chega por suas telas, com velocidade e imediatismo, e pela coragem de muitos profissionais. Atualmente, quase tudo é transmitido <i>on line</i> e <i>on time</i>. Como diria Abelardo Barbosa, o Chacrinha, que fez história com seu irreverente programa de auditório: "Quem não se comunica, se trumbica".</p>
05	<p>RUMO ÀS ESTRELAS</p>  <p><i>* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da Alegoria.</i></p>	<p>Os grandes descobrimentos e viagens da história mostram como o desejo de explorar o desconhecido é capaz de nos levar cada vez mais longe, a lugares em que os olhos não alcançam, mas que buscamos chegar. Assim, o antigo sonho de voar e as mais incríveis invenções ganham os céus, ultrapassando limites para desvendar os mistérios do Universo. No começo do século XX, o brasileiro Alberto Santos Dumont dá asas aos sonhos da humanidade, com o voo do 14 Bis, conquistando seu lugar nas alturas. Então, a partir da década de 1950, outra era se inicia: a corrida espacial rompe as barreiras da atmosfera terrestre, em grandes missões siderais. De olho nas estrelas, esses pioneiros "riscaram o espaço e deram um passo maior que o homem podia imaginar". Agora, em pleno século XXI, com avançadas tecnologias, agências espaciais já planejam expedições tripuladas ao planeta Marte, em verdadeiras naves construídas no formato de discos voadores, como aqueles que povoam nossa imaginação e a ficção. Para o infinito e além, é melhor se preparar! A próxima aventura estelar está bem mais perto de se realizar!</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Paulo Barros e Paulo Menezes		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
06	<p>O FUTURO A GENTE INVENTA</p>  <p><i>* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da Alegoria.</i></p>	<p>Na Avenida, é possível percorrer todos os tempos, todos os sonhos. Projetar imagens que levam a experimentar os resultados da criatividade do homem, da sua genialidade. E realizar aquele desejo de infância, inspirado na ficção científica, de viver em uma cidade onde tudo acontece de forma automatizada, instantânea, eficiente e sustentável. A cidade inteligente da Vila Isabel está conectada ao futuro. É o resultado de uma existência de respeito e harmonia com a natureza, de consciência da importância de investir em ciência e tecnologia. Cada uma das inovações, cada passo em direção ao futuro, cada vez mais rápido e avançado, representa uma conquista da humanidade, uma ideia que se realiza. Falta pouco para que possamos entrar em um carro sem rodas e, de dentro dele, comandar nossas vidas, flutuando por aí. Conectados com a tecnologia de ponta, é hora de viajar no tempo. Mas corra e encontre a melhor direção, porque o futuro está só começando!</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
<p><u>Elemento Cenográfico Alegoria 01</u> Alexandre Maguolo - Fantasia: Thomas Edison</p>	<p>Ator</p>
<p><u>Alegoria 01</u> Ednelson Pereira - Fantasia: Luz do Conhecimento</p>	<p>Empresário</p>
<p><u>Alegoria 02</u> Ana Cristina Fernandes - Fantasia: Revolução Tecnológica</p>	<p>Modelo</p>
<p><u>Alegoria 03</u> Suria Pimentel - Fantasia: Conectando o Futuro Dill San - Fantasia: Conectando o Futuro</p>	<p>Atriz Empresário</p>
<p><u>Alegoria 04</u> Vander Gevu - Fantasia: O Poder da Comunicação</p>	<p>Fotógrafo</p>
<p><u>Alegoria 05</u> Marcio Marinho - Fantasia: Viajante Sideral Marcelo Rocha - Fantasia: Santos Dumont</p>	<p>Empresário Empresário</p>
<p><u>Alegoria 06</u> François - Fantasia: O Futuro a Gente Inventa</p>	<p>Executivo</p>
<p>Local do Barracão Rua Rivadavia Corrêa, nº. 60 – Barracão nº. 05 – Gamboa – Rio de Janeiro – Cidade do Samba</p>	
<p>Diretor Responsável pelo Barracão Moisés Carvalho</p>	
<p>Ferreiro Chefe de Equipe Joãozinho</p>	<p>Carpinteiro Chefe de Equipe Futica</p>
<p>Escultor(a) Chefe de Equipe Flávio Polycarpo</p>	<p>Pintor Chefe de Equipe Leandro Assis</p>
<p>Eletricista Chefe de Equipe Moisés</p>	<p>Mecânico Chefe de Equipe Paulo Ferraz</p>
<p>Outros Profissionais e Respectivas Funções</p> <p>Nino: - Fibra Batista Berg: - Engenheiro</p> <p>As imagens dos croquis reproduzidas nas fichas são originais e servem apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução das Alegorias e do Elemento Cenográfico (Tripé).</p>	

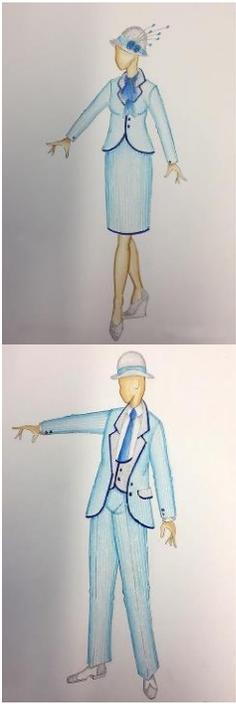
FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Paulo Barros e Paulo Menezes

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
01	<p>Velha-Guarda</p> 	<p>A Velha-Guarda desfila com seu traje tradicional.</p>	<p>Velha-Guarda (2017)</p>	<p>Harmonia</p>
02	<p>As Rodas da Vila</p> 	<p>Considerada a primeira grande invenção da humanidade, a roda coloca a vida em movimento e muda o mundo. Afinal, sem a sua criação, o homem não iria muito longe. Com cerca de seis milênios, seu primeiro registro foi encontrado em placas de argila das ruínas da Suméria. Daquela época aos dias atuais, as rodas continuam a movimentar a história, tornando-se a base de grandes inventos. E é impossível imaginar nossas vidas sem elas. Assim, girando nas rodas da Vila, as baianas simbolizam a tradição do Carnaval e mostram a evolução da mais antiga invenção.</p>	<p>Baianas (2017)</p>	<p>Harmonia</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)				
Paulo Barros e Paulo Menezes				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
03	<p>A Força das Engrenagens</p> 	<p>Cada vez mais rápida e complexa, a humanidade não para de buscar soluções, de inventar e se reinventar. Ao longo do tempo, a roda inspira a criação de mecanismos "dentados", capazes de se conectar e produzir energia e movimento, revolucionando diversas áreas do conhecimento. Um marco da engenharia, a tecnologia das engrenagens faz parte da vida moderna, mas remonta aos engenhosos inventos de Arquimedes de Siracusa, que dão força e resistência à antiga cidade grega durante a expansão romana. As engrenagens do passado avançam na Avenida, abrindo o caminho para as invenções do futuro.</p>	Comunidade (2017)	Harmonia
04	<p>Moinhos de Vento</p> 	<p>"Rodas da vida que movem moinhos...". Já conhecidos por antigas civilizações, os moinhos de vento se espalham pelos campos da Europa, a partir das viagens dos cavaleiros das Cruzadas. As adaptações e o crescente uso desse invento transformam a sociedade feudal, avançando o processo de produção agrícola mundo afora. Na Sapucaí, os moinhos continuam a soprar na direção de um novo tempo, renovando nossa energia com muita folia!</p>	Comunidade (2017)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Paulo Barros e Paulo Menezes

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
05	<p>O Tempo Rodou num Instante</p> 	<p>Ao longo da história, inventos são construídos para medir e controlar a passagem do tempo. E, conforme o ritmo da vida e do trabalho aumenta, essa contagem deve ser cada vez mais exata e produtiva. A partir do século XIV, o giro de engrenagens e ponteiros acelera a criação e o desenvolvimento de relógios mecânicos mais precisos, que passam a caber no bolso ou nas mãos, sempre à vista e ao alcance de todos. Uma nova era de mudanças se aproxima e não há mais um minuto a perder!</p>	Comunidade (2017)	Harmonia
06	<p>Nos Trilhos da Revolução</p> 	<p>Rodas e vapor, energia em movimento. Nenhuma outra invenção impactou tão profundamente o século XIX em diante quanto a locomotiva a vapor. Grande símbolo da Revolução Industrial, essa potente máquina aumenta a circulação e o comércio entre cidades e países. Desde então, o mundo nunca mais seria o mesmo. O futuro avança pelos trilhos da história, com a velocidade da extraordinária evolução da tecnologia dos tempos modernos.</p>	Comunidade (2017)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Paulo Barros e Paulo Menezes				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
07	Hieróglifos: Antigos Registros 	<p>Muitos avanços da ciência e da tecnologia estão associados ao armazenamento e à transmissão de informações. Por isso, é quase impossível imaginar nossas vidas sem a escrita. Os hieróglifos talvez sejam o sistema completo de registro mais antigo do mundo. Eles são geralmente usados para anotar tudo o que é sagrado para os egípcios da Antiguidade, em monumentos ou papiros. O significado desses sinais leva gerações para ser decifrado. E, na Avenida, a Vila Isabel mostra que o samba é que não tem tradução.</p>	Comunidade (2017)	Harmonia
08	Ábaco: Uma Conta da China 	<p>Os chineses são responsáveis por aperfeiçoar o primeiro instrumento usado para facilitar os cálculos, o ábaco. Essa espécie de calculadora milenar, de varetas e pequenas contas, surge com a necessidade de realizar operações cada vez mais complexas e se espalha por várias partes do mundo, em diferentes versões. Hoje em dia, ainda é muito utilizado no ensino da matemática. Não perca as contas! E resolva todos os problemas no faz de conta do carnaval da Azul e Branco.</p>	Comunidade (2017)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Paulo Barros e Paulo Menezes

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
09	<p>A Primeira Impressão é a que Fica</p> 	<p>No século XV, o alemão Johannes Gutenberg revoluciona a circulação de ideias e informações por todo o mundo. A invenção da máquina de impressão com tipos móveis acelera e multiplica a produção de livros. Antes feita de forma manual e artesanal, palavra por palavra, a reprodução de textos se intensifica com a nova técnica de caracteres gráficos moldados em chumbo, que imprime quantas cópias suporte o estoque de tinta. “Os livros inspiram a evolução” da Vila na Passarela do Samba.</p>	Comunidade (2017)	Harmonia
10	<p>Alô, Alô, Responde!</p> 	<p>A invenção do telefone é geralmente atribuída ao escocês Alexander Graham Bell, que descobre que a voz humana pode ser transmitida à distância. De 1876 até hoje, o aparelho que nos aproxima cada vez mais um dos outros ganha formas, estilos diferentes e inúmeras finalidades. Além de receber e fazer chamadas, é capaz de fotografar, calcular, escrever, gravar áudio e vídeo, acessar a Internet e armazenar dados. Nada agora é longe demais.</p>	Comunidade (2017)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Paulo Barros e Paulo Menezes				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
11	Uma Janela para o Mundo 	<p>Na busca por maneiras de fazer cálculos de forma rápida e precisa, o homem inventa instrumentos cada vez mais eficientes. Em pouco tempo, de simples e imensas calculadoras, os computadores passam a caber na palma de nossas mãos, aumentam a velocidade e a capacidade de processamento de dados e, com a Internet, ligam pessoas em rede por todo o planeta. Eles ampliam as possibilidades de interação e facilitam o acesso à informação. São janelas para mundo e apenas “um click nos leva pra qualquer lugar”.</p>	Comunidade (2017)	Harmonia
12	Teatro de Sombras 	<p>E pensar que tudo começou em torno da luz, um fenômeno fascinante que inspira e influencia a arte e os meios de comunicação. Por volta do ano 121, nasce, na China, uma das mais antigas e belas formas de representação: o teatro de sombras. Com a manipulação de bonecos, um foco de luz e uma tela, os espetáculos contam histórias e mostram como arte e ciência caminham lado a lado e guiam as descobertas da humanidade.</p>	Comunidade (2017)	Harmonia

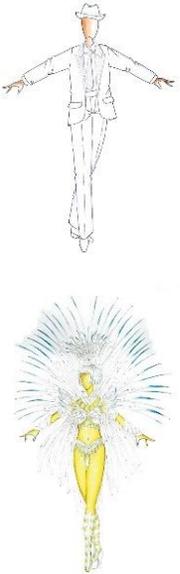
FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)

Paulo Barros e Paulo Menezes

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
13	<p>Sorria, Você está na Vila!</p> 	<p>A fotografia surge oficialmente pelas mãos de Joseph Nicéphore Niépce. Em 1826, o francês consegue fixar uma imagem produzida pela ação da luz. Mas é seu compatriota Louis Jacques Mandé Daguerre, que, seguindo suas pesquisas, apresenta ao mundo, em 1839, o primeiro processo prático de fotografar. Em pouco tempo, qualquer pessoa já pode capturar um instante e reviver emoções que não estão mais guardadas apenas na memória. A fotografia é a arte de eternizar a vida. Na Avenida, a câmera da Vila Isabel revela as imagens daqueles que constroem o Carnaval da Azul e Branco.</p>	Comunidade (2017)	Harmonia
14	<p>Cada Passista é um Flash!</p> 	<p>Não perca o foco! Esses animados fotógrafos eternizam o desfile da Vila Isabel. E cada flash dispara os corações e dá a luz perfeita para captar toda alegria que se espalha pela Marquês de Sapucaí.</p>	Passistas (2017)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Paulo Barros e Paulo Menezes				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
15	Eureka! 	Os inventores ousam desafiar limites e não têm medo de desvendar o desconhecido. Eles sonham em explorar o Universo, empreender, desenvolver e aperfeiçoar técnicas e dispositivos. Descobrimos e criando, aprendendo com o passado e revolucionando nosso presente, fazem com que caminhemos para um futuro de inúmeras possibilidades. Com muitas ideias na cabeça e toda a criatividade de seus ritmistas, a Swingueira de Noel atravessa a Avenida, reinventando o samba a cada Carnaval.	Bateria (2017)	Harmonia
16	A Sétima Arte 	O ano de 1895 vê nascer o cinema, em Paris, quando os irmãos Louis e Auguste Lumière exibem o primeiro filme da história. Ao longo do tempo, muitas descobertas e avanços tecnológicos permitem o desenvolvimento do cinematógrafo, aparelho capaz de gravar e projetar imagens em movimento. Desde aquela sessão inicial, as películas ganham som, cores e “efeitos mais que especiais”, que surpreendem e encantam o público. A sétima arte, que um dia foi chamada de invenção sem futuro, documenta, distrai, assusta, emociona e faz sonhar milhões de pessoas pelo mundo.	Comunidade (2017)	Harmonia

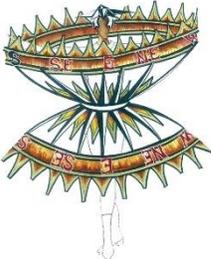
FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)

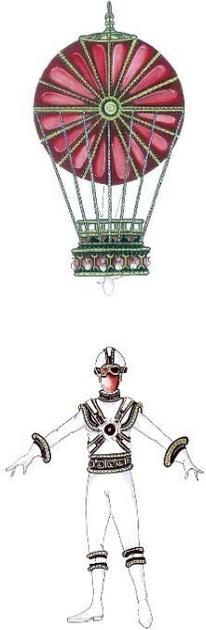
Paulo Barros e Paulo Menezes

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
17	<p>Nas Ondas do Rádio</p> 	<p>O surgimento do telégrafo sem fio, em 1896, é ponto de partida para a invenção do rádio. Com as primeiras transmissões da voz humana através do ar, começa uma espantosa revolução. Pelas ondas do rádio, notícias e entretenimento chegam velozmente, de todas as partes do planeta, fazendo com que o homem se sinta parte de um mundo muito mais amplo. Em pouco tempo, o invento se torna um meio de comunicação de massa, atingindo e influenciando um público numeroso e variado. Na Sapucaí, a sintonia é com a Vila Isabel na frequência do samba.</p>	Comunidade (2017)	Harmonia
18	<p>Descobrimo Novos Caminhos: a Invenção da Bússola</p> 	<p>Ao longo da história, o desejo de descobrir e explorar novos caminhos se realiza graças à força e aos avanços do conhecimento. Assim, uma pequena e antiga invenção acaba se tornando o maior instrumento de orientação de viajantes, para qualquer distância ou lugar. Sua origem é milenar, mas o aperfeiçoamento da bússola magnética na Itália, no século XIII, aponta a direção das grandes navegações e descobrimentos mundo afora. Desde então, a Terra nunca mais foi vista da mesma forma. No desfile da Vila, a bússola nos conduz em direção ao futuro.</p>	Comunidade (2017)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas) Paulo Barros e Paulo Menezes				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
19	<p>Navegar é Preciso</p> 	<p>A partir do século XV, as viagens marítimas ganham um novo impulso, com a criação e o desenvolvimento das caravelas portuguesas. Mais rápidas e seguras, com diversas inovações náuticas, essas embarcações permitem longas viagens por mares bravios e nunca d'antes navegados. A bordo das resistentes caravelas, aventureiros cruzam oceanos em busca de riquezas e glórias e inauguram a era das grandes descobertas. Um novo mundo se avista além-mar. E, para alcançar esse destino e mudar os rumos da história, navegar é preciso...</p>	Comunidade (2017)	Harmonia
20	<p>O Voo do Balão</p> 	<p>Vencer distâncias e ganhar os céus... Um dos sonhos mais antigos da humanidade desafia cientistas e inventores séculos afora. Até que, em 1709, as demonstrações do brasileiro Bartolomeu de Gusmão, com balões de ar quente, provam que esse sonho poderia se concretizar. Afinal, pela primeira vez, aparelhos construídos pelo homem vencem a gravidade. Décadas depois, os balões evoluem e passam a ser pilotados em pleno ar, mostrando que o desejo de voar pode, enfim, se realizar.</p>	Comunidade (2017)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Paulo Barros e Paulo Menezes

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
21	<p>No Fundo do Mar</p> 	<p>"Cruzaram oceanos, chegaram ao fundo do mar...". No início do século XIX, uma nova aventura pelos mares está prestes a começar. Considerado o “pai do mergulho”, o alemão Augustus Siebe desenvolve o escafandro: um capacete de metal preso a uma roupa fechada que revoluciona a exploração marítima. Hoje, com modernas adaptações e potentes cilindros de ar, o invento consegue atingir grandes profundidades. Para desvendar os mistérios submarinos, é preciso ganhar fôlego e mergulhar fundo!</p>	Comunidade (2017)	Harmonia
22	<p>Nas Asas da Vila</p> 	<p>A partir de 1906, a invenção do avião, pelo brasileiro Alberto Santos Dumont, mostra que é possível voar com aparelhos mais pesados do que o ar. Do primeiro voo da história às incríveis inovações da aviação, milhares de aeronaves passam a cruzar os céus cada vez mais velozes e com avançados equipamentos. Nas asas da Vila, o sonho de voar se renova e pode nos levar ainda mais longe!</p>	Comunidade (2017)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Paulo Barros e Paulo Menezes				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
23	A Conquista do Espaço 	<p>A viagem de uma das maiores aventuras do conhecimento vem acontecendo bem distante da Terra. Na década de 1950, a corrida espacial impulsiona o lançamento dos primeiros satélites e foguetes para além da órbita terrestre. Desde então, a conquista do espaço continua a se expandir pelo infinito, em busca de outros planetas. Agora, no século XXI, agências espaciais já planejam expedições tripuladas a Marte, em naves semelhantes aos discos voadores que povoam nossa imaginação e a ficção.</p>	Comunidade (2017)	Harmonia
24	Colombina, Com que Roupa eu Vou? 	<p>Um dos grandes desafios da atualidade tem sido criar alternativas e atitudes sustentáveis para a preservação do planeta. De forma criativa e consciente, reaproveitar materiais usados pode ser mais do que uma solução. Transformar o lixo em arte, evitando o desperdício e a poluição, é puro luxo e inovação! De olho no futuro, a Azul e Branco se inspira na popular personagem do Carnaval, capaz de se renovar no tempo e conquistar o que deseja. Afinal, ninguém melhor do que a esperta Colombina para reinventar a antiga fantasia e inspirar a Passarela: "Vem aqui aprender, minha Vila tá legal, o moderno e o tradicional".</p>	Comunidade (2017)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)

Paulo Barros e Paulo Menezes

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
25	<p>Bio-Pierrot, o Combustível da Paixão</p> 	<p>Nas últimas décadas, buscamos formas de evitar os danos causados pelo constante uso de combustíveis poluentes e não renováveis. Agora, já é possível produzir energia mais limpa, através de biocombustíveis, como o óleo de girassol, que podem ser renovados sem agredir a natureza. Assim, no Carnaval, fonte inesgotável de alegria, até o apaixonado Pierrot deixa a tristeza pra lá e faz a energia florir.</p>	Comunidade (2017)	Harmonia
26	<p>Arlequim, o Sabor do Carnaval</p> 	<p>A busca pela alimentação saudável conquista cada dia mais pessoas. Mas não basta pensar apenas em uma comida natural, rica em nutrientes e variada. O futuro do planeta exige alternativas para o aumento da produção de frutas, legumes e verduras, sem o uso de agrotóxicos ou pesticidas. Os produtos orgânicos fazem bem à saúde e ao meio ambiente. Em plena Avenida, tanta fartura enche os olhos e dá água na boca! Bailando e brincando, o colorido Arlequim sabe conquistar como ninguém. E cai no gosto do público, trazendo mais sabor à folia.</p>	Comunidade (2017)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas) Paulo Barros e Paulo Menezes				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
27	O Tesouro das Águas 	Muitos programas de conservação de ecossistemas ameaçados de extinção vêm conseguindo reverter os danos causados pela poluição desenfreada dos oceanos, rios e lagoas, que estão se tornando depósitos de efluentes tóxicos e detritos de todo tipo. Uma atitude responsável com o meio ambiente pode garantir a preservação da vida aquática e a nossa sobrevivência. É preciso atenção, porque o pirata do futuro está com um olho bem aberto para garantir que esse tesouro seja preservado!	Comunidade (2017)	Harmonia
28	Índio quer Respeito 	Sabendo cuidar, não vai faltar. E essa lição de como utilizar os recursos naturais sem esgotá-los pode ser entendida, se observarmos o modo de vida dos povos tradicionais para aprender como eles tratam o cultivo da terra e usam as águas dos rios, de forma sustentável, há gerações. Muitas vezes é preciso voltar ao passado para recuperar o futuro. O índio da Vila Isabel não quer apito, quer a mata preservada e o respeito pela sabedoria que os gananciosos insistem em não reconhecer.	Comunidade (2017)	Harmonia
29	Compositores 	Os compositores desfilam com seu traje tradicional	Compositores (2017)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Local do Atelier Rua Rivadávia Correa, 60 – Barracão 05 – Gamboa – Rio de Janeiro – Cidade do Samba	
Diretor Responsável pelo Atelier Paulo Barros, Paulo Menezes e Jaison Duarte	
Costureiro(a) Chefe de Equipe Rogério Azevedo	Chapeleiro(a) Chefe de Equipe -
Adrecista Chefe de Equipe Rogério Azevedo	Sapateiro(a) Chefe de Equipe Seu José e Daivison
Outros Profissionais e Respectivas Funções	
Outras informações julgadas necessárias As imagens dos croquis reproduzidas nas fichas são originais e servem apenas como referência, pois foram realizadas modificações na execução das fantasias, de acordo com materiais disponíveis no mercado.	

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Autor(es) do Samba-Enredo Evandro Bocão, André Diniz, Pinguim, JP, Marcelo Valência, Júlio Alves e Deco Augusto		
Presidente da Ala dos Compositores Eduardo Katata		
Total de Componentes da Ala dos Compositores 113 (cento e treze)	Compositor mais Idoso (Nome e Idade) Machadinho 80 anos	Compositor mais Jovem (Nome e Idade) Thalles Henrique 25 anos
Outras informações julgadas necessárias		
<p>Quem quer tocar o horizonte E conhecer o que virá Mergulhe fundo, o passado é a fonte Quem nunca foi, jamais será O fogo que arde na alma da gente Desvenda mistérios e traz o saber Forja o sonho, ilumina a mente Brilha no meu ser</p> <p>O mundo gira nas voltas da vila Rodas da vida que movem moinhos No sopro de um novo tempo, força do pensamento Descobrimo novos caminhos</p> <p>Destinos moldados na palma da mão Lições da história pra se folhear Os livros inspiram a evolução Um click nos leva pra qualquer lugar Nas ondas do rádio ou na televisão Na sétima arte que mostra até mais Ensinaamentos, efeitos bem mais que especiais Aventureiros cruzaram oceanos Chegaram ao fundo do mar Riscaram o espaço e deram um passo Maior que o homem podia imaginar Hoje pensar em ciência É ter consciência do que está por vir Então, pra que desistir? Corra que o futuro vem aí</p> <p>O povo do samba é vanguarda popular Mora nos Macacos e no Boulevard Vem aqui aprender, “minha vila tá legal” “O moderno e o tradicional”</p>		
		BIS
		BIS

FICHA TÉCNICA

Bateria

Diretor Geral de Bateria

Mestre Chuisco

Outros Diretores de Bateria

Buçu, Buda, Jorge Pedro, Villa-Lobos, Mariozinho, Paulão, Pitel, Willian, Gaganja, Cristiano, Taiane, Luiz Paulo, Beto e Luiz.

Total de Componentes da Bateria

279 (duzentos e setenta e nove) componentes

NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS

1ª Marcação	2ª Marcação	3ª Marcação	Reco-Reco	Ganzá
12	12	14	0	0
Caixa	Tarol	Tamborim	Tan-Tan	Repinique
45	65	36	0	32
Prato	Agogô	Cuica	Pandeiro	Chocalho
0	14	24	01	24

Outras informações julgadas necessárias

Bateria

Nome da Fantasia: Eureka!

O que representa: Os inventores ousam desafiar limites e não têm medo de desvendar o desconhecido. Eles sonham em explorar o Universo, empreender, desenvolver e aperfeiçoar técnicas e dispositivos. Descobrimos e criando, aprendendo com o passado e revolucionando nosso presente, fazemos com que caminhemos para um futuro de inúmeras possibilidades. Com muitas ideias na cabeça e toda a criatividade de seus ritmistas, a Swingueira de Noel atravessa a Avenida, reinventando o samba a cada Carnaval.

Rainha de Bateria: Sabrina Sato

Nome da Fantasia: A Luz da Inspiração

O que representa: A Rainha de Bateria inspira a criatividade dos incríveis ritmistas da Swingueira de Noel.

Princesa da Bateria: Dandara

Nome da Fantasia: Uma Ideia Brilhante

Diretor Geral de Bateria - Mestre Chuisco: Reinaldo de Souza, o mestre Chuisco, é "cria" da Estácio de Sá, sempre se destacando como ritmista no Rio de Janeiro. Desfilou nas principais Escolas de Samba do Carnaval carioca e comandou a bateria da Vermelho e Branco do morro de São Carlos durante nove anos. O profissional esteve no Grupo Especial, em 2016, e obteve a pontuação máxima para o G.R.E.S. Estácio de Sá, como mestre da Leão, feito que pretende repetir em sua estreia na Swingueira de Noel, em 2018.

FICHA TÉCNICA

Harmonia

<p>Diretor Geral de Harmonia Marcelinho Emoção</p>
<p>Outros Diretores de Harmonia Valtinho, Edmilson, Faquir, Lucimar, Júlio, Toninho, Alexandre, Lúcia, Wânia, Edson, Marcelo, Expedito, Sérgio e Wanderson.</p>
<p>Total de Componentes da Direção de Harmonia 42 (quarenta e dois)</p>
<p>Puxador(es) do Samba-Enredo Igor Sorriso</p>
<p>Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo Luizinho Crocet (cavaco), Douglas (cavaco) e Igor (violão de sete cordas)</p>
<p>Outras informações julgadas necessárias</p> <p>Diretor Geral de Harmonia - Marcelinho Emoção: Começou na Tupy de Brás de Pina. Passou pela Harmonia do G.R.E.S. Imperatriz Leopoldinense, nos tempos áureos da Escola. Foi para o G.R.E.S. Beija-Flor, no ano em que a Agremiação conquistou seu bicampeonato. A seguir, foi para o G.R.E.S. Unidos da Tijuca, onde vivenciou duas conquistas. Passou pelo G.R.E.S. Mangueira, no início da gestão do presidente Chiquinho, e foi campeão. Em 2018, foi contratado para assumir a Harmonia do G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel.</p> <p>Intérprete Oficial - Igor Sorriso: Vencedor do Estandarte de Ouro 2011, como Revelação, entre outros prêmios, Igor Sorriso começou sua história na Mocidade Unida de Santa Marta, em 2004. Passou pela Escola Mirim Aprendizes do Salgueiro. Em 2009, teve uma passagem pela Vizinha Faladeira, como intérprete oficial. A partir de 2006, fez parte do time de cantores da São Clemente, onde se tornou, em 2010, intérprete oficial. Com a simpatia característica, que o levou a ser conhecido como “Sorriso”, estreou, em 2016, como a voz principal da nossa Unidos de Vila Isabel.</p> <p>Total de Componentes de Direção de Harmonia de Alas: 45 (atuam exclusivamente na evolução e canto de uma ala específica)</p>

FICHA TÉCNICA

Evolução

Diretor Geral de Evolução

Ricardo Fernandes

Outros Diretores de Evolução

Valtinho, Edmilson, Faquir, Lucimar, Júlio, Toninho, Alexandre, Lúcia, Wânia, Edson, Marcelo, Expedito, Sérgio e Wanderson

Total de Componentes da Direção de Evolução

42 (quarenta e dois) componentes

Principais Passistas Femininos

Kelly, Nina, Roberta, Fabi, Elaine, Jandira, Júlia e Karen

Principais Passistas Masculinos

Clóvis, Ricardo, Adilson, Rômulo, Marcos, Hudson e Pedro

Outras informações julgadas necessárias

Coordenadores da Ala de Passistas: Edson e Dandara

Nome da Fantasia dos Passistas: Cada Passista é um Flash!

O que representa: Não perca o foco! Esses animados fotógrafos eternizam o desfile da Vila Isabel. E cada flash dispara os corações e dá a luz perfeita para captar toda alegria que se espalha pela Marquês de Sapucaí.

Diretor Geral de Evolução: Ricardo Fernandes

Ricardo Fernandes iniciou sua trajetória no samba como componente da Imperatriz Leopoldinense, onde desfilou por 20 anos. Em 1999, tornou-se Diretor Geral de Harmonia da agremiação, ficando até 2002. Em 2003, chegou à Unidos da Tijuca e, com a contratação do carnavalesco Paulo Barros, em 2004, conquistam o vice-campeonato da escola tijuca. No Carnaval de 2005, foi Diretor de Carnaval da Unidos do Porto da Pedra, coordenando a equipe que conquistou a pontuação máxima nos quesitos Harmonia, Evolução e Conjunto, fato inédito na agremiação gonçalense. Em 2006, assumiu a Direção de Carnaval da Unidos de Vila Isabel e participou do processo de reorganização da escola, que culminou no campeonato. Em 2007, é convidado para administrar o carnaval *Candaces*, na Acadêmicos do Salgueiro. Em 2008 e 2009, foi Diretor de Carnaval da Unidos de Vila Isabel. A equipe de 2004, composta pelo Diretor de Carnaval Ricardo Fernandes, pelo Carnavalesco Paulo Barros e pelo Diretor Geral de Harmonia Fernando Costa, volta a trabalhar em conjunto, em 2010, na Unidos da Tijuca, levando-a a conquistar o título de Campeã do Carnaval carioca. Em 2018, Ricardo Fernandes está de volta à Unidos de Vila Isabel, como Diretor Geral de Evolução.

FICHA TÉCNICA

Informações Complementares

Vice-Presidente de Carnaval Fernando Fernandes		
Diretor Geral de Carnaval -		
Outros Diretores de Carnaval Luizinho Guimarães, Paulo Barros, Paulo Menezes, Moisés Carvalho e Ricardo Fernandes		
Responsável pela Ala das Crianças -		
Total de Componentes da Ala das Crianças -	Quantidade de Meninas -	Quantidade de Meninos -
Responsável pela Ala das Baianas Vera		
Total de Componentes da Ala das Baianas 82 (oitenta e dois)	Baiana mais Idosa (Nome e Idade) Luzinete Taparica 83 anos	Baiana mais Jovem (Nome e Idade) Geisa Anacleto 22 anos
Responsável pela Velha-Guarda Cheila Rangel		
Total de Componentes da Velha-Guarda 74 (setenta e quatro)	Componente mais Idoso (Nome e Idade) Terezinha de Jesus Cardoso 86 anos	Componente mais Jovem (Nome e Idade) Marco Antônio da Silva 56 anos
Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.) Martinho da Vila e Sabrina Sato		
Outras informações julgadas necessárias		

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Responsável pela Comissão de Frente

Paulo Barros e Alex Neoral

Coreógrafo(a) e Diretor(a)

Alex Neoral

Total de Componentes da Comissão de Frente	Componentes Femininos	Componentes Masculinos
14 (quatorze)	0	14 (quatorze)

Outras informações julgadas necessárias

Nome da Fantasia: Leonardo da Vinci, o visionário

Leonardo da Vinci, o extraordinário inventor, pintor, escultor, arquiteto, físico, matemático – gênio do período renascentista –, foi capaz de idealizar um mundo muito à frente de seu tempo. Na Avenida, suas visões anunciam que o desfile da Unidos de Vila Isabel nos conduzirá através da aventura do conhecimento, em que a capacidade científica, a sensibilidade e a engenhosidade humanas permitem projetar e mudar o nosso futuro. O visionário, através de imagens que remetem o público a conquistas que revolucionaram a trajetória da humanidade, apresenta a Azul e Branco e convida: "Quem quer tocar o horizonte e conhecer o que virá?".

Sobre o Coreógrafo:

Alex Neoral: Coreógrafo e diretor da Focus Cia de Dança, Alex já apresentou seu trabalho em Nova York e Washington D.C. (EUA), França, Itália, Portugal, Canadá, Alemanha e Panamá. A Companhia que dirige foi condecorada, em 2016, pelo Ministério da Cultura, com a “Comenda Ordem do Mérito Cultural”, prêmio máximo à arte brasileira. No Carnaval estreou, em 2009, a convite de Rosa Magalhães e, desde então, vem desenvolvendo trabalhos para as agremiações Imperatriz Leopoldinense (2009, 2011, 2012 e 2013), Vila Isabel (2014) e Unidos da Tijuca (2015, 2016 e 2017). A convite de Paulo Barros, Alex retorna à Vila Isabel para o Carnaval de 2018.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

1º Mestre-Sala Raphael Rodrigues	Idade 33 anos
1ª Porta-Bandeira Denadir Garcia	Idade 39 anos
2º Mestre-Sala Jackson Senhorinho	Idade 32 anos
2ª Porta-Bandeira Bárbara Dionísio	Idade 18 anos

Outras informações julgadas necessárias

1º CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA

Nome da fantasia: Fogo, descoberta que ilumina o futuro

Criação do figurino: Paulo Barros

Confecção: Atelier da Escola

O que representa: "O fogo que arde na alma da gente" inflama a Avenida! O Mestre-Sala, faísca luminar que procura incessantemente desvendar os mistérios da natureza, acende a primeira fogueira produzida pelo homem, representada pela Porta-Bandeira. Refulgente, o casal simboliza a grande descoberta que principia a infindável jornada do conhecimento que ilumina nossos caminhos em busca do futuro.



FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira:

Raphael Rodrigues: Desde os oito anos de idade, se encantou pela dança de Mestre-Sala. Formado pela escola do Mestre Manoel Dionísio, ao completar a maioridade, recebeu o convite para ser o 1º Mestre-Sala do G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel, em 2005. Em 2006, sagrou-se campeão, com o título da Escola, e conquistou o Estandarte de Ouro concedido pelo júri do jornal *O Globo*. Com passagens pelo G.R.E.S. Unidos do Viradouro e pelo G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel, Raphael esteve na Estação Primeira de Mangueira, de 2010 a 2016, onde se sagrou campeão. Nesse período, tornou-se discípulo do lendário Mestre-Sala Delegado, passando a incorporar ao seu bailado alguns dos passos eternizados pelo mestre. De volta à Azul e Branco, Raphael, desde 2017, mostrará toda sua experiência e competência para garantir, ao lado de Denadir Garcia, a nota máxima, no desfile de 2018.

Denadir Garcia: Denadir fez par com o Mestre-Sala Luiz Augusto, por dez carnavais, em escolas como Renascer, Caprichosos e outras. Em 2011, foi para o G.R.E.S. Porto da Pedra, e, em 2012, chegou ao G.R.E.S. São Clemente, para dançar com o Mestre-Sala Bira. Em 2013, começou a fazer par com Fabrício Pires e, em 2015, marcaram 40 pontos. No ano de 2018, defenderá o pavilhão da G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel, ao lado do Mestre-Sala Raphael Rodrigues, para conquistar a pontuação máxima no desfile da Azul e Branco.

2º CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA

Nome da fantasia: Moinhos de Vento

Criação do figurino: Paulo Barros

Confecção: Atelier da Escola

O que representa: As viagens dos cavaleiros das Cruzadas expandem os moinhos de vento pelos campos da Europa medieval, transformando a produção da energia e da agricultura da época. O 2º Casal da Vila Isabel gira, na Passarela, e convida o público a experimentar o "sopro de um novo tempo".



G.R.E.S. PARAÍSO DO TUIUTI



**PRESIDENTE
RENATO RIBEIRO MARINS**

*“Meu Deus, meu Deus, está
extinta a escravidão?”*



Carnavalesco
JACK VASCONCELOS

FICHA TÉCNICA**Enredo**

Enredo <i>“Meu Deus, meu Deus, está extinta a escravidão?”</i>					
Carnavalesco Jack Vasconcelos					
Autor(es) do Enredo Jack Vasconcelos					
Autor(es) da Sinopse do Enredo Jack Vasconcelos					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile Jack Vasconcelos e Thiago Monteiro					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
01	A escravidão na África	LOVEJOY, Paul E.	Civilização Brasileira	2002	Todas
02	Dicionário da escravidão negra no Brasil	MOURA, Clovis	Edusp	2004	Todas
03	O Abolicionismo	NABUCO, Joaquim	UnB	2003	Todas
04	Escravidão e morte social - Um estudo comparativo	PATTERSON, Orlando	Edus	2009	Todas
05	A história da escravidão	PÉTRÉ-GRENOUILLEAU, Olivier	Boitempo	2009	Todas
06	A escravidão no Brasil	PINSKY, Jaime	Context	2000	Todas
07	Escravidão e capitalismo histórico no século XIX – Cuba, Brasil e Estados Unidos	SALLES, Ricardo; MARQUESE, Rafael	Civilização Brasileira	2016	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
08	Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o Golfo de Benin e a Bahia de Todos os Santos: dos séculos XVII e XIX	VERGER, Pierre	Corrupio	1987	Todas
09	Trabalho escravo – A abolição necessária	SHWARZ, Rodrigo Garcia	LTr	2008	Todas
10	Escravidão negra e branca – O passado através do presente	ETZEL, Eduardo.	Global	1976	Todas
11	A elite do atraso – Da escravidão à Lava Jato	SOUZA, Jessé.	Leya	2017	Todas
12	Escravo ou camponês? O protocampesinato negro nas Américas.	CARDOSO, Ciro Flamarion S.	Brasiliense	2004	Todas

Outras informações julgadas necessárias

HISTÓRICO DO ENREDO

MEU DEUS, MEU DEUS, ESTÁ EXTINTA A ESCRAVIDÃO?

Velha companheira de caminhada da Humanidade.
A ideia de superioridade, divina ou bélica, cobriu-a com o manto do poder.
Pela força ergueu impérios e sustentou civilizações.
Pela alienação justificou injustiças e legitimou a discriminação.
Ganhou nome quando escravos viraram ‘escravos’ nas mãos dos bizantinos.
Dominou mundo afora, invadiu terras adentro, expandiu a ganância mercantilista e fez
da exploração do continente negro seu maior mercado.
Viu senhores mouros do norte africano ostentarem servos de pele alva e olhos azuis
mediterrâneos, enquanto negociavam artigos de luxo e peças de ébano.
Cativou povos, devastou territórios, extraiu riquezas do solo e de animais em nome de
coroas europeias.
Era rentável negócio até para chefes negros que a alimentavam com gente de sua
gente.
Levou uma raça a oferecer-lhe da própria carne.
Separou famílias, subjuguou reis, aprisionou guerreiros, reduziu seres humanos a
mercadorias.
Calunga Grande muito ouviu os lamúrios dos Tumbeiros abarrotados em sua ordem.
Calunga Pequena muito acolheu os vencidos pela sua sentença.
Plantou seus filhos em nossos canaviais, cafezais e minas de ouro e diamantes.
Lavou com sangue negro o chão das senzalas e os pés-de-moleque das cidades.
Foi senhora de todos os senhores, mãe das sinhás, amante dos feitores.
Marcou com ferro os que ousavam lhe renegar, levantar a cabeça.
Perseguiu os de alma indomável que corriam ao encontro do sonho quilombola.
Quimeras da liberdade de uma raça pirraça fortificadas entre serras e matas que
teimavam lhe enfrentar.
Porém, as eras de prática envenenaram até as mais legítimas das lutas quando
expuseram suas raízes humanas nos quilombos.
Provocou precisa e astuta fusão entre crenças apadrinhadas pela fé, amparo do rosário
das desventuras nesse benedito logradouro.
Coroou santos reis e sagradas rainhas ao som de louvores batucados. Fitas da linha do
tempo presente e passado. Espelhos da ancestralidade.
Ouvindo os ventos soprados de longe que ressoaram brados iluminados de liberdade
pelas paragens brasileiras.
Abolir-te foi palavra de ordem.
Utopia e justiça para uns. Falência e loucura para outros. Caminho sem volta para
muitos.

“O homem de cor” ganhou voz pelas ruas, força nos punhos da população, para além das leis parcialmente libertadoras.

Contudo, mesmo enfraquecida, sobrevivia sob a égide dos grandes latifundiários e nas vistas grossas da hipocrisia.

Ferida com a ponta afiada da pena de ouro que a áurea princesa empunhou ao assinar sua redentora extinção, maquinada por uma sedenta revolução industrial de sotaque inglês, caiu.

Uma voz na varanda do Passo ecoou:

- Meu Deus, meu Deus, está extinta a escravidão!

Folguedos, bailes, discursos inflamados e fogos de artifício mergulharam o povo em dias de êxtase e glória.

Pão e circo para aclamação de uma bondade cruel, pois não houve um preparo para a libertação e ela não trouxera cidadania, integração e igualdade de direitos.

Mais viva do que nunca, os aprisionou com os grilhões do cativo social.

Ainda é possível ouvir o estalar de seu açoite pelos campos e metrópoles.

Consumimos seus produtos.

Negligenciamos sua existência.

Não atualizamos sua imagem e, assim, preservamos nossas consciências limpas sobre as marcas que deixou tempos atrás.

Segue vivendo espreitada no antigo pensamento de “nós” e “eles” e não nos permite enxergar que estamos todos no mesmo barco, no mesmo temeroso Tumbeiro, modernizando carteiras de trabalho em reformadas cartas de alforria.

Jack Vasconcelos
Carnavalesco

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

“Meu Deus, meu Deus, está extinta a escravidão?”

Em 2018 se completam 130 anos da assinatura da Lei Áurea, que oficialmente aboliu a escravidão no Brasil, e 50 anos do desfile de um dos mais emblemáticos sambas de enredo sobre essa passagem história, o “Sublime Pergaminho”, pela escola de samba Unidos de Lucas. Seu famoso verso afirmativo, “Meu Deus, meu Deus, está extinta a escravidão!”, se transforma em uma pergunta no título de nosso enredo para refletirmos sobre a desigualdade e a exploração do trabalho.

A ideia de que algum ser humano é inferior a outro e que este pode, deve ou merece ser explorado acompanha a humanidade desde os tempos mais remotos e tem o uso da força, seja ela física, bélica, psicológica ou econômica, como seu principal instrumento.

Olhando o redução de pessoas como mercadoria, faremos um passeio pela Antiguidade, pelo comércio de escravos e sua utilização na formação de nosso país até a chamada “abolição da escravatura”. Ao final, trazendo para os tempos atuais, veremos as consequências sociais das práticas escravagistas, a existência do uso do trabalho escravo que persiste em alguns setores de produção econômica e a fragilidade das relações trabalhistas.

Será que após essa viagem, refletindo sobre a realidade cotidiana do Brasil, você será capaz de responder à pergunta do título de nosso enredo de forma positiva?

Setor 01 - “Meu Paraíso é meu bastião”

A escola de samba é um totem de cultura brasileira fortificado na capacidade de resistência dos mais pobres, na voz dos excluídos e na ancestralidade do sentimento comunitário. E, em meio a uma atualidade de exclusão social, desigualdade de oportunidades, intolerância às diferenças e ataque aos direitos básicos dos cidadãos, as escolas se tornaram uma espécie de quilombo contemporâneo onde suas comunidades encontram representatividade. Sendo assim, convoque seu guerreiro interior e venha para a luta!

Setor 02 - “Pobre artigo de mercado”

A origem da escravidão, ou do trabalho compulsório, se perde nos tempos, aproximando-se das origens da própria civilização humana. Sempre uma grande tendência nas avaliações históricas, em classificar a divisão do trabalho de toda sociedade de classes, em três categorias possíveis de trabalhadores: livres, servos e escravos. Entretanto devemos nos remeter ao passado e observar que nem sempre a distinção entre escravos e homens livres foi tão clara.

Setor 03 - “Falta em seu peito um coração ao me dar a escravidão”

O poder gera exploração e conquistas territoriais expansionistas sempre produziram escravidão. Grandes reinos europeus espalharam seus domínios pelos oceanos e precisaram de mão-de-obra barata para extrair o máximo de suas colônias. Desta demanda de mercado, cresceria o maior comércio de escravos da história da humanidade em um dos continentes mais ricos do mundo...

Setor 04 - “Sofri nos braços de um capataz”

Exploração em cadeia: a metrópole (Portugal) explorava a colônia (Brasil), que explorava a mão-de-obra escrava (negros). A escravidão foi um dos principais pilares do período colonial brasileiro, gerando lucros e constituindo peça fundamental na formação da população brasileira. Além de viabilizar a exploração das terras, o tráfico negro potencializou o desenvolvimento de várias atividades econômicas e transformou o negro num povoador do Brasil, um criador, introdutor de técnicas importantes de produção agrícola e de mineração do ouro.

Setor 05 - “Um rito, uma luta, um homem de cor”

A colonização esteve sistematicamente aliada à exploração da mão-de-obra escrava. A propagação das ideias humanistas e o avanço da industrialização como produção foram enfraquecendo o conceito da legitimação da escravidão. Apesar da pressão de seus cidadãos e de uma intensa investida internacional, o Brasil foi o último país na América a abolir a escravatura. Pelo menos no papel...

Setor 06 - “Cativeiro social”

Apesar da assinatura da Lei Áurea, não podemos compreender a abolição como uma conquista significativa aos libertos. A Abolição não fora acompanhada por ações que promovessem a inserção do negro na sociedade. Dessa forma, a miséria e a desigualdade continuaram presentes no cotidiano dos libertos. Atualmente, vários problemas ligados à escravidão ainda estão por resolver nos campos social, político e econômico, contribuindo para que o trabalho escravo ainda seja uma realidade no Brasil, acometendo a liberdade do trabalhador e o mantendo submisso a uma situação de exploração.

ROTEIRO DO DESFILE

SETOR 01

“MEU PARAÍSO É MEU BASTIÃO”

Comissão de Frente
“O GRITO DE LIBERDADE”

1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Marlon Flores e Daniele Nascimento
“GUERREIROS DO QUILOMBO TUIUTI”

Guardiões do
1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
“SENTINELAS DA LIBERTAÇÃO”

Ala 01 – Encenashow
“QUILOMBOLAS TUIUTI”

Ala 02 – Velha-Guarda
“SABEDORIA QUILOMBOLA”

Abre-Alas – Alegoria 01
“QUILOMBO TUIUTI”

SETOR 02

“POBRE ARTIGO DE MERCADO”

Ala 03 – Comunidade
“CORVEIA EGÍPCIA”

Ala 04 – Comunidade
“CATIVO BABILÔNICO”

Ala 05 – Comunidade
“SERVIÇAL GREGO”

Ala 06 – Comunidade
“GLADIADOR ROMANO”

Ala 07 – Comunidade
“ESCRAVOS ESLAVOS”

Ala 08 – Comunidade
“ESCRAVO ÁRABE”

Musa
Luisa Langer
“PIRATA ÁRABE”

Alegoria 02
“O MERCADO DE GENTE”

SETOR 03

“FALTA EM SEU PEITO UM CORAÇÃO AO ME DAR A ESCRAVIDÃO”

Ala 09 – Ala do Tio Fábio
“ÁFRICA E EUROPA”

Ala 10 – Comunidade
“OURO, MARFINS E PELES”

Ala 11 – Baianas
“RIQUEZA AFRICANA”

Ala 12 – Guerreiros do Tuiuti
“GUERREIROS”

Ala 13 – Comunidade
“APRISIONADOS”

Alegoria 03
“TUMBEIRO”

SETOR 04

“SOFRI NOS BRACOS DE UM CAPATAZ”

Ala 14 – Comunidade
“ESCRAVOS NOS CANAVIAIS”

Ala 15 – Comunidade
“ESCRAVOS NOS CAFEZAIS”

Destaques de Chão
Alex Coutinho
“ESCRAVO COM OURO BARROCO”

Destaques de Chão
Sarah Honorato
“ESCRAVAS COM OURO BARROCO”

Destaques de Chão
Poliana Cipriano
“ESCRAVAS COM OURO BARROCO”

Ala 16 – Passistas
“ESCRAVOS COM OURO E DIAMANTES”

Rainha de Bateria
Carol Marins
“ESPÍRITO QUILOMBOLA”

Ala 17 – Bateria
“FEITORES”

Ala 18 – Show do Tuiuti
“ESCRAVOS NA FAISCAÇÃO”

Ala 19 – Comunidade
“ESCRAVOS NAS MINAS”

Ala 20 – Carroça da Alegria
“ESCRAVOS DE GANHO”

Musa
Milla Ribeiro
“FESTEJO AOS PADROEIROS”

Alegoria 04
“OURO NEGRO”

SETOR 05
“UM RITO, UMA LUTA, UM HOMEM DE COR”

Ala 21 – Comunidade
“ABOLICIONISTAS”

Ala 22 – Comunidade
“O HOMEM DE COR”

Ala 23 – Plus no Samba
“AS CAMÉLIAS DO LEBLON”

Ala 24 – Comunidade
“DAMAS DE FERRO”

Musa
Mayara Lima
“ROSA DE OURO”

Tripé
“LEI ÁUREA”

SETOR 06
“CATIVEIRO SOCIAL”

Ala 25 – Comunidade
“CATIVEIRO SOCIAL”

Ala 26 – Comunidade
“TRABALHO ESCRAVO RURAL”

2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Wesley Cherry e Rebeca Tito
“O MAGNATA DA EXPLORAÇÃO E A
COSTUREIRA ESCRAVIZADA”

Ala 27 – Comunidade
“TRABALHO INFORMAL”

Ala 28 – Comunidade
“GUERREIRO DA CLT”

Ala 29 – Ala do Cláudio
“MANIFESTOCHES”

Musa
Juliana Portela
“TRABALHADORES DO BRASIL”

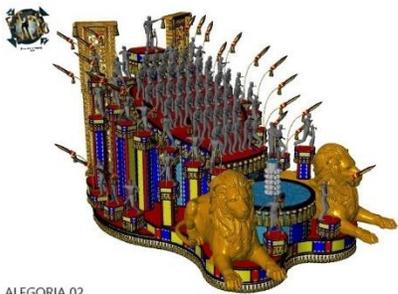
Alegoria 05
“NEO-TUMBEIRO”

FICHA TÉCNICA**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Jack Vasconcelos		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	QUILOMBO TUIUTI 	<p>Um quilombo e uma comunidade tem muito em comum. Ambos são lugares de resistência e abrigo. E só existe um quilombo onde há opressão, exclusão. Com uma estética inspirada nas fortificações de tribos africanas, o abre-alas traz um imagético Quilombo Tuiuti, guardado por grandes rinocerontes que simbolizam a força da África e ladeado por máscaras tribais para espantar os maus espíritos. Ele representa o sentimento de luta do povo da comunidade e a ancestralidade guerreira presente em cada morador do morro do Tuiuti ou componente do Paraíso do Tuiuti que tem sua escola de samba como um bastião de orgulho e identidade.</p> <p><u>Composições:</u> 32 “Ancestrais do Quilombo Tuiuti” 62 “Sentinelas do Quilombo Tuiuti” (Homens e Mulheres)</p> <p><u>Destaques:</u> Central baixo (tripé): Jorge Honorato Fantasia: Senhor o Quilombo Tuiuti</p> <p>Central médio (coroa): Renata Marins Fantasia: Rainha do Quilombo Tuiuti</p> <p>Central alto: Klayton Eler Fantasia: Sacerdote do Quilombo Tuiuti</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Jack Vasconcelos		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	<p>O MERCADO DE GENTE</p>  <p>ALEGORIA 02</p>	<p>Alegoria ao tráfico de escravos praticado pelos muçulmanos árabes do norte e leste da África. Pessoas de vários grupos raciais foram forçadas à escravidão, incluindo uma grande parcela de povos europeus da costa mediterrânea e das regiões montanhosas do Cáucaso. Na alegoria percebe-se um grupo de escravos mediterrâneos cercados por sentinelas árabes com o grande Califa ao fundo. Na frente, dois leões (símbolo de poder e realeza) guardam as riquezas, humanas e materiais, do Califado.</p> <p><u>Composições:</u> 40 “Escravos mediterrâneos” 28 “Sentinelas árabes”</p> <p><u>Destaques:</u> Leão direito: Luiz Vigneron Moon Fantasia: Sentinela do Califado</p> <p>Leão esquerdo: Fábio Lima Fantasia: Sentinela do Califado</p> <p>Central alto: Flávio Rocha Fantasia: Grande Califa</p> <p>Chafariz: Graciele Chaveirinho Fantasia: Concubina do Califa</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Jack Vasconcelos		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p>TUMBEIRO</p>  <p>ALEGORIA 03</p>	<p>A silhueta de um navio negroiro, também alcunhados de “tumbeiros” devido ao alto índice de mortandade durante as viagens, se funde à estética prisional composta por correntes e linhas que remetem a um concretismo desconfortável representando a forma degradante e cruel em que os negros africanos eram transportados para as colônias europeias ávidas por mão-de-obra barata para suas produções extrativistas. Reis, nobres, sacerdotes, guerreiros, artífices ou simples aldeões, tiveram sua humanidade anulada, chamados de “peças” e amontoados como estoque no maior mercado escravagista da história da civilização.</p> <p><u>Composições:</u> 50 “Peças” (descalços) 12 “Riquezas Europeias Ultramarinas”</p> <p><u>Destaques:</u> Central baixo (gaiola): Paulo Lima Fantasia: Rei Africano Escravizado</p> <p>Central alto: Dida Fantasia: Português Negroiro</p> <p>Central fundos: Jorge Amarelloh Fantasia: Nobre Africano Escravizado</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Jack Vasconcelos		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
04	<p>OURO NEGRO</p>  <p>ALEGORIA 04</p>	<p>A escravidão negra desenhou o cenário cotidiano social do Brasil colonial e foi peça fundamental na formação da população brasileira, como exemplificados nos murais que reproduzem algumas pinturas de Debret. Banhada pelos tons dourados da riqueza barroca brasileira, a alegoria traz referências do diálogo entre culturas como os festejos aos padroeiros de irmandades religiosas negras (como as Congadas à São Benedito e Nossa Senhora do Rosário dos Pretos) e sincretismos míticos (na divindade de um totêmico “preto velho”)</p> <p><u>Composições:</u> 18 “Escravos de lavra” 08 “Pajens” 08 “Mucamas”</p> <p><u>Destaques:</u> Frente baixo direito: Ana Claudia Fantasia: Rainha da Congada</p> <p>Frente baixo esquerdo: Morena Flor Fantasia: Rainha da Congada</p> <p>Central meio: Marcelo de Almeida Fantasia: Festejo aos padroeiros São Benedito e Nossa Senhora do Rosário dos Pretos</p> <p>Central alto: Ritale de Iemanjá Fantasia: Riqueza Barroca</p>

FICHA TÉCNICA**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Jack Vasconcelos		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p>Tripé</p> <p>LEI ÁUREA</p>  <p>TRIPÉ</p>	<p>O tripé traz a reprodução do documento assinando pela Princesa Isabel, em 13 de maio de 1888, no qual se abolia totalmente a escravidão no Brasil. "Áurea" quer dizer "de ouro" e a expressão refere-se ao caráter glorioso da lei que pôs fim a essa forma desumana de exploração do trabalho.</p> <p>Destaque: Marcinho Fantasia: Negro "liberto"</p>
05	<p>NEO-TUMBEIRO</p>  <p>ALEGORIA 05</p>	<p>A alegoria é dividida em dois níveis para evidenciar a marcante desigualdade social do Brasil. Na parte inferior a plástica do carro 03, "Tumbeiro", retorna para atualizar a situação da massa trabalhadora, poeticamente, colocando-os no lugar dos escravos antigos. Na parte superior a classe dominante extrai e concentra cada vez mais as riquezas geradas pelo trabalho do povo e se articula, econômica e politicamente, para sua manutenção e de seus privilégios. À frente, a mão do trabalhador brasileiro continua acorrentada ao velho tumbeiro demonstrando que o antigo regime exploratório dos ricos sobre os pobres avança em golpeantes reformas...</p> <p><u>Composições:</u> 38 "Trabalhadores" 08 "Manifestoches" 18 "Golpresários" 06 "Vampiresários"</p> <p><u>Destaques:</u> Central: Samile Cunha Fantasia: Quem é o Pato? Central alto: Léo Morais Fantasia: Vampiro Neoliberalista</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
<p>Samile Cunha Léo Moraes Flávio Rocha Fábio Lima Marcelo de Almeida Klayton Heller Dida Paulo Lima</p>	<p>Professor e Figurinistas Professor e Artista Plástico Empresário Cabeleireiro Figurinista Professor e Empresário Cabeleireiro Jornalista</p>
<p>Local do Barracão Rua Rivadavia Correa, nº. 60 – Barracão nº. 03 – Cidade do Samba – Gamboa, RJ</p>	
<p>Diretor Responsável pelo Barracão Júlio César e Renan</p>	
<p>Ferreiro Chefe de Equipe Gilberto</p>	<p>Carpinteiro Chefe de Equipe Robinho</p>
<p>Escultor(a) Chefe de Equipe Wendell Azevedo</p>	<p>Pintor Chefe de Equipe Fábio Carvalho (Filé)</p>
<p>Eletricista Chefe de Equipe Leandro</p>	<p>Mecânico Chefe de Equipe Antônio</p>
<p>Outros Profissionais e Respectivas Funções</p> <p>Paulinho da Luz - Iluminador artístico Fernando Kieer - Aderecista chefe da alegoria 01 Jefferson Siqueira - Aderecista chefe da alegoria 02 e Tripé Lei Áurea Luizinho - Aderecista chefe da alegoria 03 Rogério Azevedo - Aderecista chefe das alegorias 04 e 05 Chiquinho - Esculturas em espuma Marlon Cardoso - Chefe da equipe de movimentos e esculturas Marquinho Neon - Iluminação em neon Flavio Moura - Assistente de pintura de arte</p>	

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Jack Vasconcelos				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	Sentinelas da Libertação 	O figurino traz uma estética misteriosa que une o misticismo africano com elementos de guerra para representar a postura de resistência frente às demandas	Guardiões do 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira (2016)	Fábio Batista
01	Quilombolas Tuiuti 	Ala coreografada. As cores do Paraíso do Tuiuti, azul, amarelo e ouro, vestem esse soldado da resistência que existe dentro de cada um dos componentes da comunidade do Tuiuti, que lutam contra as dificuldades do cotidiano da selva contemporânea que é a cidade.	Encenashow (2014)	Carla Meirelles
02	Sabedoria Quilombola 	Olhos que já viram de um tudo, peles castigadas pela vida e vozes que transmitem uma experiência ancestral. A velha-guarda do Paraíso do Tuiuti representa o respeito aos mais experientes e seus ensinamentos	Velha-Guarda (1954)	Dona Vitorinha

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Jack Vasconcelos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
03	Corveia Egípcia 	Mão-de-obra das grandes edificações e dos trabalhos árduos em geral, os escravos do antigo Egito não eram caracterizados como os clássicos “escravos-mercadoria” e também os “trabalhadores livres” não eram senhores de seu próprio destino. Dominava o sistema de Corveia, uma espécie de trabalho compulsório que era remunerado apesar de obrigatório.	Comunidade (2016)	Direção de Carnaval
04	Cativo Babilônico 	Na Babilônia existia desigualdade entre os cativos. Havia os escravos dos templos, os do Estado, os particulares e os escravos de escravos, pois alguns acabavam enriquecendo, pagavam suas obrigações a seus respectivos senhores e compravam seus próprios escravos para exercerem as atividades indesejadas em seu lugar	Comunidade (2016)	Direção de Carnaval
05	Serviçal Grego 	Baseada no modo de produção escravista, em que o trabalhador era um instrumento de produção, na Grécia Antiga uma pessoa tornava-se escrava de diversas formas. As mais comuns eram através da captura em guerras ou para pagamento de dívidas, já que a sociedade grega desprezava os trabalhos manuais, domésticos e pesados para valorizar o exercício artístico-intelectual.	Comunidade (2016)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Jack Vasconcelos				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
06	Gladiador Romano 	Devido às conquistas territoriais expansionistas, na Roma antiga o número de escravos aumentava constantemente com os prisioneiros de guerra que, juntos a criminosos, desertores e desvalidos, eram escravizados para lutar à força por suas vidas em combates de entretenimento público.	Comunidade (2016)	Direção de Carnaval
07	Escravos Eslavos 	Os eslavos foram escravos dos gregos, romanos e germânicos. Durante a Idade Média, germanos e bizantinos escravizaram uma grande quantidade de eslavos na Europa central. Esses “Slavus” influenciaram a origem da palavra “escravo” junto ao latino “Sclavus” (pessoa que é propriedade de outra)	Comunidade (2016)	Direção de Carnaval
08	Escravo Árabe 	Árabes se espalharam pelo Norte e Leste africano. O mercado muçulmano de tráfico escravagista forçou à escravidão, além daqueles de origem africana, europeus capturados ao longo da costa mediterrânea e regiões montanhosas do Cáucaso.	Comunidade (2016)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Jack Vasconcelos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Pirata Árabe</p> 	<p>Muçulmanos do norte da África saíam em embarcações piratas para capturar e escravizar tripulações de navios e povos que habitavam o litoral mediterrâneo.</p>	<p>Musa (2016)</p>	<p>Luisa Langer</p>
09	<p>África e Europa</p> 	<p>Ala coreografada. Com o intuito de expandir suas atividades comerciais, no contexto da sua expansão marítima, europeus exploraram a costa africana e iniciaram o maior mercado de escravidão em massa da história da humanidade. A ala traz dois figurinos para representar essa relação: uma alegoriza a expansão marítima europeia e a outra o continente africano</p>	<p>Ala do Tio Fábio (2016)</p>	<p>Tio Fábio</p>
10	<p>Ouro, Marfins e Peles</p> 	<p>Até o século XVI, o interesse dos comerciantes europeus não esteve voltado prioritariamente para o negócio de seres humanos. Ouro, marfim, peles e outros produtos atraíam o interesse dos mercadores</p>	<p>Comunidade (2016)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Jack Vasconcelos				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
11	Riqueza Africana 	Em uma estética belicista a fantasia traz elementos como o ouro, a sofisticação da ourivesaria e a força dos animais para traduzir, alegoricamente, a riqueza e o poder dos reinos africanos.	Baianas (1954)	Dona Sandra
12	Guerreiros 	Ala coreografada. Grande parte do pagamento das negociações de escravos com reinos e tribos africanas era paga em materiais bélicos pelos europeus, com os quais os chefes e reis visavam fortalecer o poderio de seus exércitos perante os embates com adversários.	Guerreiros do Tuiuti (2016)	Rodrigo Avelar
13	Aprisionados 	Assim como em outras sociedades antigas, vários povos africanos eram escravizados em resultados de guerras e invasões que, nesse caso, eram promovidas entre tribos e reinos rivais para alimentar o comércio escravagista europeu. A fantasia traz o simbolismo de um africano engaiolado para representar a situação de aprisionado	Comunidade (2016)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Jack Vasconcelos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
14	<p>Escravos nos Canaviais</p> 	<p>A mão-de-obra escrava africana foi o pilar que sustentou a primeira e mais extensa atividade economicamente organizada no Brasil colonial: o cultivo da cana-de-açúcar</p>	<p>Comunidade (2016)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>
15	<p>Escravos nos Cafezais</p> 	<p>Utilizada em grande escala durante um longo período, a mão-de-obra escrava era comprada pelos cafeicultores por meio do tráfico negreiro ou adquirida no comércio interno no qual os escravizados eram originários de engenhos e fazendas em processo decadente no Nordeste após o período do “ciclo do açúcar”.</p>	<p>Comunidade (2016)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>
*	<p>Escravo e Escravas do Ouro Barroco</p> 	<p>No ciclo do ouro, o trabalho escravo foi a base do desenvolvimento do barroco brasileiro</p>	<p>Destaques de Chão (2016)</p>	<p>Alex Coutinho</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas) Jack Vasconcelos				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
16	Escravos com Ouro e Diamantes 	Quando o ouro é descoberto em Minas Gerais, negros da Costa da Mina, na África, foram preferidos por terem tradição milenar de exploração de metais preciosos, tanto do ouro de bateia dos rios quanto da escavação de minas e corredores subterrâneos.	Passistas (1954)	Alex Coutinho
*	Espírito Quilombola 	O sentimento de luta pela liberdade que pulsava em cada coração negro que sofria com a escravidão vem representado na fantasia da rainha da bateria, Carol Marins.	Rainha de Bateria (2016)	Carol Marins
17	Feitores 	Os feitores vigiavam as fazendas constantemente para impedir a tentativa de fuga dos escravos e puniam as “condutas inadequadas” da escravaria. A junção de tecidos diferentes entre si, um “patchwork” onde os tons escuros predominam, faz uma metáfora com a mestiçagem racial da maioria desses encarregados e com o peso de sua função.	Bateria (1954)	Mestre Ricardinho

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Jack Vasconcelos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
18	<p>Escravos na Faiscação</p> 	<p>Ala Coreografada. A maior parte do ouro brasileiro era de aluvião, extraído dos leitos de rios, córregos e riachos. A ala coreografa o manuseio da bateia na extração aurífera pelos escravos, chamada “faiscação”.</p>	<p>Show do Tuiuti (2016)</p>	<p>Fábio Batista</p>
19	<p>Escravos nas Minas</p> 	<p>A exploração de metais preciosos em rochas localizadas nas encostas das montanhas e em minas subterrâneas usava, em sua maior parte, mão-de-obra escrava especializada, desde escavações até canais de drenagem e ventilação.</p>	<p>Comunidade (2016)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Jack Vasconcelos				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
20	Escravos de Ganho 	<p>Alguns escravos eram utilizados para as tarefas em ambiente doméstico e dormiam em instalações próprias. Nos centros urbanos também haviam os chamados “escravos de ganho” que, em geral, eram responsáveis pela comercialização de bens manufaturados ou na administração de um pequeno comércio. A ala traz figurinos variados para retratar essas múltiplas atividades.</p>	Carroça da Alegria (2016)	Marcelo de Almeida

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Jack Vasconcelos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Festejo aos Padroeiros</p> 	<p>A fantasia faz alusão aos festejos em homenagem aos padroeiros das irmandades religiosas negras.</p>	<p>Musa (2016)</p>	<p>Mila Ribeiro</p>
21	<p>Abolicionistas</p> 	<p>A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, na França, fez com que a ideia do abolicionismo ganhasse ainda mais relevância em vários setores da sociedade como, por exemplo, políticos, médicos, advogados, jornalistas, artistas e estudantes. A ala traz uma homenagem a alguns dos principais nomes dessa luta retratados em estandartes como Joaquim Nabuco, Castro Alves, André Rebouças, José do Patrocínio, Francisco de Paula Brito, Luís Gama, Eusébio de Queirós, Tobias Barreto, Chiquinha Gonzaga, Ruy Barbosa, Maria Firmina dos Reis e Francisco José do Nascimento (o Dragão do Mar).</p>	<p>Comunidade (2016)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Jack Vasconcelos				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
22	O Homem de Cor 	<p>O primeiro jornal da imprensa negra no Brasil nasceu na capital do Império batizado “O Homem de Cor”, publicado na Tipografia Fluminense de Francisco de Paula Brito, instalada no Largo do Rocio (atual Praça Tiradentes) e cuja a presença negra em seu quadro era predominante e seus artigos eram assinados apenas pelo polêmico “O Redator”, a fim de resguardar o anonimato de seus autores. A ala reproduz no figurino a primeira página de uma edição original do jornal.</p>	Comunidade (2016)	Direção de Carnaval
23	As Camélias do Leblon 	<p>Com a cumplicidade dos principais abolicionistas da capital do Império, muitos deles membros da Confederação Abolicionista, uma chácara no bairro do Leblon recebia escravos fugitivos onde cultivavam flores. As camélias lá produzidas eram ostentadas em público pela Princesa Isabel como protesto antiescravagista e se tornaram um símbolo da luta pela abolição total da escravidão.</p>	Plus no Samba (2016)	Nilma

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Jack Vasconcelos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
24	<p>Damas de Ferro</p> 	<p>A pressão imperialista inglesa pela abolição da escravatura no Brasil movida por interesses econômicos da chamada “Revolução Industrial”. Rodas dentadas e estruturas de ferro dão à fantasia o clima da chegada da maquinofatura em substituição à manufatura, obrigando que a escravidão fosse substituída pelo trabalho assalariado.</p>	Comunidade (2016)	Direção de Carnaval
*	<p>Rosa de Ouro</p> 	<p>O Papa Leão XIII premiou a Princesa Isabel por ela ter promulgado a abolição da escravatura no Brasil, a Lei Áurea, com a chamada “Rosa de Ouro”, oferecida pelo Vaticano</p>	Musa (2016)	Mayara Lima
25	<p>Cativeiro Social</p> 	<p>A abolição da escravidão não fora acompanhada por ações que promovessem a inserção dos negros na sociedade. Dessa forma, a miséria e a desigualdade continuaram presentes no cotidiano dos “libertos”, numa simbólica troca da senzala tradicional por um “cativeiro social” difícil de escapar.</p>	Comunidade (2016)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Jack Vasconcelos				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
26	Trabalho Escravo Rural 	Trabalho escravo é ainda uma realidade no Brasil e se faz fortemente presente nas atividades econômicas em zonas rurais. Em geral, as atividades para as quais esse tipo de mão-de-obra é utilizado exigem força física, por isso os aliciadores buscam principalmente homens e jovens.	Comunidade (2016)	Direção de Carnaval
27	Trabalho Informal 	Sobrevivente no “comércio de rua” e pequenos negócios amadores, o trabalho informal sustenta uma parcela da população que, por falta de oportunidades de emprego, trabalha à margem da formalidade sem um vínculo empregatício, não possui registro em carteira e nem usufrui dos benefícios que lhes seriam de direito.	Comunidade (2016)	Direção de Carnaval
28	Guerreiro da CLT 	A fantasia traz a figura de um operário, para representar a classe trabalhadora, sobrecarregado com múltiplas atividades figuradas em vários braços e ferramentas, tentando se proteger dos constantes ataques à CLT com sua combatida carteira de trabalho como escudo.	Comunidade (2016)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)

Jack Vasconcelos

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
29	<p>Manifestoches</p> 	<p>A manipulação do pensamento articulada pelas potências empresariais e políticas para enfraquecer a consciência do poder que a massa trabalhadora e menos favorecida tem, fazendo com que até muitos pobres sejam “patos” orgulhosos da classe dominante marchando em direção à manutenção do velho ciclo de exploradores e explorados.</p>	<p>Ala do Cláudio (2014)</p>	<p>Cláudio Andrade</p>
*	<p>Trabalhadores do Brasil</p> 	<p>O trabalhador brasileiro tentando se libertar das correntes da exploração de sua mão-de-obra.</p>	<p>Musa (2016)</p>	<p>Juliana Portela</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Local do Atelier Rua Rivadávia Corrêa, nº. 60 – Barracão 03 – Cidade do Samba – Gamboa, RJ	
Diretor Responsável pelo Atelier Léo Morais	
Costureiro(a) Chefe de Equipe Flávia Jacob	Chapeleiro(a) Chefe de Equipe -
Aderecista Chefe de Equipe Léo Morais e Fernando Kieer	Sapateiro(a) Chefe de Equipe Gomes Sapateiro
Outros Profissionais e Respectivas Funções	
Fernando Kieer	- Chefe do atelier responsável pela reprodução das alas 04,11 e 18.
Flávia Jacob	- Chefe do atelier responsável pela reprodução das alas 08, 09 e 21.
Jefferson Siqueira	- Chefe do atelier responsável pela reprodução das alas 03, 15 e 19.
Léo Morais	- Chefe do atelier responsável pela reprodução das alas 01, 17 e 24.
Ana Paula	- Chefe do atelier responsável pela reprodução das alas 05, 10 e 22.
Ana Claudia	- Chefe do atelier responsável pela reprodução das alas 07, 23 e 26.
Fábio Ancillotti	- Chefe do atelier responsável pela reprodução das alas 06, 13, 16 e 25.
Felipe Rocha	- Chefe do atelier responsável pela reprodução das alas 12, 14 e 27.
Marcelo Almeida	- Chefe do atelier responsável pela reprodução da ala 20
Chiquinho	- Chefe do atelier responsável pela reprodução das alas 28, 29 e das peças de espuma das fantasias de todas as alas da escola.
Marquinhos	- Reprodução de penas artificiais
Fábio Carvalho (Filé) e Flávio Moura	- Pintura de arte das fantasias
Outras informações julgadas necessárias	

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Autor(es) do Samba-Enredo Cláudio Russo, Moacyr Luz, Jurandir, Zezé e Aníbal		
Presidente da Ala dos Compositores Aníbal		
Total de Componentes da Ala dos Compositores 80 (oitenta)	Compositor mais Idoso (Nome e Idade) Jurandir 77 anos	Compositor mais Jovem (Nome e Idade) Gabriel Russo 23 anos
Outras informações julgadas necessárias		
<p>Irmão de olho claro ou da Guiné... Qual será o seu valor? Pobre artigo de mercado Senhor eu não tenho a sua fé, e nem tenho a sua cor Tenho o sangue avermelhado O mesmo que escorre da ferida Mostra que a vida se lamenta por nós dois Mas falta em seu peito um coração Ao me dar a escravidão e um prato de feijão com arroz</p> <p>Eu fui Mandiga, Cambinda, Haussá Fui um rei Egbá preso na corrente Sofri nos braços de um capataz Morri nos canaviais onde se plantava gente</p> <p>Ê Calunga ê, ê Calunga! Preto Velho me contou, Preto Velho me contou Onde mora a Senhora Liberdade Não tem ferro, nem feitor...</p> <p>Amparo do rosário ao negro Benedito Um grito feito pele do tambor Deu no noticiário, com lágrimas escrito Um rito, uma luta, um Homem de Cor</p> <p>E assim quando a Lei foi assinada Uma lua atordoada assistiu fogos no céu Áurea feito o ouro da bandeira Fui rezar na cachoeira contra a bondade cruel</p> <p>Meu Deus! Meu Deus! Se eu chorar não leve a mal Pela luz do candeeiro Liberte o cativo social</p> <p>Não sou escravo de nenhum senhor Meu Paraíso é meu bastião Meu Tuiuti, o quilombo da favela É sentinela da libertação</p>		
		BIS
		BIS
		BIS

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Defesa do Samba

Uma composição que fala a alma e ao coração... Construção que margeia o que há de mais tradicional no estilo samba enredo com o refinamento moderno de palavras e expressões poucas vezes ouvidas em nossos carnavais... Características que expressam em versos a originalidade e a pertinência de um enredo tão marcante, atual e acima de tudo necessário.

A melodia do samba possui variações que enfatizam o drama daqueles que sofreram com a escravidão, como também se eleva em momentos marcantes que salientam a exaltação e a defesa da liberdade, esta que é das mais belas condições naturais da espécie humana.

O Quilombo da Favela!

Companheira da liberdade, prima irmã do sangue derramado, a luta de resistência contra escravidão estabelece, na letra do samba, um diálogo com esta sombra nociva que persegue a humanidade desde o alvorecer dos tempos... E reafirma, em seus primeiros versos, de forma incisiva, o questionamento maior que dá nome e sobrenome ao título do enredo: **Meu Deus, Meu Deus, está extinta a escravidão?**

Com outro questionamento não menos importante:

Irmão de olho claro ou da Guiné...

Qual será o seu valor? Pobre artigo de mercado

Mostram se aqui duas características intrínsecas aos desígnios da escravidão: não ser particular a uma raça ou povo e o desejo em fazer do escravizado um objeto. Eslavos foram escravos e originaram este termo, africanos também foram. Os de olhos claros ou os da Guiné... Parafrazeando Candeia: Todas as raças já foram escravas também... E logo após escravizar, coloca-se um preço para desumanizar e tornar mercadoria...

A segunda estrofe deixa claro que, além do escravo e do liberto, existe o ser humano e este levanta que não obstante a raças ou credos distintos, o sangue tem a mesma cor, esta é a verdade da vida... Alguns só percebem na doença, outros, mais tarde, diante da morte, que todos são ou deveriam ser iguais...

Senhor eu não tenho a sua fé, e nem tenho a sua cor

Tenho sangue avermelhado

O mesmo que escorre da ferida

Mostra que a vida se lamenta por nós dois

Mas falta em seu peito um coração

Ao me dar escravidão e um prato de feijão com arroz

Neste momento fica claro que a relação é ruim não só para o escravo, aquele que sofre no corpo e na alma e carrega por toda existência suas feridas abertas, como também para o escravizador, pois não se pode ser feliz provocando a dor alheia ao fazer uso de tão degradante instituição. O prato de comida, no último verso desta estrofe, significa a única coisa que o escravocrata não deseja ao escravo que é que este passe fome. Escravo com fome não trabalha, adoce e morre:

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Eu fui Mandinga, Cambinda, Haussá

Fui um rei Egbá preso na corrente

Este negócio rentável que separou famílias e fez uma raça oferecer da própria carne, provocou a Diáspora africana, o peso das correntes arrastou para o Brasil, reis e guerreiros, homens simples do povo misturados aos seus nobres, gente de tribos rivais, todos em gaiolas vendidos em tantos outros mercados como o cais do Valongo no Rio de Janeiro.

Sofri nos braços de um capataz

Morri nos canaviais onde se plantava gente

Ah! A Indústria do medo cria artífices e seus artifícios de maldade, plantando na agricultura vidas e mais vidas até o seu completo definhar.

Ê Calunga ê, ê Calunga!

Preto Velho me contou, Preto Velho me contou

Onde mora a Senhora Liberdade

Não tem ferro, nem feitor...

Mais esta cruel amante dos feitores não pode aprisionar o pensamento, e todos pensavam na liberdade, lembravam a Calunga grande e sonhavam com um lugar onde não existisse o castigo a quem ousa levantar a cabeça, como aquele preto velho me contou...

Amparo do rosário ao negro benedito

Um grito feito pele do tambor

Oh senhora de tantos senhores, quem diria que a fé pela liberdade uniria crenças, coroando santos reis e sagradas rainhas ao ecoar de batuques e louvores neste bendito logradouro.

Deu no noticiário, com lágrimas escrito

Um rito, uma luta, um Homem de Cor

Combalida pelo movimento que se insurge, assiste pouco a pouco à comoção das ruas, o noticiário coloca como palavra de ordem abolir e o matutino “O Homem de cor” antecipa a sua legítima derrocada...

E assim quando a Lei foi assinada

Uma lua atordoada assistiu fogos no céu

Enfraquecida sobrevive escudada pelo engenho do latifúndio, até que o golpe certo de uma pena de ouro provoca festa e espanto, fogos e uma lua atordoada neste momento marcante dividiram o céu...

Áurea feito o ouro da bandeira

Oh! Liberdade! Brilhante, Dourada, Magna...

Fui rezar na cachoeira contra a bondade cruel

E eu, aquele mesmo que desde o início sobrevivo lutando, encontro-me agora recém-liberto sem saber o que fazer. Rezo que tamanha bondade não seja cruel a ponto de me negar a igualdade de direitos e deixa de preparar o dia seguinte a assinatura.

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Meu Deus! Meus Deus!

Se eu chorar não leve a mal

Pela luz do candeeiro

Liberte o cativo social

Meu Deus, Meu Deus perdoe estas livres lágrimas que poderiam inundar o oceano. Impiedosa a escravidão se reinventa e o cativo ganha novo requinte de crueldade, ainda é possível ouvir o estalar de seu açoite pelos campos e metrópoles. A alforria não cabe na carteira e a lei não protege nem os sexagenários. O controle social não nos permite enxergar que estamos todos no mesmo barco. Um Temeroso Tumbeiro.

Não sou escravo de nenhum senhor

Meu Paraíso é meu bastião

Meu Tuiuti o quilombo da favela

É sentinela da libertação

E na eternidade desta relação chegamos ao fim do que poderia ser o começo, pois neste ciclo vital a luta de resistência continua seu diálogo com a escravidão... Não nascemos para ser escravos de ninguém, de nenhum senhor, acreditamos e defendemos o pavilhão do Paraíso do Tuiuti, Bastião da Liberdade, Sentinela da Libertação no Quilombo da Favela!

Sobre os compositores:

Claudio Russo: Compositor consagrado da nova geração do samba carioca e ganhador de diversos prêmios, como o Estandarte de Ouro em 2007, 2015 e 2017. É Integrante da ala de compositores do Paraíso do Tuiuti desde 2015, e em 2016 foi um dos compositores que emprestaram o talento ao samba campeão que levou a escola a elite do carnaval.

Moacyr Luz: Convidado especial desta parceria profundamente ligada ao Paraíso do Tuiuti, Este mestre do samba carioca, possui doze CDs gravados trazendo em cada trabalho importantes referências à Música Brasileira, Na sua carreira de compositor, mais de 100 músicas gravadas por diferentes intérpretes da MPB, como, Zeca Pagodinho, Martinho da Vila, Maria Bethânia, Nana Caymmi, Beth Carvalho, Leny Andrade, Gilberto Gil e Leila Pinheiro. Moacyr também é ganhador de diversos prêmios no carnaval, inclusive o Estandarte de Ouro de 2015 em parceria com Claudio Russo e Teresa Cristina.

Jurandir: Freqüentador das antigas, como ele mesmo se define, Jurandir se filiou a Ala de compositores em meados da década de 90 e de lá pra cá foi coroado com seis expressivos sambas. Jurandir também foi por diversas vezes premiado, inclusive com o estandarte de ouro em 1989 e 1996.

Dona Zezé: Moradora do Morro do Tuiuti, Dona Zezé é a matriarca de uma família de componentes e torcedores da escola, sempre esteve muito ligada à rotina da agremiação e no ano 2000 passou a integrar a Ala de compositores do Paraíso do Tuiuti. A compositora é vencedora dos sambas de 2004, 2011 e agora em 2018.

Aníbal: O médico apaixonado por samba tornou-se o Dr. Aníbal. Compositor por diversas vezes campeão na escola (2008, 2009, 2010, 2012 e 2018) também teve grandes vitórias em outras agremiações, mas manteve seu amor e sua assiduidade e este ano coroa esta grande parceria.

FICHA TÉCNICA

Bateria

Diretor Geral de Bateria

Mestre Ricardinho

Outros Diretores de Bateria

Denílson, Rodrigo Siqueira, Tadeu Ferreira, Yuri Martins, Luis Cláudio, Paulo Veloso, Luygui, Laion Jorge, Fabiano Serafin, Leonardo Jorge, Carlos Antônio, Denílson Gonçalves, Waldney, Luciano da Silva, Rodrigo Fidalgo e Rita (Secretária)

Total de Componentes da Bateria

250 (duzentos e cinquenta) componentes

NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS

1ª Marcação	2ª Marcação	3ª Marcação	Reco-Reco	Ganzá
09	10	11	0	0
Caixa	Tarol	Tamborim	Tan-Tan	Repinique
82	0	42	0	18
Prato	Agogô	Cuica	Pandeiro	Chocalho
01	18	24	0	24

Outras informações julgadas necessárias

Xiquerê – 01 componente

Atabaque – 10 componentes

A Bateria do Paraíso do Tuiuti – Batizada pelo nome de “*SuperSom da Tuiuti*” a tradicional bateria do Paraíso do Tuiuti, comandada pelo Mestre Ricardinho, um dos mais antigos na função dentre os Mestres de Bateria do Carnaval Carioca, é considerada de ritmo forte sem esquecer a perfeita harmonia entre o samba, a cadência e a manutenção rítmica de todos os instrumentos. Nos recentes Carnavais da Série A conquistou todos os prêmios disponíveis e notas máximas para o segmento. Ensaando desde o mês de abril, as convenções e bossas foram cuidadosamente preparadas e exaustivamente treinadas para que o ritmo pudesse servir de perfeita sustentação ao componente da Tuiuti evoluir de maneira plena e confortável na Avenida aproveitando as diversas variações melódicas que o samba-enredo de 2018 possui. Cada integrante da “SuperSom” tem a plena consciência de que a bateria de uma escola de samba exerce a função no desfile de embalar o sonho de uma comunidade inteira rumo ao seu objetivo!

Fantasia da bateria - No Carnaval de 2018 a SuperSom está fantasiada de FEITORES



FICHA TÉCNICA

Bateria

Outras informações julgadas necessárias

Mestre Ricardinho – Apaixonado por Carnaval desde a adolescência, Mestre Ricardinho, iniciou sua trajetória na folia aos 15 anos e imediatamente se identificou com a batida do surdo, a leveza das caixas, o desenho feito pelos tamborins e o molho oriundo dos chocalhos. Não teve dúvidas de que ali havia encontrado seu espaço! Professor por formação, Ricardinho não se contentou em apenas deter a arte da percussão e no ano de 1998 decidiu dividir seus conhecimentos a quem, assim como ele um dia, sonhava em aprender a tocar um instrumento e sentir a emoção de entrar na Marquês de Sapucaí integrando uma bateria. Já se passaram 20 anos e neste tempo centenas de pessoas tem o orgulho de dizer que só podem ser chamadas de ritmistas porque alguém como o Mestre Ricardinho esteve em seu caminho.

Como Mestre, Ricardinho iniciou sua trajetória no próprio Paraíso do Tuiuti no ano de 2002, permanecendo até 2006. Nos Carnavais de 2007 e 2008 comandou as baterias do Arranco do Engenho de Dentro e Acadêmicos do Cubango respectivamente. Retorna ao Paraíso do Tuiuti para os Carnavais de 2009 e 2010. Após dois anos de dedicação a projetos pessoais volta ao Carnaval em 2013 na Unidos do Jacarezinho. Mas como “o bom filho a casa retorna” em 2014 a Direção do Paraíso do Tuiuti novamente contrata o Mestre para juntos conquistarem em 2016 o Título de Campeão da Série A e a sonhada ascensão ao Grupo Especial. Em 2018, Ricardinho completará seu décimo segundo desfile no comando da “SuperSom”, nesse período conquistou todos os prêmios que sua bateria poderia receber, além de sempre ser pontuado com as notas máximas dos julgadores.

Rainha de Bateria (Carol Marins) – Toda Rainha deve conhecer e vivenciar o cotidiano dos seus súditos! Isso certamente se aplica a bela Carol Marins, de 22 anos. Oriunda do seio da comunidade esteve presente desde pequena acompanhando sua escola e participou ativamente do processo de transformação e amadurecimento que o Paraíso do Tuiuti passou nos últimos anos. Carol pisou na Sapucaí pela primeira vez ainda criança e desde então nunca deixou seu coração azul e amarelo de lado. No ano de 2012, foi o primeiro destaque da escola. Em 2013 pela primeira vez em cima de uma alegoria como composição. Nos Carnavais de 2014 e 2015 desfilou como Destaque Central do Abre-Alas. Mas nada se compara à emoção do sonho realizado em 2016: Reinar à frente da “SuperSom da Tuiuti” com a altivez e elegância que uma Rainha precisa. E a beldade provou além de tudo ser “pé quente” já que naquele ano a Tuiuti sagrou-se Campeã da Série A! No Carnaval de 2018, Carol Marins completará seu terceiro desfile reinando sobre os ritmistas comandados pelo Mestre Ricardinho. *“E muita emoção e responsabilidade estar à frente da bateria da escola que é a minha vida! Meu Deus, meu Deus, se eu chorar não leve a mal...”* (Carol Marins)

Fantasia da Rainha de Bateria – Espírito Quilombola



FICHA TÉCNICA

Harmonia

Diretor Geral de Harmonia

Thiago Monteiro e Rodrigo Soares

Outros Diretores de Harmonia

Edson, Yuri, Manoel, Foca, Canjica, Léo Castro, Michell, Solange, Lucy, Carlos Gomes, Shirley, Carlinhos, Vanderley, Thiago Viana, Paulo César Pagode, Vânia, Paulo Henrique, Rafael, Guilherme Lúcio, Hélinho, Isadora, Andréia, Paulo César, Thiago Xavier, Rudnei, Artur, Cidinho, Rodrigo Pimpão, Décio Bastos, Léo Augusto, Willian, Alexandre, Mazinha, André Jales, Bira, Júnior Overlack, Luiz, Aline, Thiago

Total de Componentes da Direção de Harmonia

42 (quarenta e dois) componentes

Puxador(es) do Samba-Enredo

Principais – Nino do Milênio, Celsinho Moddy e Grazi Brasil

Auxiliares – Igor Vianna, Pingo Sargento e Rafael Mendes

Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo

Cavaco – Pingo do Cavaco e Junior Santana

Violão – Helinho Soares

Outras informações julgadas necessárias

A Direção de Harmonia

Ninguém pode cantar que “NÃO É ESCRAVO DE NENHUM SENHOR” sem se envolver e, por que não, se comprometer com aquilo que diz. Esta é a referência que o Paraíso do Tuiuti decidiu adotar para o Carnaval de 2018.

Para que isso seja realizado de maneira harmônica, integrando a tríade: ritmo, canto e dança, o Departamento de Harmonia da escola foi reformulado para o Carnaval de 2018 com a contratação dos experientes diretores Thiago Monteiro e Rodrigo Soares, trazendo em suas bagagens os títulos e passagens vitoriosas por escolas como, entre outras, Unidos da Tijuca, Estácio de Sá, Império da Tijuca e Acadêmicos do Grande Rio, nestas últimas Thiago Monteiro exerceu a função de Diretor de Carnaval, Campeão da Série A (2013) e Diretor Geral de Harmonia (2014, 2015 e 2016) respectivamente, sempre alcançando as notas máximas nos quesitos de chão. Além do recebimento de diversos prêmios conferidos pela imprensa especializada e reconhecido como um dos maiores responsáveis pela recente mudança ocorrida na forma de desfilar a tricolor de Caxias. Também é coautor do livro “*Harmonia de Escola de Samba – Teoria e Prática*” da editora Litieris. O diretor ainda exerce a função de Diretor de Carnaval da LIERJ (Liga das Escolas de Samba do Rio de Janeiro), responsável pela organização e realização do Carnaval da Série A.

Já Rodrigo Soares é formado em uma das escolas mais tradicionais do Rio de Janeiro, a Unidos da Tijuca, onde exerceu a função de ritmista, diretor de ala e diretor de harmonia. Profundo conhecedor de música atuou junto com Thiago na Império da Tijuca e no Acadêmicos do Grande Rio.

O Paraíso do Tuiuti ainda conta com um grupo de 42 diretores de harmonia auxiliares e 60 diretores de ala que têm a orientação para fazer com que cada componente saiba que está desempenhando um papel relevante no desfile, defendendo as notas dos seus quesitos através do canto forte e apresentação solta, leve e, através do canto, dar um grande “brado de alforria” na Avenida.

O cuidado musical é um dos pilares do trabalho da Harmonia do Paraíso do Tuiuti. Aliar as variações melódicas do samba de 2018, com o andamento correto da bateria, a interpretação dos cantores e o arranjo musical é essencial para permitir que o componente evolua de maneira confortável. E isso só foi possível através de inúmeras reuniões entre os integrantes do carro de som e bateria, ensaios semanais iniciados em maio e intensificados em novembro com os ensaios técnicos realizados na rua. A escola foi exaustivamente preparada para o desfile.

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Outras informações julgadas necessárias

Intérpretes

Outro grande trunfo do Paraíso do Tuiuti para 2018 é o seu time de intérpretes oficiais. Três nomes com históricos recentes de feitos memoráveis para o Carnaval trazem a certeza de que o samba-enredo será cantado com emoção e força na dosagem certa.

Nino do Milênio – “É essa parte que me emociona!”

Chegou a hora de mais um talento brilhar no maior espetáculo a céu aberto do mundo!

Nascido em São João de Meriti, Nino, chamado assim desde criança, cresceu no meio dos bambas aprendendo os caminhos sinuosos do gênero musical que encanta o mundo, o nosso samba. Ainda jovem já cantava em grupos de pagode, se apresentando nos mais variados palcos da cidade. Quando se destacou no grupo “Milênio do Samba”, adotou seu nome artístico: Nino do Milênio. Mas o Carnaval sempre foi sua maior paixão, deu seus primeiros passos como intérprete na escola mirim Pimpolhos da Grande Rio o ano de 2005. Mas não demorou a ter seu talento reconhecido e ser contratado pela escola Inocentes de Belford Roxo em 2007 aonde atuou como apoio do ícone do Carnaval Dominginhos do Estácio. Após emprestar seu talento a tradicionais escolas de samba, recebeu o convite de se tornar apoio de Neguinho da Beija-Flor, a quem sempre se refere como um de seus maiores professores.

Diante de uma afinação vocal invejável, utilizando com extrema disciplina e correção recursos que somente os grandes cantores o conseguem, atualmente é reconhecido por vários expoentes do cenário carnavalesco como a mais nova joia do samba. Nino alcançou sua maturidade como intérprete de samba-enredo no Carnaval de 2016, ano em que recebeu os mais concorridos prêmios de melhor cantor da Série A.

Em 2018, junto com Celsinho Mody e Grazzi Brasil, Nino do Milênio, estreando como intérprete oficial do Grupo Especial, agradecerá o público com uma das mais corretas e emocionantes performances que um time harmônico já apresentou.

Celsinho Mody – “Pegada de Africano!”

Com seu grito de guerra, que já está na boca do povo de todo o Brasil, promete levar na melodia de sua voz, toda a irreverência, alegria e africanidade latente nas suas veias, em sua grande estréia na Marques de Sapucaí!

Nascido e talhado em berço sambistas, criado entre rodas de samba e barracões na cidade de São Paulo, é considerado a maior revelação do Carnaval da Paulicéia nos últimos anos. Sua história como cantor iniciou precocemente, e com apenas 11 anos de idade já era a voz da escola de samba Prova de Fogo. Em uma ascensão meteórica, despertou a atenção da tradicional Unidos do Peruche cantando ao lado da consagrada cantora Eliana de Lima. É o mais jovem compositor a assinar um samba-enredo na multi-campeã e centenária Mocidade Camisa Verde e Branco, onde se tornou o mais jovem intérprete oficial.

Atualmente carrega com orgulho o posto de intérprete oficial da atual campeã do Grupo Especial Paulistano, a Acadêmicos do Tatuapé. Na azul e branco da zona leste vive um grande momento na sua premiada carreira conquistando em 2017, além do título de Campeão do Carnaval, todos os prêmios disponíveis de melhor intérprete conferido aos profissionais e artistas do Carnaval Paulistano. Tamanha aclamação rendeu o convite de ser uma das vozes oficiais do Paraíso do Tuiuti com a missão de emocionar a Sapucaí em 2018.

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Outras informações julgadas necessárias

Grazzi Brasil - “Simbora Tuiuti”

“Bate outra vez com esperanças o meu coração, pois já vai terminando o verão, enfim...”. A plateia ainda se acomodava às poltronas do Teatro Carlos Gomes, no Rio de Janeiro, no início do segundo ato do musical produzido em homenagem ao maior poeta do nosso samba, Cartola, quando Grazi Brasil deu início a uma verdadeira catarse ao interpretar a obra imortal do gênio. Este foi um dos vários momentos marcantes da carreira da mulher que tem no seu DNA a música. Neta de violinista cresceu em meio a discos de ícones da MPB. No início de sua trajetória musical a então menina paulistana de 10 anos de idade percebeu que o samba a acompanharia por sua vida. Após muita luta, em 2012, Grazi grava seu primeiro disco, “*Nas cordas de um cavaquinho*”. Na sequência atuou como backing vocal do grupo Pixote, cantou no Japão, participou como protagonista, arrancando aplausos e levando às lágrimas o público em tributos a sambistas como Clara Nunes, Clementina de Jesus, Dona Ivone Lara, Jovelina Pérola Negra e Candeia. Nos últimos anos, a cantora ganhou reconhecimento nacional ao participar e avançar às fases finais dos programas televisivos “Astros” do SBT, “Ídolos” da Rede Record e “The Voice” Rede Globo, elogiada pelos maiores nomes do cenário musical.

O Carnaval não poderia prescindir de tamanho talento vocal. E em 2017 Grazi Brasil é convidada a integrar o time de cantores da tradicional escola de samba paulistana Vai Vai. Bastou para moça receber o cobiçado Prêmio de Revelação do Carnaval com uma interpretação memorável à Mãe Menininha do Gantois. Em 2018 será sua grande estreia na Marquês de Sapucaí como uma das intérpretes oficiais do Paraíso do Tuiuti. Grazi promete escrever na avenida dos sonhos mais um capítulo marcante da história do Carnaval.

FICHA TÉCNICA**Evolução**

Diretor Geral de Evolução Thiago Monteiro e Rodrigo Soares
Outros Diretores de Evolução Sandra, Carla Meireles, Ribamar, Lívia, Bira Reis, Vitor Galvão, Tio Fábio, Fabio Batista, Anderson Big, Nilma, Cláudio Andrade, Rodrigo, Ângela, Luis Augusto, Marta, Reginaldo, Maria Augusta, Zair, Ana Lúcia, Daniele, Paloma, Márcio Nobre, Mari, Rubens, Daniele, Ítalo, Jairo, Rogério, Silvânia, Claudia, Danílzia, Cristina, Kátia, Laudicéia, Jansen, Jurema, Joice, Herbert, Sônia, Diego Barcelos, Sildeny, Fernando, Maria do Rosário, Régis e Henrique.
Total de Componentes da Direção de Evolução 60 (sessenta) componentes
Principais Passistas Femininos Fernanda Florentino, Stephanye Cristine e Débora Bannã
Principais Passistas Masculinos Alex Coutinho, Edmar Andrade e Vitor Hugo
Outras informações julgadas necessárias Fazer o componente se divertir na Sapucaí sem esquecer que o mesmo desempenhe seu papel na consecução de um desfile competitivo é o principal objetivo da Direção de Harmonia e Evolução do Paraíso do Tuiuti. A apresentação da escola precisa acontecer de forma fluída e solta, ainda mais em um ano em que a o enredo versa sobre o combate às amarras advindas da escravidão, em suas diversas formas. A escola foi preparada para que cada componente simplesmente se “solte” no desfile. Isso não significa que as alas performáticas ou coreografadas existentes no corpo da escola estejam alheias a esta metodologia, pelo contrário, a liberdade de expressão impõe em algumas situações que o tema seja retratado e defendido através de caracterização específica, cuidadosamente espalhadas pelos setores, sempre em sintonia com ritmo do samba e o andamento da bateria, já que o tema passeia na crítica e reflexão. O Paraíso do Tuiuti em 2018 pretende realizar um autêntico desfile de “Escola de Samba” incentivando a evolução começando pelos segmentos tradicionais como sua elegante velha guarda que praticamente abre o desfile, o rodopiar marcante de suas mães baianas, a arte do samba no pé em sua essência através do requebrado da ala de passistas, posicionadas na privilegiadíssima posição à frente da bateria, seguido pelos dos componentes de alas e carros alegóricos.
Ala de Passistas No Paraíso do Tuiuti, escola que guarda de forma cara a tradição do samba na sua maior essência, a ala de passistas requer atenção especial. Com ensaios iniciados em maio, a exigência principal para que um homem ou mulher se torne membro do seletivo grupo de passistas do Tuiuti é deter a arte do samba no pé com garbo e elegância. Para a escola, a pessoa para ser passista precisa “dizer no pé” como as cabrochas de outrora. A ala é comandada por dois experientes diretores: Alex Coutinho e Jorge Amarelloh.

FICHA TÉCNICA

Evolução

Outras informações julgadas necessárias

Alex Coutinho – Desfila na escola desde 2002, sendo convidado para ser o responsável da Ala de Passistas no Carnaval de 2008. É o responsável pelo desenvolvimento do elenco feminino da ala. Fundou o projeto “Samba no pé aos passos do paraíso” que consiste em formar futuros passistas a desenvolver o dom de sambar e defender essa nobre arte. O Diretor é atualmente uma referência em matéria de samba, sendo convidado a ministrar WorkShop em diversas cidades do país do exterior, como São Paulo, Manaus, Buenos Aires, Moscou e Londres.

Jorge Amarelloh – Responsável em recrutar e formar o elenco masculino da ala, Jorge chegou ao Paraíso do Tuiuti em 2010. Desde então acumulou prêmios. Para o diretor, o passista não pode perder a essência do “malandro sambista” tão cultivada no imaginário popular.

Fantasia da Ala de Passistas - Em 2018 a ala de passistas está representando **Escravos com ouro e diamantes**.



FICHA TÉCNICA**Informações Complementares**

Vice-Presidente de Carnaval Renato Martins “Renatinho”		
Diretor Geral de Carnaval Thiago Monteiro, Leandro Azevedo, André Gonçalves e Rodrigo Soares		
Outros Diretores de Carnaval -		
Responsável pela Ala das Crianças -		
Total de Componentes da Ala das Crianças -	Quantidade de Meninas -	Quantidade de Meninos -
Responsável pela Ala das Baianas Tia Sandra		
Total de Componentes da Ala das Baianas 80 (oitenta)	Baiana mais Idosa (Nome e Idade) Maria das Dores 80 anos	Baiana mais Jovem (Nome e Idade) Tatiane Dias 33 anos
Responsável pela Velha-Guarda Jorge Honorato		
Total de Componentes da Velha-Guarda 80 (oitenta)	Componente mais Idoso (Nome e Idade) Maria das Dores Nascimento 79 anos	Componente mais Jovem (Nome e Idade) Dona Regina 53 anos
Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.) Júnior (ex-jogador de futebol) e Moacyr Luz (compositor)		
Outras informações julgadas necessárias <p>Comissão de Carnaval – Atenta às necessidades que os preparativos de um desfile de excelência exigem, o Paraíso do Tuiuti adotou a filosofia de que várias cabeças pensam melhor que uma. Então, para o Carnaval de 2018, a escola optou por reformular os processos de construção do desfile, fortalecendo a disciplina e organização, e dividiu “para somar” o trabalho da Direção de Carnaval em oito mãos, criando a figura da Comissão de Carnaval. Formada pelos experientes Thiago Monteiro, Rodrigo Soares, André Gonçalves e Leandro Azevedo, a Comissão ficou responsável por todo trabalho de produção no barracão, ensaios de segmentos e comunidade. Desde abril o desfile do Paraíso do Tuiuti vem sendo pensado, planejado e estruturado em conjunto com o carnavalesco Jack Vasconcelos nas suas diversas esferas, artísticas e técnicas, para que o público reconheça que diante dele está passando uma Escola de Samba na acepção da palavra com todos os seus elementos tradicionais, sem, contudo, esquecer que o espetáculo atualmente necessita de linguagem contemporânea para a mensagem ser bem recebida e compreendida.</p>		

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Responsável pela Comissão de Frente

Patrick Carvalho

Coreógrafo(a) e Diretor(a)

Patrick Carvalho

Total de Componentes da Comissão de Frente	Componentes Femininos	Componentes Masculinos
15 (quinze)	0	15 (quinze)

Outras informações julgadas necessárias

Título da apresentação da Comissão de Frente: “O Grito de Liberdade”.

Defesa da Comissão de Frente

Neste momento que o mundo atravessa sérios problemas com a intolerância de raça, religião e com corrupção, o Paraíso do Tuiuti, através da sua comissão de frente, traz um momento de reflexão a todos, retratando um período triste da nossa colonização: A Escravidão.

Um grupo de negros africanos escravizados é humilhado pelo açoite de seu capataz. Começa aqui a primeira reflexão, como sendo um irmão pela cor, esse negro pode se vender e ignorar toda sua ancestralidade para ser um algoz funcionário da Casa Grande? Será que essa questão não se iniciou na Mãe África? Onde tribos irmãs guerreavam para capturar os oprimidos e vender aos brancos que enchiam seus navios de negros, os famosos “Tumbeiros” para serem escravizados no Novo Mundo?

No Brasil, os portugueses cruelmente separavam as etnias para que não formassem grupos articuladores de lutas e rebeliões, mas mesmo assim, a força de sua fé e o desejo de liberdade os uniu na Senzala e fez suas diferenças desaparecerem para superarem a dor e as humilhações. Isto será retratado na encenação dolorida desta comissão de frente, tocando numa ferida ainda aberta, onde está a sonhada liberdade alcançada pela Lei Áurea?

Nesse suplício dolorido apresentado, teremos nosso momento de redenção, e será pela força dos seus ancestrais, retratado aqui pelos sábios Pretos Velhos. Eles surgiram em socorro do seu filho que sofre pelo massacre físico e pela desesperança. Essa energia revitaliza e expande, curando suas feridas, mas principalmente libertando sua alma deste massacre imoral. Aqui fica a segunda reflexão, como podem irmãos vender suas almas por ascensão social ou a corrupção de instituições levando milhões a miséria e a fome?

Precisamos manter a Esperança e fomos buscar inspiração nesse momento triste da história da humanidade. Força e fé são o legado deixado pelos irmãos africanos escravizados, e é essa a mensagem da Comissão de Frente do coreógrafo Patrick Carvalho, que somente pela a união e pelo respeito ao próximo poderemos vencer a intolerância e a corrupção.

Coreógrafo Patrick Carvalho

Patrick Carvalho da Silva, tem 33 anos de idade, nascido no Rio de Janeiro, é coreógrafo de comissão de frente no Carnaval Carioca há 8 anos. Começou sua carreira na função atuando na escola de samba Alegria do Zona Sul, desde então teve passagens pelas escolas Unidos de Vila Isabel, União da Ilha do Governador, Unidos do Porto da Pedra e Inocentes de Belford Roxo.

Premiado como melhor coreógrafo pelo Tamborim de Ouro, Plumas e Paetês, Estrelas do Carnaval, entre outros, Patrick é uma das grandes referências do nosso país quando se trata de coreografias impactantes, expressivas e técnicas. Viajou o mundo com o espetáculo “Brasil Brasileiro”, atuou como coreógrafo nas cerimônias de abertura e encerramento da Paraolimpíadas do Rio de Janeiro em 2016, é professor e coreógrafo do quadro “Dança dos Famosos” da Rede Globo de Televisão.

FICHA TÉCNICA**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

1º Mestre-Sala Marlon Flores	Idade 23 anos
1ª Porta-Bandeira Daniele Nascimento	Idade 41 anos
2º Mestre-Sala Wesley Cherry	Idade 22 anos
2ª Porta-Bandeira Rebeca Tito	Idade 16 anos

Outras informações julgadas necessárias**1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira****Fantasia do 1º Casal – Guerreiros do Quilombo Tuiuti**

O espírito aguerrido das antigas tribos africanas é reverenciado nos figurinos de estética belicista do primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira do Paraíso do Tuiuti



Marlon Flores - Com o samba correndo em suas veias, Marlon traz em seu DNA a nobre arte do bailado do Mestre-Sala. Filho de grande Mestre-Sala Marcelinho, que teve sua carreira sedimentada na São Clemente, o então menino Marlon nunca teve dúvidas de que seus passos no Carnaval seriam semelhantes aos de seu pai. Ainda com 07 (sete) anos ingressou no Projeto Manoel Dionísio. Já no Carnaval de 2002 foi convidado a defender as cores da escola mirim Mangueira do Amanhã, permanecendo até 2007. Sua estreia defendendo as cores de uma escola de samba “adulta” foi curiosamente em 2006 na São Clemente, a mesma que seu pai defendeu no passado. Em 2012 foi convidado a ser o 2º mestre-sala da Unidos do Viradouro na Série A. Seu desempenho foi reconhecido pela diretoria da agremiação o alçando no ano seguinte à condição de 1º mestre-sala, posto ocupado até 2015 trazendo excelentes notas para a escola. Nos Carnavais de 2016 e 2017 honrou o segundo pavilhão da Portela. Sua forma elegante e leve de evoluir, assim como a maneira de cortejar sua porta-bandeira fez com que o Paraíso do Tuiuti convidasse no Carnaval de 2018 Marlon Flores, junto com Daniele Nascimento, a ser o responsável para defender o quesito.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

Daniele Nascimento – Nascida e criada por quem entende de Samba, por quem fez história no Carnaval. Daniele é filha de Vilma Nascimento, o “Cisne da Passarela” e neta de Natal da Portela. Descobriu seu amor pela arte de ser porta-bandeira aos 13 (treze) anos de idade, através da ala mirim da escola de samba Tradição. Em 1993 já começava a desfilar como 1º porta-bandeira, sagrando-se campeã do Grupo de Acesso. Defendeu o pavilhão do “Condor” até 2007. Em 2008 recebeu o convite do Império Serrano, sendo novamente campeã da divisão de acesso do Carnaval. Nos anos seguintes, defende os pavilhões da Portela e do Império Serrano novamente. Entre 2011 e 2013 decide se afastar da Passarela do Samba para se dedicar ao seu maior projeto de vida, a maternidade. Recebe novamente o convite da Portela para retornar sua vitoriosa carreira e com orgulho defende o pavilhão da Azul e Branco de Madureira, permanecendo entre 2014 e 2017. No último Carnaval desempenhou papel fundamental na conquista do título de Campeã para a Águia após longo jejum com seus 40 (quarenta) pontos conferidos pelos jurados. Diante de tamanha história o Paraíso do Tuiuti a contratou para junto com Marlon Flores defenderem o pavilhão da Azul e Amarelo de São Cristóvão no Carnaval de 2018.

Guardiões do 1º Casal – Sentinelas da Libertação

O figurino traz uma estética misteriosa que une o misticismo africano com elementos de guerra para representar a postura de resistência frente às demandas.



FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Fantasia do 2º Casal – O magnata da exploração e a Costureira escravizada

A exploração do trabalho de mulheres, imigrantes e até crianças, pela indústria têxtil e da moda é uma prática ainda recorrente nos grandes centros urbanos.



Wesley Cherry – Iniciou sua carreira no projeto mestre-sala e porta-bandeira do G.R.E.S. União do Parque Curicica. Apesar de sempre se identificar com o bailado do mestre-sala, Wesley passeou por outros segmentos em no Carnaval, foi ritmista, diretor de harmonia e até intérprete, mas nenhum deles o fez tão completo como o papel de cortejar a porta-bandeira defendendo o pavilhão de uma Agremiação. Desde então já passou por escolas como o próprio Paraíso do Tuiuti, Acadêmicos do Engenho da Rainha e Unidos de Bangu. Atualmente também é o 1º Mestre-Sala da Acadêmicos do Sossego na Série A. 2018 marcará seu retorno ao Paraíso do Tuiuti defendendo o segundo Pavilhão ao lado de Rebeca Tito.

Rebeca Tito – Já aos 4 anos de idade iniciou sua jornada no samba como passistas da escola mirim Tijuquinha do Borel. Conheceu o projeto “Madureira toca, canta e dança”, que é vinculado à Portela, se apaixonando ainda aos 5 anos pela arte do “Padedê com Bandeira”. Deu seu ponta pé inicial no segmento. Desde então passou pelas escolas mirins Inocentes da Caprichosos e Filhos da Águia. Sua estreia em uma escola “adulta” foi na Unidos de Vila Kennedy, permanecendo por 3 anos. A primeira vez que Rebeca teve a responsabilidade de empunhar o primeiro pavilhão foi na Unidos de Maricá com 13 anos de idade. Para o Carnaval de 2015 foi convidada a participar do concurso de terceira porta-bandeira do Paraíso do Tuiuti. Sua performance segura a fez conquistar a vaga. Em 2016 foi promovida ao posto de segunda porta-bandeira da escola, cargo ocupado com segurança e elogios até os dias atuais.

G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio



PRESIDENTE
MILTON ABREU DO NASCIMENTO

“Vai para o trono ou não vai?”



Carnavalescos
RENATO LAGE E MARCIA LAGE

FICHA TÉCNICA

Enredo

Enredo “Vai para o trono ou não vai?”					
Carnavalesco Renato Lage e Marcia Lage					
Autor(es) do Enredo Renato Lage e Marcia Lage					
Autor(es) da Sinopse do Enredo Renato Lage e Marcia Lage					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile Renato Lage e Marcia Lage					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
01	Chacrinha é o Desafio	Abelardo Barbosa, com coordenação de Péricles Amaral.	Editora do Autor	1969	Todas
02	Chacrinha – A Biografia	Eduardo Nassife	Casa Palavra	2014	Todas
03	Quem não se comunica se Trumbica	Florinda Barbosa e Lucia Rito	Globo	1996	Todas
Outras informações julgadas necessárias					
Vídeos consultados para pesquisa:					
<ul style="list-style-type: none"> • Por toda minha Vida – Exibido em 27/07/2008 pela Rede Globo. • Quem não se comunica se Trumbica – Documentário e Depoimentos • Casino do Chacrinha - Episódio 305 – TV Globo • Chacrinha o Musical – TV Globo / VIVA • Alô, Alô Brasil 90 anos de Rádio – Carlos Alberto Vizeu – Realização: OffLine. 					

FICHA TÉCNICA

Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Sobre Casal Renato Lage e Marcia Lage:

Quem conhece Renato Rui de Souza?

Se acrescentarmos o sobrenome LAGE, certamente os amantes do samba e do carnaval dirão: Sim, eu sei quem é!

Pois é, falar do cenógrafo e carnavalesco Renato Lage é ter o prazer de discorrer sobre a trajetória de muito trabalho e dedicação, mas também de muito êxito e vitórias, deste que é hoje um dos maiores artistas do nosso Carnaval.

Carreira sólida, prêmios vários, do Tamborim de Ouro - do Jornal O DIA, ao Estandarte, láurea maior do Jornal O GLOBO e o Hexacampeonato do Carnaval, são feitos deste Carioca que desde 1978 vem a passos largos marcando presença e fazendo história.

Na Tijuca, em 1980, o campeonato com o célebre enredo Delmiro Gouveia, depois, trabalhos marcantes desenvolvidos no Império Serrano, Caprichosos de Pilares e outras Escolas de Samba Brasil a fora. Destaque-se as trajetórias, por duas vezes na Mocidade Independente de Padre Miguel, onde utilizou e imprimiu o estilo que o definiu como o carnavalesco High Tec. No Salgueiro, entre tantos belos carnavais, pontuou alto com o campeoníssimo Enredo - Tambor.

Desde 1996, uniu seu conhecimento a também cenógrafa e carnavalesca Marcia Lage e juntos chegam a Grande Rio para uma nova e com certeza marcante trajetória. A estreia da consagrada dupla se dá com o enredo "Vai para o Trono ou não vai?", uma homenagem ao saudoso Abelardo Barbosa, o "Palhaço - o Anárquico - o Tropicalista - o eterno Velho Guerreiro".

Renato e Márcia em pouco tempo conheceram, entenderam e se integraram por completo a forma de ser da "comunidade Grande Rio". Eles dizem que: "Agora entendemos porque tanto se falava desta Escola. Que bom que estamos aqui e com este belo Enredo. Estamos renovados, parece que começamos nossa carreira agora".

O MAGO do Carnaval Brasileiro em companhia de Marcia Lage, com certeza levará à Passarela do Samba, um espetáculo inesquecível, que marcará mais uma vez a competência desta dupla genial.

"Alô, Alô Terezinha - Vai para o Trono ou não vai?".

José Luiz Azevedo

Entendemos que a arte que passará na Avenida foi totalmente pautada em textos fornecidos por Renato Lage e Marcia Lage e que aqui neste informe, José Luiz Azevedo, colaborou realizando correções, montagem e compilação dos textos.

José Luiz Azevedo é Jornalista e Consultor de Carnaval. Em toda sua vida colaborou com a Cultura do Carnaval.

Esteve por 13 anos sendo Gerente do Carnaval Carioca pela Rio Tur, além de ter atuado nas Rádios Capital e CBN como comunicador de programas, foi produtor de Carnaval na extinta TV Manchete e na Rede Globo, Secretário de Cultura de Mangaratiba e levou seus conhecimentos para os Carnavais de Porto Alegre, Macapá e Florianópolis.

José Luiz Azevedo foi pioneiro em levar a Cultura do Carnaval Carioca, para o Japão, através do Grupo Internacional Rio Samba Show.

HISTÓRICO DO ENREDO

VAI PARA O TRONO OU NÃO VAI?

O fenômeno chacrinha era inexplicável. Ninguém e nenhum programa, fosse de que gênero fosse, barrou o Chacrinha. Ele foi o maior fenômeno, o mais comentado, o mais controvertido, o mais ouvido e assistido, o de maior penetração, o mais imitado, o mais atacado, o mais ofendido e, de longe, o de maior comunicação.

Chacrinha possuía uma inteligência acima do comum e uma sensibilidade extraordinária para dominar o meio artístico. Avaliava com acuidade as qualidades de um programa, as possibilidades de um cantor, de uma música e da orientação de uma emissora. Raramente errava em suas opiniões e as dizia sem rodeios, de maneira franca, sincera e direta. Sempre reverenciado nos festejos carnavalescos nunca fora “enredado” completamente e é nesse ano, ano em que completaria 100 anos que lhe prestamos a mais que merecida homenagem, tomando-o como enredo de nossa escola.

SINOPSE

... Aquela buzina pioneira de Caruaru foi atraindo outras, assim como fazem os passarinhos com suas cantorias...

Foi no caminhão verde de meu pai, qual o dragão do meu São Jorge Guerreiro, a quem sou devoto e devo todas às minhas conquistas e proteção, que a buzina tocava sem parar...

Aquele era o som! “O som que eu nunca mais havia de esquecer...”

- Terezinhaaa, u, uuuu!!!!
- Grande Riooo, u, uuuuuu!!!
- VAI PARA O TRONO OU NÃO VAI?

- Eu não vim para explicar, mas para confundirrrr!!!!
- QUEM NÃO SE COMUNICA SE TRUMBICA!...

Hoje me consideram um fenômeno, eu disse: um FE-NÔ-ME-NO da comunicação!

Comigo não tem roteiro, não tem texto, nem ponto eletrônico, direção de palco, de áudio ou de imagens. Tudo é na base da surpresa. Eu mesmo produzo, dirijo e apresento. Sacou a minha sacada, rapaziada?

Desconcertei as convenções, avacalhei o posudo e o empostado. Dei valor ao mambembe e ao artista genial de sempre.

- Alô Alaor, ligue o televisorr!!!, Que vai começar mais um programa, da TV GRANDE RIO!

Gosto de inventar coisas que não passam pela cabeça de ninguém. Coisas como um disco telefônico sobre uma roupa de jóquei. Eu me visto de bailarina, anjo, palhaço, Napoleão ou Zorro.

- Para o Chacrinha não tem figurino, Seu Nicolino! Tudo cabe e tudo pode acontecer. E aconteceu na roda viva do tempo. As novidades vinham chegando, novas vozes mudaram o panorama da música popular brasileira. E eu captava tudo, foi assim com a Jovem Guarda:

-Vocês querem a cueca do Roberto Carlos?????

**“... Dizem que sou louco por pensar assim
Se eu sou muito louco por eu ser feliz
Mas louco é quem me diz
E não é feliz, não é feliz...”- (Os Mutantes)**

- Sou o pioneiro da loucura!

O papa da Tropicália. Com a minha visão e faro, percebi que eu já era um tropicalista antes mesmo de o movimento surgir. Juntando Iracema e Ipanema, guitarra elétrica e Vicente Celestino. Eu já sabia daquilo e assinei embaixo. “Alegria, Alegria”!!!, Era um bordão que eu bolei e o Caetano aproveitando o lance, fez a canção.

- Alô, ê! Alô, ê!

**“Chacrinha continua balançando a pança
E buzinando a moça e comandando a massa
E continua dando as ordens no terreiro...”.**

Nos meus programas havia espaço, liberdade cênica e incomodava os conformistas e os conservadores. Viva a Tropicália, Superbacana, o Domingo no Parque e os Mutantes. Viva o Rock e A Seresta, o Coração de Luto e os discos voadores! O Brasil arcaico e o moderno! Viva as bananas ao vento e o iê-iê-iê, o colar africano e a roupa de plástico. O estampado indiano e o espelho na testa.

Viva a geleiã geral brasileira! E aquele abraço pra quem fica...

Que eu vou em frente como o velho do pastoril pernambucano, fazendo pilhéria, buzinando a moça e comandando a massa na Buzina do Chacrinha. Viva a vaia, seu Maia! E o calouro que pisa atordoado atrás do microfone que mudava de lugar a todo instante, enquanto a chacrete, com seu collant cavadão faz um show sensual ao som do tema da Pantera Cor de Rosa. É demais!

- Mas como vai, vai bem? Veio a pé ou veio de trem?

E eu repito Dona Maria: nem tudo na vida é poesia. Enquanto o Chacrinha dorme, o Abelardo perde o sono com o fantasma do Ibope! Eu não sabia nada sobre boletins, planilhas, índices de audiência das classes A, B, C, D e Z. Eu era uma zebra, ó inocente, mas como de bobo não tenho nada, meu camarada, finalmente, finalmente eu aprendi como funciona o negócio.

E é aí que entra Dona Florinda, a espiã que me amava. Ela espionava tudo para mim, enquanto eu me concentrava nos mais de dez programas que eu produzia por semana para a rádio e TV. Dona Florinda anotava, gravava, lia e me informava sobre tudo o que estava acontecendo pela mídia e de quebra criticava o Chacrinha quando o programa ia mal e elogiava quando tudo corria bem.

- Vocês querem abacaxi? Vocês querem o Orlando Silva? Ou a calcinha da Wanderleia? Cheguei com a cara e a coragem, um mero desconhecido, quase sem dinheiro, e agora seu Zé? Tinha que me virar no Rio de Janeiro. Mas como dizia Dona Luzia, “tudo melhora um dia”...

E melhorou.

Isso é pouco? Eu não sou cachorro não!

Apenas criei uma grande confusão nas ondas do rádio e nos canais de televisão.

Comunicação pra mim é juntar, ligar e virar tudo de cabeça pra baixo. Mas rrealmente, rrealmente tudo começou no rádio. O tímido Abelardo Barbosa, de voz anasalada e péssima dicção, ganhou sua outra metade, o velho palhaço Chacrinha, graças ao Cassino, meu programa radiofônico que se irradiava de uma pequena Chácara, uma Chacrinha em Niterói. E que foi ganhando audiência em outros estados e até fora do Brasil.

-Eu disse do Brasil varonlllll, ouviuuu!

No “Cassino da Chacrinha” éramos eu e um contra-regra. Ali eu criava o ambiente de um cassino imaginário, com roletas, fichas, música tocando, panelas, apitos, grã-finos chegando e artistas dando a pinta. Eu descrevia as roupas que estavam usando, tudo muito estapafúrdio e absurdo para a época. Até o cheiro dos perfumes que invadiam o

cassino. O ouvinte via, sentia e sonhava nas noites quentes e frias quando o rádio unia as pessoas e quebrava as solidões noturnas.

“Não, não é sopa não, seu Antão!”.

- Roda e avisa! Quem vai pro trono? É o abacaxi? É o bonitão? É o fanho? O gago? A perua? A dondoca? A patroa? A empregada? É a voz afinada ou a cana rachada?

Eu quero tudo na mais perfeita confusão, enquanto a plateia aplaude ou vaia o cachorro mais pulguento, a comerciária mais simpática, a criança mais bonita, todos do Brasil em seus poucos minutos de fama. E a Buzina é uma loucura, celebrando a vida, as datas e os eventos. Salve São Cosme e Damião! Salve o coelhinho da Páscoa! Salve o Sete de Setembro! O Dia dos Pais e das Mães! Salve você também, Seu Araquém!

- E Viva o Carnaval! Porque afinal, ninguém é de ferro!!

Estou a caminho de meu camarim e enquanto vou deixando o Chacrinha para trás...

- Que rei sou eu?

- O rei está nu, completamente nu, no programa que acaba quando termina...

Sou nordestino de Surubim. Trabalhei no armarinho do meu pai e na pensão da minha mãe em Recife. Fiz três anos de medicina e não segui. Viajei de navio para a Europa como baterista de Jazz e a Grande Guerra me trouxe de volta.

Vejo ainda brilhar a luz derradeira de minha querida Recife, onde tudo me inspirou. E vou seguindo, ouvindo o belo frevo cantado por Alceu Valença...

**“Roda, roda, roda e avisa
Que a alegria explodiu no ar
O velho guerreiro sorrindo
Subindo, subindo foi pro céu brincar
Roda, roda, roda que a vida
É um sonho que vai terminar
O bom palhaço não chora
E vai embora sem explicar (BIS)...”** (Alceu Valença).
- Ô Maré!

Renato e Márcia Lage

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

**“EU NÃO VIM PARA EXPLICARRR,
VIM PARA CONFUNDIRRR!...”.**

Chacrinha, o “Velho Guerreiro”, poderia ser entendido, em síntese, na letra da música de Raul Seixas que diz assim:

“Prefiro ser essa metamorfose ambulante, do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo...”.

Assim caminhou essa figura tão enigmática, jamais explicável. Chacrinha se dizia dois; o Abelardo e ele próprio, poderíamos arriscar dizer que havia milhares de Chacrinhas e Abelardos, pela multiplicidade de seus personagens.

Chacrinha/Abelardo, com seu/s bordões, com sua/s irreverência/s fina/s, inteligente/s e intuitivamente/s aguçada/s, souberam como ninguém, como se comunicar com o público brasileiro.

Como um médium ou uma “antena parabólica”, captou o “inconsciente coletivo” sempre de forma certa e sensível, tornando-se um “fenômeno da comunicação”.

Um gozador, piadista, sacana, palhaço, irreverente, assim se fez, de modo único e delicado. Faz falta, muita falta, alguém com tamanha perspicácia no fazer rir de si mesmo e da vida cotidiana.

Na contramão dos “ditames”, ele estava sempre atento para o novo, deixando com rapidez e sagacidade o ontem, considerado ultrapassado, trazendo para o público o novo do hoje, do aqui e agora.

Num desfile de Escola de Samba as coisas não são diferentes. Temos que a cada ano nos reinventar, buscar novidades e temas que nos possibilitem transpor a vida cotidiana e alimentar esse “bem”, tão sagrado, chamado alegria.

Não é fácil, mas é possível, ainda mais quando nós, do **GRES. ACADÊMICOS DO GRANDE RIO**, encontramos na figura deste grande interlocutor, deste comunicador nato, a nossa fonte inspiradora, nossa força motriz, capaz de alavancar nossos impulsos criativos e vontade de brincar, fazer rir e alegrar o público, há muito cultivado!

De maneira leve e brincante, iremos levar para a avenida um pedaço da vida em ação dessa figura tão emblemática; a do Abelardo, a do Chacrinha e de tantos outros personagens que esse gênio-palhaço nos presenteou.

...Tudo certo, Srrr. Marrreco?
Então... Fim-de-papo, Senhor Cara-de-Pato!

DESENVOLVIMENTO DO ENREDO:

Tudo começa onde termina...

Ao elaborar o enredo seguimos a “ordem às avessas” chacriniana, tal qual sua autobiografia, não poderíamos ser diferentes. Começamos nossa trajetória pelo final da carreira, onde ele alcançara o auge e terminamos lá no início de sua terra natal, onde tudo ainda era puro vislumbre.

1º SETOR – A TELEVISÃO ESTÁ NO AR! - “Câmeras no ar, até que enfim!

A televisão estava começando seu reinado e como era uma revolução pra valer, a gente percebia que a história da comunicação ia começar a ser escrita de novo”.

2º SETOR – SUCESSO QUE NÃO SE APAGA – “Era fundamental manter viva a atenção do público. Daí a preocupação com as roupas diferenciadas usadas por mim e pelas Chacretes. Eram verdadeiras fantasias. Quanto aos artistas participantes, preciso vê-los com meus próprios olhos, medir as reações do público, para saber de seus progressos e suas possibilidades. Não fosse assim, nunca ficaria por dentro da jogada, nem poderia prognosticar a ascensão de ídolos como fiz com Roberto Carlos, Elis Regina, Oswaldo Nunes, Cely Campelo e tantos outros”.

3º SETOR – A HORA DA BUZINA – “Contrariando as regras. Importante não era eu, eram as músicas, os intérpretes. Quanto mais eu prestigiasse os artistas, tanto mais rico se tornava meu programa! Daí porque transferi para os participantes toda importância, inclusive para os calouros da “**Hora da Buzina**”, na televisão. Trono só pros meus calouros!”.

4º SETOR – A TV EM PRETO E BRANCO – “Na televisão, o que era a câmera se não um olho fixo em cima de mim? Um olho além de tudo duro, desumanizado por um monóculo frio e brilhante, acompanhando-me por onde eu fosse, espionando-me, devassando a intimidade profissional. A televisão estava escalada para dominar, ia ser “o negócio” e, continuar com a liderança do IBOPE era uma lenha! Eu tinha que encontrar a chave daquele mistério, tinha que abrir o jacá e contar os frangos...”.

5º SETOR – A RÁDIO ANDAVA DE ROLLS-ROYCE – “Mas que época boa foi a época do rádio em seu apogeu – que lembrava muito a Hollywood de mil novecentos e vinte e tantos: todo mundo comprava mansões, apartamentos de luxo, um ou dois Cadillacs. Nunca esteve tão próspero o comércio de roupas e de joias, jamais reluziu tanto o soçaito em jantares e weekends, que eram um desafio à miséria circundante. Foi na Rádio Clube de Niterói que comecei. A comunicação intuída estava à espera que chegasse essa hora. Eu percebi que era mesmo a hora de dar o meu recado, era só o que eu pedia: que pudesse romper com o formalismo todo do rádio, com as “pomposidades” dos locutores, falando uma linguagem artificial. Daí porque eu parti para a gozação, para a sátira, mas haviam outras bases, antes de tudo, sinceridade, verdade, autenticidade. Era preciso dizer as coisas sem falsear e falar de um modo familiar ao ouvinte, como quem fala em casa ou com um amigo, sem ser categórico, sem ser imperativo ou doutoral.”.

6º SETOR – UMA BUZINA TOCA EM CARUARÚ – “Minha viagem primordial, eu fiz num balaio, nos costados de um burrico, de Surubim para Caruaru, no interior de Pernambuco. Eu tinha apenas alguns meses e devia ser um bebê superbacana, porque um cara que nessa idade aguenta uma viagem dessas, ou bem não presta nem pra carniça, ou bem está escrito que ele tem um recado pra dar algum dia... É meus irmãos, eu vim de longe! Não foi da noite para o dia que o sucesso me pegou pelo braço e veio andando comigo. Muita água passou por debaixo das pontes do meu Recife, antes que eu sentisse o cheiro do êxito...”.

ROTEIRO DO DESFILE

1º SETOR – A TELEVISÃO ESTÁ NO AR

**Comissão de Frente
A GRANDE RIO ESTÁ “NO AR”, O
CASSINO DO CHACRINHA VAI
COMEÇAR!**

**1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Daniel Werneck e Verônica Lima
SINTONIZADOS**

**Guardiões do
1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
CAMERAS MAN**

**Abre-Alas – Alegoria 01
QUEM NÃO SE COMUNICA, SE TRUMBICA!**

2º SETOR – SUCESSO QUE NÃO SE APAGA

**Ala 01 – Comunidade
LOUCOCARACHA**

**Ala 02 – Comunidade
VELHO PALHAÇO**

**Ala 03 – Big Big
EU NASCI HÁ 10 MIL ANOS ATRÁS**

**Ala 04 – Carol Sampaio
NAPOLEÃO, O LOUCO!**

**Ala 05 – Comunidade
A NOIVA DA SORTE**

**Ala 06 – Comunidade
BOLADÃO**

Destaque de Chão
David Brazil
MARIA SAPATÃO

Alegoria 02
DISCOTECA DO CHACRINHA

3º SETOR – A HORA DA BUZINA

Ala 07 – Paulo 10
TODO DIA ERA DIA DE ÍNDIO

Ala 08 – Comunidade
VAI PARA O TRONO OU NÃO VAI?

2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
André Rciardo e Jéssica Barreto
TROPICALISTAS

Destaque de Chão
Renata Kuerten
ARCO-ÍRIS MUSICAL

Ala 09 – Comunidade
TROPICALISMO

Destaque de Chão
Juliana Trevisol
VERÃO TROPICAL

Ala 10 – Comunidade – Bira Dance
PATROPI

Ala 11 – Ala das Baianas
ENTRE OS GIRASSÓIS

Destaque de Chão
Monique Alfradique
BALANGANDÁ

Alegoria 03
LEVANDO O TROFÉU ABACAXI

4º SETOR – A TV EM PRETO E BRANCO

Ala 12 – Amar É
OS NÚMEROS ME ENLOUQUECEM

Destaque de Chão
Erika Januza
SOLTANDO A CACHORRA

Ala 13 – Comunidade
TÁ COM PULGA NA CUECA!

Ala 14 – Aquarela do Brasil
ZOANDO O ZORRO

Ala 15 – Comunidade
FOCO EM MIM

Destaque de Chão
Karen Lopes
BATGATA

Ala 16 – Comunidade
UM SUPER-HERÓI

Ala 17 – Comunidade
ÍNDICES

Destaque de Chão
Ana Paula Mizrahy
ARTIMANHA

Alegoria 04
A LUTA PELOS BASTIDORES

5º SETOR – A RÁDIO ANDAVA DE ROLLS-ROYCE

Ala 18 – Velha-Guarda
VISITANTES DE LUXO

Ala 19 – Comunidade
REI MOMO NA CHACRINHA

Ala 20 – Tuiuiú
TEM GANSO NO RÁDIO

Ala 21 – Comunidade
DISQUE-JÓQUEI

Ala 22 – Comunidade
SINTONIZA PRD8

Destaque de Chão
Carla Dias
CANASTRA REAL

Alegoria 05
CASSINO DA CHACRINHA

6º SETOR – UMA BUZINA TOCA EM CARUARU

Ala 23 – Comigo Ninguém Pode
O MASCARADO

Ala 24 – Comunidade
BOI SEM PASTO

3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Filipe Viana e Taciana Couto
MARACATU

Destaque de Chão
Tayala Ayala
RECIFECRETE

Ala 25 – Comunidade
VÉIO DO PATOREIO

Destaque de Chão
Jéssica Latino
COROAÇÃO

Ala 26 – Comunidade
ASAS DA IMAGINAÇÃO

Ala 27 – Comunidade
CABOCLOS DE LANÇA

Destaque de Chão
Thainá Oliveira
PERNAMBUCRETE

Alegoria 06
“ O CARNAVAL EM MINHA VIDA ”

Ala 28 – Compositores
UNIVERSO CHACRINIANO

Ala 29 – Passistas
É O FREVO!

Rainha da Bateria
Juliana Paes
ESSÊNCIA TROPICAL

Ala 30 – Bateria
TROFÉU ABACAXI

Bonecos representativos do
Carnaval de Olinda
OS JURADOS DO CASSINO DO
CHACRINHA E O SAUDOSO CHACRINHA

Ala 31 – Amigos da Grande Rio
AMIGOS DA GRANDE RIO

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Renato Lage e Marcia Lage		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p>QUEM NÃO SE COMUNICA, SE TRUMBICA!</p> 	<p>“... CÂMERAS NO AR, ATÉ QUE ENFIM! A TELEVISÃO ESTAVA COMEÇANDO SEU REINADO E COMO ERA UMA REVOLUÇÃO PRÁ VALER, A GENTE PERCEBIA QUE A HISTÓRIA DA COMUNICAÇÃO IRIA COMEÇAR A SER ESCRITA DE NOVO.”.</p> <p>“... Talvez- como dizia -ao contrário do que alguns pensam, eu seja assessorado por um tipo especial de inteligência ou por uma intuição fora do normal, meio amalucada ou mediúnica, sei lá! Mas um nome internacional, uma autoridade de reputação mundial em matéria de comunicação de massa, o francês Edgar Morin, vindo ao Brasil para uma série de conferências declarou que “MESSIÊ CHACRRINHA É RREALLLMENTE UM EXTRAORDINÁRIO TALENTO, UM EXPERT NATO EM COMUNICAÇÃO.”.</p> <p>Destaque Central Alto: Moana Pires Fantasia: Conectada</p> <p>Destaque Central Frente: Bruna Dias Fantasia: Sumaré</p> <p>Destaque Lateral Alto Direita: Luana Pires Fantasia: Sintonizada</p> <p>Destaque Lateral Alto Esquerda: Fantasia: Sintonizada</p> <p>Composições: Telecomunichacrete</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Renato Lage e Marcia Lage		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	<p>DISCOTECA DO CHACRINHA</p> 	<p>“Temos que conquistar o público todos os dias, e com seriedade, embora o programa seja humorístico. Não é o público que depende de nós, nós é que dependemos dele; os artistas passam e o gosto pela arte continua. O público também se renova a cada dia, ou renova suas preferencias e é preciso estar muito atento a tudo isso, jamais supondo que o tempo para quando a gente para. Parou, ficou pra trás.”</p> <p>Destaque Central Alto: Enoque Fantasia: Curinga</p> <p>Destaque Central Baixo: Stepan Nercessian Fantasia: Chacrinha</p> <p>Semi-Destaque lado direito Túnel: Rita Cadillac</p> <p>Semi-Destaque lado esquerdo Túnel: Regina Polivalente</p> <p>Composições: “Por Favor, Pare Agora!”.</p> <p>Grupo Teatral 01: Artistas e Covers de Artistas no Palco do Cassino do Chacrinha</p> <p>Grupo Teatral 02: Plateia</p>
03	<p>LEVANDO O TROFÉU ABACAXI</p> 	<p>“Na Hora da Buzina a principal atração eram os calouros com as seguintes categorias: cantor, cantora, vale-tudo, músico, locutor, uma guerra nos domingos à noite, aonde os calouros vão ou não vão para o trono.”</p> <p>Destaque Central: Danyllo Gayer Fantasia: Cachmere</p> <p>Destaque Central Baixo: Natália Fantasia: Malemolência</p> <p>Semi - Destaques Centrais: Mangachacretes</p> <p>Composições 01: Ananashacretes</p> <p>Composições 02: Showcetes</p> <p>Grupo Teatral 01: Aplausos</p> <p>Grupo Teatral 02: Calouros, Cantores e Jurados da Hora da Buzina</p>

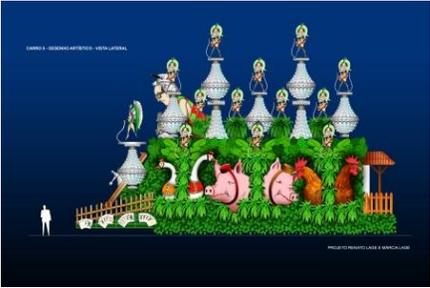
FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Renato Lage e Marcia Lage		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
04	<p>A LUTA PELOS BASTIDORES</p> 	<p>“... É preciso puxar pelo crânio e suar a camisa. Ter mais preparo físico e fôlego que o Ted Boy Marino! É muita intuição e muito know-how (violenta, essa!) entendem? E também não resolve acomodar-se ou pensar que somos os donos da enchente, que o público vai ficar toda vida, do outro lado do tubo da imagem ansiando para ver e ouvir o que temos para oferecer-lhe.”</p> <p>Destaque Central Luva: Sonia Soares Fantasia: Rainha da TV</p> <p>Destaque Central: Guilherme Fantasia: El Number</p> <p>Destaque Central Baixo: Karynna Soares Fantasia: Imagem Branco e Preto</p> <p>Composições 1: É o preto no branco</p> <p>Composições 2: Las Numerosas</p> <p>Composições 3: Bobibope</p> <p>Grupo Teatral 01 – No octógono: Anões masculinos – Montanha e O Juiz</p> <p>Grupo Teatral 02: Anões femininos – Placarcretes</p> <p>Grupo Teatral 03: Torcida</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Renato Lage e Marcia Lage		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	<p>CASSINO DA CHACRINHA</p> 	<p>“... Embora o “Cassino da Chacrinha” procurasse ser uma versão perfeita de um cassino de verdade, apresentando em seu “grill-room” um hipotético show de cantores, eu não deixava de fazer-me uma auto gozação e de levar tudo no tom da galhofa, sem pretensão de iludir a quem quer que fosse. Para comunicar essa “imagem”, tendo o som como único recurso, trabalhei muito, gravando em discos de acetato ruídos e vozes, reproduzindo o mais fielmente possível o vozerio confuso e alegre que a gente ouve nos cassinos reais.”.</p> <p>Destaque Laterais: Ana Paula Barbosa e Dandynha Barbosa Fantasia: Cristaiscretas</p> <p>Destaque na parte baixa do carro: Família Barbosa</p> <p>Composições: Roletacretes</p>
06	<p>O CARNAVAL EM MINHA VIDA</p> 	<p>“Dentro de minhas limitações, só desejei fazer programas que levassem a alegria ao povo, agindo, falando, pensando e brincando com o próprio povo, sem ficar condicionado a dogmas. Toda essa alegria subtraí das minhas lembranças do carnaval de Recife, lá em Pernambuco. Creio que alvejei a mosca, pois como poucos, levei e levo a alegria a milhões de brasileiros. E como a alegria é uma das coisas mais necessárias para todo povo que sofre, creio que o negócio foi bom para todos os lados.” .</p> <p>Destaque Central Alto: Simone Oliveira Fantasia: Inspiração</p> <p>Destaque Lateral Alto Direita: Tabata Oliveira Fantasia: Amor Pernambuco</p> <p>Destaque Lateral Alto Esquerda: Lohana Calheiros Fantasia: Esperança</p> <p>Composições: Cangacretes Composições: Jabacretes</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
Destaque Central – Carro 1 – Moana Pires	Empresária
Destaque Lateral Direito – Carro 1 – Luana Pires	Empresária
Destaque Central Frente – Carro 1 – Bruna Dias	Corretora de Imóveis
Destaque Central – Carro 2 – Enoque	Funcionário da Secretaria Mun. do Maranhão
Destaque Central – Carro 3 – Danyllo Gayer	Diretor Financeiro
Destaque Central Baixo – Carro 3 – Natália	Empresária
Destaque Central – Carro 4 – Sonia Soares	Empresária
Destaque Lateral – Carro 5 – Ana Paula Barbosa	Promoter de Eventos
Destaque Lateral – Carro 5 – Dandynha Barbosa	Modelo
Destaque Central – Carro 6 – Simone Oliveira	Empresária
Destaque Central – Carro 6 – Tabata Oliveira	Estudante
Destaque Central – Carro 6 – Lohana Calheiros	Estudante
Local do Barracão	
Rua Rivadavia Corrêa, nº 60 – Barracão 04 – Gamboa – Rio de Janeiro – Cidade do Samba	
Diretor Responsável pelo Barracão	
Jeferson Carlos e Silvio Baptista	
Ferreiro Chefe de Equipe	Carpinteiro Chefe de Equipe
João Lopes (Joãozinho)	Sérgio Niterói
Escultor(a) Chefe de Equipe	Pintor Chefe de Equipe
Marina Vergara e Levi Sales	Gilberto Lima
Eletricista Chefe de Equipe	Mecânico Chefe de Equipe
Sergio Santos e Rogério Kennedy	Paulo Ferraz
Outros Profissionais e Respectivas Funções	
Marcio Monalisa, Adriano, Reginaldo e Luizinho.	- Adrecista de Alegorias
Alan Carvalho	- Iluminação a Led
Mega	- Movimentos
Paulo Roberto (Muralha) e Marco Antônio (Marquinhos)	- Neon
Vilmar	- Espelhos
Nilson e Claudinho	- Fibras
Jefinho	- Empastelação
Batista	- Unidades Hidráulicas
Vaninha e Diego	- Almoxarifado
Vaninha	- Compradora
Murilo	- Brigada de Incêndio
Formação e Cia	- Portaria
Lu, Val Fran, Marcelinho e Mineiro.	- Serviços Gerais
Djanira	- Cozinheira
Tatiane Feiticeira e Denise	- Secretária Executiva

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Renato Lage e Marcia Lage

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
01	<p>Louocaracha</p>  <p>LOUCOCARACHA ALA 01</p>	<p>“Disseram que eu era um caso típico para de loucura. Consultei um analista e cumpri um tratamento longo e muito bacana. Fiz tudo direitinho, mas, negativo! Continuei o mesmo enigma, sem mudar nada. É evidente que estou exagerando, a psicanálise me fez muito bem, obrigado. Adquiri maior segurança, tornei-me mais moderado, mais calmo, tanto, que mandei fazer roupas novas e loucas, mais extravagantes do que nunca.”</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval
02	<p>Velho Palhaço</p>  <p>VELHO PALHAÇO ALA 02</p>	<p>“Falando sério seu Glicério, quem sou eu? Um débil mental, um louco? Um espertalhão, uma aberração da natureza? Quem sabe um poeta, quem sabe um profeta, um Velho Palhaço!”</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval
03	<p>Eu Nasci há 10 Mil Anos Atrás</p>  <p>EU NASCI HÁ 10 MIL ANOS ATRÁS ALA 03</p>	<p>“Pois é! Neguem-me o que quiserem, que eu tenha talento, que eu tenha bom gosto, que eu tenha ouvido para música, tudo! Mas não me neguem que eu andei profetizando por aí Brasil afora. Eu já falava uma linguagem nova, via e sentia coisas que só iriam acontecer vinte e poucos anos mais tarde...”</p>	Ala Big Big (1993)	Pedrinho Naval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas) Renato Lage e Marcia Lage				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
04	<p>Napoleão, o Louco!</p> 	<p>“Pioneiro da loucura, de um tipo de loucura, podem dizer que sou. Era preciso abandonar as velhas tradições musicais e mandar brasa nos novos ritmos que iam surgindo. E, sem sair do meu terreiro, percebia que a loucura universal que veio alterar tanta coisa, explodiu justamente quando eu alcançava meu apogeu na rádio e na televisão do Brasil.”.</p>	Ala Carol Sampaio (2010)	Carol Sampaio
05	<p>A Noiva da Sorte</p> 	<p>“Certa vez as mais distintas famílias da colônia israelense, juntamente com membros de tradicionais famílias brasileiras, assistiam a um casamento numa sinagoga do Rio de Janeiro onde, um lindo e jovem casal uniu-se diante do rabino e perante as leis divinas. Terminada a solenidade, os noivos receberam alguns cumprimentos e saíram. Àquela mesma hora eu apresentava “A Hora da Buzina”. Não era um dia bom de atrações e o programa estava fraco, quase fuleiro. De repente alguém me faz um sinal, vou saber do que se tratava e nem acredito: O casal de noivos estava lá na emissora e queriam entrar no programa. Ah, São Jorge! Era a ajuda que me salvara! A noiva queria dançar comigo e o noivo dar uns beijinhos nas minhas bailarinas, quanta gratidão...”.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)

Renato Lage e Marcia Lage

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
06	<p>Boladão</p>  <p>BOLADÃO ALA 06</p>	<p>“Eu não sou eu, não sou um, sou dois: um é o Abelardo; o outro é o Chacrinha. Quando um está, o outro dá o fora. Por isso, quando me procuro, jamais me encontro, ou só me encontro pela metade.”</p>	<p>Comunidade (1988)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>
07	<p>Todo Dia Era Dia de Índio</p>  <p>TODO DIA ERA DIA DE ÍNDIO ALA 08</p>	<p>“... Daí porque, entre os que me julgaram sem compaixão e com despeito, eu pude ser alçado à posição de uma espécie de “papa da Tropicália” dos beatniks, dos hippies, tudo conduzindo a... a que mesmo? Sei lá!</p>	<p>Ala Paulo 10 (1989)</p>	<p>Paulo 10</p>
08	<p>Vai Para o Trono ou Não Vai?</p>  <p>VAI PARA O TRONO OU NÃO VAI? ALA 08</p>	<p>“Afinal, que rei sou eu? Minha coroa não é de ouro nem de prata, é de lata barata? Vou para o trono ou não vou?...”.</p>	<p>Comunidade (1988)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas) Renato Lage e Marcia Lage				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
09	Tropicalismo 	<p>“Se é certo que, em outros tempos ser meu amigo descontava ponto, a nova geração não deu muita bola pra isso, nunca foi radicalmente contra mim. Pelo contrário, cresceu e apareceu tornando-me cem por cento, tudo dentro do melhor estilo da autenticidade, da procura do verde-amarelismo, do banalismo ali na batata, do tropicalismo porta-de-tinturaria.”</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval
10	Patropi 	<p>“Mudou tudo: as melodias, as letras, a cadencia, o jeito de cantar, as roupas dos cantores, as cabeleiras, as gírias, tudo!...”</p>	Comunidade – Bira Dance (1988)	Bira Dance
11	Entres os Girassóis 	<p>“Confesso que contribuí eficazmente para criar a atmosfera tropicalista que deu condições para o aparecimento de talentos. Duvido que antes do “Chacrianismo” eles fossem aceitos completamente, com paz e amor!”</p>	Baianas (1988)	Marilene e Regina

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)

Renato Lage e Marcia Lage

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
12	<p>Os Números Me Enlouquecem</p> 	<p>“Doideira só é pouco! Para alcançar o sucesso e atingir a meta, o reconhecimento, a nota máxima, desde muito tempo eu entendia, que há uma coisa imprescindível para se fazer um bom programa, seja um show ao vivo, seja uma parada de gravações. Não há nisso nenhum mistério: trata-se apenas de trabalho. Eu disse: TRA-BA-LHO!!</p>	<p>Ala Amar É (2004)</p>	<p>Paulo e Jorge</p>
13	<p>Tá Com Pulga Na Cueca!</p> 	<p>“Em 1968, em minha estreia na TV Globo, inventei um concurso que premiaria o cachorro que tivesse mais pulgas, mas como não conseguiria contar as pulgas, considerei que o vencedor do concurso seria o dono de cachorro que fosse mais mentiroso. Ao chegar à emissora, era preciso assinar uma declaração dizendo quantas pulgas tinham o cachorro e leva-las em um vidro para mostrar ao auditório. Apareceram dezenas de concorrentes, a coxia virou um inferno! E eu? ria e passeava no meio daquela loucura, na maior felicidade...”.</p>	<p>Comunidade (1988)</p>	<p>Carla Meirelles</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas) Renato Lage e Marcia Lage				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
14	Zoando o Zorro 	<p>“Batente pra leão poderia ser a legenda da pesada de meu irmão siamês, o Chacrinha – Quem?... Eu? É uma luta de espadachim, só mesmo sendo o Zorro meu amigo! para atingir o coração da audiência.”</p>	Ala Aquarela do Brasil (2017)	Ricardo e Claudinho
15	Foco em Mim 	<p>“Estou no auge, sou produtor e apresentador da televisão brasileira que, considerando o tempo que meus programas permanecem no ar e a regularidade com que se mantém, sou campeão nos índices de audiência.”</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval
16	Um Super-Herói 	<p>“Cada semana é para mim uma verdadeira guerra! Com sucessivas batalhas, dignas de super-herói. Produzindo e apresentando programas para televisão no Rio e São Paulo, também produzo e apresento programas diários no rádio”.</p>	Comunidade (1988)	Ananda

FICHA TÉCNICA

Fantásias

Criador(es) das Fantásias (Figurinistas)

Renato Lage e Marcia Lage

DADOS SOBRE AS FANTÁSIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
17	<p>Índices</p> 	<p>“Continuar com a liderança do IBOPE fazia entrar em cena um “fantasma”. Enquanto não sabia o resultado das pesquisas, que indicavam o nível de audiência, ficava em transe. O fantasma se instala no meu espírito e até aparece materializado em forma de cinco letras, IBOPE, sigla do Instituto Brasileiro de Opinião Pública. Misericórdia!”</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval
18	<p>Visitantes de Luxo</p> 	<p>“- Belardo, os gringos outra vez, trago eles aqui? ...Eram Argentinos umas vezes, outras eram Uruguaios ou Paraguaiois. Eram turistas que vinham, às vezes até em traje à rigor, preparados para passar em “El Cassino de La Chacrinha”, una noche muy rica! ”</p>	Velha Guarda (1988)	Dailton
19	<p>Rei Momo na Chacrinha</p> 	<p>“Nem fui o imbecil de ontem, nem sou o iluminado de hoje. Continuo o mesmo Chacrinha, o mesmo que apresentava, todos os fins-de-noite, na rádio o inesquecível programa Rei Momo na Chacrinha, que foi crescendo sempre, afirmando-se como uma das coisas boas do show-business”</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas) Renato Lage e Marcia Lage				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
20	Tem Ganso No Rádio 	<p>“Num estúdiozinho acanhado e mal iluminado, escondido dentro de uma chácara pequena, uma chacinha, havia um cassino, o meu “Cassino da Chacinha”, vibrante, alegre, ruidoso e cheio de gente. Mentira? Mentira para alguns que estavam por dentro. Entretanto para mim e para o grande público, uma fantasia com aspectos de realidade, e para muitos, uma realidade mesmo!”.</p>	Ala Tuiuti (1990)	Quinzinho
21	Disque-Jóquei 	<p>“Minha primeira fantasia, uma mistura de disco telefônico com o boné de Jóquei. Genial, não? Ouço rádio o dia inteiro, preciso estar por dentro de tudo o que se passa no mundo da música e das gravações, das classificações nas paradas de sucesso de cantores novos e tudo o mais relacionado com música, shows, artistas, sucessos, fracassos, brigas, intrigas, golpes. Cada golpe que vou te contar dona Dagmar...”.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval
22	Sintoniza-PRD8 	<p>“O começo de tudo! – Foi na Rádio Clube de Niterói. A rádio era uma emissora que pegava muito bem no Rio, principalmente na Zona Sul. O som era límpido, a posição da antena, em Icaraí, frontal ao Rio, favorecia a penetração de ondas pros lados de cá da Baía da Guanabara”.</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Renato Lage e Marcia Lage

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
23	<p>O Mascarado</p> 	<p>“Quando menino, tinha uma estranha sensação de medo ao ver certas “figuras emblemáticas” do carnaval recifense, mas no duro, no duro era medo da atração que eu já sentia por me mascarar, me fantasiar e deu no que deu...”</p>	<p>Ala Comigo Ninguém Pode (1988)</p>	<p>Denise Machado</p>
24	<p>Boi Sem Pasto</p> 	<p>“É uma tourada diária! É como boi sem pasto e tem que ser assim, se a gente quiser manter o sucesso, corresponder ao carinho do público e conservar a liderança...”.</p>	<p>Comunidade (1988)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>
25	<p>Véio do Pastoreio</p> 	<p>“Sou meu circo sozinho. Sou um palhaço com alma de leão, sou malabarista e me equilibro nos arames das audiências. Sou minha própria arquibancada...”.</p>	<p>Comunidade (1988)</p>	<p>Direção de Carnaval</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas) Renato Lage e Marcia Lage				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
26	Asas da Imaginação 	<p>“Dou um duro desgraçado para inovar cada vez mais! Procuo qual um louco, minhas atrações, cada vez mais estapafúrdias, mais doidas, numa renovação que não pode parar, seu Ademar! Renovar ou morrer!...”</p>	Comunidade (1988)	Carol
27	Caboclos de Lança 	<p>“Bem lá no fundo de minha alma sempre existiu essa vocação para me fantasiar, afinal de contas, acreditem, sou um tímido. A imagem dos caboclos de lança jamais se apagou de minha memória, do menino que fui, lá em minha Recife querida, serviu-me de tantas inspirações fantasiosas e coloridas assim como a continuar lutando para manter jovem meu espírito, e alegre a minha vida...”</p>	Comunidade (1988)	Direção de Carnaval
28	Universo Chacriniano 	<p>Músicos, compositores que entraram no clima multicolorido, multifacetado, alegre e contagiante do universo chacriniano.</p>	Compositores (1988)	Licinho Jr.

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)

Renato Lage e Marcia Lage

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
29	<p>É o Frevo!</p> 	<p>“...Não poderia ser diferente, toda alegria que pretendi passar e dedicar ao meu público deu muito certo! Alegria! Alegria!</p>	<p>Passistas (1988)</p>	<p>Rosangela e Avelino</p>
30	<p>Troféu Abacaxi</p> 	<p>“Vai para o trono ou não vai? Vai ou não vai? É Ele? Tá fraco... É ele? Não estou entendendo bem... Tereziiiiinha! Aquele abraço!</p>	<p>Bateria (1988)</p>	<p>Mestre Thiago Diogo</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)				
Renato Lage e Marcia Lage				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
31	Amigos da Grande Rio	Finalizando o Desfile, tradicionalmente este grupo, que não se configura numa ala fantasiada e avaliada no regulamento do quesito, congrega os foliões colaboradores, amigos do Chacrinha e amigos da Grande Rio.	Amigos da Grande Rio (1988)	Diretor de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Local do Atelier Rua Rivadavia Corrêa, nº. 60 – Barracão nº. 04 – Gamboa – Rio de Janeiro – Cidade do Samba	
Diretor Responsável pelo Atelier Leandro Pinheiro e Nete	
Costureiro(a) Chefe de Equipe Nete	Chapeleiro(a) Chefe de Equipe Jorginho, Alice, Paulo Cesar, Adenilson e Felipe.
Adrecista Chefe de Equipe Marcio Monalisa, Adriano, Reginaldo e Luizinho.	Sapateiro(a) Chefe de Equipe José Francisco (Seu Zé)
Outros Profissionais e Respectivas Funções Edmilson - Chefe de Atelier Bruno - Chefe de Atelier Alex Castro - Chefe de Atelier	
Outras informações julgadas necessárias Queríamos o Chacrinha sempre presente, ao vivo e a cores. A maioria das fantasias das alas do G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio, são releituras das muitas fantasias usadas pelo apresentador em seus programas de TV e caricaturados por ele, ao longo de sua carreira. Muito mais que defini-las como trajes típicos ou figurinos de personagens, preferimos optar por resignificá-las, traduzi-las como; “um estado de espírito” que sempre inspirou o apresentador em sua irreverência. Por isso mesmo, a melhor tradução dessas “indumentárias chacrinianas”, seriam melhor defendidas por ele mesmo, que foram descritas acima, através de textos compilados de sua autobiografia.	

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Autor(es) do Samba-Enredo	Edispuma, Licinho JR., JL Escafura, Marcelinho Santos, Gylnei Bueno e Hélio Oliveira.	
Presidente da Ala dos Compositores	Licinho Jr.	
Total de Componentes da Ala dos Compositores 100 (cem)	Compositor mais Idoso (Nome e Idade) Adilson Miranda 80 anos	Compositor mais Jovem (Nome e Idade) Lucia Donato 21 anos
Outras informações julgadas necessárias		
<p>O show não terminou Vou desfilar nos braços do meu povo Outra vez vou ficar maluco beleza Agora aguenta coração Alegria, alegria era o tom da canção, Sou o velho guerreiro, um tropicalista, Eu não vim pra explicar, vou te confundir Se eu buzinar... Leva o troféu abacaxi</p> <p>Ê baiana... O seu balancê me encanta, Roda e avisa, vem pro meu samba, Quero vê-la sorrir, quero vê-la cantar Se é Maria ou João deixa pra lá</p> <p>E por falar em saudade O preto e o branco da televisão Nas ondas do rádio, tocando amores A luta pelos bastidores Minha Florinda, a flor mais linda, desabrochou Chacrinha, morada que batiza o meu sucesso São tantas emoções eu te confesso Sou Abelardo, aquele abraço, Recife... em surubim nasceu o rei menino, No frevo dessa gente arretada, Vou me acabar no galo da madrugada</p> <p>Meu iaiá, quando a sirene tocar A massa toda cantar Vai para o trono ou vai? Vem chacrete, o bumbum rebolar Eu vou brilhar na TV, ouvir de novo dizer</p> <p>Oh, Therezinha! Oh, Therezinha! Vai começar mais um cassino do Chacrinha Oh, Therezinha! Oh, Therezinha! A Grande Rio é o cassino do Chacrinha</p>		

BIS

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Atribuir um novo significado a músicas citadas e/ou executadas pelo Velho Guerreiro em seus programas de rádio e TV, foi preocupação marcante dos compositores da Grande Rio quando da "criação" do Samba. Isto aconteceu, devido o homenageado ser um "expert" na criação de repertórios, ter extrema sensibilidade musical e ser pioneiro em movimentos musicais, como a Tropicália.

No Samba-Enredo teremos: Meu Iaiá; Ficar, Ah! Maluco Beleza; Agora Aguenta Coração; Alegria, Alegria; Ê Baiana; Balancê; Se é Maria ou João; Bastidores; Aquele Abraço, Emoções e tantas outras palavras, títulos ou trechos de músicas que se transformaram em desenvolvimento do Enredo, mas que na época eram verdadeiras marcas, nas vozes de grandes cantores, cantoras e Compositores. Músicas imortalizadas e que até hoje são grandes sucessos da Música "Chacriniana" Popular Brasileira.

Defesa do Samba Enredo:

MEU IAIÁ, QUANDO A SIRENE TOCAR
A MASSA TODA CANTAR
VAI PARA O TRONO OU VAI?
VEM CHACRETE O BUMBUM REBOLAR
EU VOU BRILHAR NA TV OUVIR DE NOVO DIZER...

...No auge da carreira, Chacrinha era a grande unanimidade. Muitos chegavam a dizer que "ele tinha uma entidade mediúnic". Outros porem, entre eles o conferencista Francês Edgar Morin, diziam que "Chacrinha era extraordinariamente talentoso, expert nato na comunicação".

OH TEREZINHA! OH TEREZINHA
VAI COMEÇAR MAIS UM CASSINO DO CHACRINHA
OH TEREZINHA! OH TEREZINHA
A GRANDE RIO É O CASSINO DO CHACRINHA

O SHOW NÃO TERMINOU
VOU DESFILAR NOS BRAÇOS DO MEU POVO
OUTRA VEZ VOU FICAR, AH! MALUCO BELEZA
AGORA AGUENTA CORAÇÃO...

...Chamar a atenção do público era o principal objetivo do Velho Guerreiro. Daí que a cada programa começava um novo Cassino, sempre diferenciado. Destaque para as roupas utilizadas pelo Chacrinha, pelas Chacretes e também pelos artistas. Praticamente eram verdadeiras fantasias.

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

ALEGRIA, ALEGRIA ERA O TOM DA CANÇÃO,
SOU O VELHO GUERREIRO, UM TROPICALISTA,
EU NÃO VIM PARA EXPLICAR, VOU TE CONFUNDIR
SE EU BUZINAR... LEVA O TROFÉU ABACAXI

**Ê BAIANA... O SEU BALANCÊ ME ENCANTA,
RODA E AVISA, VEM PRO MEU SAMBA,
QUERO VÊ-LA SORRIR, QUERO VÊ-LA CANTAR
SE É MARIA OU JOÃO DEIXA PRA LÁ...**

..."A regra" era contrariar as regras... A "Hora da buzina" refletia a realidade do programa. Muita alegria, irreverência, atenção total aos calouros. Quem vai levar o troféu Abacaxi? Explicação nenhuma, ao contrário, vim confundir. O Tropicalismo, a "Baiana e o seu balancê", assim como o pioneirismo de não discriminar gênero. Afinal de contas, "se é Maria ou João", deixa pra lá!

E POR FALAR EM SAUDADE
O PRETO E O BRANCO DA TELEVISÃO
NAS ONDAS DO RÁDIO, TOCANDO AMORES
A LUTA PELOS BASTIDORES...

...A cada semana a luta era maior... Os números definiam a audiência, se bons o IBOPE subia, se ruins, nem pensar..... Era preciso puxar pelo crânio e suar a camisa. Era a luta nos bastidores para não perder o rumo, o pique, ser o melhor, o mais assistido na TV.

MINHA FLORINDA, A FLOR MAIS LINDA, DESABROCHOU
CHACRINHA, MORADA QUE BATIZA O MEU SUCESSO
SÃO TANTAS EMOÇÕES EU TE CONFESSO,
SOU ABELARDO, AQUELE ABRAÇO,...

...O Cassino era localizado numa pequena chácara, daí Chacrinha. Mas era rádio e não TV, e transformar o Cassino em verdade era tarefa árdua, pesada para uma só "cabeça pensante". Aí surge a flor mais linda - Florinda, que faz do Abelardo o imbatível. Emoção, sucesso, aquele abraço!

RECIFE... EM SURUBIM NASCEU O REI MENINO,
NO FREVO DESSA GENTE ARRETADA,
VOU ME ACABAR NO GALO DA MADRUGADA...

...O Rei Menino era um predestinado...Se assim não fosse, não teria suportado a viagem de "balaio" de Surubim para Caruaru e dali para o Mundo. Quem supera uma viagem dessas tem que ter história pra contar. Nada foi da noite para o dia. Luta árdua, de fé, esperança e superação! E agora?... Vou me acabar no Galo da Madrugada!...

FICHA TÉCNICA

Bateria

Diretor Geral de Bateria

Thiago Diogo

Outros Diretores de Bateria

Norival, Igor, Paula, Paulinho, Renan, Gabriel, Janderson, Batalhão, Adenilson, Fafa, Fabiano, Lázaro, Jhony, Thiaguinho, Silvio e Du Gás.

Total de Componentes da Bateria

260 (duzentos e sessenta) componentes

NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS

1ª Marcação	2ª Marcação	3ª Marcação	Reco-reco	Ganzá
14	14	14	0	0
Caixa	Tarol	Tamborim	Tan-Tan	Repinique
106	0	38	0	26
Prato	Agogô	Cuica	Pandeiro	Chocalho
0	0	24	0	24

Outras informações julgadas necessárias

Bateria da Grande Rio

Buscando inspiração na musicalidade do Velho Guerreiro a Bateria da Grande Rio prepara a sua apresentação para este carnaval. Com um ritmo alegre e espontâneo sem deixar de lado a técnica e a qualidade, a Invocada fará um grande desfile que marcará sua expressiva história.

Com menos de 10 anos de existência, em 1996, a bateria comandada por mestre Mauricio, foi contemplada com seu primeiro Estandarte de Ouro. Sob a batuta do mestre Odilon conseguiu durante 8 anos consecutivos a nota máxima de todos os jurados, conquistando dois Estandartes e dois Tamborins de Ouro. A partir de 2010, sendo regida pelo Mestre Ciça, passou a ser conhecida como Invocada, devido à ousadia apresentada em seus desfiles.

Indo para seu quarto ano na Grande Rio, o jovem Thiago Diogo, pensando no futuro, retomou os projetos de percussão de onde já está colhendo bons frutos, e, unindo experiência e juventude, voltará a figurar entre as baterias agraciadas com as notas máximas, contribuindo assim, para que a Grande Rio “Vá para o trono” e se consagre no Carnaval Carioca.

Thiago Diogo

Falar de Thiago Diogo não é tão difícil. Aos 35 anos, o já consagrado Mestre tem experiência comprovada e um curriculum invejável. Muito já se falou dele, de sua iniciação precoce aos cinco anos, de sua aparição na Escola Mirim Alegria da Passarela, da adolescência na bateria do Salgueiro, de sua convivência com Mestre Louro, de suas passagens na Caprichosos de Pilares, na Porto da Pedra e na União da Ilha. Muito mais teríamos para dizer de Thiago, porém queremos falar do grande momento que ele vive no comando da "Invocada" da Grande Rio. É verdadeiramente um ano inusitado cujo início dos trabalhos se deu em Junho passado... Daí em diante foram ensaios de naipes, de grupos e de todos os setores da bateria... O passo seguinte foi o ensaio com os segmentos da Escola. Seja nos ensaios de quadra, nos ensaios técnicos, nas ruas de Caxias ou nos shows, não foi pouco o que se viu. Viu-se uma perfeita integração. Em anos anteriores o trabalho realizado sempre se deu com muita seriedade, ocorre que para este carnaval algo inusitado contribuiu para o êxito que extrapola a tudo que o Mestre Thiago Diogo havia conseguido junto aos seus fiéis ritmistas. Agora, chegou a hora do show!

"Então aguenta coração!!!!!!!"

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Diretor Geral de Harmonia

Amaury Martins, Caca Santos, Cristiane Ângelo e Paulo Santos.

Outros Diretores de Harmonia

Pastinha, Alexandre, Adilson, Taiane, Jorge Tito, Wilson, Borret, Rochele, Rose, Joel, Marinho, Djalminha, Germano, Sr. Antonio, Paulo Careca, Jorge Ribeiro, Edvaldo Muniz, Paulo Roberto, Daniella, Andreza, Bruno, Limão, Wagner, Denílson, Claudio, Marcos DJ, Cleide, Rosane, Leandro, Zumar, Ailton, Diogo, Barbeiro, Anderson, Fabio, Batata, Wellington, Wilma, Batata, Wellington, Mauro Luiz, Andrezinho, Carlos, Cosme, Alex e Alan Tito.

Total de Componentes da Direção de Harmonia

50 (cinquenta) componentes

Puxador(es) do Samba-Enredo

Intérprete Oficial: Emerson Dias

Puxadores de Apoio: Evandro Malandro, Monstrinho, Charles, Lucas Donato, Lissandra Oliveira, Rafael Santos, Amilton Camaleão e Ricardinho.

Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo

Violão 7 cordas – Andy Lee

Cavaco – Vitor Nascimento, Davi e Xandão

Outras informações julgadas necessárias

"Meu Iaiá, quando a sirene tocar, a massa toda cantar, "Vai para o trono ou não vai?".....

Esta frase, contida no samba enredo, define com propriedade como se desenvolverá o quesito Harmonia no desfile da Grande Rio.

Desde o mês de Agosto, seja nas reuniões setoriais, nos ensaios da quadra, mas principalmente nos ensaios técnicos nas ruas de Duque de Caxias, que os quatro Diretores titulares da Harmonia e seus 49 Diretores de Apoio se esmeraram em transmitir aos componentes a importância da dedicação e empenho, visando à realização de um desfile homogêneo, com muita garra e alegria.

Através de planejamento, buscou-se em dias distintos e alternados integrar os componentes, fazendo com que todos entendessem o grau de complexidade que o quesito Harmonia exige. O perfeito entrosamento de todos os segmentos da Escola proporcionará um desfile seguro, alegre e harmonioso que contagiará a todos os presentes na Passarela do Samba.

Emerson Dias

A história começa assim...

Emerson Dias, aquele menino que integrou durante anos, como cantor de apoio o grupo de intérpretes do Acadêmicos do Sanguêiro. Depois, ainda como apoio, outros tantos anos na Grande Rio, até que em 2013, assumiu como intérprete oficial da Tricolor de Duque de Caxias. Daí em diante, muito trabalho e dedicação... Ensaios, aula de canto e fonoaudiologia, mas também muito sucesso!!!! Shows, gravações, prêmios vários, até chegar àquele que todo grande intérprete quer conquistar, o "Estandarte de Ouro", honraria concedida através do Jornal O Globo.

Hoje seu grito de guerra é super conhecido e é com esta marca registrada "Ei Psiu... Emerson Dias é Grande Rio!" que este "Jovem/Veterano" estará conduzindo os segmentos da Acadêmicos do Grande Rio em um grande desfile que encantarà o público presente na Passarela do Samba.

FICHA TÉCNICA

Evolução

Diretor Geral de Evolução

Dudu Azevedo

Outros Diretores de Evolução

Ailton Fiscal, Airton, Jorge Bento, Enila, Andréa, Luiz dos Santos, Luzimar, Edilcilene, Valdete, Simão, Joana D´arc, Jacaré, Vanuce, Silvano, Anita, Gil Negão, Walmir, Luiz Carlos Machado, Edson, Ediméia, Cafú, Vareta, Marilene, Madalena, Marinaldo, Anselmo, Walter Barbosa, Vandete, Maria Solange, Jeferson, Titoneli, Banana, Felipe, Kelly, Miltinho, Maria Regina, Ricardo Martins, Tunico, Café, Helenice, Sergio, Nunes, Walter 59, Paulinha, Jacy, Maria Helena, Karen, Vicente, Denaide, Jander, Miltinho de Campos, Chiquinho Caipira, Paulo Roberto, Serginho, Conceição, Catarina, Iracema, Chicão, Eduardo, Mila, Pedrinho Naval, Rosangela, Rosenilton, Aparecida, Clayton, Paulo Apocalipse, Carina, Rosivania, Fatima, Luiz Alberto, Naeli, Erny, Marília, Reny, Jenifer, Miltola, Pedro Cirilo, Carlão Machado, Luiz Machado, Jean, Pablito, Luzinete, Lubec, Marcio, Juciana, Larissa, Luiz Negão, Vera Lucia, Eva, Demetrio, Robson Moratelli, Beto Baiano, Baiano, Harley, Dario, Cristiano Crema, Elaine, Fabio, Gilliard, Rafael Jamanta, Jeronimo, José Luiz Azevedo, Leandro, Leonnardo Araujo, Leo Ilha, Lima, Luis Claudio, Luiz Baleia, Marcelo Barbosa, Mazinho, Pará, Priscila Lima, Fabricio, Russo e José Carlos.

Total de Componentes da Direção de Evolução

115 (cento e quinze) Diretores e Responsáveis de Alas

Principais Passistas Femininos

Mariza Furacão, Luciene Santinha, Dani Moreníssima, Amanda, Addressa, Arielle, Camila, Cristiane, Kath, Luana, Maiara, Raysa, Thaianne Gabriela, Thais e Gabi.

Principais Passistas Masculinos

Avelino Ribeiro, Serginho Sambista, Jamerson e Thiago.

Outras informações julgadas necessárias

"Oh Terezinha! Oh Terezinha!
Vai começar mais um Cassino do Chacrinha..."

Com muita alegria, mas conscientes de que a perfeita realização de movimentos contínuos, com evolução espontânea e coesa, é como os componentes da Grande Rio pisarão na Marquês de Sapucaí entoando a frase acima, constante do nosso Samba enredo.

Os ensaios realizados na quadra e os técnicos, nas ruas, ensejaram a oportunidade da realização de um trabalho de conscientização junto a todos os componentes desde os casais de Mestres Salas e Porta Bandeiras, Baianas, componentes de Alas, Passistas, enfim, todos os segmentos da Escola, mostrando a importância da criatividade em movimentos contínuos, da cadencia, da regularidade e progressão, elementos básicos necessários a realização de um grande desfile e ao cumprimento do que exige o quesito Evolução.

FICHA TÉCNICA

Informações Complementares

Vice-Presidente de Carnaval		
-		
Diretor Geral de Carnaval		
Dudu Azevedo		
Outros Diretores de Carnaval		
-		
Responsável pela Ala das Crianças		
-		
Total de Componentes da Ala das Crianças	Quantidade de Meninas	Quantidade de Meninos
-	-	-
Responsável pela Ala das Baianas		
Marilene dos Anjos		
Total de Componentes da Ala das Baianas	Baiana mais Idosa (Nome e Idade)	Baiana mais Jovem (Nome e Idade)
90 (noventa)	Dione 78 anos	Luana dos Anjos 14 anos
Responsável pela Velha-Guarda		
Sr. Dailton Almeida		
Total de Componentes da Velha-Guarda	Componente mais Idoso (Nome e Idade)	Componente mais Jovem (Nome e Idade)
71 (setenta e um)	Amaury 86 anos	Maria da Glória 51 anos
Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.)		
Jayme Monjardim, David Brazil, Monica Carvalho, Christiane Torloni, Monique Alfradique, Raiane, Paloma Bernardi, Alexandre Cardoso, Thiago Martins, Aline Prado e demais personalidades que acompanham a Grande Rio há anos, desde a sua fundação.		
Outras informações julgadas necessárias		
<u>Dudu Azevedo</u>		
"O show não terminou"... É verdade, está apenas começando!		
Dudu Azevedo, Diretor de Carnaval entende e compartilhou com todos os integrantes da Escola que o grande espetáculo está apenas começando. O auge será alcançado na Marquês de Sapucaí com a realização de um grande desfile, porém o trabalho começou em Junho. Foram longos meses de dedicação de toda uma equipe, desde os Presidentes de Honra e o Administrativo, dos Carnavalescos, do Departamento de Harmonia, Bateria, Intérprete, enfim todos os segmentos da Escola. Estas pessoas estão conscientes do bom trabalho realizado e imbuídas do propósito de fazer o melhor para a conquista do primeiro grande título da Tricolor Duquecaxiense. O conhecimento adquirido em eventos internacionais, inicialmente como ritmista e após como Coordenador do Grupo Rio Samba Show, os trabalhos realizados em Escolas coirmãs, inclusive sua passagem anterior aqui mesmo na Grande Rio, fazem com que Dudu Azevedo, agora em seu segundo ano na Escola, carregue a experiência necessária para junto com sua conceituada equipe e com os segmentos da Escola totalmente integrados, em alto e bom som dizerem:		
"O show não terminou, vou desfilar nos braços do meu povo!"		

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Responsável pela Comissão de Frente

Priscilla Mota e Rodrigo Negri

Coreógrafo(a) e Diretor(a)

Priscilla Mota e Rodrigo Negri

Total de Componentes da Comissão de Frente	Componentes Femininos	Componentes Masculinos
15 (quinze)	08 (oito)	07 (sete)

Outras informações julgadas necessárias

NOME DA COMISSÃO DE FRENTE:

A Grande Rio está "No Ar", O Cassino do Chacrinha vai começar!

Quando a sirene tocar

A família brasileira entra no ar.

Tá com saudade?

Aquele Abraço!

Se for cantar, vou buzinar

Vem seguindo a canção,

Vou colorir sua televisão

Eu não vim para explicar

Eu vim para confundir

Quem vai levar o troféu abacaxi?

No Carnaval da Grande Rio

A magia está "No Ar"

Atenção Atenção

O cassino do Chacrinha já vai começar!!

Outras informações:

Direção e Coreografia – Priscilla Mota e Rodrigo Negri

Cenografia – Renato Lage

Figurista - Marcia Lage

Confecção de Figurinos - Atelier Claudio de Azevedo

Produção – KBMK Produções Culturais

Efeitos Visuais e Tecnologia - Studio Prime

Preparação Teatral - Dudu Gama

Visagismo e Maquiagem – Beto Carramanhos

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Outras informações julgadas necessárias

Priscilla Mota e Rodrigo Negri

Primeiros Solistas do Corpo de Baile do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, os bailarinos Priscilla Mota e Rodrigo Negri se consagraram no Carnaval através do trabalho criativo e envolvente que marcou suas comissões de frente.

São coreógrafos do Ballet de Ivete Sangalo, parceria que começou através do Carnaval passado quando surgiu o convite para criação de um novo show que teve sua estreia no Rock in Rio, os bailarinos da Comissão de Frente acompanham Ivete em todos os shows.

Formada em balé clássico, jazz, tap dance e dança contemporânea, a dupla ganhou fama no cenário carnavalesco ao apresentar soluções irreverentes e ousadas no quesito que abre o desfile das escolas de samba.

Nos últimos anos, Priscilla e Rodrigo, que já foram agraciados com a Medalha de Mérito Artístico do Conseil International de La Danse Cid, da UNESCO, pela positiva contribuição à dança, receberam dezenas de prêmios pela atuação no Carnaval, entre eles o Estandarte de Ouro, honraria concedida pelo Jornal O Globo, em 2010, quando emprestaram seu talento a Unidos da Tijuca, ano em que fizeram seu elenco realizar uma eletrizante troca de roupas, que impressionou a todos. O feito ainda rendeu o título, em eleição também promovida pelo Globo, de “melhor comissão de frente da história”.

O bom desempenho no Carnaval culminou numa série de convites para os coreógrafos. Que já abrilhantaram grandes eventos no Brasil e no exterior. Entre os projetos dos quais participaram, estão ações especialmente elaboradas para a Liga Mundial de Vôlei, o Prêmio anual da Confederação Brasileira de Futebol, o Mundial de Judô, a Copa das Confederações, as Olimpíadas do Conhecimento, a Festa de Peão de Barretos, Salão do Automóvel, entre outros. No extenso currículo, Priscilla e Rodrigo ainda incluem apresentações exclusivas para o ex-presidente Lula e para a primeira-dama dos Estados Unidos, Michelle Obama.

A coreografia do Brazilian Carnival Ball - maior baile de Carnaval beneficente do mundo, que ocorre anualmente em Toronto, no Canadá – também leva a assinatura do casal de bailarinos, que ajuda o projeto pelo fato do mesmo arrecadar milhões de dólares para hospitais e fundações de combate ao câncer.

O talento da dupla também encanta marcas mundialmente famosas, como Coca-Cola, Bradesco, Renault, Polishop e Omega, que já contrataram os dois para grandes eventos.

Foram os responsáveis pelo entretenimento das áreas VIPs da FIFA, durante a Copa do Mundo do Brasil.

Nos Jogos Olímpicos Rio de 2016, fizeram coreografia especial que foi apresentada ao longo dos Jogos em 30 apresentações.

Seu grupo totaliza mais de 500 apresentações nacionais e internacionais, que se refletem nos desfiles através do bom entrosamento de toda a equipe que compõe a comissão de frente.

No quarto ano à frente do segmento na Acadêmicos do Grande Rio, Priscilla Mota e Rodrigo Negri usarão toda a experiência para ajudar a escola a conquistar o primeiro campeonato de sua história.

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Outras informações julgadas necessárias

Atelier Claudio de Azevedo

Há 20 anos acompanhando o carnavalesco Renato Lage, Claudio e sua equipe tem vasta experiência em Carnaval, também trabalham para teatro e televisão.

Acompanham o dia-a-dia de ensaios do grupo, podendo perceber os movimentos e como a roupa pode ajudar na execução da coreografia.

Beto Carramanhos

Profissional há 30 anos especializado na área de beleza, Beto é consagrado por assinar o visagismo dos maiores musicais produzidos no Brasil, como:

Cinderella, Kiss me Kate, Noviça Rebelde, O mágico de Oz, Família Adams, entre outros.

Além disso, é apresentador do quadro "Tapa no Visual", no programa Mais Você e "Acredita na Peruca" do Multishow.

Studio Prime

Agência Produtora de comunicação. Responsável por toda mídia, comunicação e registro audiovisual das seguintes casas: Oi Casa Grande, Theatro NET Rio e São Paulo, Imperator – Centro Cultural João Nogueira, Fundação Cidade das Artes. Assinam a criação de grandes musicais como: “Cazuza”, “Rock in Rio – O Musical”, “Samba Futebol Clube”, “SamBra, 100 anos do Samba”, “Pra Sempre Nunca Mais”, “O que é Poesia”, Gilberto Gil O Musical, 60 Décadas de Arromba, Doc Musical e muitos outros.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

1º Mestre-Sala Daniel Werneck	Idade 29 anos
1ª Porta-Bandeira Verônica Lima	Idade 37 anos
2º Mestre-Sala André Ricardo	Idade 23 anos
2ª Porta-Bandeira Jessica Barreto	Idade 28 anos
3º Mestre-Sala Filipe Vianna	Idade 19 anos
3ª Porta-Bandeira Taciana Couto	Idade 17 anos

Outras informações julgadas necessárias

1º CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA

Fantasia: **Sintonizados**

Etimologicamente, a palavra sintonia se originou a partir do grego suntonías, termo que era relativo a tensão exercida entre o corpo, órgãos e espírito. Na eletrônica, a definição de sintonia consiste na circunstância de igualdade de frequências entre dois sistemas, que emanam as mesmas oscilações elétricas.

Relativamente ao sentido figurado de sintonia, quando se diz que existe “sintonia entre duas pessoas”, significa que ambos estão em estado de acordo mútuo, ou seja, em entendimento e harmonia, tanto no âmbito emocional, de pensamentos, atividades e etc.



FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

Verônica Lima

A Duque caxiense Verônica Lima fez da dedicação ao trabalho o principal fator para o aprimoramento de sua arte, a Dança!

Após estreiar na Grande Rio em 1998, a Porta Bandeira desfilou em agremiações coirmãs, retornando em 2012 a sua origem, aonde vem ratificando o empenho absoluto da técnica de dançar.

Verônica é detentora de vários prêmios, entre eles o Estandarte de Ouro, láurea conferida pelos julgadores do Jornal O Globo.

Verônica fundou e é a orientadora do Projeto Latopá, que inicia crianças do município de Duque de Caxias, na arte da dança de Mestre-Sala e Porta Bandeira. O projeto tem encontros semanais e já conta com mais de 60 crianças.

Exibindo a fantasia denominada SINTONIZADOS ela estará, junto com seu Mestre Sala, defendendo o pavilhão da Grande Rio de acordo com as exigências que quesito requer.

Daniel Werneck

A trajetória de Daniel Werneck que muito cedo iniciou na Escola Mirim Aprendizes do Salgueiro, começa a marcar na "Escola Mãe", Acadêmicos do Salgueiro, quando se torna o terceiro Mestre Sala e logo após, segundo Mestre Sala. Daí em diante só êxitos!

A grande proeza se deu ao conquistar, ainda como segundo Mestre Sala o almejado Estandarte de Ouro do Jornal O Globo.

Daniel Werneck registra em sua carreira a passagem pelo GRES. Estácio de Sá onde obteve destaque na arte de dançar.

Em 2015 iniciou sua carreira na Grande Rio e no ano seguinte já vê seu trabalho, ao lado de sua Porta Bandeira, "coroados de êxito" ao obter as quatro notas máximas no quesito. Esperem todos, pois em 2018 Daniel e sua "partner" estarão na Marquês de Sapucaí, mostrando com exuberância a dança do casal na defesa do Pavilhão Tricolor.

Marcela Gil – Coreógrafa

Marcela Gil, natural de Niterói é bailarina do Theatro Municipal/RJ desde o ano 2000. Já trabalhou em companhias famosas como Béjart/Suissa, os Grupos Corpo e Dança DC.

Desde 2005 Marcela atua como coreógrafa no carnaval do Rio, empregando o seu conhecimento ao ensaiar Mestres Salas e Porta Bandeiras, Alas e Comissões de Frente. Em 2018 estará acompanhando a dança do primeiro casal de Mestre Sala e Porta Bandeira da Acadêmicos do Grande Rio, no desfile da Passarela do Samba.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

2º CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA

Fantasia: **TROPICALISTAS**

O universo musical brasileiro estava saindo dos embalas da bossa nova, quando mergulhou num movimento cultural contestador e vanguardista, em plena década de 60, a Tropicália ou Tropicalismo. É neste contexto que nasce o movimento tropicalista, sob a inspiração da esfera pop local e da estrangeira, principalmente do pop-rock e do concretismo. A tropicália era o espelho do sincretismo brasileiro, pois mesclava em um único caldeirão as mais diversas tendências, como a cultura popular brasileira e inovações extremas na estética. Ela pretendia subverter as convenções, transgredir as regras vigentes, tanto nos aspectos sócio-políticos, quanto nas dimensões da cultura e do comportamento.



Jéssica Barreto

"Prata da casa", assim podemos denominar Jéssica Barreto após seu ingresso na Escola de formação de Mestres-Salas e Porta-Bandeiras da Acadêmicos do Grande Rio. Com o aprendizado da dança, estreou como titular da Escola Mirim, a Pimpolhos da Grande Rio e em seguida foi alçada como Segunda Porta Bandeira da Escola Mãe - a Acadêmicos do Grande Rio. Jéssica cada vez mais aprimora o seu bailado, demonstrando apreço e dedicação na condução do Pavilhão.

André Ricardo

Boa parte das Escolas Mirins tem como meta principal revelar talentos e com a Pimpolhos da Grande Rio não foi diferente, revelando nosso mestre-sala André Ricardo.

André Ricardo estreou na Acadêmicos do Grande Rio como terceiro Mestre-Sala e por seu trabalho e dedicação, foi agraciado com o cargo de segundo Mestre-Sala. Talentoso e a cada ano mais experiente, André estará na Passarela do Samba apto a cortejar com êxito o pavilhão da Acadêmicos do Grande Rio.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

3º CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA

Fantasia: **MARACATU**

É um ritmo musical, dança e ritual de sincretismo religioso com origem no estado brasileiro de Pernambuco. Com ritmo intenso e frenético, teve origem nas congadas, cerimônias de coroação dos reis e rainhas da Nação negra.



Taciana Couto

Exemplo de talento precoce, Taciana Couto, nossa Terceira Porta Bandeira, jovem ainda já marcou passagem na Escola de formação de Porta Bandeiras da Escola Mãe - a Acadêmicos do Grande Rio. Já desfilou como Primeira Porta-bandeira na Pimpolhos da Grande Rio e em 2016 foi convidada e desfilou como Terceira na Acadêmicos da Rocinha.

Em 2017 Taciana foi repatriada para a sua origem e novamente este ano, a veremos na Marquês de Sapucaí no desempenho do cargo de Terceira Porta Bandeira da Tricolor de Duque de Caxias.

Felipe Vianna

Felipe Vianna um jovem, com trajetória marcante em desfiles. Com passagens pelas Escolas Mirins Herdeiros da Vila e Pimpolhos da Grande Rio, onde defendeu os pavilhões como Mestre-Sala titular.

Desde 2017 é o Terceiro mestre sala, da Escola Mãe, a Acadêmicos do Grande Rio, função que continuará exercendo no carnaval de 2018, na Marquês de Sapucaí.

G.R.E.S. ESTAÇÃO PRIMEIRA DE MANGUEIRA



**PRESIDENTE
FRANCISCO DE CARVALHO**

*“Com dinheiro ou sem dinheiro,
eu brinco!”*



Carnavalesco
LEANDRO VIEIRA

FICHA TÉCNICA

Enredo

Enredo “Com dinheiro ou sem dinheiro, eu brinco!”					
Carnavalesco Leandro Vieira					
Autor(es) do Enredo Leandro Vieira					
Autor(es) da Sinopse do Enredo Leandro Vieira					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile Leandro Vieira					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
01	Ecos da Folia – Uma história Social do carnaval carioca entre 1880 e 1920.	Maria Clementina Pereira Cunha	Companhia das Letras	2001	Todas
02	Escolas de Samba: A árvore que esqueceu a raiz.	Candeia e Isnard	Lidador/SEEC	1978	Todas
03	Figuras e Coisas do Carnaval Carioca.	Jota Efege	Funarte	1982	Todas
04	Blocos: Uma história informal do carnaval de rua.	João Pimentel	Relume Dumará	2002	Todas
05	História do Carnaval Carioca.	Eneida de Moraes	Editor Civilização Brasileira S.A.	1958	Todas
06	100 Anos de Carnaval no Rio de Janeiro.	Haroldo Costa	Irmãos Vitais-Brasil	2001	Todas
07	A casa e a rua.	Roberto da Matta	Brasiliense	1985	Todas
08	O Livro de Ouro do Carnaval Brasileira	Felipe Ferreira	Ediouro	2005	Todas
Outras informações julgadas necessárias					

HISTÓRICO DO ENREDO

“Com dinheiro ou sem dinheiro, eu brinco” é o trecho de uma marcha carnavalesca composta por Pedro Caetano e Claudionor Cruz tendo como mote o fato dos festejos do carnaval de 1944 estarem ameaçados em função das restrições financeiras associadas à crise econômica que o país atravessava. Historicamente, a famosa marchinha – popularizada pela gravação original do “Rei da voz” Francisco Alves - foi batizada de “Eu Brinco” e sua letra minimizava os efeitos da crise assegurando que “com dinheiro ou sem dinheiro” haveria a “brincadeira” que caracteriza a prática carnavalesca.

Não à toa, é o trecho da canção momesca que batiza o enredo proposto pela Estação Primeira para o carnaval de 2018. Fruto de uma discussão recente envolvendo o corte de verba proposto pelo atual prefeito para as Escolas de Samba do Rio de Janeiro e a posição dos dirigentes das Agremiações que inicialmente cogitaram a inviabilização dos desfiles em função do corte, o enredo da Mangueira, assim como a marchinha, constrói uma narrativa que apresenta o carnaval enquanto uma imensurável prática, que, em função de seu caráter lúdico, não pode – ou no mínimo não deveria – estar condicionada exclusivamente ao aval financeiro.

Para apresentar as linhas gerais do conceito proposto enquanto narrativa carnavalesca, o texto a seguir é a sinopse que resume de forma poética e permissiva o desenvolvimento do enredo que apresentamos.

COM DINHEIRO OU SEM DINHEIRO EU BRINCO!

Com polvilho, farinha sem valor, limão de cheiro e água de bica, vou brincar no molhado que decretará o início do meu carnaval. “Minhas vergonhas” eu cubro com papel barato e lanço a fantasia no vai e vem das ondas do mar. A “pancada no couro” de dois ou três tambores ressuscitarão um Zé Pereira que arrastará a multidão. Mesmo “com o bolso furado”, que “o sapato aperte” e que a “corda esteja no pescoço”, em qualquer esquina que junte gente irmanada, em qualquer batuque de mesa de bar, em qualquer palma de mão, em qualquer “laiá laiá”, em qualquer pé descalço que sambe no chão, vive o carnaval e a liberdade da minha gente. Em qualquer botequim, ao redor de qualquer mesa que reúna meia dúzia de bambas, na rima improvisada de um partideiro, no couro que faz vibrar tantãs e pandeiros, fundo a sede de uma Escola pra tanta gente que tem sede de sambar.

Se o botequim é a nossa sede, a rua é o nosso palco. Logo, a Avenida é para onde a rua deve ir. Grito no canal que desemboca na Zona do Mangue: Levanta-te, Ismael! Traz contigo os velhos bambas que, tidos como marginais, inventaram isso que hoje buscamos tomar com as mãos sujas de confetes. Vem a mim a Escola do povo! A “grade” é uma corda velha e frouxa. Clamo pelo espírito de “um” Arengueiro. “Pra vadiar, pra agitar a massa, pra atiçar e embalar a multidão.” Na linha do “vai como pode”, tudo é fantasia. À

guisa de enfeite, uma lata d'água sobre a cabeça de um corpo que verga com graça. Dos morros, quero uma corte de reis e rainhas de mazelas desconhecidas. Gente que se concentre, mas pra desfilar, prefira o asfalto da Presidente Vargas. Goles de álcool e delírio inflamam Pamplona a acender a gambiarra da decoração de uma velha Avenida. Na retina dos olhos de quem vê, brilha o cortejo de tempos idos: O samba “no pó e na poeira,” “o pires na mão”, a “raça costumeira”.

No muro, em letras garrafais, um mascarado mal trajado alardeia: “A SAPUCAÍ É NOSSA!” O portão que mantém a Avenida fechada tomba. Em convulsão de riso e mordaz alegria, “gente sem colarinho” vibra como um CORDÃO tingido com as cores da carne e das fantasias de nossa gente. De assalto, e sem ensaio prévio, toma-se uma Avenida que, por ironia, marcha involuntariamente em direção a uma praça. A praça que a “massa amassada” quer tomar. Há na festa uma fresta. E, pelas frestas dessa festa, resolvi fazer meu carnaval. Derrubados os portões que separam a “rua da Avenida” vos digo: “O rei que manda na folia está nu!” Mais do que nu. Está morto! Rei morto, Rei posto. Com pressa e ânsia convoco: Vem a mim Caciques que partem de Ramos! Quero irmanados os beberões do Bola Preta! Quero de novo “o bafo que sopra da boca da onça”! Bate-bolas suburbanos cercam entradas e saídas para estourarem bombas de confete e serpentina. Os clarins das Bandas dão o tom do “xeque-mate”. Dobram a curva que desemboca na Avenida os travestidos. Os estandartes de muitos blocos. Os afoxés. Gente que já veio e não vem mais. Gente que nunca veio e sempre quis vir. Um baile a céu aberto de foliões cheirando a álcool e a suor. Que pintam e bordam. Que deitam e rolam. Que cantam e dançam fazendo do samba um “pagode”, de um “pagode” uma mensagem, da mensagem, a redenção: “é o povo, quem produz o show e assina a direção.”

Por hora, não sou mais o desfile de sempre. Não sou mais a Escola que fui. Rasguei a minha fantasia. Deixo nua a verdade daquilo que sou: Sou um Bloco de sujo que desfila sem governo e que as mãos não podem me botar cabresto. Sou um Arlequim de cetim ordinário. Sou um Diabinho sem capricho. Um pierrot em desalinho. Um Mascarado “mal ajambrado”. Uma Colombina sem posses. Um mandarim que o sapato furou. “Mandei às favas a ordem”; desprezo as filas; “não dou bola” à renda investida; ao governo; ao órgão oficial; a TV – se liga, ou se desliga.

Acendo aqui um rastro de pólvora e confete que anuncia a Mangueira que virá. Quem ficar, que se segure. Faz tempo, me disseram, que “a madeira de dar em doido é jequitibá.” Pergunto-lhes: Quem há de impedir a Mangueira passar? Zombando, sorrio, e sigo cantarolando: “Olha o bloco de sujo... Que não tem fantasia... Mas que traz alegria... Para o povo sambar... Olha o bloco de sujo... Vai batendo na lata... Alegria barata... Carnaval é pular”.

PESQUISA, DESENVOLVIMENTO E TEXTO: LEANDRO VIEIRA.

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

O enredo apresentado pela Estação Primeira de Mangueira olha para o cenário carnavalesco no qual os desfiles das Escolas de Samba do Rio de Janeiro estão inseridos, e, diante das incertezas que envolveram a execução da folia de 2018, apresenta uma narrativa onde a exibição de valores intangíveis manifestados ao longo da consolidação dos festejos de Momo na cidade são a justificativa para amenizar os efeitos da crise financeira, que, ao que parece, transformou-se na vedete do carnaval 2018.

O fato é que, diante das tensões e das discussões acaloradas do período pré-carnavalesco - motivadas pelo cenário de incerteza quanto aos recursos, as previsões frustradas de patrocínios e suportes governamentais, e, sobretudo, a redução de 50% da verba municipal para a realização dos desfiles – levantou-se uma série de questões próprias do universo cultural e histórico em que as agremiações cariocas estão inseridas, evidenciando a urgência de se pensar – ou repensar – o “modelo” e os “caminhos” da mais expressiva manifestação cultural e artística produzida pela cidade do Rio de Janeiro.

O tratamento dado ao carnaval e aos desfiles das Escolas de Samba pelo Bispo licenciado da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) e atual prefeito da cidade fez vir à tona uma ampla discussão, que, dentre outras coisas, evidenciou o “divórcio” existente entre a “cidade” e as “agremiações”, Outrora, símbolo de uma cultura eminentemente popular, os desfiles das Escolas de Samba do Rio de Janeiro isolaram-se em uma “Avenida” cada vez mais fechada, agigantando o caráter espetacularizado da festa, o que, em linhas gerais, potencializou os custos da realização do carnaval das Escolas e distanciou uma camada da população que, diante dos altos valores cobrados, deixou de participar do evento, gradativamente migrando para o carnaval de rua da cidade, onde os blocos dominam a cena.

Diante do dilema sociocultural instaurado, o GRES Estação Primeira de Mangueira apresenta o enredo “COM DINHEIRO OU SEM DINHEIRO EU BRINCO!” e faz da exaltação da prática carnavalesca traduzida enquanto mera brincadeira, o argumento que embasa seu discurso e exemplifica a narrativa de seu enredo. A afirmação proposta pela frase que batiza o enredo é uma resposta não só ao prefeito – que com o “corte” e com o descaso em lidar com questões culturais alheias a sua filosofia particular dificulta a realização de uma atividade cuja a importância ainda está por ser dimensionada de forma mais precisa -, mas também, aos dirigentes que, diante da dificuldade imposta com a redução de 50% da subvenção municipal, chegaram a cogitar a não realização dos desfiles no carnaval 2018.

Para ambos, a resposta é o trecho da “marchinha” dos anos quarenta, onde a afirmação de que “com dinheiro, ou sem dinheiro” haverá o carnaval como afirmação daquilo que somos enquanto povo, prática lúdica, urdida de significados culturais cujo valor não pode ser medido através da lógica puramente econômica/financeira.

Sendo assim, o que o enredo da Mangueira propõe é uma narrativa que usa de dados históricos e culturais a fim de apresentar um conjunto de argumentos que validam a premissa de seu enredo. A proposta é um olhar para manifestações carnavalescas que dispensaram em sua essência original a disponibilização de grandes recursos financeiros. Ala a ala vão se descortinando práticas carnavalescas nas quais a brincadeira e a ressignificação do cotidiano em dias de folia são a própria essência do espírito carnavalesco. Trata-se de um olhar para a gênese das agremiações carnavalescas. O caráter revolucionário e afirmativo das primeiras Escolas e dos primeiros núcleos de sambistas que, na prática de suas atividades cotidianas e na busca de atividades de lazer, recriaram signos ancestrais e transformaram alguns territórios da cidade em áreas de afirmação de valores intangíveis próprios do samba e da atividade carnavalesca.

Para além da afirmação de valores próprios da cultura da cidade em meio a uma gestão municipal que sufoca manifestações culturais de caráter afro-brasileiro e tenta implementar uma política de domesticação da festa e do espaço coletivo das ruas, o enredo proposto é também uma ode ao singelo. Um tributo a uma prática carnavalesca cuja beleza existencial não pode ser contabilizada em moeda em meio à toda discussão de um pré-carnaval que evidenciou o quanto a atividade carnavalesca produzida pelas Escolas de Samba está mercantilizada, exacerbadamente comercial, e o quanto o aspecto cultural, e o caráter popular dos desfiles está diminuído diante da supremacia das finanças.

Não à toa, o enredo lança um olhar para o carnaval de rua da cidade e faz da exibição de seus personagens um recurso visual que evidencia o quanto a festa desprovida de pompa das ruas pode nos servir de exemplo. Ao propor um olhar para os blocos de rua, e ao se aproximar de sua estrutura menos “rígida”, a Mangueira faz de seu desfile a experiência ancestral que ela defende enquanto enredo.

Para facilitar a compreensão da narrativa proposta e apresentar uma visão aprofundada do enredo, a seguir, o detalhamento dos cinco setores do desfile define o contorno conceitual da estrutura de nossa apresentação.

PRIMEIRO SETOR – “ANTIGOS CARNAVAIS”

Apresenta uma estética que evidencia que o enredo proposto pela Estação Primeira de Mangueira se trata de uma proposta eminentemente carnavalesca. Uma abertura lúdica que recria aspectos e personagens tradicionais do carnaval. Uma estética que revela visão icônica do carnaval fazendo largo uso de seus aspectos mais bem difundidos no imaginário coletivo. Visão romântica de uma folia nostálgica e saudosa. Personagens tradicionais do período momesco dão o tom da abertura do desfile ao serem recriados na temática das fantasias e no conjunto escultórico que compõe a estética geral do Abre-alas. Coretos, Brincantes e Mascarados. Um pierrot enamorado. A Mangueira e seu apego à nostalgia e à tradição carnavalesca.

SEGUNDO SETOR – “A ESSÊNCIA DA FOLIA: A BRINCADEIRA”

O setor apresenta a essência festiva do carnaval ao lançar luz em manifestações carnavalescas históricas. Faz uso de material didático e recorre à historiografia oficial para apresentar as diferentes maneiras em que se brincou carnaval ao longo dos séculos evidenciando o compromisso da festa - única e exclusivamente - com o espírito da brincadeira e da zombaria. Apresenta a rua como espaço público e coletivo para a diversão desprovida de grandes recursos financeiros. Através do desfile das alas, contempla a “molhadeira” que caracterizou a prática do Entrudo. Apresenta o Zé Pereira e a galhofa generalizada instaurada através do som da batida de seu tambor. Contempla os banhos de mar à fantasia que ocorreram nas primeiras décadas do século XX - e perduraram até a década de 1960 – e se encerra com as rodas de samba nos bares e botequins onde o carnaval se fez – e se faz - no gesto, no álcool, e na celebração da brincadeira generalizada, típica do espírito livre do carioca.

TERCEIRO SETOR – “ESCOLA DE SAMBA: UM LAPSO DE MEMÓRIA PARA LEMBRAR-SE DAS RAÍZES”

O terceiro setor do desfile lança luz nos próprios desfiles das Escolas de Samba no tempo em que a exibição era realizada sem grandes recursos financeiros. Apresenta a fundação e a origem das Escolas de Samba. Os “malandros” do Estácio que fundaram a primeira Escola de Samba. Os desfiles na Praça Onze e o protagonismo do povo negro. As tias baianas que “embalaram” o samba. As Escolas que nasceram blocos. O caráter inventivo dos “embriões” das primeiras agremiações. A escola na base do “vai como pode.” Os desfiles fora da Marquês de Sapucaí. As Escolas de Samba e o período áureo dos desfiles na Avenida Presidente Vargas. O samba no pé. O morro que desce para desfilar sobre uma Avenida enfeitada.

QUARTO SETOR – “QUE TOMEM A AVENIDA OS FOLIÕES QUE OCUPAM AS RUAS!”

O setor promove um desfile de blocos e personagens que marcaram – e marcam - o carnaval de rua da cidade. O carnaval de rua chega à Sapucaí. Os blocos tradicionais passam pela avenida resgatando o espírito livre do carnaval. A Sapucaí é também uma rua, nada mais justo que a folia da cidade do Rio de Janeiro desemboque nesta avenida. A alegoria é tomada pelos foliões dos blocos, com suas tradicionais fantasias. A estética da rua desfila pela Sapucaí. Em sequência, pelo asfalto da Sapucaí, o Cacique de Ramos, o Bafo da Onça, os Bate-Bolas, o Cordão do Bola Preta, os músicos das Bandas que animam os foliões ao som de sambas e marchinhas. Trata-se da “entrada” do carnaval de rua pela Avenida de Desfiles em um contraponto crítico explícito: Enquanto hoje, a “Escola” é o “bloco” que se “organiza”, que se “engessa” em regulamento, “enriquece”, torna-se dependente de verba, e se agiganta; o “Bloco” é o que um dia as “Escolas” foram: a festa do povo, para o povo, no meio do povo. Democrática e Libertária. Sem luxo, sem destaques, sem a ostentação do brilho, e desprovida de grandes recursos. A nudez crua das fantasias das ruas “enfeita” e “abrilhanta” a alegoria que encerra o setor.

A fantasia é a vontade de ser alegre. A essa altura do desfile, os foliões da “rua” derrubam os portões e invadem a Sapucaí.

QUINTO SETOR – “ENTREM, ESPALHEM-SE, BAGUNCEM, E BRINQUEM DO JEITO QUE PODEM”

A Sapucaí agora é do povo. Contaminada pelo espírito do carnaval de rua, a Sapucaí abre os seus portões e deixa o povo da rua entrar. Foliões tomam a avenida para si, a festa é de todos. Personagens das ruas, brincantes, foliões anônimos. Não importa a fantasia, o que vale é a alegria. Cada um vai como pode. Vestimentas feitas com retalhos, com o que se tem em casa. A verdadeira fantasia é brincar o carnaval livremente. Esteticamente, o desfecho da exibição da Mangueira apresenta-se como uma “ala única.” Espécie de “blocão” que reúne múltiplos figurinos associados ao carnaval de rua da cidade, todavia, urgidos de uma singeleza esfarrapada que faz contraponto ao luxo que tem caracterizado os desfiles atuais, consagrando a prática carnavalesca manifestada através da exibição de uma Escola de Samba como uma atividade que para existir - ou não - está condicionada a uma verba específica. O conjunto de fantasias deve ser apreciado como um todo, sob a ótica daquilo que na história do carnaval é popularmente conhecido como bloco de sujo. Nesse momento, os componentes desfilam sem respeitar o tradicional “enfileiramento” - quase regra velada que caracteriza a passagem do grupo de desfilantes atuais - como se o espírito libertário dos blocos que passaram no setor anterior tivesse “contaminado” a estrutura de nossa exibição. Os componentes desfilam “livres” movimentando-se ao sabor de sua própria coreografia, desprovidos de pompa, com fantasias múltiplas, fazendo do desfile a brincadeira e a experiência ancestral e social que apresentamos ao longo das justificativas das alas feitas até aqui. Eis aqui uma ode ao simples. Um tributo à singeleza. A prática do carnaval que é a brincadeira em si. O despir-se daquilo que excede, e o agarrar-se naquilo que nos é mais caro na folia: a alegria. A estética geral do setor, as fantasias variadas que o compõem, a irregularidade da formação, os excessos, a liberdade, a quebra do paradigma de desfile, e a maneira como ela se apresenta em desfile, é a síntese do conceito guardado na frase que batiza o enredo. E a quinta alegoria é a celebração da liberdade, da alegria. A estética sem amarras. A beleza não nasce do luxo, do dinheiro, mas da criatividade, da espontaneidade. É o carnaval que brota da imaginação do povo, da sua capacidade de criação e transformação. A alegria é a maior das belezas, a síntese do espírito do carnaval que a Mangueira agora resgata na Marquês de Sapucaí.

Leandro Vieira – Fevereiro de 2018.

ROTEIRO DO DESFILE

PRIMEIRO SETOR: “ANTIGOS CARNAVAIS”

**Comissão de Frente
“PECADO É NÃO BRINCAR O
CARNAVAL”**

**1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Matheus Olivério e Squel Jorgea
O PIERRÔ E A COLOMBINA**

**Guardiões do
1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
ARLEQUIM**

**Ala 01 – Nação Mangueirense
ANTIGOS CARNAVAIS**

**Abre-Alas – Alegoria 01
ANTIGOS CARNAVAIS**

SEGUNDO SETOR: “A ESSÊNCIA DA FOLIA: A BRINCADEIRA”

**Ala 02 – Coração Verde e Rosa
O ENTRUDO**

**Ala 03 – Aliados / Carcará / Seresteiros /
Estrela Iluminada
VIVA O ZÉ PEREIRA**

**Ala 04 – Raiz Mangueirense
O BANHO DE MAR À FANTASIA**

**Alegoria 02
“EM QUALQUER BOTEQUIM FAÇO MEU
CARNAVAL”**

**TERCEIRO SETOR: “ESCOLA DE SAMBA: UM LAPSO DE MEMÓRIA
PARA LEMBRAR-SE DAS RAÍZES”**

Ala 05 – Compositores
DEIXA FALAR!
SALVE OS BAMBAS DO ESTÁCIO!

Ala 06 – Baianas
BAIANAS TRADICIONAIS DA
PRAÇA ONZE

Ala 07 – Apaixonados pela Mangueira
VAI COMO PODE

Ala 08 – Vendaval / Realidade / Panteras
ARENGUEIROS: O SANGUE VALENTE
DA NOBREZA VERDE E ROSA

**2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Renan Oliveira e Débora de Almeida**

**3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Matheus Silva e Victória Vianna**

VERDE QUE TE QUERO ROSA

Ala 09 – Acauã / Moana
MANGUEIRA “AO GOSTO” DA
ANTIGA AVENIDA

Ala 10 – Velha-Guarda
VERDE E ROSA: COR ANCESTRAL DE
ANTIGOS CARNAVAIS

Destaque de Chão
Rosemary e Alexandre Pires

**Alegoria 03
“A CANDELÁRIA E A AVENIDA DECORADA”**

QUARTO SETOR: “QUE TOMEM A AVENIDA OS FOLIÕES QUE OCUPAM AS RUAS!”

Grupo de Musas
“MUSAS DO CACIQUE”

Elemento Cenográfico
“O CACIQUE PEDE PASSAGEM”

Ala 11 – Escola
CACIQUEANDO

Grupo de Musas
“OBA! AS CABROCHAS GINGANDO E
COMO TEM MULHER!”

Elemento Cenográfico
“O BAFO DA ONÇA PEDE PASSAGEM”

Ala 12 – Passistas
BAFO DA ONÇA

Rainha da Bateria
Evelyn Bastos
“SE FALTAR FANTASIA...”

Ala 13 – Bateria
BATE-BOLAS

Ala 14 – Somos Mangueira
O CORDÃO DA BOLA PRETA

Ala 15 – Mimosas / Depois Eu Digo /
Au Au Au / Gatinhas e Gatões
“TOQUE DE CLARINS! OS MÚSICOS
DAS RUAS”

Alegoria 04
“SOMOS A VOZ DO POVO”

**QUINTO SETOR: “ENTREM, ESPALHEM-SE, BAGUNCEM E
BRINQUEM DO JEITO QUE PODEM”**

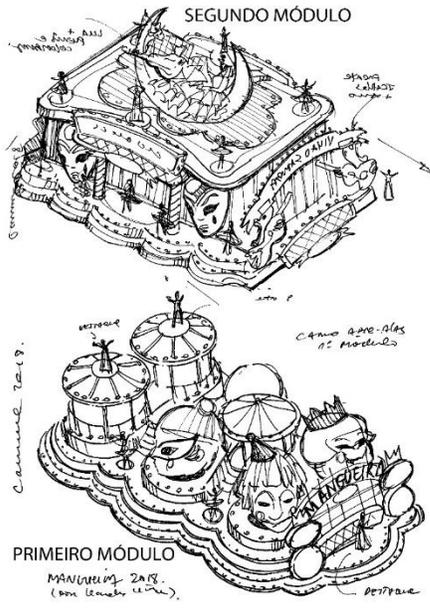
Ala 16 – Garra Mangueirense
“BLOCO DE SUJO, OU VEM COMO
PODE NO MEIO DA MULTIDÃO”

Elemento Cenográfico
“O CORSO DA RALÉ

Alegoria 05
**“POUCO ME IMPORTAM O BRILHO E A
RENDA”**

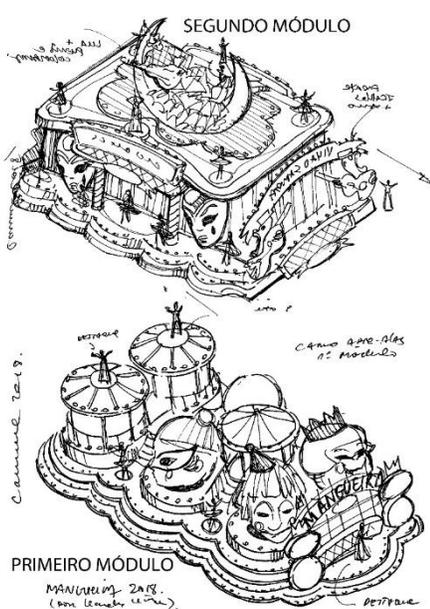
FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Leandro Vieira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p>ANTIGOS CARNAVAIS</p>  <p>Observação Geral – As ilustrações aqui apresentadas são apenas referências para facilitar o acompanhamento de nosso desfile.</p>	<p>Exalando saudade, a estética geral da alegoria tem inspiração retrô. Em dois módulos, o Abre Alas da Estação Primeira apresenta-se como um tributo aos antigos carnavais. Lúdica visão carnavalesca de personagens icônicos da folia construídos através de uma poética permissiva que agiganta as expressões de foliões anônimos logo na “chegada da verde e rosa.” É a consagrada e bem difundida estética carnavalesca: rostos maquiados, o coreto da Praça, o pierrô enamorado pela colombina, a máscara que esconde a identidade do folião. Uma menção visual aos carnavais passados. A Mangueira, que ao completar noventa anos, levanta a bandeira do samba e se propõe a falar do carnaval de “ontem” no “hoje”; e busca em sua memória carnavalesca os valores fundamentais da festa para levá-los adiante.</p> <p>DESTAQUE DE LUXO CENTRAL BAIXO – (COLOMBINA) - A estilização de uma colombina em tons de rosa, branco e lilás enriquece a parte frontal da alegoria. O destaque “Santinho” personifica a pivô do triângulo amoroso famoso no universo carnavalesco: de um lado o apaixonado Pierrô; do outro, o malandro Arlequim. Cobiçada por ambos, a Colombina.</p> <p>DESTAQUES DE LUXO LATERAIS ALTO – (ARLEQUIM E PIERRÔ) - De um lado um arlequim em tons de verde água. Do outro, um pierrô em tons de rosa. Os célebres personagens da folia europeia incorporados com naturalidade no imaginário da folia carioca ganham luxuosa versão no figurino de Ednelson Pereira e Eduardo Leal. Integrantes de uma trama amorosa, os dois personagens representam serviços envolvidos em um triângulo amoroso: O Pierrô ama a Colombina, que ama o Arlequim, que, por sua vez, deseja em segredo a Colombina.</p>

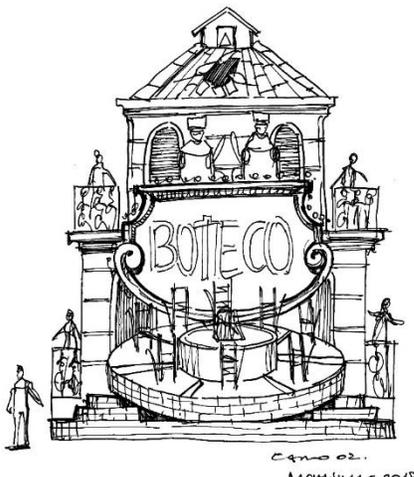
FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Leandro Vieira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p>(Continuação)</p> <p>ANTIGOS CARNAVAIS</p>  <p>Observação Geral – As ilustrações aqui apresentadas são apenas referências para facilitar o acompanhamento de nosso desfile.</p>	<p>Enquanto dado histórico, convém destacar que os personagens acabaram influenciando o gosto das fantasias carnavalescas, e as suas máscaras passaram a ser usadas como uma forma de manter o anonimato em festas e algazarras, além de eliminar a diferença entre gênero e classe social - tema principal das peças da “Commedia dell’Arte” – em carnavais de todo o mundo.</p> <p>COMPOSICOES GERAIS (COLOMBINAS EM BRANCO E PRETO) – A mais célebre personagem feminina do imaginário carnavalesco ganha uma versão em preto e branco que reforça o visual nostálgico da alegoria. A eterna amante de “Arlecchino” - e desejada pelo Pierrot - enriquece o visual geral proposto pela cenografia que a anuncia que o enredo da Estação Primeira trata-se de uma proposta eminentemente debruçada na estética carnavalesca.</p> <p>CORETOS – O coreto central localizado no primeiro módulo que compõe a alegoria é o palco para o “samba show” do célebre sambista mangueirense Serginho do Pandeiro. Ocupando os coretos presentes na parte traseira da mesma alegoria, os baluartes da Estação Primeira são a personificação exata do nome que batiza o carro que abre o desfile da Estação Primeira. No passado, os coretos – estrutura arquitetônica, espécie de “cobertura” situada ao ar livre, em praças, ou jardins – abrigavam as bandas musicais que animavam os festejos carnavalescos das ruas da cidade.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Leandro Vieira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	<p>“EM QUALQUER BOTEQUIM FAÇO MEU CARNAVAL”</p>  <p>Observação Geral – As ilustrações aqui apresentadas são apenas referências para facilitar o acompanhamento de nosso desfile.</p>	<p>Encerrando o setor que apresenta o carnaval como diversão que independe de grandes recursos financeiros, e afirma que o compromisso da festa é - única, e exclusivamente - com o espírito de brincadeira e da zombaria, a segunda alegoria do desfile apresenta-se como uma recriação carnavalesca dos bares e botequins onde o carnaval se fez – e se faz - no gesto, no álcool, e na celebração da brincadeira generalizada, típica do espírito livre do carioca.</p> <p>Como se observa, a cenografia geral sugere um antigo casarão transformado em botequim. É o bar que serve de sede para a brincadeira nos dias de carnaval. É o boteco da esquina que abriga a roda de samba. É o botequim enquanto espaço para a afirmação de valores próprios da cultura boêmia carioca. É o “Pé Sujo” que serve para a concentração do bloco que desfila pela rua, ou até mesmo, o ponto de encontro para aquele bloco que “concentra, mas não sai”.</p> <p>Esteticamente, a concepção da alegoria é debruçada em rico material iconográfico. O visual geral reafirma valores lúdicos pautados na memória afetiva, e a transmissão dessa estética pode ser apreciada no esmero que recria detalhes próprios do universo boêmio e cultural dos botequins da cidade. Os letreiros luminosos, os santos dos altares, os azulejos, e as telhas em desalinho – propositalmente sugerindo a deteriorização do telhado - dão o tom original da concepção da alegoria.</p> <p>COMPOSICOES GERAIS – (O MALANDRO E A CABROCHA): Símbolos máximos da folia carioca, o malandro e a cabrocha estão para o imaginário carnavalesco carioca assim como o pierrô e a colombina estão para o imaginário carnavalesco veneziano. O malandro é o boêmio chegado ao samba, a bebida, e ao botequim. Veste um terno extravagante, camisa listrada, sapato bicolor e chapéu panamá. É a personificação do malandro sambista.</p>

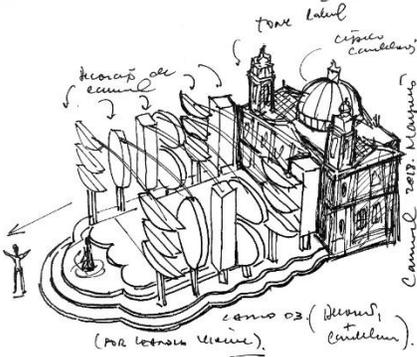
FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Leandro Vieira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	<p>(Continuação)</p> <p>“EM QUALQUER BOTEQUIM FAÇO MEU CARNAVAL”</p>  <p>Observação Geral – As ilustrações aqui apresentadas são apenas referências para facilitar o acompanhamento de nosso desfile.</p>	<p>Em contraponto, a cabrocha é a personificação da mulher sambista. No imaginário brasileiro, é associada ao visual excêntrico da pequena notável Carmem Miranda. Juntos, enamorados, desprovidos de pompa, malandro e cabrocha fazem seu carnaval na sacada do botequim apresentado pela verde e rosa como alegoria.</p> <p>PERSONALIDADES - (RODA DE SAMBA) - A parte frontal do botequim traduzido através da cenografia geral da alegoria apresenta-se como espaço para a celebração do mais genuíno gênero musical brasileiro. Em círculo como que numa roda de samba - e tendo a imagem de São Jorge ao centro - reúnem-se lado a lado, célebres sambistas da Estação Primeira, em parceria com representantes de outras agremiações, e do universo do samba carioca como um todo.</p>

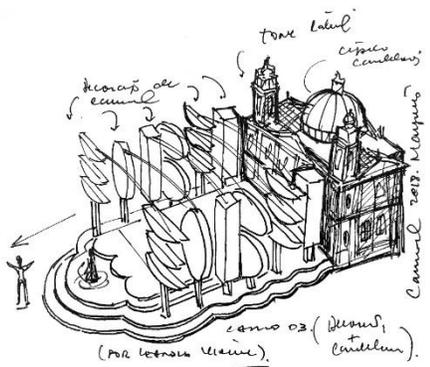
FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Leandro Vieira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p>“A CANDELÁRIA E A AVENIDA DECORADA”</p>  <p>Observação Geral – As ilustrações aqui apresentadas são apenas referências para facilitar o acompanhamento de nosso desfile.</p>	<p>A terceira alegoria reproduz de forma lúdica e carnavalesca um antigo e tradicional palco da folia carioca: A Avenida Presidente Vargas. “Enfeitada” para os desfiles das Escolas de Samba - com a bela estrutura arquitetônica da Igreja da Candelária como ponto de início de desfile - a Avenida abrigou os desfiles até a transferência da apresentação das Agremiações para a Avenida Marquês de Sapucaí, que, em 1984, se transformou no "sambódromo" construído pelo prefeito Leonel Brizola.</p> <p>Para ilustrar o período, a alegoria apresenta-se como uma “captura” de um desfile que tem o a arquitetura da Igreja da Candelária como pano de fundo e decoração característica do período - traduzida em totens decorativos que ladeavam a pista - emoldurando a apresentação das Escolas.</p> <p>Sem a menor sombra de dúvidas, a decoração da Avenida marcou o período em que as escolas desfilavam de forma mais livre, e próxima do povo, no imaginário da cidade. Tratava-se de um espaço do carnaval democrático, e o que se via, era um território lindamente enfeitado para os quatro dias de folia, atraindo não apenas os admiradores dos desfiles, mas também, os que enxergavam na decoração do espaço a céu aberto, uma possibilidade de passeio e contato com uma das mais interessantes formas de arte produzidas pela cidade.</p> <p>Para a escolha dos motivos decorativos, realizavam-se disputados concursos – onde os nomes de Adir Botelho, Fernando Pamplona, Arlindo Rodrigues, Rosa Magalhães e Lícia Lacerda configuram entre os vencedores – e são os elementos visuais que se sagraram campeões nos concursos, que inspiram a múltipla decoração que emoldura a terceira alegoria apresentada pela Estação Primeira.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Leandro Vieira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p>(Continuação)</p> <p>“A CANDELÁRIA E A AVENIDA DECORADA”</p>  <p>Observação Geral – As ilustrações aqui apresentadas são apenas referências para facilitar o acompanhamento de nosso desfile.</p>	<p>COMPOSIÇÕES GERAIS – Apresentam-se como desfilantes/ foliões que se vestem com figurinos de inspiração intimamente associada ao período que a alegoria retrata. Com a predominância da combinação de diversos nuances de verde e rosa, remetem há um desfile qualquer da velha Mangueira na antiga Avenida. Em conjunto, localizados sobre a base do carro - tendo a representação da Igreja da Candelária como fundo, e cercados pela representação das antigas peças decorativas que enfeitavam a Avenida - apresentam-se como o GRES Estação Primeira de Mangueira que desfila nos tempos idos.</p> <p>DESTAQUE CENTRAL BAIXO – (DAMA DA ANTIGA AVENIDA) – Em nuances de verde e rosa, Ludmilla Aquino veste um figurino que remete a estética consagrada no imaginário das Escolas de Samba durante o período em que desfilavam na Avenida Presidente Vargas: O gosto das mulheres em fantasiar-se como uma representante da nobreza europeia, copiando-lhes os vestidos, as joias, as perucas e o chapéu emplumado.</p>

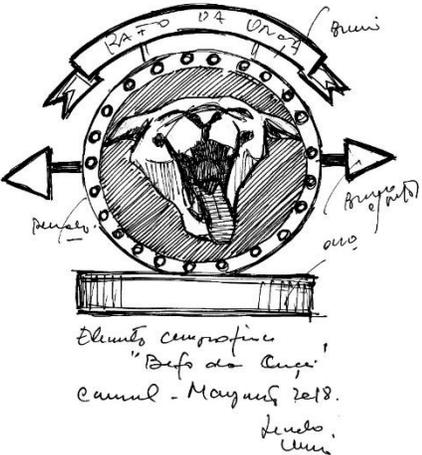
FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo)		
Leandro Vieira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p>Elemento Cenográfico</p> <p>“O CACIQUE PEDE PASSAGEM”</p>  <p>Observação Geral – As ilustrações aqui apresentadas são apenas referências para facilitar o acompanhamento de nosso desfile.</p>	<p>Inaugurando o setor que dá passagem aos blocos de rua que invadem a Avenida, o elemento cenográfico abre caminho para a exibição da ala que apresenta a mais tradicional representação do BLOCO CARNAVALESCO CACIQUE DE RAMOS. Funcionando como uma espécie de “Pede Passagem” para o anúncio da ala “CACIQUEANDO”, o elemento reproduz o símbolo que ainda hoje é o emblema oficial da instituição carnavalesca.</p> <p>Fundado em 20 de janeiro de 1961 por três famílias, em sua fundação, o bloco chamava-se Homens das Cavernas, não demorando muito tempo para ser batizado com o nome que o tornou popular. Em seus primeiros desfiles, o Cacique saía por Ramos e se concentrava na Rua das Missões - hoje Rua Nossa Senhora das Graças - junto ao bar frequentado por Pixinguinha e João da Baiana. Em 1973, começou a sair na Av. Presidente Vargas, onde concorria com o Bafo da Onça a preferência dos foliões da cidade.</p> <p>Originário do subúrbio carioca de Ramos - zona da Leopoldina - tendo como padroeiro São Sebastião, o bloco já chegou a “arrastar” cerca de 10.000 pessoas vestidas de índio em seus desfiles. No cenário musical brasileiro, o bloco acabou por reunir e revelar grandes nomes que configuram em destaque na história do samba. Por lá passaram grandes nomes como Zeca Pagodinho, os integrantes do grupo Fundo de Quintal, João Nogueira, Beth Carvalho, Jovelina Pérola Negra, Arlindo Cruz, Monarco, Dudu Nobre e Jorge Aragão.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Leandro Vieira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p>Elemento Cenográfico</p> <p>“O BAFO DA ONÇA PEDE PASSAGEM”</p>  <p>Elemento cenográfico "Bafô da Onça" Carnal - Mangueira 2018. Leandro Vieira</p>	<p>Após mencionar a participação do bloco Cacique de Ramos em sua exibição carnavalesca, a Estação Primeira de Mangueira anuncia agora que o Bloco Carnavalesco Bafo da Onça também se faz presente. Tendo à frente as musas da comunidade verde e rosa, e abrindo caminho para a anunciação da ala dos passistas, o elemento cenográfico reproduz o “pede passagem” que sempre anunciou o início do desfile do bloco de empolgação a fim de lançar luz em um dos mais significativos e tradicionais blocos do imaginário coletivo da cidade. A instituição, fundada dentro de um botequim do bairro carioca do Catumbi - em 1956 - foi um dos pioneiros do carnaval de rua do Rio disputando com o Cacique de Ramos a supremacia do carnaval na Avenida Rio Branco.</p> <p>A onça pintada, felino intimamente ligado à estética do bloco e “pilar central” para a temática das fantasias de seus foliões, tem sua origem associada a uma tirada de alto conteúdo carnavalesco. O fundador do “Bafo” - o carpinteiro e policial militar Sebastião Maria - formava o bloco do “eu sozinho”, e saía pelas ruas do bairro, fantasiado de onça. É unânime entre os estudiosos, que o fundador bebia bastante, e por isso, o seu hálito era um verdadeiro “bafô de onça.” Com a íntima relação entre a utilização da expressão para qualificar o hálito de seu fundador e a transformação da onça como símbolo da galhofa carnavalesca do Catumbi, o carnaval da cidade do Rio de Janeiro ganhou um de seus mais simbólicos – e saudoso – bloco carnavalesco.</p> <p>Enquanto dado histórico, convém acrescentar que uma das grandes atrações do Carnaval da cidade era a rivalidade durante o encontro entre os foliões do Bafo e do Cacique de Ramos. Como conta o historiador Luiz Antônio Simas, “o pau quebrava de forma inapelável; onças e índios se atracavam nas ruas do Centro e o furdunço não tinha hora pra terminar.”</p>
<p>Observação Geral – As ilustrações aqui apresentadas são apenas referências para facilitar o acompanhamento de nosso desfile.</p>		

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Leandro Vieira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
04	<p>“SOMOS A VOZ DO POVO”</p>  <p>Observação Geral – As ilustrações aqui apresentadas são apenas referências para facilitar o acompanhamento de nosso desfile.</p>	<p>O colorido múltiplo e a extravagância estética desordenada da alegoria conclui - e reforça - o conceito geral do setor. Se as alas são a recriação de personagens e blocos icônicos da folia das ruas a fim de sugerir que os mesmos estão “invadindo” o “seleto” espaço do desfile das Escolas de Samba, A ALEGORIA É DE FATO A INVASÃO DA ESTÉTICA E DAS INVENÇÕES PRÓPRIAS DOS FOLIÕES DO CARNAVAL DAS RUAS.</p> <p>Dentro da proposta artística, o conjunto escultórico reproduz personagens tradicionais do imaginário carnavalesco em ambiente descontraído, refletindo bom humor, jocosidade e picardia. À frente da alegoria, um “Momo sem fantasia” - espécie de “Baco”, ou “Dionísio” - que nu é o rei de uma folia desprovida de pompa. Ao seu redor, palhaços, bate-bolas, pierrôs e arlequins entrelaçados de serpentinas harmonizam o visual proposto. Completando a cenografia geral, os desfilantes da alegoria são os brincantes trazidos de diversos blocos do Rio. Foliões anônimos unidos à estética LGBT que ocupa as ruas nos dias de Momo. Os estandartes e as bandeiras dos blocos que animam a folia atual, os bate-bolas que vêm do subúrbio e da Zona Oeste da cidade. Um número sem fim de fantasias diversas que, ao se amontoarem para ocupar o espaço, dão o tom geral da proposta. Ao centro, em destaque, a escultura de um jovem folião ergue uma bandeira onde se lê a sugestiva frase para a ocasião: DEIXA O POVO BRINCAR!</p> <p>COMPOSIÇÕES GERAIS: Como dito na explanação sobre a concepção alegórica, as composições são os próprios foliões das ruas, com fantasias com as quais brincam pela cidade. São as múltiplas fantasias que se espalham por todo o Rio. São a criação individual dos brincantes, que, ao serem reunidos, formam um amplo painel da estética coletiva que caracteriza o visual geral dos blocos de rua do carnaval atual. Agrupadas, em níveis e plataformas de alturas diferentes, as múltiplas e originais faces do modo de fantasiar-se e brincar dão o tom libertário da quarta alegoria do desfile mangueirense.</p>

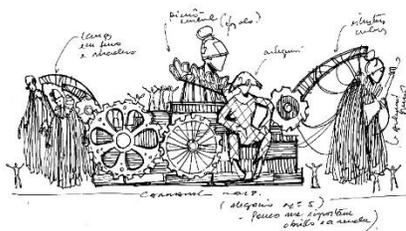
FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Leandro Vieira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p style="text-align: center;">Elemento Cenográfico</p> <p style="text-align: center;">“O CORSO DA RALÉ”</p>  <p style="text-align: center;">Observação Geral – As ilustrações aqui apresentadas são apenas referências para facilitar o acompanhamento de nosso desfile.</p>	<p>O elemento cenográfico apresenta-se como um “carro” – espécie de “lata-velha”, construída aos pedaços, em desalinho, e sugerindo uma “execução” feita a partir da junção de peças automotivas desconexas - que desfila em meio aos foliões da ala que recria a brincadeira desprovida de luxo genericamente chamada de BLOCO DE SUJO. É o “carro comum”, que, ressignificado, assume o papel de “alegoria” para o desfile do “povo”. Completando o visual geral do elemento, o conjunto escultórico recria figuras icônicas do carnaval de rua da cidade em ambiente festivo e impregnado de jocosidade.</p> <p>DESTAQUE CENTRAL (DIABO) – O destaque Nabil Habbib veste uma das mais tradicionais fantasias do imaginário carnavalesco: o diabo.</p>

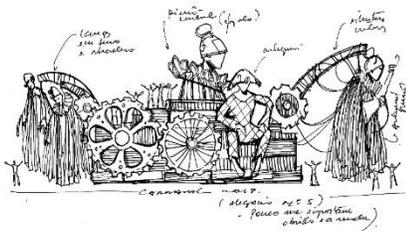
FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Leandro Vieira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	<p>“POUCO ME IMPORTAM O BRILHO E A RENDA”</p>  <p>Observação Geral – As ilustrações aqui apresentadas são apenas referências para facilitar o acompanhamento de nosso desfile.</p>	<p>Fruto de uma discussão recente acerca dos caminhos dos desfiles das Escolas de Samba - levando em consideração o distanciamento das agremiações do folião carioca; a rígida disciplina dos desfiles atuais que tende a tolher a liberdade do brincante e esvaziar o sentido da festa; e a extrema dependência de recursos financeiros evidenciada pelo posicionamento inicial da LIGA em considerar que o corte de 50% da verba municipal proposto pelo atual prefeito inviabilizaria a realização do desfile de 2018 e a inserção das Escolas de Samba no cenário carnavalesco da cidade - o enredo da Mangueira, desde o início da narrativa proposta pela sequência de alas e alegorias, posiciona-se diante da recente discussão recorrendo à historiografia oficial para afirmar que o contato do folião com as atividades carnavalescas, e a gênese das Escolas de Samba e dos desfiles, se dá através de uma série de recriações particulares que tendem a resultar numa intangível prática de caráter lúdico que não pode ser “reduzida” a uma simples atividade – que para existir, ou não - está condicionada a uma questão exclusivamente monetária.</p> <p>Concluindo esse pensamento, a alegoria que encerra o desfile da Estação Primeira distancia-se do padrão visual consagrado e íntimo da estética do luxo e do brilho, para produzir beleza através de uma plasticidade original capaz de resultar em imponência plástica, e visual que tenha a capacidade de apresentar de forma precisa, a conclusão da ideia apresentada.</p>

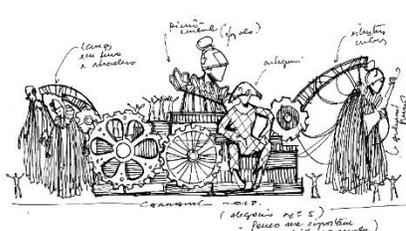
FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Leandro Vieira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	<p>(Continuação)</p> <p>“POUCO ME IMPORTAM O BRILHO E A RENDA”</p>  <p>Observação Geral – As ilustrações aqui apresentadas são apenas referências para facilitar o acompanhamento de nosso desfile.</p>	<p>Fazendo uso proposital do “simples” enquanto possibilidade de produzir-se beleza capaz de criar impacto visual, o conceito geral da alegoria apresenta-se como a materialização do que pode ser verbalizado como a “criatividade da escassez.” Para tal, a alegoria é uma espécie de “geringonça” que se locomove deixando à mostra suas “engrenagens” e expõe o “bastidor” de seu funcionamento e realização. O ferro da estrutura, a madeira cortada em pequenas “tábuas”, as esculturas articuladas suspensas por cordas e com movimento aparente, a exposição do interior da alegoria, a luz que vaza de dentro pra fora, o aspecto deteriorado, desbotado, desalinhado, tudo reforça a intenção de produzir beleza através da rusticidade.</p> <p>A cenografia geral é construída de madeiras cortadas em “ripas” - espécie de caixote vazado - que dão contorno estético a todo o visual proposto. Seu conjunto escultórico ostenta figuras carnavalescas em estado maltrapilho: Um pierrô aos trapos. Um arlequim desbotado. Uma gola feita de remendos de tecidos coloridos “une” a estética do jovem folião maltrapilho que ganha destaque ao centro da alegoria, aos muitos foliões de visual singelo e remendado que compõem a ala que antecede a passagem do carro. As esculturas que emolduram a traseira são “mamulengos carnavalescos” vestidos de trapos de tecido sustentados por “lanças” e seus movimentos aparentes são realizados pelos mesmos foliões que brincam na alegoria.</p> <p>É a síntese do enredo e a reafirmação visual de trechos mencionados pela letra que cantamos sintetizados em expressões como “a nossa festa é sem pudor e sem pena”; “pouco me importam o brilho e a renda”; “o morro, desnudo e sem vaidade” e na afirmação de que “SE FALTAR FANTASIA, ALEGRIA HÁ DE SOBRAR.”</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Leandro Vieira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	<p>(Continuação)</p> <p>“POUCO ME IMPORTAM O BRILHO E A RENDA”</p>  <p>Observação Geral – As ilustrações aqui apresentadas são apenas referências para facilitar o acompanhamento de nosso desfile.</p>	<p>COMPOSIÇÕES GERAIS – Sem separar quem vem no chão ou no carro, as fantasias que compõem o visual geral da alegoria são as mesmas que se espalham pela grande ala que antecede o carro que encerra a exibição da Estação Primeira. Juntos – integrantes de ala e alegoria – são uma massa única que invade o desfile na base do “vai como pode” tal qual a letra do nosso samba-enredo sugere.</p> <p>Se o que se propõe é uma “invasão” a fim de mexer nas rígidas estruturas dos desfiles atuais, a “invasão” dessa proposta se dá como um todo, não fazendo distinção entre o que vem no chão, ou o que vem sobre o carro. Pierrôs, arlequins, piratas, caveiras, malandros, baianinhas, e tantos outros personagens do carnaval carioca - aos remendos, desbotados, exalando uma singeleza maltrapilha - são os astros de uma alegoria que é um tributo ao simples. Uma ode ao singelo. São eles os responsáveis pelo manuseio das esculturas articuladas que se destacam na cenografia geral. São eles também os foliões que cantam e dançam abrilhantando a apoteose do encerramento do desfile. São eles, a imagem que resume tudo aquilo que o enredo da Mangueira exalta enquanto conceito, e é traduzido pelo samba que nos embala, convidando o folião a “vir como pode” e, afirmando, que a festa que defendemos é “sem pudor e sem pena”, e que, para o povo, pouco importa o brilho e a renda.</p> <p>DESTAQUES LATERAIS (DESTAQUES DA RALÉ) – Apresentam-se na parte frontal da alegoria. São recriações carnavalescas em contexto esfarrapado e desbotado. Não apresentam luxo evidente. Reforçam o discurso do enredo e a proposta da alegoria ratificando que o luxo não é fundamental. São mais um na “multidão” que ocupa o carro e a pista.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
Santinho	Empresário
Ednelson Pereira	Empresário
Eduardo Leal	Empresário
Ludmila Aquino	Jornalista
Nabil Habbib	Empresário
Local do Barracão Rua Rivadavia Correa, nº. 60 – Barracão nº. 13 – Cidade do Samba – Gamboa	
Diretor Responsável pelo Barracão Robson Saturnino	
Ferreiro Chefe de Equipe Waldecy	Carpinteiro Chefe de Equipe Fabrício
Escultor(a) Chefe de Equipe Teixeira e Flávio Polycarpo	Pintor Chefe de Equipe Leandro de Assis
Eletricista Chefe de Equipe Tom	Mecânico Chefe de Equipe Paulo Ferraz
Outros Profissionais e Respectivas Funções	
Renato	- Laminação
Vitor	- Equipe de Vime
Vilmar	- Equipe de Espelho
Batista	- Hidráulico

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

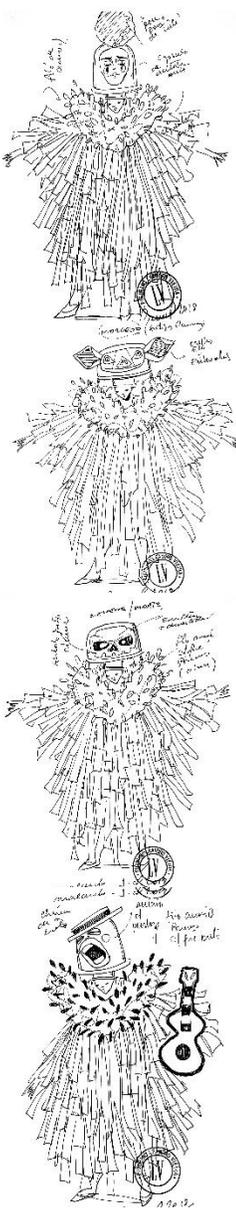
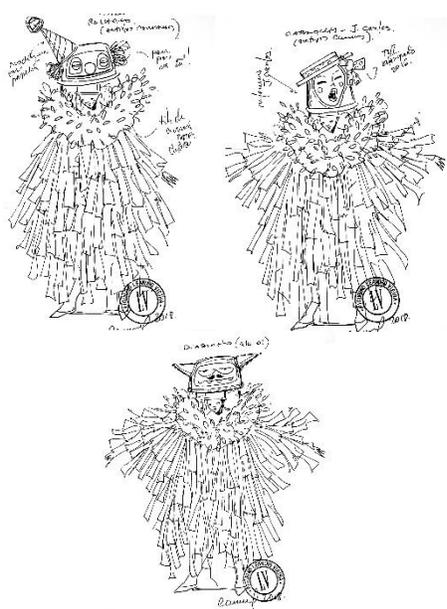
Leandro Vieira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Arlequim</p> 	<p>Se o primeiro casal revela o enlace apaixonado de um pierrô e uma colombina, completando o célebre triangulo amoroso, nada mais adequado que os guardiões do primeiro casal personifiquem a tradicional figura de um arlequim. Exalando nostalgia e saudade, Pierrô, Colombina, e Arlequim, abrem caminho para a exibição da proposta carnavalesca da Estação Primeira.</p>	<p>Guardiões do 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira</p>	<p>Equipe de MS/PB</p>

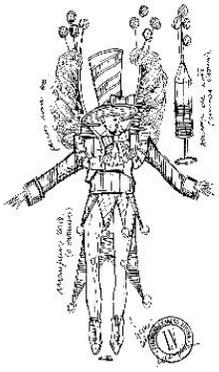
FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Leandro Vieira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
01	Antigos Carnavais	<p>A ala, de figurino misto e multicolorido, apresenta visão estilizada e carnavalesca de algumas típicas figuras da folia carioca realizada nas ruas. Trata-se de uma versão romanceada e bem humorada que revela personagens difundidos no imaginário da festa ao longo da perpetuação de uma tradição secular de fantasiar-se para brincar os dias de Momo. De uma base única - constituída a partir de tiras e retalhos de tecido multicolores - erguem-se as caveiras, os palhaços, as cabrochas, os malandros, os pierrôs, os diabos e os morcegos, que anunciam a estética carnavalesca que abre caminho para o desfile da Estação Primeira.</p>	Nação Mangueirense	Márcio Nazaré e Ana Lúcia
				

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figuristas)				
Leandro Vieira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
02	O Entrudo 	<p>Iniciando o setor que apresenta a vocação do carnaval enquanto mera brincadeira, e, embasando sua narrativa na historiografia oficial, a ala apresenta versão carnavalesca para exibir a prática do ENTRUDO. O Entrudo consistia na ocupação das ruas aonde a população praticava brincadeiras nas quais jogavam uns contra os outros: farinha, polvilho e, mais popularmente, água. Como brincadeira feita nas ruas, era tido como uma manifestação festiva que persistiu no carnaval do Rio de Janeiro da primeira metade do século XIX até o final do Século XX. Ao longo de sua existência, os dias de entrudo popularizaram dois artigos que se tornaram íntimos à prática: os limões de cheiro e as seringas d'água. Instrumentos célebres para a molhadeira generalizada que caracterizava a brincadeira, as “seringas” – ou “bisnagas d'água” – brilhavam em jornais e revistas como um artigo indispensável para a prática momesca. Delas, era esguichada uma variada procedência de líquidos - de essências perfumadas à urina – transformando os dias de momo numa galhofa generalizada. Como o figurino sugere, para apresentar a célebre prática carnavalesca, a fantasia derrama em tons de verde e rosa uma lúdica versão de foliões que levam suas “seringas d'água” para brincar na folia que a Estação Primeira se propõe reviver.</p>	Coração Verde e Rosa	Sérgio, André Henry e Nany

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Leandro Vieira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
03	Viva o Zé Pereira 	<p>Na segunda metade do século XIX, o termo Zé Pereira era usado para nomear qualquer tipo de bagunça carnavalesca acompanhada de zabumbas e tambores. A partir dessa informação histórica, a visão geral da ala recria um grupo de foliões que carregam tambores onde se lê a onomatopeia (figura de linguagem que permite o uso de vocábulos para representar um som) que sugere o som da batida que faz vibrar o tambor que arrasta a multidão: (BUM). Em suma, “Zé Pereira” é todo o folião que faz ecoar o som de um tambor em meio à galhofa e à algazarra instaurada nas ruas da cidade durante os dias de folia. Com predominância de tons de “verde água”, a ala “ressuscita” um grupo de “Zé Pereiras” que desfila seus “tambores” no cortejo carnavalesco apresentado pela agremiação.</p>	Aliados Carcará Seresteiros Estrela Iluminada	Nilza Dória Selma Deise Isabel

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figuristas)

Leandro Vieira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
04	O Banho de Mar à Fantasia 	<p>A fantasia da ala lança luz em um evento momesco muito popular nas primeiras décadas do século XX - que perdurou até a década de 1960 - nas ruas e terminando nas praias cariocas. O Banho de mar à fantasia atraía todas as faixas etárias e contribuía com o embelezamento das ruas e da orla, com caráter lúdico, criativo e efêmero. Consistia de um bloco de foliões que escolhiam uma temática, onde preparavam suas fantasias e desfilavam com seus instrumentos ao som de marchinhas da época, mas, à medida que percorria as ruas, o bloco crescia com a adesão de novas pessoas, que aguardavam ansiosas sua passagem. A condição para participar era que todos estivessem com vestimentas de banho por baixo das fantasias. Estas eram trabalhadas com cuidado, devido ao material ser delicado e de baixíssimo custo – no geral, papel crepom colorido. Neste momento, os foliões se rendiam ao carnaval, colorindo as águas e seus próprios corpos com as fantasias que se desintegravam, sendo levadas pelo mar. Para retratar a brincadeira carnavalesca, o figurino da ala faz uso do bom humor ao remeter às tradicionais roupas de banho da primeira década do século passado e ao uso de boias para ir à praia. Em tom lúdico, o adereço de mão remete às máscaras comumente associadas à estética carnavalesca.</p>	Raiz Mangueirense	Robson, Rogério, Simone e Jussara

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Leandro Vieira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
05	Deixa Falar! Salve os Bambas do Estácio! 	<p>Abrindo o setor que lança luz nos primórdios das Escolas de Samba e no caráter inventivo presente na origem dos primeiros núcleos de foliões que acabaram sendo os embriões das agremiações carnavalescas, a ala de compositores da Estação Primeira resgata a mais antiga e tradicional versão do sambista: o arquétipo do malandro que veste terno branco, blusa listrada e chapéu Panamá, para homenagear os sambistas marginalizados, desprovidos de “pompa”, que fundaram - nas cercanias do Largo do Estácio - a primeira Escola de Samba, intitulada Deixa Falar.</p> <p>A primeira Escola de Samba nasceu no Estácio, mas curiosamente, a Deixa Falar não fez parte do primeiro, nem de nenhum outro desfile de escolas de samba. Preferiu apresentar-se ao lado dos ranchos - de maior prestígio - e encerrou suas atividades um ano depois de ser fundada.</p> <p>Historicamente, a primeira escola nasceu no Estácio, mas o primeiro desfile se deu na Praça Onze. A Praça Onze foi o primeiro palco onde as Escolas de Samba, ou o embrião daquilo que viria ser a “Escola” que conhecemos hoje, se apresentaram. Território para o mais popular e democrático palco dos desfiles das Escolas de Samba, a região representou como nenhuma outra Avenida de Desfiles, o carnaval do povo, sobretudo, do povo negro.</p>	Compositores	Rody e Jerônimo

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Leandro Vieira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
06	<p>Baianas Tradicionais da Praça Onze</p> 	<p>Local de moradia e de trabalho de uma massa heterogênea de negros, local de acolhimento religioso, e epicentro de um sistema complexo de relações, que envolvia grupos de distintas religiões, condições financeiras e etnias, ela foi o palco para o primeiro desfile competitivo entre as escolas de samba do Rio de Janeiro, quando as agremiações ainda não possuíam o mesmo prestígio de outras manifestações carnavalescas. Convém destacar que não à toa, a Praça Onze de Julho, no Centro da cidade, foi o local escolhido para acolher a competição: Ali vivia uma grande comunidade de negros e mestiços, cultivando os elementos da cultura africana. Na região, e pelas mãos de seus frequentadores, moldou-se o caráter mestiço e africanizado das Escolas cariocas e, apesar de cada vez mais acanhada para abrigar o crescente público que passou a acompanhar os desfiles oficiais – e gratuitos -, a Praça Onze foi o palco das escolas de samba até o carnaval de 1942, quando demolida deu passagem à Avenida Presidente Vargas.</p>	Baianas	Neuci

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Leandro Vieira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
06	<p>(Continuação)</p> <p>Baianas Tradicionais da Praça Onze</p> 	<p>Para apresentar o período, e a relevância sociocultural dos preceitos populares que representam as “raízes” dos desfiles, a tradicional ala da Mangueira recria a figura das antigas baianas remanescentes das apresentações ocorridas na Praça Onze dando às baianas da Estação Primeira o papel de aludir às origens afro-baianas do samba, transformando-as na perfeita tradução que justifica a perpetuação da ala das baianas nos desfiles atuais: Elas são o elo tradicional que ainda mantém as Escolas atuais unidas a seu cordão umbilical, apesar da pompa e da circunstância que cercam os luxuosos desfiles.</p> <p>Para tal, o visual geral revela uma tradicionalíssima baiana em formato cônico, que ostenta uma rica saia de babado engomado em camadas. Junto do pescoço, os ricos colares de prata agigantados ao estilo “correntão” formam, junto da figa de prata que ganha destaque nas costas, o conjunto de joias que caracterizam a fé e a resistência da mulher negra no Brasil. Sobre a cabeça o turbante. Sobre o turbante, o tabuleiro de frutas. Pra encerrar o visual tradicional, o indefectível pano da costa recria uma estampa africana, menção direta às matriarcas de uma festa intimamente associada aos preceitos africanizados.</p>	Baianas	Neuci

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)

Leandro Vieira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
07	<p>Vai Como Pode</p> 	<p>Antes de se tornar “Escola”, toda – ou a maioria das agremiações cariocas – nasceram “bloco.” O bloco era um pequeno grupo que se reunia para brincar no carnaval de forma semi-organizada, sem grandes compromissos estéticos, no geral, formado por uma esmagadora predominância negra. A história oficial das escolas de samba registra que a maioria das agremiações hoje tradicionais no carnaval carioca, ou nasceu de um bloco local, ou, da fusão de blocos da mesma região. No princípio, o improvisado e a ressignificação de objetos sem valor era a base para a construção dos grupos que se aventuravam a construir a estética das primeiras fantasias e alegorias dos desfiles ainda em fase embrionária. Não à toa, antes de ser batizada PORTELA, a tradicional agremiação de Madureira chamou-se VAI COMO PODE. O nome em si, reforça a tese de que, em sua origem, o que direcionava a existência das primeiras Escolas, era o “ir para o desfile” independente de como “se podia”.</p> <p>Nesses primeiros anos, como as agremiações possuíam cerca de uma centena de integrantes, a passagem de cada uma delas pela Praça Onze durava apenas cerca de dez minutos, cantava-se até três sambas inéditos - geralmente tinham apenas uma primeira parte seguida por versos improvisados – e, sem um regulamento rígido, não havia qualquer relação entre música, enredo, fantasia e alegoria. Tratava-se de uma manifestação espontânea, de caráter afirmativo das camadas mais simples da cidade, não condicionada ao capital.</p>	<p>Apaixonados pela Mangueira</p>	<p>Sandra, Luciana, Paulo e Vânia</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Leandro Vieira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
07	<p>(Continuação)</p> <p>Vai Como Pode</p> 	<p>Para dar contorno estético a esse período específico, o figurino da ala VAI COMO PODE recria um “folião fidalgo”, todavia, seu aspecto é urdido de uma singeleza quase mendiga maltrapilha, para reforçar o caráter da fantasia que era feita com materiais mais simples e restos de tecidos. Trata-se de uma menção direta ao gosto dos desfilantes das antigas escolas de samba – representantes das camadas mais simples da cidade, e em sua maioria negros - terem preferência de vestir-se de reis e rainhas tal qual a nobreza europeia foi difundida no imaginário coletivo. Sobre a peruca de corte – ao modo da corte francesa de Luís XVI – os adereços são panelas e funis – utensílios domésticos ressignificados – à guisa de chapéu. A coloração geral é desbotada, sem deixar de revelar nuances de azul para mencionar as cores da Portela. Aliás, o pavilhão da mesma, aparece estilizado em forma de um estandarte esfarrapado, que faz de uma vassoura o “mastro” que lhe sustenta, remetendo a uma tradição quando os foliões faziam cabo de vassoura como porta estandarte.</p>	<p>Apaixonados pela Mangueira</p>	<p>Sandra, Luciana, Paulo e Vânia</p>

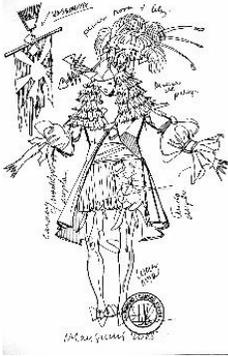
FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Leandro Vieira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
08	<p>Arengueiros: O Sangue Valente da Nobreza Verde e Rosa</p> 	<p>Após fazer menção à Portela através de seu “embrião” denominado “Vai como pode”, a narrativa carnavalesca proposta pelo enredo que apresentamos lança luz no embrião de uma não menos tradicional agremiação, a Estação Primeira de Mangueira. A história do Bloco carnavalesco ARENGUEIROS - originado no morro de Mangueira - parece existir para reforçar a máxima de que “a Escola de Samba nasceu bloco.” Foi o “arengueiro” que serviu de embrião para o nascimento da Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira. “Arengueiro” quer dizer “criador de caso, brigão, encrenqueiro” e, não à toa, o bloco tornou-se famoso pelas brigas que invariavelmente arrumava quando saía para desfilar. Como fundadores, figuram os célebres bambas Maçu, Cartola, Carlos Cachaça, Zé Espinguela, Chico Porrão, Babaú da Mangueira, Homem Bom e os irmãos Saturnino. O bloco deu contribuição fundamental para a criação da VERDE E ROSA, que, em sua noite de fundação, teve quatro ex-Arengueiros, entre seus sete fundadores. Um deles, Saturnino Gonçalves - Pai de Dona Neuma - foi inclusive o primeiro presidente da nova agremiação. O fato é que, ao transformar-se Escola, durante os primeiros anos, a Mangueira manteve a estrutura pouco organizada e a singeleza de suas fantasias refletia a condição financeira da comunidade que ela representava.</p>	<p>Vendaval Realidade Panteras</p>	<p>Clarice Aurea Djean</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Leandro Vieira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
08	<p>(Continuação)</p> <p>Arengueiros: O Sangue Valente da Nobreza Verde e Rosa</p> 	<p>Seguindo a linha estética da ala anterior para apresentar o período, o figurino da ala ARENGUEIROS: O SANGUE VALENTE DA NOBREZA VERDE E ROSA, remete ao gosto carnavalesco das comunidades mais pobres da cidade que encontravam nos trajes de corte europeia a inspiração para fantasiar-se nos dias de desfile. Compondo o visual geral, “o chapéu de nobre emplumado” contrasta com a “bandeira em farrapos” - erguida numa vassoura à guisa de estandarte - que ostenta a característica combinação de verde e rosa a fim de mencionar as cores oficiais da “Escola que nasceu bloco.”</p>	<p>Vendaval</p> <p>Realidade</p> <p>Panteras</p>	<p>Clarice</p> <p>Aurea</p> <p>Djean</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)

Leandro Vieira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
09	<p>Mangueira “Ao Gosto” da Antiga Avenida</p> 	<p>Da Praça Onze ao Sambódromo construído para ser inaugurado no carnaval de 1984, o desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro peregrinou por diversos palcos no Centro da cidade. Sem a menor sombra de dúvidas, pode-se afirmar que o período áureo dos desfiles e a consolidação de sua importância enquanto fenômeno cultural de relevância nacional se deu no período em que as escolas desfilavam sobre o asfalto da Avenida Presidente Vargas, partindo da Igreja da Candelária em direção ao Campo de Santana, exibindo suas fantasias singelas, suas alegorias modestas, e os sambas de enredo que até hoje não ficam de fora de nenhuma antologia que se proponha a apresentar a excelência criativa do gênero.</p> <p>De 1946 até 1973 – com pequenos períodos de interrupção - as escolas de samba se apresentaram num palco maior do que a acanhada Praça Onze, a Avenida Presidente Vargas, mais larga, com possibilidade de atender o público crescente, tendo a imponente Igreja da Candelária como ponto de início de desfile e pano de fundo para imagens de grande efeito visual.</p> <p>Contando com uma enorme e fiel plateia - que se espremia nas arquibancadas metálicas ou disputava um lugar no alto das árvores - as Escolas ganharam espaço na tela da TV e passaram a ter a sua trilha sonora gravada e comercializada. Para recriar o período, a ala MANGUEIRA “AO GOSTO” DA ANTIGA AVENIDA” apresenta um figurino que remete a estética das fantasias do referido período: a casaca de nobre associada ao uso do chapéu ao estilo “Debret.”</p>	<p>Acauã</p> <p>Moana</p>	<p>Nilcemar</p> <p>Paulo Ramos</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas) Leandro Vieira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
10	<p>Verde e Rosa: Cor Ancestral de Antigos Carnavais</p> 	<p>Ainda debruçada no interesse de reviver os desfiles das Escolas de Samba no Asfalto da Avenida Presidente Vargas, a narrativa carnavalesca proposta pelo enredo crê que a Velha-Guarda da Estação Primeira personifica no corpo e no gesto esse período específico da história dos desfiles. Inseridos nesse contexto, tal qual o samba enredo que cantamos sugere, são eles os ancestrais dos antigos carnavais a quem recorreremos para fazermos a pergunta sobre a “raça costumeira” que sempre caracterizou “o por a Escola na rua” em tempos de aperto financeiro.</p>	Velha-Guarda	Ermenegilda (Gilda)

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Leandro Vieira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	Destaque de Chão	<p>O período áureo dos desfiles das Escolas de Samba popularizou figuras que acabaram tornando-se célebres no universo dos desfiles. Transformadas em atrações à parte dentro do contexto da exibição de uma Escola de Samba, em algumas ocasiões, astros fora da esfera carnavalesca acabaram sendo associados às agremiações tradicionais, aumentando o interesse de diferentes setores da sociedade carioca pela expressão carnavalesca e o contato mais direto entre as comunidades mais pobres da cidade e a classe média. Nesse contexto, tornou-se esperada a passagem da célebre cantora da Jovem Guarda Rosemary ao lado do passista “Gargalhada.” A dupla arrancava aplausos entusiasmados da plateia, tornando-se um símbolo do “samba no pé” e da interação entre “o morro e o asfalto.” Revivendo esse momento, a própria Rosemary – que desde o referido período tem seu nome associado à Agremiação – desfila ao lado do cantor Alexandre Pires - que por hora homenageia a memória do já saudoso “Gargalhada” – para reverenciar a memória da festa fora do Sambódromo.</p>	Rosemary e Alexandre Pires	Conselho de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Leandro Vieira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	“Musas do Cacique”	À frente da Ala que reverencia o Bloco Cacique de Ramos, o grupo de musas, veste versão feminina que dá contorno estético exuberante à célebre figura indígena que caracteriza a mais tradicional fantasia da Agremiação sediada na “Zona da Leopoldina”. Destaque para as tradicionais cores do Cacique: O preto, o branco e o vermelho.	Grupo de Musas	Sarinha
11	Caciqueando	 <p>A ala que inaugura o setor do desfile que conclama que o carnaval das ruas venha invadir a Avenida Marquês de Sapucaí - e o espírito libertário da folia livre “contamine” o cenário das Escolas de Samba – é batizada com o nome da música que é um dos maiores êxitos carnavalescos do bloco Cacique de Ramos. A ala “CACIQUEANDO” dá início à passagem de “blocos” e “personagens” que são as “estrelas” do carnaval que acontece fora da Avenida oficial de desfiles.</p> <p>O figurino em questão lança luz num dos mais tradicionais e populares blocos da cidade ao recriar a icônica figura de um grupo de foliões vestindo-se “ao sabor” indígena. Como o visual geral sugere, trata-se de uma menção direta à icônica figura que caracteriza o bloco suburbano sediado na zona da Leopoldina, mais precisamente no bairro de Ramos: um cacique ao sabor “apache” que sobre a cabeça ostenta o célebre cocar de penas pretas, brancas e vermelhas.</p>	Escola	Álvaro

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

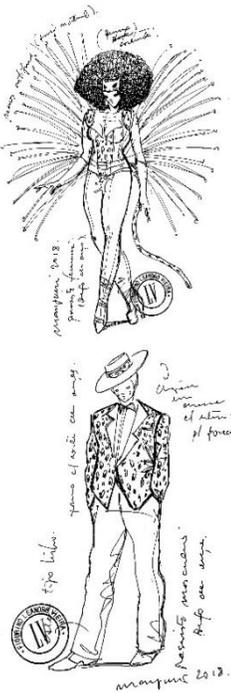
Leandro Vieira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
11	<p>(Continuação)</p> <p>Caciqueando</p> 	<p>Marcante no cenário da folia das ruas, a popularidade do bloco suburbano em muito se deve à sua íntima ligação com as maiores personalidades do mundo do samba tradicional. Por sua ala de compositores passaram Jorge Aragão, Niltinho Tristeza, João Nogueira, Dida, Neoci Dias, Almir Guineto, Zeca Pagodinho, Arlindo Cruz, João Nogueira, Sereno, Sombrinha, Agildo Mendes, Bira Presidente entre outros. No auge de seus desfiles – que já passaram pela região da Praça Onze, pela Avenida Presidente Vargas e pela Avenida Rio Branco, no Centro do Rio de Janeiro - mais de 10 mil foliões já integraram suas alas – tradicionalmente compostas das cores preta, branca e detalhes de cor vermelha, tal qual o figurino da ala evidencia - tendo como base a defesa e o resgate da cultura do índio brasileiro.</p>	Escola	Álvaro
*	<p>“OBA! As Cabrochas Gingando e Como Tem Mulher!”</p>	<p>A frente da ala de passistas, o grupo de musas da comunidade VERDE E ROSA veste lúdica versão carnavalesca de temática felina para ilustrar o mais tradicional figurino feminino utilizado pelas “cabrochas” do Bafo da Onça em dias de folia.</p>	Grupo de Musas	Bisteca e Thatiana

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Leandro Vieira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
12	<p>Bafo da Onça</p> 	<p>Dentro de um botequim, no bairro carioca do Catumbi, Sebastião Maria, carpinteiro e policial militar, idealizou um dos mais tradicionais blocos da cidade, O Bafo da Onça. Conhecido como Tião Carpinteiro, tinha como hábito de folião formar o bloco do “eu sozinho” saindo fantasiado de onça pelas ruas e mantendo-se alcoolizado e “bem bebido” até a Quarta-Feira de Cinzas. No dia da fundação do bloco, todos os seus integrantes saíram bêbados e fantasiados de onça em homenagem a seu fundador e à sua emanção odorífera. A invenção carnavalesca foi a principal rival do bloco Cacique de Ramos no quesito popularidade e empolgação. Por estar localizado em uma região central da cidade, o Bafo da Onça reunia a Zona Norte e a Zona Sul, e ainda hoje – mesmo sem desfilar com regularidade – é uma instituição de associação indissolúvel no imaginário carnavalesco da cidade.</p> <p>Berço de sambistas apaixonados, bons de copo e de samba, o bloco do Catumbi é lembrado através do figurino e do samba no pé dos passistas da Estação Primeira. Ele, um tradicional e elegante malandro que veste alinhado terno estampado com a pele do felino que batiza o bloco. Ela, uma cabrocha faceira que recria na indumentária toda a “brejeirice mulata” das mulheres que se vestiam de onça para brincar e sambar no “Bafo”.</p>	Passistas	Queila Mara

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)				
Leandro Vieira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	“Se Faltar Fantasia...”	À frente dos ritmistas da Estação Primeira, Evelyn Bastos personifica o abrir mão do luxo de alto custo que caracteriza a indumentária das rainhas atuais para evidenciar o valor intangível do contato do folião com o próprio samba. Desprovida de plumas, pedras e faisões, seu corpo semi nu, enfeitado com poucos “cacos de espelho”, é a mais perfeita tradução para evidenciar que a ausência do luxo não anula ou impossibilita o contato do folião com a lúdica prática carnavalesca. Ela é o “carnaval”, que para existir inteiro, basta apenas encontrar abrigo num corpo que samba.	Rainha de Bateria	Valéria

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Leandro Vieira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
13	<p>Bate-Bolas</p> 	<p>Bate-bola ou Clóvis são nomes de fantasias carnavalescas características do subúrbio (principalmente as Zonas Norte e Oeste, e Baixada Fluminense) do carnaval de rua do Rio de Janeiro. Como a fantasia que veste os ritmistas da bateria da Mangueira sugere, a indumentária do Clóvis se assemelha muito à de um palhaço; aproxima-se da extravagância das fardas multicoloridas das Folias de Reis, porém, inclui no visual geral, a característica máscara confeccionada em tela transparente onde o rosto do folião dá vez à misteriosa figura momesca.</p> <p>Com roupas coloridas e brilhantes, a tradição dos Clóvis, ou bate-bolas, se renova a cada ano, sendo considerada uma das mais belas estéticas da cultura periférica. Nas ruas dos bairros, ou nas praças públicas do subúrbio carioca, – desde meados dos anos cinquenta - os moradores – sobretudo da zona oeste - aguardam ansiosos para conhecer o que cada “turma” - como são conhecidos os grupos de bate-bolas - vai apresentar no carnaval. Assim como as escolas de samba, os bate-bolas também trabalham com um enredo, que muda todos os anos e é revelado apenas no sábado de Carnaval. Para os bate-bolas da Mangueira, “o enredo” é a paixão pela Estação Primeira. Não à toa, o visual geral é tingido de verde e rosa. Nas costas, em paetês, o símbolo da agremiação é um luxo à parte que remete à extravagância que caracteriza a estética das “turmas” mais tradicionais da cidade.</p>	Bateria	Rodrigo e Vitor

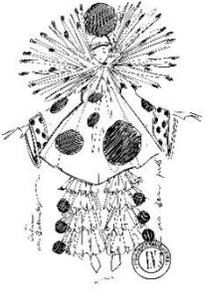
FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Leandro Vieira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
14	<p>O Cordão da Bola Preta</p> 	<p>Criado em 1918, o mais famoso cordão do carnaval brasileiro foi fundado por um folião anônimo, apelidado “Caveirinha”, que ao ver passar uma linda mulher com um vestido branco estampado com bolas pretas, batizou sem grandes pretensões o bloco que nesse carnaval atinge a marca de cem anos. Queridinho dos foliões cariocas de todas as idades e de todas as partes da cidade, o “BOLA” – como é chamado pelos foliões que encontram intimidade permissiva com a centenária instituição – é quem abre oficialmente o carnaval do Rio de Janeiro nas primeiras horas do sábado de Momo. Com um século de existência, o Cordão da Bola Preta tornou-se uma das maiores manifestações culturais do mundo e símbolo máximo da folia democrática das ruas. Para mencionar o mais tradicional cordão carnavalesco no desfile da verde e rosa, o figurino da ala apresenta visão carnavalesca de um pierrô que se veste ao sabor do “uniforme oficial” “do Bola”: A indumentária de base branca onde o destaque são as famosas “bolas pretas” que dão nome ao bloco.</p>	Somos Mangueira	Vinícius, Márcia, Terezinha e Ricardo

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Leandro Vieira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
15	<p>“Toque de Clarins! Os Músicos das Ruas”</p> 	<p>“Blocos” são cortejos nos quais pessoas de todas as idades desfilam democraticamente ao som de sambas, marchinhas, ou qualquer outro “hit” que tenha capacidade de colaborar para reverberação, ou para o “contágio” coletivo da alegria típica dos dias de Momo. De forma “semi-organizada”, boa parte desses blocos são animados por instrumentos de sopro, e não à toa, geralmente, são batizados de “Bandas.” Muitas são as Bandas que animam os foliões nas ruas, e são elas as maiores responsáveis pela manutenção da memória musical dos sambas, e das marchinhas, que se perpetuam no imaginário musical coletivo da folia da cidade. Para mencionar os músicos, e a presença maciça das Bandas na folia que vive nas ruas, a ala apresenta uma típica figura carnavalesca – a estilização em tons de rosa de um arlequim - que leva um “bumbo” nas costas, e um instrumento de sopro como adereço nas mãos.</p>	<p>Mimosas</p> <p>Depois Eu Digo</p> <p>Au Au Au</p> <p>Gatinhas e Gatões</p>	<p>Chininha</p> <p>Derli</p> <p>Guezinza</p> <p>Zélia</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Leandro Vieira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
16	<p>“Bloco de Sujo, ou Vem Como Pode no Meio da Multidão”</p>  <p>ALA DE FIGURINO MULTIPLO COM VARIEDADE DE PERSONAGENS CARNAVALESCOS.</p>	<p>“Após o setor que abre os portões para que a folia do espaço coletivo das ruas entre na Sapucaí, o encerramento do desfile da Estação Primeira de Mangueira convoca a massa que brinca carnaval nas praças, largos, becos, bares e ruas da cidade para ocupar a pista de desfile vestindo-se “da maneira que pode”.</p> <p>Como o texto da sinopse que apresenta o enredo sugere no penúltimo parágrafo (“por hora, não sou mais o desfile de sempre. Não sou mais a Escola que fui. Rasguei a minha fantasia. Deixo nua a verdade daquilo que sou: Sou um Bloco de sujo que desfila sem governo e que as mãos não podem me botar cabresto”) e fiel à narrativa que o enredo conduz, esse momento do desfile propõe que o pragmatismo que serve de modelo convencional para a exibição de uma Escola de Samba nos moldes de desfiles atuais, dê vez à liberdade artística e de apresentação coletiva, sem que isso cause prejuízo à compreensão do enredo, ou dano à estética geral. Pelo contrário, a ideia é reforçar a coerência entre o que propomos enquanto enredo diante a exibição daquilo que apresentamos em desfile, condicionando a estética que agora se observa, ao conceito que propomos.</p>	Garra Mangueirense	César, Patrícia, Alessandra, Bárbara, Deise, Marcelo, Jacira, Selma, David e Laura

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Leandro Vieira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
16	<p>(Continuação)</p> <p>“Bloco de Sujo, ou Vem Como Pode no Meio da Multidão”</p>  <p>ALA DE FIGURINO MULTÍPLO COM VARIEDADE DE PERSONAGENS CARNAVALESCOS.</p>	<p>Esteticamente, o desfecho da exibição da Mangueira apresenta-se como uma “ala única”. Espécie de “bloco” que reúne múltiplos figurinos associados ao carnaval de rua da cidade, todavia, envolvidos por uma singeleza, por vezes esfarrapada, que faz contraponto ao luxo que tem caracterizado os desfiles atuais, consagrando a prática carnavalesca manifestada através da exibição de uma Escola de Samba como uma atividade que para existir, ou não, está condicionada a uma verba específica. O conjunto de fantasias da ala deve ser apreciado como um todo, sobre a ótica daquilo que na história do carnaval é popularmente conhecido como bloco de sujo. O termo bloco de sujo designa, de forma genérica, todo bloco carnavalesco desprovido de pompa, com fantasias múltiplas, onde seus foliões brincavam livremente tendo uma simples corda como utensílio de ordenação. Em função disso, a ala é “uma massa carnavalesca” que desfila sem respeitar o tradicional “enfileiramento” que caracteriza a passagem do grupo de desfilantes atuais. Os componentes desfilam livres. Fazem do desfile a brincadeira e a experiência ancestral e social que apresentamos ao longo das justificativas das alas feitas até aqui.</p>	Garra Mangueirense	César, Patrícia, Alessandra, Bárbara, Deise, Marcelo, Jacira, Selma, David e Laura

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figuristas)

Leandro Vieira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
16	<p>(Continuação)</p> <p>“Bloco de Sujo, ou Vem Como Pode no Meio da Multidão”</p>  <p>ALA DE FIGURINO MULTIPLO COM VARIEDADE DE PERSONAGENS CARNAVALESCOS.</p>	<p>Em desfile, fantasias “feitas aos remendos” evidenciam a beleza resultante da combinação harmoniosa de tecidos e texturas variadas que revelam ineditismo para uma temática diversas vezes explorada. Livres de resplendores, de brilho em excesso ou de luxo evidente, seguem pierrôs, colombinas e mascarados a perder de vista. Bate-bolas, caveiras, diabinhos, negas malucas, e tantos outros derramam um colorido “desbotado” que tingem o colorido da massa geral sem deixar de revelar nuances de verde e rosa e o compromisso com um padrão estético que sugira beleza e requinte.</p> <p>Junto dessa massa que desfila, “bonecos” de cabeças agigantadas revelam personagens tradicionais do imaginário carnavalesco coletivo. Uma espécie de “inventário visual da folia” que acrescenta novo dado, ou atrativo estético, para a apreciação do múltiplo conjunto de fantasias que compõem a ala.</p> <p>Eis aqui uma ode ao simples. Um tributo à singeleza, à prática do carnaval que é a brincadeira em si. O despir-se daquilo que excede e o agarrar-se naquilo que nos é mais caro na folia: a alegria. A ala em si, as fantasias variadas que a compõem, a irregularidade, e a maneira como ela se apresenta em desfile, é a síntese do conceito guardado na frase que batiza o enredo: Com dinheiro ou sem dinheiro, eu brinco.</p>	Garra Mangueirense	César, Patrícia, Alessandra, Bárbara, Deise, Marcelo, Jacira, Selma, David e Laura

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Local do Atelier Rua Rivadavia Correa, nº. 60 – Barracão nº. 13 – Cidade do Samba – Gamboa	
Diretor Responsável pelo Atelier Leandro Vieira	
Costureiro(a) Chefe de Equipe Equipe de Barracão	Chapeleiro(a) Chefe de Equipe Equipe de Barracão
Aderecista Chefe de Equipe Equipe de Barracão	Sapateiro(a) Chefe de Equipe Alberto
Outros Profissionais e Respectivas Funções Leandro de Assis - Pintura Vitor Negromonte - Vime Élcio - Arame	
Outras informações julgadas necessárias Observação Geral – As ilustrações aqui apresentadas são apenas referências para facilitar o acompanhamento de nosso desfile.	

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Autor(es) do Samba-Enredo Lequinho, Júnior Fionda, Alemão do Cavaco, Gabriel Machado, Wagner Santos, Gabriel Martins e Igor Leal		
Presidente da Ala dos Compositores Rody		
Total de Componentes da Ala dos Compositores 40 (quarenta)	Compositor mais Idoso (Nome e Idade) Nelson Sargento 92 anos	Compositor mais Jovem (Nome e Idade) Renan Brandão 33 anos
Outras informações julgadas necessárias		
<p>Chegou a hora de mudar Erguer a bandeira do samba Vem a luz à consciência Que ilumina a resistência dessa gente bamba Pergunte aos seus ancestrais Dos antigos carnavais, nossa raça costumeira Outrora marginalizado já usei cetim barato Pra desfilarmos na Mangueira</p>		BIS
<p>A minha escola de vida é um botequim Com garfo e prato eu faço meu tamborim Firmo na palma da mão, cantando laiálaiá Sou mestre-sala na arte de improvisar</p> <p>Ôôô somos a voz do povo Embarque nesse cordão Pra ser feliz de novo Vem como pode no meio da multidão</p>		BIS
<p>Não... não liga não Que a minha festa é sem pudor e sem pena Volta a emoção Pouco me importa o brilho e a renda Vem pode chegar... Que a rua é nossa, mas é por direito Vem vadiar por opção, derrubar esse portão, resgatar nosso respeito O morro desnudo e sem vaidade Sambando na cara da sociedade Levanta o tapete e sacode a poeira Pois ninguém vai calar a Estação Primeira</p> <p>Se faltar fantasia, alegria há de sobrar Bate na lata pro povo sambar</p>		BIS
<p>Eu sou Mangueira meu senhor, não me leve a mal Pecado é não brincar o carnaval</p>		BIS

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

DEFESA DA LETRA

Um samba que transcende as cores da nossa bandeira, que resgata a essência do carnaval e que defende a nossa cultura, a nossa alegria e o sorriso de cada folião.

**CHEGOU A HORA DE MUDAR
ERGUER A BANDEIRA DO SAMBA
VEM A LUZ À CONSCIÊNCIA
QUE ILUMINA A RESISTÊNCIA DESSA GENTE BAMBA**

Chega um momento em que todos nós precisamos olhar para dentro, procurar o que se perdeu pelo caminho e recomeçar. Mudar é abrir novos horizontes, é ter consciência do nosso papel enquanto cultura e se fazer resistência. A bandeira que erguemos não é apenas a dá Mangueira e sim a bandeira de todas as instituições carnavalescas, sejam elas blocos, cordões, Ranchos ou Escolas de Samba, que fazem de tudo para colocar o samba no mais alto patamar.

**PERGUNTE AOS SEUS ANCESTRAIS
DOS ANTIGOS CARNAVAIS
NOSSA RAÇA COSTUMEIRA
OUTRORA MARGINALIZADO, JÁ VESTI CETIM BARATO
PRA DESFILAR NA MANGUEIRA**

Os mais antigos nos contam como foi o início da história do carnaval, eles nos mostram que nunca faltou raça pra fazer acontecer, pro povo ter direito a alegria de cantar e dançar. Claro que no início eles foram marginalizados, mas isso não diminuiu a vontade de se expressar em poesia. Aliás, o amor pela festa não era medido pelo luxo e sim pela criatividade, ninguém era criticado pelo que vestia e até cetim barato virava fantasia.

**A MINHA ESCOLA DE VIDA É UM BOTEQUIM
COM GARFO E PRATO EU FAÇO MEU TAMBORIM
FIRMO NA PALMA DA MÃO CANTANDO LALALAI
SOU MESTRE SALA NA ARTE DE IMPROVISAR**

É na mesa do bar que eu transbordo a minha alegria, crio um verso e com ele uma melodia. Garfo e prato viram tamborim, o povo firma na palma da mão e qualquer laiá laiá vira samba. Feito mestre sala, que improvisa seus passos para cortejar a porta bandeira e para defender o nosso pavilhão, eu improviso meus versos. Essa é a minha arte! A minha escola de vida!

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

**ÔÔÔ SOMOS A VOZ DO POVO
EMBARQUE NESSE CORDÃO
PRA SER FELIZ DE NOVO
VEM COMO PODE NO MEIO DA MULTIDÃO**

Ecoa um grito de alerta em tom verde e rosa. Lá vem o cordão Mangueirense! É o povo que junto clama numa só voz. Desejamos ser felizes novamente. Queremos reviver aquela felicidade sem igual, ou melhor, recuperar a alegria que estampava os rostos dos foliões. Não existe distinção de credo, raça ou religião, todos estão convidados a embarcarem no nosso cordão e é pra vir como pode, do jeito que der, do jeito que puder. O importante é ser feliz de novo.

**NÃO, NÃO LIGA NÃO
QUE A MINHA FESTA É SEM PUDOR E SEM “PENA”
VOLTA A EMOÇÃO!
POUCO ME IMPORTAM O BRILHO E A “RENDA”**

Quantos foliões arrastamos ao longo de toda a nossa existência? Uma festa onde sempre fomos livres, sem pudor e onde não existe sentimento de pena, nem mesmo se não tiver “pena”. Não! Não liga não! Se não tivermos brilho ou renda, pois nem sempre a renda permite e isso não é primordial. O que queremos é a emoção dos antigos Carnavais de volta, pois é isso que faz o nosso coração pulsar.

**VEM PODE CHEGAR
QUE A RUA É NOSSA, MAS É POR DIREITO
VEM VADIAR POR OPÇÃO, DERRUBAR ESSE PORTÃO
RESGATAR NOSSO RESPEITO**

Então vem! Vamos tomar conta do que é nosso, da rua que leva o nome do Marquês ou qualquer outra onde o povo se sinta feliz. Vamos vadiar, se esse é o caminho que nós escolhemos. Vamos derrubar qualquer portão que faça barreira a linda história que nossos antepassados escreveram. A rua é nossa e nos deixar tomar conta dela não é favor nenhum, é direito. Chegou a hora de resgatar o nosso respeito.

**O MORRO DESNUDO E SEM VAIDADE
SAMBANDO NA CARA DA SOCIEDADE
LEVANTA O TAPETE E SACODE A POEIRA
POIS NINGUÉM VAI CALAR A ESTAÇÃO PRIMEIRA**

O morro desce pra mostrar o que é samba. Desce desnudo e sem nenhuma vaidade, porque samba é no pé, é um canto, é um batuque e ele não pode ficar escondido atrás de fantasias e alegorias. Vamos mostrar à sociedade o que o Rio de Janeiro é, que o samba é história e patrimônio da nossa cidade. Agora é a nossa vez de levantar esse tapete, de tirar toda a poeira “escondida” por debaixo. Temos orgulho do “livro” que estamos ajudando a escrever até hoje e essa página não será virada sem que a nossa voz seja ouvida. Quem poderá nos calar? Ninguém!

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

**SE FALTAR FANTASIA, ALEGRIA HÁ DE SOBRAR
BATE NA LATA PRO POVO SAMBAR**

A chama que aquece o carnaval é a alegria e ela será a nossa fantasia (e que nunca nos falte). Se o couro do nosso instrumento rasgar, nós estaremos aqui fazendo o povo sambar, mesmo que seja batendo na lata, pois só quem passou por dificuldade vai entender o que eu digo: - "com dinheiro ou sem dinheiro eu brinco"!

**EU SOU MANGUEIRA MEU SENHOR, NÃO ME LEVE A MAL
PECADO É NÃO BRINCAR O CARNAVAL**

Eu sou a Mangueira, expoente do samba, guardiã da cultura da nossa cidade. Meu senhor, não vire as costas pra nossa cultura, o povo só quer ser feliz a cantar, mesmo que só por um momento. E nesse solo, que pra nós é sagrado, pecado seria não ver a felicidade em cada olhar e o amor de cada folião pelas cores das bandeiras que representam o nosso carnaval.

DEFESA DA MELÓDICA

O nosso samba na parte melódica, tem o compromisso de nos remeter aos antigos carnavais, porém sem perder a identidade da própria Mangueira, e sem se distanciar dos moldes de sambas atuais. Acompanhamos a modernidade com um toque de nuances características aos sambas antológicos, sendo construído em Tom maior, o que era uma constante.

Frases que permitem o espaçamento entre notas e a boa respiração dos intérpretes e de todo o canto coral da escola.

Uma região de tessitura muito agradável e de fácil acesso a qualquer pessoa que venha entoar seus versos.

Usamos algumas síncopes características de sambas de breque e de enredo. Divisões de partido alto para darmos originalidade ao tema e na segunda parte vários momentos de divisões de sambas antigos, com cadência e notas abertas.

O momento do "morro desnudo e sem vaidade..." atinge uma explosão mais moderna onde a emoção transborda a parte técnica para o componente.

FICHA TÉCNICA

Bateria

Diretor Geral de Bateria

Rodrigo Explosão

Outros Diretores de Bateria

Vitor Art, Alex Explosão, Alexandre Marrom, Biraney Conceição, Jaguará Filho, Maurício Macalé, Nielsen Alves, Reinaldo Nenem, Taranta Neto e Zé Campos

Total de Componentes da Bateria

240 (duzentos e quarenta) ritmistas

NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS

1ª Marcação	2ª Marcação	3ª Marcação	Reco-Reco	Ganzá
22	34	0	0	20
Caixa	Tarol	Tamborim	Tan-Tan	Repinique
70	34	30	0	0
Prato	Agogô	Cuica	Pandeiro	Chocalho
0	10	20	0	0

Outras informações julgadas necessárias

*“E o menino da Mangueira
Foi correndo organizar
Uma linda bateria
Carnaval já vem chegando
E tem gente batucando
São meninos da Mangueira”*

Os versos de Sérgio Cabral e a melodia do grande Maestro Rildo Hora, gravados em 1976 por Ataulfo Alves Junior provavelmente falava de outros meninos, mas é muito bom ver que ainda hoje os Meninos da Mangueira estão empenhados em organizar uma linda bateria. Afinal todos os diretores e mestres que estarão à frente de nossa Bateria são nascidos e criados em Mangueira, muitos já são da terceira ou quarta geração de ritmistas em suas famílias. Hoje comandada pelos Mestres Rodrigo Explosão e Vitor Art, nossa Bateria se mantém fiel à batida do surdo sem resposta criada por Lúcio Pato e China Florípedes e aos desenhos de nossos tamborins que caracterizam a Bateria “Tem Que Respeitar Meu Tamborim”. Com certeza Mestre Waldomiro Tomé Pimenta e Mestre Tinguinha junto a tantos ritmistas que lá do andar de cima, olham por nossa escola, devem ficar felizes em saber que nossos meninos seguem seus passos.

Manter as tradições e ao mesmo tempo ousar em sua apresentação esse era o desafio dos nossos meninos e para isso eles se preparam com grande esmero. A partir de outubro, com a definição do Hino do Carnaval 2018 a Bateria intensificou os ensaios, iniciados em abril, visando criar bossas e convenções a serem apresentados em diferentes momentos de nosso samba, uma vez que, o samba mostra os momentos que pedem alguma intervenção rítmica

FICHA TÉCNICA

Bateria

Outras informações julgadas necessárias

Na cabeça do samba foi trabalhada a divisão entre tamborim e surdo. No início da bossa deixamos os taróis em evidência para realçar a sustentação rítmica que eles proporcionam à bateria, logo eles são acompanhados pelos demais instrumentos que integraram a bateria.

Foram criados dois desenhos melódicos para serem executados em momentos específicos da letra do samba. Um desses momentos acontece quando cantamos “A minha escola de vida é um botequim/ Com garfo e prato faço meu tamborim” e o outro em “Se faltar fantasia alegria há de sobrar/ Bate na lata pro povo sambar”.

Em algumas das passagens da primeira para segunda do samba será utilizado um breque.

Para realçar o canto da escola permitindo que ele contagie toda a avenida haverá um momento em que uma parada total da bateria enfatizará o orgulho e a garra mangueirense que a pleno pulmões cantará **“Eu sou Mangueira meu senhor, não me leve a mal/ Pecado é não brincar o carnaval”**

Todas as bossas e convenções serão apresentadas ao comando do Mestre que juntamente com sua equipe de diretores sinalizará para seus ritmistas quando da sua execução.

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Diretor Geral de Harmonia

Edson Góes

Outros Diretores de Harmonia

Dimichel Velasco, Renato Jort, Dalton Ferreira, José Carlos, Paulo Asprila, João Carlos, Bernard Oliveira, Greg Tavares, Moreira, Fábio Vinícius, Vladimir Rodrigues, Nilso, Marcelo Radar e Ricardo SPQP

Total de Componentes da Direção de Harmonia

15 (quinze) componentes

Puxador(es) do Samba-Enredo

Ciganerei, Clóvis Pê, Dowglas Diniz, Leandro Santos, Pavarotti e Péricles

Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo

Cavaco – Digão e Luís Paulo

Violão – Thiago

Pedais – Biraney, Edmilson e Valtinho

Outras informações julgadas necessárias

Direção Musical e Arranjos – Maestro Jorge Cardoso

Vice-Presidente de Harmonia – Edson Góes (Edinho)

Pensar no quesito Harmonia, no século XXI é pensar que o crescimento das agremiações não permite que uma só pessoa tenha sob sua responsabilidade a condução de toda escola. Assim temos os demais diretores de Harmonia, os membros do Conselho de Carnaval e, no caso da Estação Primeira de Mangueira, contamos com o apoio das Tradicionais Alas Técnicas Periquitos, Bohêmios e Só Para Quem Pode, ou seja, Harmonia em Mangueira é responsabilidade de todos.

Harmonia em desfile de Escola de Samba é o entrosamento entre o ritmo e o canto, esta é a definição do Manual do Julgador da LIESA para o Quesito. Após a definição do Samba Enredo a Direção de Harmonia deu início aos ensaios de canto. Tais ensaios, realizados no Palácio do Samba, envolveram os integrantes do carro de som, a Bateria e as Alas da Comunidade; posteriormente foram recebendo os grupos teatralizados que terão a missão de engrandecer alguns momentos de nosso enredo. Assim, nosso ensaio de canto integrou os diferentes segmentos que participarão de nosso desfile, mas apenas isso não era o bastante. Sabendo que ao contrário dos anos anteriores não haveria Ensaio Técnico na Sapucaí, intensificando nossos Ensaios de Rua, dessa maneira passamos de uma vez por semana, em novembro e dezembro, para duas vezes por semana, em janeiro. Nossos Ensaios de Rua, assim às quintas-feiras e domingos na Avenida Estação Primeira, se transformaram em grandes Ensaios Técnicos da Mangueira, contando com a participação de todos os segmentos e com a presença de um grande público, ávido por rever as Escolas de Samba.

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Outras informações julgadas necessárias

Os Ensaios de Rua foram fundamentais para estruturarmos toda a apresentação que levaremos para o Desfile Oficial da Sapucaí, ensaiamos as bossas e convenções da bateria, e ajustamos o canto dos componentes

Após os ensaios sempre fizemos reuniões de avaliação, com o objetivo de oferecer a todos um grande desfile, no qual o “chão” de nossa Escola mostre que, além de samba no pé tem o samba no gogó e um coração que pulsa no ritmo de nossa bateria. Ressaltamos, que esse ano a ousadia de nosso enredo a beleza melódica de nosso samba e sua linda poesia facilitam o desempenho do componente, propiciando um perfeito entrosamento entre o canto e o ritmo em nossa escola.

O último setor ao inovar na sua concepção estética e trazer uma grande massa buscou ainda mais trabalhar a harmonia, por meio de um grande número de ensaios de canto e a participação nos ensaios de rua e com certeza irá aliar a uma bela estética de roupas criativas o canto e o ritmo do povo Mangueirense.

FICHA TÉCNICA

Evolução

Diretor Geral de Evolução

Conselho de Carnaval

Outros Diretores de Evolução

Comissão de Carnaval

Total de Componentes da Direção de Evolução

15 (quinze) componentes

Principais Passistas Femininos

Evelyn Bastos, Kamila Roberta, Luciana Pereira, Victória Rodrigues e Andrielli

Principais Passistas Masculinos

Pablo Luís, Douglas Cardoso, Luís Cláudio e Alan Pereira

Outras informações julgadas necessárias

Todo o Mundo do Samba recebeu o enredo da Mangueira de maneira muito boa, tema atualíssimo e provocante, em que cada sambista ou apaixonado por essa cultura gostaria que tivesse sendo apresentado por sua escola. De forma ainda mais apaixonada reagiu a comunidade mangueirense, assumindo o enredo “Com dinheiro ou sem dinheiro eu brinco” como um grande momento no qual essa Velha Senhora, que completará em abril 90 anos, mostrará que o carnaval pode se revisitar e mostrar com autoridade elementos dos diferentes carnavais e, pode até mesmo se reinventar. Esse é o desafio, repensar a sua estética de apresentação soltando as amarras que lhe foram colocadas, em particular nas últimas duas décadas, de modo a proporcionar uma releitura fundamentada na liberdade, alegria e na ousadia. Voltar a ser crítico, sarcástico, ao mesmo tempo que leve, alegre e capaz de contagiar a todos com a felicidade.

Para poder evoluir com essas características, a Estação Primeira de Mangueira teve que primeiro contar com a criatividade e a ousadia do Carnavalesco Leandro Vieira que, ao roteirizar a Escola apresentou seus diferentes setores e suas fantasias de modo a dar uma maior liberdade de movimento aos componentes. Segundo, optar pela escolha de um samba valente, empolgante que em sua narrativa insere o desfilante e dá a ele a autoridade de fazer valer seus direitos de folião e ocupar a pista com sua alegria e contagiar a plateia.

Realizamos ensaios específicos da Comissão de Frente, do Casal de Mestre Sala e Porta Bandeira, dos Grupos Teatralizados (utilizados para enfatizar algumas passagens do enredo); esses segmentos também participaram dos Ensaios de Rua, permitindo assim que fossem feitas as marcações que serão utilizadas no desfile.

A comunidade não poupou esforços para estar representando nossa Escola e, ao saber que não haveria o Ensaio Técnico, participou do aumento do número de Ensaios de Rua, como forma de preparação das grandes surpresas. Nesses Ensaios, que começaram sendo de canto na quadra, não faltaram a entrega, a garra, a determinação, o trabalho embalado pelo enorme AMOR à Verde e Rosa. Certamente foram esses ensaios que deram base para a preparação da Mangueira no quesito Evolução.

FICHA TÉCNICA

Evolução

Outras informações julgadas necessárias

A direção de evolução a cada ensaio estimulou a individualidade dos componentes de modo a permitir que o todo a ser apresentado em desfile seja a soma da alegria e da criatividade com que cada componente pisa na Avenida, uma vez que o Samba no Pé é uma das características mais marcantes de nossa escola.

Enfim, a Evolução da Estação Primeira de Mangueira foi cuidadosamente preparada para fluir no ritmo de nossa Bateria, com os desenhos riscados no chão por nossos passistas, com a elegância de nossa Velha Guarda a beleza dos Destaques e Composições, a cumplicidade e a galhardia do casal de Mestre Sala e Porta Bandeira, o cartão de visitas representado pela Comissão de Frente, a emoção das vozes do Carro de Som, o giro das Baianas, o ir e vir do incansável trabalho dos Diretores e das Alas Técnicas e a energia de nossa comunidade, nosso chão. A Estação Primeira de Mangueira se preparou para evoluir por toda a Passarela de Desfiles, mostrando o resultado de todos esses esforços.

Deve ser destacado que a concepção estética do último setor da escola, bem como a proposta de desconstrução da tradicional forma de apresentação das agremiações nos últimos anos, de modo a apresentar um grande bloco, que remete aos tradicionais blocos do carnaval de rua, nos quais o mais importante era que cada folião se divertisse, com movimentos e fantasias improvisadas foi preparada com muito carinho de modo a se inserir no desfile respeitando sua lógica, mas mostrando ser possível ousar e ter inspiração nos tempos de uma carnaval mais comprometido com a alegria.

A evolução e a harmonia da escola estão preservadas em todos os momentos de nossa apresentação e a felicidade do povo Mangueirense há de contagiar a Sapucaí

FICHA TÉCNICA

Informações Complementares

Vice-Presidente de Carnaval Aramis Santos		
Diretor Geral de Carnaval Conselho de Carnaval		
Outros Diretores de Carnaval Comissão de Carnaval		
Responsável pela Ala das Crianças -		
Total de Componentes da Ala das Crianças -	Quantidade de Meninas -	Quantidade de Meninos -
Responsável pela Ala das Baianas Nelci Gonçalves		
Total de Componentes da Ala das Baianas 80 (oitenta)	Baiana mais Idosa (Nome e Idade) Nadeje 79 anos	Baiana mais Jovem (Nome e Idade) Juliana Ribeiro S. Oliveira 17 anos
Responsável pela Velha-Guarda Ermegenilda Dias (Dona Gilda)		
Total de Componentes da Velha-Guarda 70 (setenta)	Componente mais Idoso (Nome e Idade) Dona Ilka 92 anos	Componente mais Jovem (Nome e Idade) Carlinhos 65 anos
Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.) Nelson Sargento, Alcione, Rosimery, Beth Carvalho, Júnior, Alexandre Pires, Péricles, entre outros.		
Outras informações julgadas necessárias		

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Responsável pela Comissão de Frente Adriana Salomão e Steven Harper		
Coreógrafo(a) e Diretor(a) Adriana Salomão e Steven Harper		
Total de Componentes da Comissão de Frente 15 (quinze)	Componentes Femininos 0	Componentes Masculinos 15 (quinze)
Outras informações julgadas necessárias “PECADO É NÃO BRINCAR O CARNAVAL” A apresentação da Comissão de Frente da Estação Primeira de Mangueira se embasa no conceito do direito à alegria e se posiciona contra todas as tentativas de cercear ou manipular esse direito. O povo, que criou o samba e se dignifica através do carnaval, enfrenta estoicamente a repressão do “andar de cima”. Através de grades, simbolizando as tentativas de proibição, o povo é reprimido. Acuado, ganha poderes fantasiando-se e preparando-se para fazer o que melhor sabe: enfrentar a opressão com o poder de sua alegria. Devidamente caracterizado para a grande festa, derruba as barreiras erguidas no seu caminho e, lançando serpentinas numa alegre celebração, afirma com orgulho que seu carnaval representa algo bem maior que considerações ideológicas ou pecuniárias. A ideia geral é fazer largo uso da criatividade para produzir originalidade, impacto visual, carisma, dinamismo, e irreverência, sendo a apresentação da comissão de frente, a síntese do enredo da verde e rosa. <u>Parte I – “Roda de samba, a ante-sala do carnaval”</u> Em torno de mesas de botequim, entre cavaquinho, pandeiro e tamborim: uma roda de samba. A ambientação é inspirada nas representações do povo, nas rodas de samba na casa da lendária Tia Ciata e do morro da Mangueira, do início dos anos 30. Arquétipos desses encontros, nossos sambistas demonstram que a nobreza do samba corre em suas veias, tal qual o “sangue dourado” do povo comum. <u>Parte II - “A repressão”</u> Agentes da repressão perseguem os sambistas para calar suas vozes. O samba foi, desde seus primórdios, reprimido pelas autoridades. Além do samba, o próprio carnaval também sempre foi alvo de tentativas de manipulação, interdição, ou recuperação por manda-chuvas e instituições diversas. Na coreografia, esse momento retrata a determinação do “povo” em lutar pelos seus direitos contra qualquer tipo de proibição. <u>Parte III – “A Sapucaí é nossa!”</u> O ápice da Comissão de Frente revela o folião carioca que luta pela afirmação dos valores próprios de sua cultura, tendo como ponto de partida o direito à alegria e a brincadeira. Quem há de impedir a Mangueira passar? Derrubando os portões, o povo invade a Sapucaí, apropriando-se dos antigos carnavais e resgatando sua “cultura de samba.” Ganha força ao se fantasiar, tomba os portões, e, munido de sua alegria, abre caminho para a Estação Primeira.		

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Outras informações julgadas necessárias

DADOS SOBRE OS COREOGRÁFOS

ADRIANA SALOMÃO

Bailarina, coreógrafa e professora, a carioca Adriana é conhecida por sua versatilidade e possui vasta experiência profissional tanto em modalidades acadêmicas quanto populares de dança. Como bailarina, participou de programas de TV, musicais, carnaval, cinema e shows, áreas em que agora atua como coreógrafa.

Adriana atua no carnaval em diversas funções desde 1995. Participou como bailarina de numerosas comissões de frente, alas coreografadas e carros alegóricos. Foi o braço direito do coreógrafo Hélio Bejani nas Comissões de Frente do Salgueiro durante nove anos (2008 a 2016) e na Caprichosos de Pilares (2013 a 2015). Coreografou, com Steven Harper, a comissão de Frente da Vai Vai no carnaval de São Paulo em 2016, recebendo notas máximas. Fez também o trabalho coreográfico do 1º casal de Mestre Sala e Porta Bandeira da Grande Rio em 2010 e 2011 e diversos carros alegóricos para o Salgueiro. Trabalhou com os carnavalescos Cahê Rodrigues, Max Lopes, Leandro Vieira, Amauri Santos e, por nove anos consecutivos, Renato Lage e Marcia Lage.

Integra o quadro de Diretoria do Sindicato dos Profissionais de Dança do Rio de Janeiro e é requisitada como professora e jurada de importantes festivais de dança do país, como o Festival de Joinville e o Passo de Artes.

STEVEN HARPER

De origem norte-americana, naturalizado brasileiro, Steven cresceu em Genebra, na Suíça, e reside no Rio de Janeiro desde 1991. Firmou-se como profissional de destaque no país, atuando como bailarino, sapateador, coreógrafo, professor, diretor, pesquisador, produtor e autor. Sua carreira de três décadas se estende dos palcos para a televisão, cinema, publicidade, carnaval, projetos sociais, eventos corporativos, assim como salas de ensino e festivais de dança no país inteiro. Trabalhou também em diversos países da América do Norte, do Sul, da Europa e do Oriente Médio.

Sua atuação no carnaval começou em 1998, como integrante do elenco da Comissão de Frente da Mangueira, dirigida por Carlinhos de Jesus. Em 2001, integrou a equipe de criação da Intrépida Trupe a frente da Comissão de Frente da Mocidade de Padre Miguel. De 2011 a 2017, coreografou carros alegóricos para o Salgueiro, notadamente o “Carro do sapateado”, sucesso no desfile de 2011. Em 2016, dirigiu e coreografou, com Adriana Salomão, a Comissão de Frente da escola Vai Vai, no desfile paulista, obtendo notas máximas.

Lançou em 2015 o livro “Profissão Bailarino, Raio-X de uma paixão”, publicado pelo Sindicato dos Profissionais da Dança do Rio de Janeiro (SPDRJ).

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Outras informações julgadas necessárias

FICHA TÉCNICA:

Direção e coreografia: Adriana Salomão e Steven Harper
Assistentes de coreografia: Eduardo Gomes, Gabriel Demartine
Assistente de produção: Marcus Spagolla
Cenografia: Cris de Lamare
Desenho de Figurino: Rick Barbosa
Visagismo: André Vital

ELENCO:

- César Viggiani
- Diego Carvalho
- Eric Bordallo
- Gabriel Beda
- Galileu Missola
- Iago Chagas
- Igor Cardozo
- Juan Paranhos
- Junior Theolmon
- Leonardo Moura
- Lukas Vieira
- Matheus Souza
- Rodrigo Barboza
- Rodrigo Nascimento
- Wagner Cria
- Stand-by: Vitor Barboza

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

1º Mestre-Sala Matheus Olivério	Idade 30 anos
1ª Porta-Bandeira Squel Jorgea	Idade 32 anos
2º Mestre-Sala Renan Oliveira	Idade 27 anos
2ª Porta-Bandeira Débora de Almeida	Idade 31 anos
3º Mestre-Sala Matheus Silva	Idade 21 anos
3ª Porta-Bandeira Victória Vianna	Idade 19 anos

Outras informações julgadas necessárias

**SOBRE O 1º CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA
O PIERRÔ E A COLOMBINA**

O Pierrô e a Colombina são os mais célebres personagens associados ao imaginário dos dias de Momo. Enamorados históricos, parecem ser a mais justa fantasia para vestir um “casal” que por excelência devem apresentar-se em afinada sintonia permeada de graciosidade, delicadeza e sutilezas que sugerem um cortejo mútuo. Não à toa, o primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira da Estação Primeira de Mangueira personifica o mais popular par romântico do universo carnavalesco.

Coloridos como uma saudosa fotografia em “branco e preto”, seu bailado exala a nostalgia romanceada de um antigo carnaval. Ao encarnar a personagem citada, ela é a Colombina - a pivô de uma trama amorosa - que usa a graciosidade de seu bailado como instrumento para impressionar seu amado. Ele, ao personificar o Pierrô, é o eterno enamorado que corteja sua dama sedento de paixão. Juntos traduzem o gracioso bailado enamorado que caracteriza a dança dos grandes casais de mestre-sala e porta-bandeira.

DADOS SOBRE O CASAL

Squel Jorgea mergulhou no universo do carnaval carioca ouvindo as estórias e memórias de seu avô, o lendário partideiro e diretor de harmonia da Estação Primeira de Mangueira, Mestre Xangô da Mangueira. O sangue de sambista falou mais alto e aos nove anos de idade ingressou no GRES Acadêmicos do Grande Rio para fazer do samba uma opção de vida. Na Escola de Caxias construiu uma história de vinte anos, tendo ocupado o cargo de primeira porta-bandeira da escola por mais de década. Em 2013 apresentou-se renovada ao cruzar a Avenida defendendo o pavilhão do GRES Mocidade Independente de Padre Miguel. No ano seguinte estreia na Mangueira, escola do DNA de sua família, incorpora o “calor” e a “garra” das grandes porta-bandeiras da casa, incluindo no gestual de suas apresentações, a memória das históricas Neide e Mocinha. Conquistou a nação mangueirense e o público, abrindo caminho para o reconhecimento evidenciado pelas notas e pelas premiações que não tardaram a chegar. Agraciada com o Estandarte de Ouro de 2015, no ano seguinte, sua imagem foi considerada a “cara” do carnaval que marca o campeonato da Verde e Rosa.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

Aos 30 anos, Matheus Olivério segue no cargo de primeiro mestre-sala da Estação Primeira de Mangueira. Mergulhado no universo das Escolas de Samba desde os oito anos de idade, a história pessoal do jovem é imbuída de muitas passagens que enchem sua biografia de personalidade. Filho do lendário partideiro e mestre de harmonia Xangô da Mangueira, Matheus ingressou na verde e rosa como membro da ala das crianças, bem como, pertenceu a seus projetos sociais, onde se tornou instrutor. Passista de destaque – tendo sido agraciado com um Estandarte de Ouro – foi, ao longo de dez anos, segundo mestre-sala da Mangueira, sendo esse período, rica fase de aprendizado onde o mesmo construiu as bases sólidas que o fizeram estrear na função de primeiro mestre-sala conquistando ao lado de sua parceira as notas máximas que marcaram sua bem sucedida estreia.

Em 2018, segue ao lado de sua sobrinha, como defensor oficial do pavilhão da verde e rosa. Ele, o filho de Xangô da Mangueira. Ela, a neta do mesmo lendário personagem. Enamorados e irmanados pela cumplicidade que o sangue verde e rosa lhes confere, o casal da Estação Primeira, leva adiante uma tradição histórica solidificada pela inspiração em bases tradicionais da dança dos grandes casais de mestre-sala e porta-bandeira.

SOBRE A ORIENTADORA DO PRIMEIRO CASAL

Ana Paula Lessa – ex-bailarina e atualmente professora e coreógrafa da Escola de dança Maristela Lobato - estreou no carnaval na equipe dos bailarinos e coreógrafos Hélio e Beth Bejane, assistindo ao primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira do Salgueiro em 2013 e ao primeiro casal da Mangueira em 2014. Assumiu o primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira da Estação Primeira nos preparativos do carnaval de 2015, desenvolvendo desde então, um trabalho de lapidação do movimento respeitando o bailado tradicional e característico do quesito.

**SOBRE O 2º E O 3º CASAIS DE MESTRES-SALAS E PORTA-BANDEIRAS
VERDE QUE TE QUERO ROSA**

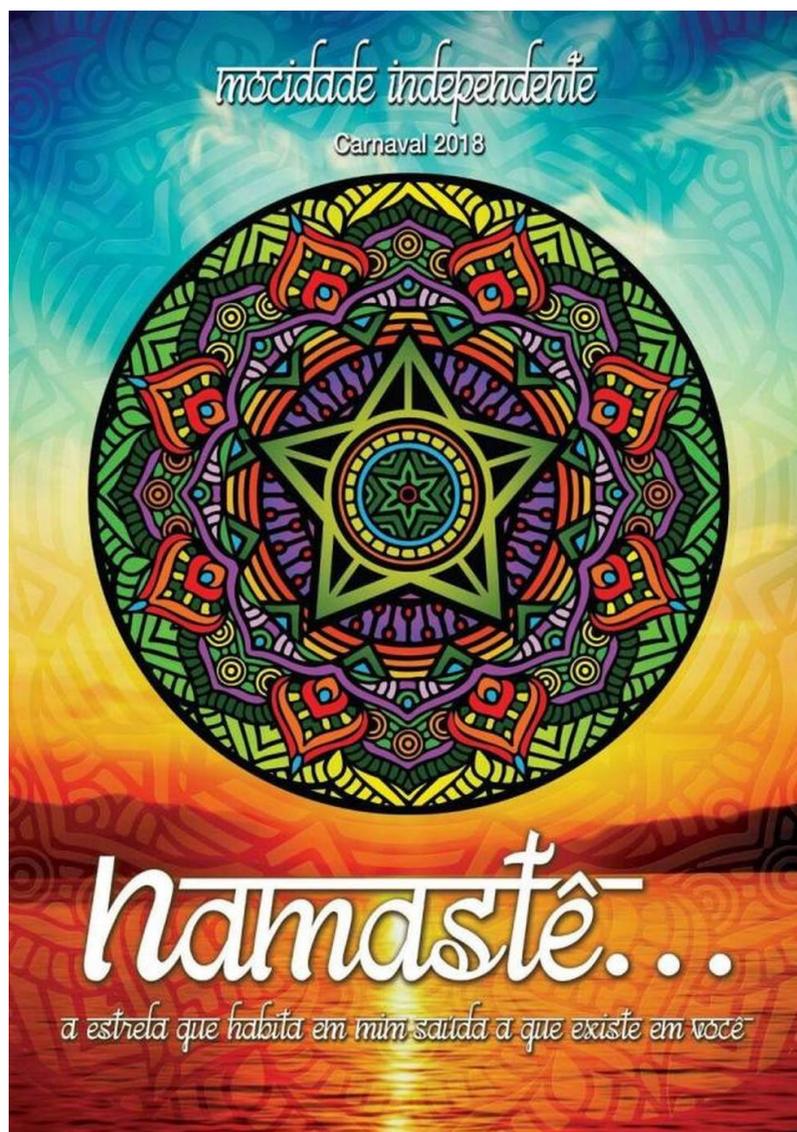
As célebres cores que deram notoriedade à Estação Primeira de Mangueira tingem o figurino dos dois casais. O segundo casal veste nuances de verde. O terceiro, nuances de rosa. Dividindo o mesmo espaço no desfile, representam o enlace entra as duas cores que traduzem a tradição da Escola que desfila. Localizados em meio ao momento da apresentação que aborda a exibição das Escolas de Samba nos carnavais realizados no asfalto da Avenida Presidente Vargas, o figurino de ambos os casais remete ao gosto estético da época e à característica indumentária que enxergava na reprodução dos figurinos da nobreza europeia a fantasia ideal para os dias de folia.

**G.R.E.S.
MOCIDADE
INDEPENDENTE DE
PADRE MIGUEL**



**PRESIDENTE
WANDYR TRINDADE**

*“Namastê...
A estrela que habita em mim
saúda a que existe em você”*



Carnavalesco
ALEXANDRE LOUZADA

FICHA TÉCNICA

Enredo

Enredo					
<i>“Namastê... A estrela que habita em mim saúda a que existe em você”</i>					
Carnavalesco					
Alexandre Louzada					
Autor(es) do Enredo					
Alexandre Louzada					
Autor(es) da Sinopse do Enredo					
Alexandre Louzada e Fábio Fabato					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile					
Alexandre Louzada e André Luís Junior					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
01	As frutas de Jorge Amado	AMADO, Paloma Jorge.	Cia. das Letras	2009	Todas
02	Os Indianos	COSTA, Florência.	Contexto	2015	Todas
03	Estórias da Gente Brasileira. Volume 1 – Colônia	DEL PRIORE, Mary.	LeYa	2016	Todas
04	O livro das frutas	GRIGSON, Jane.	Cia. das Letras	1999	Todas
05	Uma breve história da humanidade	HARARI, Noah Yuval.	LPM Editores	2017	Todas
06	Brasil com Brahman	LEMOS, José Otávio.	JOL Editora	2014	Todas
07	Estória contada pelo vovô	LEMOS, José Otávio.	JOL Editora	2014	Todas
08	Conhecendo o Hinduísmo	NARAYANAN, Vasudha.	Vozes	2009	Todas
09	História concisa da Índia Moderna	METCALF, Bárbara.	EDIPRO	2013	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
10	Formação do Brasil Contemporâneo	JUNIOR, Caio Prado.	Cia. das Letras	1962	Todas
11	Os índios e a civilização	RIBEIRO, Darcy.	Global	2017	Todas
12	O cru e o cozido	LÉVI-STRAUSS, Claude.	COSACNAIF	2012	Todas
13	Tristes trópicos	LÉVI-STRAUSS, Claude.	COSACNAIF	2011	Todas

Outras informações julgadas necessárias

HISTÓRICO DO ENREDO

Introdução

O início, o fim e o meio, quando olhamos para o alto, são as estrelas. Aqui e em qualquer lugar do planeta. E é junto delas que mora Kamadhenu, divindade que toma a forma de uma vaca sagrada e flutua na agitação do oceano cósmico, mãe celestial, provedora da abundância. Segundo os escritos hindus, lá de cima, com suas tetas abençoadas, jorra o leite, alimento primeiro da vida, e consegue realizar todos os sonhos. Bem, o início, o fim e o meio dessa história são formados por encontros que parecem escritos justamente nas estrelas. A partir da Via Láctea, chamada de rio Ganges do céu, desce o líquido da inspiração que irriga nossa escola e torna possível o congregar de duas terras. A bênção para o casamento começa no deus Brahma (início), então adormecido no azul, e que desperta para conceber o universo todo. Depois, aparece Vishnu (meio), a energia mantenedora dessa criação esplendorosa. Shiva (fim), o deus da transformação de todas as coisas, a dança das possibilidades do destino, energia que movimenta a invenção e a destruição do que existe, completa a Trimúrti, trindade suprema que nos abre alas – à moda do que acontece nos terreiros de samba. Eis a permissão superior para rufarem os tambores de nossa festa, com Rama e Sita nos cuidados para a perfeita harmonia, e Ganesha, força contra os obstáculos, sinalizando evolução livre nessa Avenida da utopia real. Hora de abrir a cortina do passado.

Sinopse do enredo

Namastê... A estrela que habita em mim saúda a que existe em você

E vem então a clássica cena do navegante vidrado no mar a ser desbravado. O início, o fim e o meio da jornada rumo ao desconhecido, ao lado das estrelas, eram águas salgadas e bravias, a primeira imagem, e também a derradeira, a dobrar a curva imaginária lá no horizonte. Ele se jogou. Por descuido ou conveniência, o português errou o caminho rumo ao oriente na rota das especiarias e foi dar, vejam só!, no litoral brasileiro, redescobrimo o já descoberto por aqueles a quem, preguiçosamente, resolveu chamar de índios. Velas ao vento, sem saber ou muito sábio (vá saber...), enamorou as partes “Índias” – religiões, formações, culturas, desigualdades sociais e independência suada – unindo-as, mesmo que com oceanos de distância. A pluralidade de tais extensões permitiu a incorporação de valores, sabores, olores, salpicando estilo indiano no cenário indígena natural. Já que sem a Índia talvez nem houvesse este Brasil de agora, foi saudação fluida, gostosa, num troca-troca de peculiaridades que se tornaram jeitinhos nossos. E o tempo tratou de gravar n’alma.

“Namastê!”, a essência estrelada que habita em mim saúda a que existe em você. Apesar de significar cumprimento, a expressão encantou-se com a intenção de reconhecer o ser que existe no outro. E este Pindorama tropical, convidativo e miscigenado viu brotar por cá um pouco mais de poesia e identidade do que nos ensinam no colégio. Se daquela enorme porção de Ásia ecoavam histórias de guerras, conquistas e amor – como a do palácio de pedras preciosas que virou a mais bela prova do sentimento de um monarca por sua escolhida – por aqui também brilhavam sagas verdadeiras ou fantásticas. Sim, os nossos índios adoravam astros, transmitiam lendas, e havia no ar um etéreo enlace geográfico já em flor. Prima-irmã da asiática flor de lótus, adereço de Brahma, a vitória-régia nasceu da paixão da índia Naiá por Jaci, ou Lua, obra divina de Tupã – o trovão supremo da criação, sopro da vida. A partir de encontros assim entre credence e realidade, e que redesenhavam – várias vezes à força –, a natureza genética, social e econômica da terra antes virgem, aconteceu o primeiro beijo com a Índia. E ele deixou um gostinho doce nos lábios.

Fato é que a cana-de-açúcar veio encantadora de longe, ganhou status de grande riqueza agrícola, motor do Gigante inda menino. E aí, sem doçura qualquer, mas de um azedume dos diabos, impôs a estrutura desigual da sequência – escravocrata por desviado princípio. “Ringe e range, rouquenha, a rígida moenda” e, daqueles arranhões e ruídos que arrepiavam o engenho, saíram o açúcar, a garapa e, como não?, a boa e velha pinga, fino da nossa bossa. Além disso, a Colônia iria conhecer o poder das joias, da seda, danças, e um curioso cheirinho bom que enfeitiçou o cangote da nobreza. Deu em revolução na moda das sinhás que andavam sobre liteiras, algumas inspiradas no transporte da elite indiana. O sândalo perfumou os leques que, no vaivém para espantar o calor do Verão naquele precário e apaixonante chão, sopraram nova essência para os movimentos históricos. E a chita virou marca, tecido porreta, o belo e o feio no país que nasceu contraditório. Transitou na corte, no baixo clero, virou discurso de quem tanto quer causar quanto desaparecer na multidão, a depender da estampa. Vestido de princesa ou toalha de mesa, madame? Mas foi justamente à mesa a maior das delícias do matrimônio que nos inventou, reinventou e, é claro, danou de também recriar o que veio de tão longe. Impossível não notar que a culinária brasileira versa sobre a nossa cultura tal qual a música, os pincéis, os corpos em balanço. E a Índia não se intimidou quando convidada a invadir o cardápio.

Ora, o comércio das especiarias nos entregou, no começo de tudo, a pimenta-do-reino, a noz-moscada, o gengibre, o cravo, a canela. Ou seja, nascemos assim, crescemos assim, somos mesmo assim, vamos ser sempre assim – plenos de sabores e aromas que inspiram a arte e os costumes. “No tabuleiro da baiana tem... Vatapá, caruru, mungunzá, tem umbu pra iôô...”. E quem há de negar que a Índia foi incremento para este paladar eternizado na voz de Carmem Miranda? Já as frutas indianas viraram

autênticos discursos de um Brasil que, mais à frente, se quis grande e bronzeado para mostrar o seu valor. As nossas morenas ganharam cor de jambo na praia, o coco – da cocada, cuscuz e dos manjares – virou Aquarela, dádiva do tronco forte aonde Ary Barroso amarrou a sua rede nas noites claras de luar. Mas nenhuma outra nos fez a República que viramos, de democracia ‘vezenquando’ vacilante, quanto a banana. Yes, nós temos! Para dar, vender, engordar e, quiçá, crescer. Inda houve três árvores asiáticas que, de batuque em batuque, quem diria?, deram o toque de mestre à receita do carnaval. A mangueira inspirou certa supercampeã Estação Primeira, do verde e manga-rosa inconfundíveis. E o “Corta-jaca”, de Chiquinha Gonzaga, que escandalizou os conservadores quando executado no Catete? Sim, ele é filho da mesma jaqueira que encantou o voo seminal da Águia Altaneira de 22 carnavais vitoriosos. Para completar, um obrigado do fundo do nosso quintal para quem, à sombra da tamarindeira, caciqueou por dias a fio e, incansável, só foi parar na cinzena quarta-feira.

Já esta brincadeira não cessa agora. Prepare o seu coração pro que eu vou contar: bem mais de século faz que, sob o mesmo signo da transação com temperos, o boi Zebu indiano também cá desembarcou, sujeito e predicado, valioso de tudo. Corcova alta ou cupim, cabeça no lugar, sábio fazedor-pensador da vida, em nosso pedaço se pôs até a filosofar sobre os homens – estes que, coitados, não sabem ouvir “nem o canto do ar, nem os segredos do feno” – incapazes, portanto, de perceberem outro ambiente, que não o da própria razão. O Zebu, pelo contrário, fez daqui o seu novo mundo, virou brasileiro, cultura popular, economia vigorosa e até poesia matuta. Quem não sabe do formigueiro que picou o animal preguiçoso que só queria ‘cuchilá’ à sombra do juazeiro? Do rio Ipojuca, mestre Vitalino consagraria o boi que veio da Ásia na arte sertaneja, forjando e cristalizando do barro, com as mãos, a imagem de um torrão do Nordeste que escorreu aos quatro cantos a partir do fuzuê da feira de Caruaru. Sagrado para quem fica do outro lado do mar, o bicho à brasileira é Guzerá, Indubrasil e, na criatividade das manifestações, Mansinho, de Mamão, Bumba-Meu-Boi, Boi-Bumbá, ah..., e o que mais a imaginação dessa gente puder tratar de misturar. Eis aí o nosso charme. E também destino. Indeléveis.

Mas destino mesmo é o de sermos independentes, tal qual a Mocidade, assim eternizada em pia batismal, palco desse casamento sem fronteiras aqui. Gente é pra brilhar, para ser livre pelas veredas concretas da paz, sábia senhora, via dos inquietos, dos sonhadores, dos inconformados diante da desordem das coisas e desse mundo louco. A desobediência civil pacífica do líder Mahatma Gandhi, que encontrou no calor da resistência não armada a senha da liberdade de seu país, foi semente, perfume e tempero indianos de senhora pregnancy. E ressonância. Viramos, e fomos, e somos, e seremos todos Filhos de Gandhi, cujo Afoxé exuberava axé, e filhos do axé de nossos próprios mensageiros de luz nacionais. De Betinho, com quem sonhamos em regresso

no barco da volta, passando por Gentileza e sua urbana poesia naïf saída do fogo, até Mãe Menininha do Gantois, Chico Xavier, Chico Mendes, Dom Hélder Câmara, Abdias do Nascimento, Irmã Dulce, Mãe Beata de Iemanjá... Tantas, tantos. Pinta o rosto, meu amor, igualzinho ao que ocorre no milenar festival Holi, das Cores, na Índia, que celebra o triunfo do bem sobre o mal. Chama todo o pessoal e manda descer pra ver: hoje é carnaval!

Nesse fraterno banho-ritual de mitos em águas de aproximação, Ganges então se funde com outro rio em igual medida abençoado, nosso Rio de Janeiro, mas também de fevereiro, março, abril – do famoso requebro febril – semeado pela velha Guanabara mater por onde um dia desembarcou o navegante que partira com olhos de cobiça. Assim, voltamos ao começo, à descoberta que se tornou mescla, e a história faz um círculo descrevendo a simbologia da mandala, no girar da roda do tempo que nunca para. Eis o completo entrelaçar de mensagens, sonhos e sagas de dois povos, Brasil e Índia, sob o cuidado atento de alguém que, sagrado e superior, inclusivo e sincrético, nos legou justamente a mensagem dos citados pacifistas e o autoconhecimento para decodificarmos a gramática percussiva dos nossos corações, por vezes tão vagabundos. Foi um profeta Maluco Beleza que nos contou certa vez sobre este ser divino que é em si filosofia de vida para quaisquer recantos e crenças, sob formas, feições e tambores variados. Alguém que, feito da terra, do fogo, da água e do ar, tudo vê e, mais longe: tudo é. A luz das estrelas, a cor do luar, a mãe, o pai, o avô. O filho que ainda não veio. O início, o fim e o meio.

Fábio Fabato
autor da sinopse

“Enredo dedicado ao Movimento Autofagia Independente, que despertou ainda mais a essência que habita em mim para a essência da Mocidade.” (Alexandre Louzada)

“Texto dedicado aos Trindades da Mocidade, figuras e energias que criaram, mantêm e encantam os destinos da escola...” (Fábio Fabato)

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

O INÍCIO

Partiu de Portugal com destino às Índias
Cabral comandando as caravelas
Ia fazer a transação
Com o cravo e a canela
Mas de repente o mar
Transformou-se em calmaria”

(Mocidade 1979)

Toda história é o resultado de um cruzamento, de uma união, de uma travessia. Um estrada percorrida nessa história nos leva ao passado, nos traz o presente, nos aponta o futuro. Todo caminhante sabe que não há apenas um caminho, o caminho se faz e refaz na caminhada. Nessa trajetória, o rumo primeiro, errático, se transforma em um admirável mundo novo.

Esse é o início, momento em que as caravelas portuguesas, movidas pela ambição da monarquia católica de encontrar uma passagem para a cobiçada Índia, acabaram chegando nessa imensidão desconhecida. Sonhavam sonhos de riqueza como as que sabiam existir por lá: tecidos, animais, especiarias, frutos raros.

Mal sabiam (ou bem sabiam) os portugueses que, a caminho do Oriente, acabariam chegando por aqui e estabelecendo as primeiras conexões entre mundos tão distantes, primeiro entroncamento dessa travessia: Portugal, Brasil e Índia.

Primeiro Setor: *Namastê*

Contam as lendas que Brahma, o primeiro deus da Trimúrti - a santíssima trindade hindu, representação da força criadora do universo, início de tudo - foi quem guiou as “velas” de Portugal para que elas se perdessem e se reencontrassem em algum outro lugar. Assim, não levariam as riquezas de lá por um preço tão vil.

Vishnu - o deus mantenedor - flutuando sobre as ondas, apontou os novos caminhos. Já Shiva - o deus da resignificação, aquele que muito mais do que destruir, reconstrói - refez os laços que unem até hoje essas terras tão distantes.

Ganesha, filho de Shiva, representado na figura de um elefante, deus do sucesso e da fartura, com a devida licença do Cruzeiro do Sul, constelação que guia os navegantes, que faz o cruzamento entre histórias e culturas, destrói os obstáculos e protege o desfile. Os deuses abrem alas para a magia do nosso Carnaval.

A estrela que habita em cada um de nós, INDEPENDENTES, saúda a que existe em você:
Namastê

Segundo setor: *A Índia dos bons selvagens: as histórias se entrelaçam*

No início, os portugueses, entre vias e desvios, descobriram que, *no meio do caminho*, tinha uma nova terra, uma terra ensolarada *no meio do caminho*. Mas, o que sabiam sobre seus habitantes? Criaturas exóticas, monstros, demônios, seres mágicos? A designação de “índios” resultou do engano de quem, ao chegar à América, achou que tinha chegado às Índias. Confusos, começaram a chamar de Oriental a Índia de lá, ao passo que a de cá, era conhecida como Índia ocidental. Entre nós, o termo “índio” servia para caracterizar as mais diversas etnias e culturas nativas. Aos olhos do colonizador, todos esses povos não passavam de selvagens prontos para servirem aos interesses dos colonizadores.

Os jesuítas tentaram catequizá-los, mas os indígenas já cultuavam Tupã - representante do ato divino, força da natureza. Seus filhos Guaraci, o Deus Sol, e Jaci, a deusa lua, completavam a santíssima trindade dos primeiros habitantes da nossa terra.

Tanto os filhos de Tupã, os índios, quanto indianos veneravam vários deuses, adoravam os astros, as águas, a natureza, compartilhavam uma forte tradição em recriar o mundo em forma de fábula.

Tudo isso aponta que já havia um casamento geográfico em floração entre essas terras tão distantes. Como viria observar Levis Strauss, em *Tristes Trópicos*, havia uma “harmonia insuspeita”, uma estrutura comum entre mitos de lugares tão remotos.

A flor de lótus, símbolo hindu da purificação, adorno dos deuses, no Brasil, encontra sua contraparte na vitória-régia, nascida do amor da jovem índia Naiá por Jaci. Tupã encontra em Indra, deus hindu dos raios e trovões, sua correspondência.

Entre flores e cores, mitos e deuses, as histórias se entrelaçam.

Assim, com as bênçãos da santíssima trindade, seja ela louvada em Nova Deli ou no céu tupiniquim, celebremos o carnaval, a festa da tolerância e do respeito. Estão todos convidados para esse casamento:

Mas, esse é só o início...

O MEIO

"Terra boa, tudo o que se planta dá"
E nesse turbilhão de luz
Vem a flora e a fauna"

(Mocidade 1980)

Muito mais do que o espaço entre o início e o fim, o meio é a expressão do modo, da maneira pela qual as culturas se irmanam, arte que se estabelece em um casamento à distância. Essa integração entre Brasil e Índia se processou por tantos meios que não percebê-la é desconhecer que nossa história é resultado de todas essas interações.

A sociedade global que temos hoje deriva diretamente das viagens marítimas que levaram a todos os continentes o império, a religião e o comércio.

Entre chegadas e partidas, quando os portugueses nos fizeram a corte, toda matéria prima do mundo de lá, chegou ao mundo de cá, de tal forma que um olhar atual pensa ser "meu" - o que, na verdade, foi herdado.

Nessa terra de Vera Cruz, “em se plantando tudo dá”, com um solo propício, as atividades colonizadoras de plantar cana, criar gado, cultivar frutas e especiarias tinham, nas palavras dos cronistas da época, o “amparo do excelente clima e salutíferos ares”.

Terceiro setor: *Uma “Índia” cultivada, na mata virgem, com lábios nem tão doces*

A cana-de-açúcar, originária da Costa da Índia, foi sendo cultivada entre nós desde os primórdios da colonização. Essa espécie de bambu, que produzia um mel sem a intervenção das abelhas, era considerada o remédio dos deuses.

O problema é que as epidemias e as mortes causadas pelo trabalho forçado inviabilizavam o uso dos nativos como força produtiva na plantação. A solução foi trazer da África uma mão-de-obra escrava que trabalhava quase 18 horas ininterruptas. Muitos desses escravos viviam em péssimas condições nas senzalas. A doce cana-de-açúcar intensificou o flagelo da escravidão.

Se na Índia, terra originária da cana, as castas segregavam as pessoas desde o nascimento, aqui uma nova sociedade formada por senhores e escravos também perpetuou as injustiças sociais.

A cana, no entanto, foi considerada uma das “excelências do Brasil” e se tornou a principal atividade econômica do país, fazendo das grandes propriedades agrícolas o motor da economia colonial. Esses engenhos mudaram o cotidiano das vilas e cidades. À medida que

prosperavam, os seus proprietários adquiriam um novo estilo de vida; por conta disso, a venda de produtos vindos de fora se intensificava.

O uso de roupas de seda, sinônimo de prestígio e riqueza, ditava a moda de então. A seda, embora criada na China, deve à Índia a sua popularização pela produção em larga escala. No Brasil, se tornou rapidamente uma das mais disputadas mercadorias do comércio. Os vendedores de seda, geralmente escravos de ganho (aqueles que repassavam parte da quantia recebida para o seu senhor a fim de pagar a alforria) tinham lucros enormes.

As senhoras do engenho, em passeios pela cidade, ostentavam vestidos e lenços de seda como sinal do poder de suas famílias.

As mucamas, por sua vez, acompanhavam as senhoras, usando roupas feitas de chita, um tecido de algodão bem barato e de pouca qualidade, comumente estampado com flores.

A chita, também de origem indiana, com o tempo, passou a ser um dos ícones da identidade nacional, sendo usada em festas juninas e no próprio carnaval.

As mucamas, além de chita, usavam essência de sândalo, porque acreditavam estar protegidas das energias ruins. O sândalo, árvore sagrada na Índia, até hoje é utilizado por suas propriedades aromatizantes, desinfetantes e energéticas.

Mais uma vez, a diferença social era notória. As “castas brasileiras” não eram hereditárias como na Índia, mas as roupas e os hábitos dos senhores e das senhoras de engenho demarcavam a distância imensa entre esses grupos sociais.

Essa “Índia” cultivada em nossa mata virgem não deixou nos lábios só o gosto do mel...

Quarto setor: Os Frutos estrangeiros e uma Identidade Brasileira

Em um país tropical, como o nosso, não é de se estranhar a tamanha variedade e a abundância de nossa flora. Um olhar mais atento, contudo, irá mostrar que muitos dos nossos frutos não são nativos dos biomas brasileiros. Mangas, bananas, tamarindos, jacas, cocos e especiarias como a pimenta, o cravo, a canela, a noz moscada por exemplo, foram trazidos das Índias pela colonização europeia.

Hoje, todas essas frutas e condimentos deram “novos frutos” em solo nacional e estão de tal forma arraigados em nosso cotidiano que já nem questionamos a origem. A culinária, as expressões populares, as músicas e, até mesmo, a história do samba sofreram influência direta desse “presente dos deuses”, alcunha dessas sementes trazidas da Ásia.

Veja o coco, fruto nativo da região do Rajistão na Índia, que, em terras brasileiras, se converte em símbolo do tropicalismo, lembrado na folclórica dança do coco, presente nos tabuleiros das baianas em cocadas, quindins e leites de coco. Ary Barroso popularizou o “coqueiro que dá coco”, que pode não ser nativo, mas, já faz tempo, adquiriu um jeitinho muito brasileiro.

A banana, presente nas escrituras indianas, já em 600 anos A.C, tem uma importância tão grande na cultura brasileira que é difícil dissociá-la do ideário nacional. A fruta está presente, no nosso cotidiano, em doces, em expressões populares, em marchinhas de carnaval. Carmen Miranda, com seu “yes, nós temos banana”, ou Braguinha, com sua “Chiquita Bacana”, que se vestia com uma casca de banana nanica, demarcam que a fruta tem “raízes” fortes em terras brasileiras. Uma banana para quem discordar!

A mangueira, a jaqueira e a tamarineira também vieram da Índia e, no terreiro do samba, alçaram um status mítico, representam simbolicamente o samba carioca. Sob a sombra dessas frondosas árvores, se originou a raiz do nosso carnaval.

As mangueiras - plantadas no morro próximo à residência dos Imperadores do Brasil, na Quinta da Boa Vista, no século XIX - acabaram por nomear o Morro da Mangueira, hoje em dia, um dos redutos mais famosos do samba no Rio de Janeiro - origem da Estação Primeira de Mangueira.

Já em Oswaldo Cruz e em Madureira, à sombra de uma jaqueira, nasceu a tradicional escola de samba Portela. Paulinho da Viola, famoso portelense, homenageou, com um samba, essa “árvore sagrada, a velha jaqueira, amiga e companheira”.

Uma tamarineira, em Ramos, na Zona Norte do Rio de Janeiro, por sua vez, testemunhou o sucesso de artistas como Beth Carvalho, Zeca Pagodinho, e o grupo Fundo de Quintal. Muitas rodas de samba do Grêmio Recreativo Cacique de Ramos acontecem, por lá, até hoje. “Lá embaixo da tamarineira”, relembra o samba que homenageia a árvore, “é o doce refúgio, da poesia guardiã, planta onde, em todos os ramos, cantam os passarinhos nas manhãs”.

Mangueira, jaqueira e tamarineira, embora originalmente nativas da Índia, representam simbolicamente a raiz do samba carioca.

A pimenta-do-reino, também nativa da Índia, chegou ao Brasil diretamente para Bahia, por isso não é de se estranhar que as comidas baianas, a exemplo da comida indiana, tenham esse sabor tão ardente. A pimenta foi incorporada de tal maneira ao cardápio e ao imaginário nacional que nos faz acreditar que a “pimentinha” nossa de cada dia é um condimento brasileiro. Durante as viagens marítimas, ela chegou a ser tão cara que foi usada como moeda de troca. Hoje ganhou um sentido simbólico, acreditam que afasta o olho gordo.

A exemplo da pimenta, o cravo da Índia e canela já foram tão valorizados que chegaram a ser vendidos a peso de ouro. Quando Jorge Amado funde, em sua personagem Gabriela, a alcunha “cravo e canela”, o termo se torna a representação das cores e dos sabores que, mesmo importados, acabam por simbolizar o Brasil.

Frutas, condimentos e as árvores do “samba” formam uma simbólica trindade de origem indiana, sementes que moldaram a nossa história e estão de tal forma arraigados no nosso cotidiano que é difícil imaginar que não sejam nativos da nossa terra.

Quinto setor: *Do boi de lá ao nosso boi brasileiro*

A criação do boi zebu, também originário da Índia, foi iniciada no Brasil assim que foram implantados os primeiros engenhos de açúcar, na primeira metade do século XVI. Devido à fácil adaptação e à resistência ao clima quente, o boi, depois de inúmeros cruzamentos, se espalhou por todo território nacional.

Mais do que produzir carne ou ser usado nos engenhos, o animal se tornou parte integrante do nosso folclore e da nossa identidade cultural, ganhando diferentes lendas, ritmos e indumentárias pelo Brasil afora. O couro, a pele curtida do animal, é usado para confeccionar os tambores que animam, além do carnaval, muitas festas populares.

Uma dessas festas é o Bumba-meu-boi ou Boi-bumbá, um festejo do folclore brasileiro no qual personagens humanos interagem com animais fantásticos em cortejos que misturam tradições africanas, indígenas e europeias.

No Maranhão, em uma das lendas mais populares, um casal de escravos enfrenta a fúria de um senhor de engenho após matar um boi da fazenda. Os dois, então, tentam de tudo para ressuscitar o bicho. A encenação adquire um tom religioso, o público agradece as graças recebidas.

No Sul do Brasil, o Boi de mamão apresenta elementos comuns ao Bumba-meu-boi nordestino, como a morte e a ressurreição do animal. Entre as figuras que aparecem nessa encenação, está a Bernúncia, uma espécie de bicho-papão que engole tudo o que encontra pela frente.

No Amazonas, a festa tradicional do Boi-bumbá sofreu influências indígenas e andinas, ganhando características muito específicas. O Boi Garantido (o coração vermelho) e o Boi Caprichoso (a estrela azul) se apresentam ao som das toadas e mitos da Floresta Amazônica.

No noroeste do estado do Rio de Janeiro e do Espírito Santo, o Boi Pintadinho se apresenta ao som de tambores e sanfona durante os festejos do Carnaval.

Além das apresentações e danças, o boi figura na arte de Mestre Vitalino, artesão do interior de Pernambuco conhecido por conceber peças de cerâmica inspiradas no universo rural. O artista, que tinha como tema recorrente a figura do boi, como num ato divino, recriava suas personagens usando barro. Esse ato simbólico era sua maneira de sonhar com um mundo mais humano construído pelas mãos de pessoas do bem.

Somos um país formado de misturas e heranças. Dessa combinação, nasce a nossa identidade, um sentimento de pertença, uma integração de norte a sul. Não se pode negar que o boi, bem como os frutos, as árvores e os temperos estrangeiros, em terras brasileiras, adquiriram a expressão da cultura popular do nosso país.

É comum atribuir a formação da sociedade brasileira à colaboração dos índios, dos colonizadores, dos negros e dos imigrantes, principalmente europeus e japoneses. A influência da Índia é, de certa forma, negligenciada. Todavia, essa tríade que se estabeleceu entre Brasil, Portugal e Índia nos legou fortes características e costumes que hoje são parte indissociável da nossa identidade.

Esse cruzamento é a maneira, o meio pelo qual nasceu a nossa história.

O FIM

Viver em paz pra ser feliz (...)
É preservar o que se tem
Seguir a Deus, plantar o bem
É abraçar o nosso irmão
Ao inimigo só perdão
A nossa estrela vai brilhar
E a luz da paz eternizar
(Mocidade 2001)

O fim não é o momento derradeiro, é antes de tudo o instante em que o sonho se eterniza. O início, o meio e o fim, não necessariamente nessa ordem. O fim é o objetivo, a finalidade. Desse encontro marcado há tantos anos, nessas terras distantes e tão próximas, o objetivo se estabeleceu muito além das trocas mercantis e dos frutos de lá, que ao florescerem aqui, com novas raízes, mudaram a nossa história.

Sexto Setor: *O congraçamento de todas as crenças*

O nosso fim, a nossa meta sempre foi maior: vivenciar efetivamente uma espiritualidade que nos leve a uma devoção ao próximo e ao acolhimento ao diferente.

Não por outra razão, a flor de lótus, símbolo da purificação e da paz, permeia o nosso enredo como se depois de plantada no início do desfile, nos permitisse colher, no fim, os ideais de fraternidade e tolerância.

O Templo de Lótus, no centro de Nova Deli, capital da Índia, é um santuário de adoração da fé Baháí, crença que enfatiza a união espiritual de toda a humanidade e afirma que as diversidades racial e cultural devem ser respeitadas. Segundo o preceito Baháí, todas as religiões devem ser aceitas, já que o propósito humano é aprender a se conhecer e a se amar.

Dessa forma, eles acreditam que mensageiros divinos revelam frequentemente suas mensagens através de atitudes concretas, não apenas por palavras ou filosofias.

Mahatma Gandhi, a grande alma, líder espiritual indiano, em sua crença na união pacífica entre as pessoas, em sua luta pela não violência, pode ser considerado um desses mensageiros. Sua doutrina inspirou tantos outros a espalharem o amor e a tolerância. Nehru, ex-primeiro-ministro da Índia, considerado pelo povo indiano um Pandit, homem sábio, inspirado em Gandhi, libertou a Índia do domínio britânico. Madre Teresa de Calcutá, missionária, canonizada pela Igreja Católica, considerada a “santa das sarjetas”, “madre de luz”, devotou sua vida no amparo aos mais necessitados, nas favelas de Calcutá, na Índia.

Em terras brasileiras, independentemente da religião, exemplos de mensageiros não faltam. Dom Helder Câmara, pacifista religioso, bispo católico, conhecido internacionalmente pela sua defesa dos direitos humanos, se une a Betinho, sociólogo que devotou sua vida ao projeto “Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida”. Se unem a eles, Chico Xavier, médium, pacifista, um dos mais importantes expoentes do Espiritismo do Brasil. Todos deixaram enormes lições de acolhimento para os mais necessitados.

Uma das mais bonitas manifestações de fé no ser humano é poder celebrar a vida. No carnaval, todas as pessoas podem assumir os papéis negados durante o ano todo, as classes sociais interagem com mais harmonia. O afoxé baiano Filhos de Gandhi, reforça, através da festa, os ideais do líder indiano, “desobedecer para pacificar”, “ser a mudança que queremos no mundo”.

Na Índia, durante a primavera, a festa Holi, festival das cores, comemora o triunfo do bem e da fé sobre o mal. Segundo a lenda, o príncipe Prahlad é salvo da condenação por não querer adorar um Deus que lhe foi imposto. Por tradição, na festa Holi, as pessoas atiram umas nas outras um pó colorido.

Esse é o nosso objetivo, festejar e promover o sentimento de respeito, a percepção de que todos os indivíduos compartilham da mesma essência, da mesma energia, do mesmo universo. A palavra hindu que resume tudo isso é Namastê: a estrela que habita em mim saúda a que existe em você.

Todo enredo é uma história, uma narrativa em sequência, uma rede que conecta mundos, pessoas, personagens, lendas, ideias.

Nosso enredo é uma semente que não importa de onde venha, haverá de florescer junto a esperança de um mundo mais tolerante e justo. Vivemos uma época de descrença política, descrédito nas instituições públicas, censura velada, tempo de incertezas e medo generalizado. Precisamos resgatar a confiança em um futuro mais humano para nossa MOCIDADE, INDEPENDENTE de crenças, cor, ideologias devemos lutar pela tolerância entre os desiguais e fazer do amor um veículo de união entre as pessoas... um amor sem início, meio e fim.

Glossário em ordem alfabética

BRAHMA - primeiro deus da Trimúrti, a trindade do hinduísmo (os outros deuses são Vishnu e Shiva). Brama é o deus da música e das canções, considerado pelos hindus, a representação da força criadora ativa no universo.

CHICO XAVIER - médium, filantropo, pacifista e um dos mais importantes expoentes do Espiritismo, reconhecido como o maior psicógrafo de todos os tempos.

DOM HÉLDER - pacifista religioso, bispo católico e arcebispo emérito de Olinda e Recife. Ficou conhecido internacionalmente pela defesa dos direitos humanos.

DESOBEDIÊNCIA CIVIL - manifestação pacífica contra o regime imposto por um governo opressor, ocorre quando um grupo de cidadãos se recusa a obedecer determinadas leis em forma de protesto por considerá-las imorais ou injustas. Conceito formulado por Henry David Thoreau e aplicado com por Mahatma Gandhi no processo de independência da Índia e do Paquistão

FLOR DE LÓTUS - planta aquática do gênero *Nelumbo*, floresce sobre a água lodosa em dias de sol. Para budistas e hindus, é símbolo da pureza espiritual. A maior parte das divindades hindus costuma surgir sobre uma flor de lótus durante o ato de meditação.

GANESHA - Filho de Shiva e Parvati, é o deus que remove obstáculos, proporciona sucesso e fartura, mestre do intelecto e da sabedoria. É representado como uma divindade com quatro braços e uma cabeça de elefante.

GANDHI - Mahatma Gandhi (do sânscrito "Mahatma", "A Grande Alma"), líder espiritual e pacifista, idealizador e fundador do moderno Estado indiano e o maior defensor do *Satyagraha* (princípio da não agressão, forma não violenta de protesto) como um meio de revolução. No samba da Mocidade Independente de Padre Miguel de 2018, há referência também ao afoxé Filhos de Gandhi, do Carnaval da Bahia, em Salvador.

GANGES - para os hindus, é o rio sagrado da Índia, segundo eles, uma vida não é completa sem um mergulho no Ganges pelo menos uma vez na vida. Em suas margens, são realizados todos os dias AARTIS, rituais para purificação.

GANTOIS - casa de candomblé Gêge-Nagô, fundada por Maria Júlia da Conceição Nazaré. Lá entre muitas mães de santo, surgiu um dos principais nomes de liderança da casa, Mãe Menininha do Gantois, considerada a grande mãe-de-santo do Candomblé no Brasil. Foi uma grande líder espiritual responsável por difundir, tornar mais visível e respeitada a religião herdada de seus ancestrais africanos.

HOLI - Holi ou Festival das Cores é uma festa realizada na Índia todos os anos entre fevereiro e março para comemorar a chegada da Primavera. Neste dia, as pessoas atiram um pó colorido chamado gulal uma às outras. Nesse evento, celebra-se a liberdade de culto e a esperança da renovação.

INDRA - deus das tempestades no hinduísmo, rei de todos os deuses no passado. A lenda relata sua fúria quando seus seguidores abandonaram seu culto e passaram a venerar outros deuses. Quando Indra enviou uma tempestade para puni-los, eles oraram aos deuses, que ergueu uma montanha para protegê-los da força da tormenta.

KAMADHENU - deusa bovina da mitologia hindu, é vista como a mãe de todas as vacas. Segundo o mito, ela dá ao seu dono tudo o que ele deseja. Na Índia, todas as vacas são veneradas como a encarnação terrena da deusa Kamadhenu. Essa Deusa representa a maternidade e a reprodução. Era invocada para proteger as crianças. No nosso enredo, o leite sagrado de Kamadhenu abençoa a passarela do samba!

MADRE TERESA DE CALCUTÁ - missionária católica, naturalizada indiana, beatificada pela Igreja Católica em 2003 e canonizada em 2016. Considerada, por alguns, a missionária do século XX, fundou a congregação religiosa das Missionárias da Caridade, tornando-se conhecida ainda em vida pelo cognome de "Santa das Sarjetas".

MARCHA PELO SAL - ato de protesto pacífico contra as medidas britânicas de extração de sal na Índia que obrigava a população a consumir o sal importado. Mahatma Gandhi caminhou de Sabarmati Ashram a Dandi, para pegar um pouco de sal para si. Um número muito grande de indianos o seguiu, mas os britânicos nada puderam fazer contra ele, pois não havia incitado os outros a seguirem-no.

NAMASTÊ - É uma saudação hindu típica da Índia e do Nepal. A palavra é dita no início de uma comunicação verbal ou escrita e expressa um grande sentimento de respeito, invoca a percepção de que todos indivíduos compartilham da mesma essência, da mesma energia, do mesmo universo, portanto o termo e a ação possuem uma força pacificadora muito intensa.

NEHRU - Jawaharlal Nehru foi primeiro-ministro da Índia. Por mais de vinte anos, ele trabalhou com Mahatma Gandhi para libertar a Índia do domínio britânico. O povo indiano o chamou de Pandit, que significa “homem sábio”.

NOVA DELI - Capital e atualmente sede do Governo da República da Índia.

SANTÍSSIMA TRINDADE - para a tradição católica é a manifestação do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Na tradição hindu se chama: Trimúrti, a parte manifesta tripla da divindade suprema. A trimúrti é composta pelos três principais deuses do hinduísmo: Brahma, Vishnu e Shiva, que simbolizam respectivamente a criação, a conservação e a destruição do universo. No enredo, complementamos com a tríade de Tupã composta por Tupi, o deus criador da terra, Guaraci, o deus sol, criador do homem e Jaci, a deusa da lua.

SHIVA - deus supremo do hinduísmo, conhecido como o destruidor e, ao mesmo tempo, o transformador, energia criativa do universo, Shiva participa da trindade hindu junto com Brahma (Deus criador) e Vishnu (Deus preservador). Nesse sentido, vale pensar na virtude cíclica atribuída a ele uma vez que destrói, cria e transforma tudo em um movimento circular.

TUPINIQUIM - mais do que designar tudo que se refere ao Brasil, o termo é, dentro do enredo, o reconhecimento da importância dos povos indígenas na formação da identidade do povo brasileiro.

VITÓRIA-RÉGIA - planta aquática da família das Nymphaeaceae, típica da região amazônica.

Conta a lenda que a jovem Naiá, apaixonada por Jaci, a deusa lua, se joga no lago ao ver a lua ali refletida. Jaci, ao saber do trágico fim da jovem índia, resolve transformá-la em vitória-régia.

VISHNU - conhecido como "*o preservador*", é uma das três divindades supremas do hinduísmo, ao lado de Brahma e Shiva. O papel de Vishnu é proteger os seres humanos e restaurar a ordem no mundo e sua presença é encontrada em cada objeto e força na criação, e alguns hindus reconhecem-no como o ser divino a partir do qual todas as coisas surgiram. Vishnu aparece em uma série de textos hindus.

ROTEIRO DO DESFILE

ABERTURA – 1º SETOR – NAMASTÊ

**Comissão de Frente
DEUSES E MONGES: NAMASTÊ PRA
TODO POVO DA AVENIDA**

**1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Marcinho Siqueira e Cristiane Caldas
A ONISCIÊNCIA DIVINA**

**Ala 01 – Loucos de Paixão
DE BRAÇOS ABERTOS: PADRE
MIGUEL CHAMA SHIVA PARA O
CARNAVAL**

**Abre-Alas – Alegoria 01
ERAM OS DEUS ABRE-ALAS...**

2º SETOR – A ÍNDIA DOS BONS SELVAGENS: AS HISTÓRIAS SE ENTRELAÇAM

**Ala 02 – Comunidade
VELAS DE PORTUGAL: NAVEGAR É
PRECISO**

**Ala 03 – Baianas
BAIANAS EM FLOR: UNIÃO ENTRE AS
NAÇÕES COM A MESMA RAIZ**

**Ala 04 – Comunidade
JACI: A DEUSA E A VITÓRIA-RÉGIA**

**Ala 05 – Estrela de Luz
GUARACI: O SOL DO CÉU TUPINIQUIM**

**Ala 06 – Sensação
TUPÃ: A FORÇA DA TERRA**

Destaque de Chão – Musa
Giovana Fontes
O ESPELHO DAS ÁGUAS

Alegoria 02
FLORESCER SOB O CÉU TUPINIQUIM

3º SETOR – UMA “ÍNDIA” CULTIVADA, NA MATA VIRGEM, COM
LÁBIOS NEM TÃO DOCES

Ala 07 – Comunidade
MENINOS DO ENGENHO: O AMARGO
SABOR DA CANA-DE-AÇÚCAR

Destaque de Chão – Musa
Tássia Flores
CINTILANTE SEDA

Ala 08 – Vivo Mocidade
VENDEDORES DE SEDA: TRAZENDO O
LUXO PARA A CORTE

Ala 09 – Comunidade
A SEDA DA SINHÁ:
PODER E OSTENTAÇÃO

Ala 10 – Comunidade
MUCAMAS: EM UM VESTIDO DE
CHITA, VOU DANÇANDO NA
AVENIDA!

2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Jeferson Pereira e Bruna Santos
A DOCE CANA: O MEL DA ALEGRIA, DA
ENERGIA E DA RIQUEZA

Ala 11 – Maiorais do Samba
KAMADEVA:
O CUPIDO DO KANA SUTRA

Alegoria 03
“RINGE E RANGE, ROUQUENHA, A RÍGIDA
MOENDA”

4º SETOR – OS FRUTOS ENTRANGEIROS E UMA IDENTIDADE
BRASILEIRA

Ala 12 – Oba Oba
YES, NÓS TEMOS BANANA:
IDENTIDADE E CULTURA

Ala 13 – Sou Mocidade
COCO: EM UM PAÍS TROPICAL, UM
ESTRANGEIRO COM JEITINHO
BRASILEIRO

Ala 14 – Passistas
PIMENTA DO REINO DA FOLIA: O
ARDENTE SABOR DO SAMBA

Rainha da Bateria
Camila Silva
A NOIVA DA COR DA CANELA

Ala 15 – Bateria
CASAMENTO INDIANO: O BATUQUE
COM CRAVO NA LAPELA

Ala 16 – Comunidade
MANGUEIRA: DESSA FRUTA EU
COMO ATÉ O CAROÇO

Ala 17 – Comunidade
JAQUEIRA: OS FRUTOS DE OSWALDO
CRUZ E MADUREIRA

Ala 18 – Comunidade
TAMARINEIRA: OS RAMOS DE UM
CACIQUE

Alegoria 04

“O TABULEIRO DA BAIANA TEM...”

Galeria da Velha-Guarda
“RAIZ” INDIANA DO SAMBA

5º SETOR – DO BOI DE LÁ AO NOSSO BOI BRASILEIRINHO

Ala 19 – Ziriguidum

“BOI VITALINO”: UM NOVO MUNDO
FORJADO NO BARRO

Ala 20 – Comunidade

BOI PINTADINHO:
O BOI CARNAVALESCO

Ala 21 – Impossíveis

O BOI-DE-MAMÃO:
A LENDA QUE VEIO DO SUL

Ala 22 – Estrela Guia

O BRINCANTE DO BUMBA-MEU-BOI:
Ê, BOI DO MARANHÃO!

Destaques de Chão

**Marciele Albuquerque e
Alexandre Azevedo**

**CUNHÃ PORANGA E BOI DO
BUMBÁ CAPRICHOSO**

Destaques de Chão

**Isabelle Nogueira e
Denildo Ribeiro**

**CUNHÃ PORANGA E BOI DO
BUMBÁ GARANTIDO**

Ala 23 – Grupo Performativo / Comunidade

PARINTINS: TEM BOI NA FLORESTA
AMAZÔNICA

Alegoria 05

“... É NESSE SAMBA QUE MEU BOI BALANÇA”

6º SETOR – O CONGRACAMENTO DE TODAS AS CRENÇAS

Ala 24 – Compositores
HERANÇA DE PAZ: OS FILHOS DE
GANDHI HOJE SÃO BRASILEIROS

Ala 25 – Comunidade
HOLI ROXO: DESOBEDECER PARA
PACIFICAR

Destaque de Chão
Silvero Pereira
HIJRA

Ala 26 – Comunidade
HOLI ROSA: PELA TOLERÂNCIA
ENTRE OS DESIGUAIS

Ala 27 – Comunidade
HOLI AMARELO: BUSCAR A
LIBERDADE HÁ TEMPO AINDA!

Ala 28 – Comunidade
HOLI LARANJA: UM AMOR SEM
INÍCIO, MEIO E FIM

Alegoria 06
O TRIUNFO DO BEM E DA FÉ

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alexandre Louzada		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p>ERMA OS DEUSES ABRE-ALAS...</p> 	<p><i>“Brahma foi quem guiou velas de Portugal “</i></p> <p>Ganesha, representado na figura de um elefante, deus do sucesso e da fartura, destrói os obstáculos e protege o desfile.</p> <p>Brahma, o primeiro deus da santíssima trindade hindu, força criadora do universo, sob a estrela-guia em flor, com suas quatro cabeças, representação dos pontos cardeais, guia a nossa caminhada.</p> <p>Vishnu, com sua serpente sagrada, nos ajuda a manter o ritmo.</p> <p>Sobre Nandi, seu boi sagrado, Shiva, o deus da ressignificação - aquele que muito mais do que destruir, reconstrói - refaz os laços que conectam histórias e culturas que, mesmo distantes, se irmanam.</p> <p>Um grupo de elefantes acompanha nossa jornada. O animal, símbolo hindu do amor divino, da solidariedade e da boa sorte, nos traz proteção e boas energias.</p> <p>Os deuses hindus abrem alas para a magia do nosso Carnaval.</p> <p>Destaque Central Baixo: Cíntia Abreu Fantasia: Kshatrya, a primeira mulher</p> <p>Destaque Central Alto: João Baptista Fantasia: Kshatryani – dos braços de Brahma, o primeiro homem *Ambos representam os primogênitos, frutos da união entre as divindades Brahma e Brakchase.</p> <p>Semi-destaques sobre os elefantes e Semi-destaques queijos traseiros laterais: Os Brâmanes</p> <p>Composições Femininas: As Brahmin</p> <p>Destaque Central Médio: Guru Hindu Convidado</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alexandre Louzada		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	<p>FLORESCER SOB O CÉU TUPINIQUIM</p> 	<p><i>“E a vitória régia da mesma raiz...”</i></p> <p>A segunda alegoria representa o florescer da vitória régia sob o céu tupiniquim. Contam as lendas dos filhos de Tupã que a jovem índia Naiá, enamorada por Jaci, a lua, se transforma na vitória régia. Entre a Índia de lá e os índios de cá já havia um casamento em floração. Além da vitória régia da mesma raiz da flor de lótus, os jacarés, por transitarem na terra e na água, representam a ligação entre mundos distantes. São eles que estabelecem simbolicamente as conexões entre histórias aparentemente tão diferentes. Deus dos raios e das tormentas, Tupã se encontra com Indra, sua contraparte hindu. Parece até que os dois conspiraram para que os ventos mudassem os rumos de nossa história...sob o céu tupiniquim floresceu uma cultura que fez das muitas heranças sua identidade.</p> <p>Destaque Central Baixo: Regina Marins Fantasia: Yassanã – da Ira Divina fez-se o Perfume do Amor</p> <p>Destaque Central Alto: Rodrigo Leocádio Fantasia: Tupã, Senhor do Universo, Transformador da Natureza</p> <p>Composições Femininas: Vitória-régia</p> <p>Composições Masculinas: Nativos do Verdejante Paraíso</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alexandre Louzada		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p>“RINGE E RANGE, ROUQUENHA, A RÍGIDA MOENDA”</p> 	<p><i>“Do sal à doce liberdade...”</i></p> <p>Kamadeva, deus indiano do amor, acompanhado de seu papagaio, representa, segundo o Kama Sutra, a brisa que aquece as paixões. Em nossa alegoria, o deus aponta para o alto seu um arco e flecha feito de cana-de-açúcar. Contam as lendas que as doces flechas, além de amor, trazem fartura e prosperidade para a colheita.</p> <p>Originária da Índia, a cana-de-açúcar - elemento sagrado para Kamadeva - alavancou o progresso em terras brasileiras. Os engenhos, por conta disso, se tornaram o motor da economia colonial. Ao mesmo tempo em que as moendas rangiam, o trabalho escravo se intensificava!</p> <p>A doce cana deixou também um gosto amargo na boca!</p> <p>Destaque Central Baixo: Thiago Avanci Fantasia: Kama, a Flecha Certeira de Amor</p> <p>Destaque Central Alto: Daiane Soliman Fantasia: Rati – o Doce Amor</p> <p>Semi-destaques laterais: O Ramo do Amor</p> <p>Composições teatralizadas: A Dança do Amor</p> <p>Composições no engenho: Escravos do Engenho, o Doce Amargo da Colônia</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alexandre Louzada		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
04	<p>“O TABULEIRO DA BAIANA TEM...”</p> 	<p><i>“E trouxe a Índia ao Gantois da mãe querida...”</i></p> <p>Sob as bênçãos de Lakshmi, a deusa hindu da sementeira e da fertilidade, os frutos e especiarias trazidos da Índia floresceram aqui e moldaram muito mais do que nossa culinária, reinventaram nossa identidade cultural e religiosa.</p> <p>O comércio das especiarias e frutas nos entregou de bandeja a pimenta-do-reino, a noz-moscada, o gengibre, o cardamomo, o feijão fradinho. A banana, por exemplo, quase uma marca da identidade brasileira, é também originária da Índia.</p> <p>A Bahia - porto de chegada dos lusitanos - foi o local que primeiramente recebeu todo esse farto cardápio. Assim, plena de sabores e aromas, em terras baianas, Mãe Menininha do Gantois, “a mão da doçura”, oferece um banquete com “omolocum”, a comida de Oxum, em um ritual de purificação e de integração entre as culturas e religiões.</p> <p>Vale lembrar que Mãe Menininha, enredo da Mocidade em 1976, retorna ao nosso carnaval em justa homenagem.</p> <p>No tabuleiro da baiana tem muito mais do que as comidas que vieram de mundos distantes: tem nossa Velha Guarda, os sábios do terreiro do samba, nossa história, nossa identidade.</p> <p>De braços abertos, recebemos todas essas influências estrangeiras que hoje são parte integrante da cultura Brasileira.</p> <p>Observação: o “omolocum” - uma das oferendas de Oxum - é feito de noz moscada, feijão fradinho e gengibre.</p> <p>Destaque Central Baixo: Tia Nilda Fantasia: Ialorixá</p> <p>Destaque Central Alto: Ingrid Marrone Fantasia: Skindô, Skindô! E a Banana Sambou!</p> <p>Semi-destaques masculinos: O Engaço da Bananeira</p> <p>Composições Femininas: Tempero da Baiana</p> <p>Galeria da Velha-Guarda: Raiz indiana do samba</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alexandre Louzada		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	<p>“... É NESSE SAMBA QUE MEU BOI BALANÇA”</p> 	<p><i>“Kamadhenu derrama leite em nosso terreiro...”</i></p> <p>KAMADHENU - a vaca sagrada hindu - abre passagem para os ritos folclóricos do boi em terras brasileiras. O boi indiano - filho simbólico de Kamadhenu - foi se espalhando pelo Brasil e se tornou parte integrante do nosso folclore e da nossa identidade cultural, ganhando diferentes lendas, ritmos e indumentárias.</p> <p>Esse carro representa o festival do Boi de Parintins. O Boi Garantido (o coração vermelho) e o Boi Caprichoso (a estrela azul) se apresentam ao som das toadas e dos mitos da Floresta Amazônica. Segundo a lenda, depois da suposta morte do boi, um pajé, com seus rituais, consegue ressuscitar o animal. A festa é a celebração desse renascimento.</p> <p>As oito raças zebuínas, que se espalharam pelo Brasil dando origem ao folclore do boi, assistem ao nosso espetáculo maior: o carnaval.</p> <p>Hoje, em ritmo de samba, o boi cai na folia.</p> <p>Destaque Central Alto: Marcos Leroy Fantasia: O Pajé, a Magia do Boi Bumbá!</p> <p>Destaque Central Baixo: Chichita Ballore Fantasia: Gaumata, a Deusa Mãe – Kamadhenu</p> <p>Semi-destaques laterais: Tuxaua, Divindade e Sabedoria Indígena</p> <p>Composições: Tribo, Brincantes do Boi Bumbá!</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo)		
Alexandre Louzada		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
06	<p>O TRIUNFO DO BEM E DA FÉ</p> 	<p><i>“Nesse Holi Eis o triunfo do bem e da fé...”</i></p> <p>Nosso último carro representa, alegoricamente, o Templo de Lótus estilizado, localizado em Nova Deli, na Índia. O templo é um local de adoração da fé Bahá’i, crença que enfatiza a união espiritual de toda humanidade e o respeito a todas as religiões. Segundo o preceito Bahá’i, o propósito humano é difundir o amor e a tolerância independente de fé, cor, ideologia e orientação sexual.</p> <p>Segundo eles, mensageiros divinos revelam suas mensagens através de atitudes concretas, não apenas por palavras.</p> <p>Inspirados por essas ideias, reverenciamos todos aqueles que, independente de credo, devotaram suas vidas ao amparo e ao cuidado ao próximo.</p> <p>Em destaque, Madre Teresa de Calcutá, missionária - canonizada pela Igreja Católica e considerada a “santa das sarjetas”, aquela que devotou a sua vida no amparo aos mais necessitados.</p> <p>Essa é a semente que esperamos ver florescer em um mundo mais humano, que una todas as cores na celebração da vida, do acolhimento e do amor.</p> <p>Ganesha, deus hindu que destrói os obstáculos, por bom “augúrio”, inicia e encerra nosso desfile.</p> <p>Vale notar que a flor de lótus - símbolo da purificação e de paz - permeia todo nosso desfile, como um reconhecimento de que a busca pela fraternidade em um mundo tão intolerante é urgente, como se tivéssemos plantado no início do desfile e pudéssemos contemplar o desabrochar dos seus ideais no fim de nossa jornada.</p> <p>Na frente da alegoria, nossa estrela guia saúda a estrela que existe em você: Namastê!</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alexandre Louzada		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
	<p>(Continuação)</p> <p>O TRIUNFO DO BEM E DA FÉ</p> 	<p>Observação: Como um dos fios condutores do enredo é o elemento sagrado, inspiração da forte religiosidade da Índia, homenageamos, em cada carro alegórico, um Deus hindu que ora pede passagem, ora abençoa nosso desfile. No último carro, temos mais uma vez o deus Ganesha que por bom “augúrio” abre e encerra o desfile. Além disso, nesse último carro, representação da integração de todas as religiões e credos, optamos por trazer também Madre Teresa de Calcutá para abençoar e proteger nossa caminhada.</p> <p>Composições frontais – convidados – diversidade</p> <p>Composições frontais – convidados – diversidade</p> <p>Destaque Central Baixo: Guru convidado Representação: Abençoando a Diversidade</p> <p>Destaque Central Médio: Valéria Stelet Fantasia: Namastê</p> <p>Destaque Central Alto: Ator convidado - Márcio Garcia Representação: O dalit hoje é Rei na Sapucaí</p> <p>Composições femininas: Pétalas de Paz</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
<p><u>Alegoria 01</u> Central Baixo: Cíntia Abreu Fantasia: Kshatrya, a Primeira Mulher</p> <p>Central Alto: João Baptista Fantasia: Kshatryani – dos Braços de Brahma, o Primeiro Homem</p>	<p>Advogada</p> <p>Técnico de Enfermagem</p>
<p><u>Alegoria 02</u> Central Baixo: Regina Marins Fantasia: Yassanã – da Ira Divina Fez-se o Perfume do Amor</p> <p>Central Alto: Rodrigo Leocádio Fantasia: Tupã, Senhor do Universo, Transformador da Natureza</p>	<p>Empresária</p> <p>Hair Stylist</p>
<p><u>Alegoria 03</u> Central Baixo: Tiago Avancci Fantasia: Kama, a Flecha Certeira do Amor</p> <p>Central Alto: Daiane Soliman Fantasia: Rati – O Doce Amor</p>	<p>Empresário</p> <p>Empresária</p>
<p><u>Alegoria 04</u> Central Baixo: Tia Nilda Fantasia: Ialorixá</p> <p>Central Alto: Ingrid Marrone Fantasia: Skindô, Skindô! E a Banana Sambou”</p>	<p>Baiana da Mocidade</p> <p>Empresária</p>
<p><u>Alegoria 05</u> Central Baixo: Chichita Ballore Fantasia: Gaumata, a Deusa Mãe – Kamadhenu</p> <p>Central Alto: Marcos Leroy Fantasia: O Pajé, a Mahia do Boi Bumbá</p>	<p>Empresária</p> <p>Maquiador</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
<p><u>Alegoria 06</u> Central Médio: Valéria Stelet Fantasia: Namastê</p>	<p>Empresária</p>
<p>Local do Barracão Rua Rivadavia Corrêa, nº. 60 – Barracão nº. 10 – Gamboa – Rio de Janeiro – Cidade do Samba</p>	
<p>Diretor Responsável pelo Barracão José Roberto Neri Ramos</p>	
<p>Ferreiro Chefe de Equipe Alan Duque</p>	<p>Carpinteiro Chefe de Equipe Fábio</p>
<p>Escultor(a) Chefe de Equipe Alex Salvador</p>	<p>Pintor Chefe de Equipe Alex Salvador</p>
<p>Eletricista Chefe de Equipe Márcio de Oliveira Silva</p>	<p>Mecânico Chefe de Equipe Roosevelt</p>
<p>Outros Profissionais e Respectivas Funções</p> <p>Gabriel Haddad e Monclair Filho - Projetos Artísticos, Gráficos e Técnicos das Alegorias</p> <p>Luciano Furtado - Aderecista Chefe</p> <p>João Calheiros - Compras</p> <p>Fábio Henriques - Almoхарifado</p> <p>Bolinha e Equipe - Fibra e Empastelação</p> <p>Alex Salvador e Equipe - Movimento</p> <p>Tom (Empresa KnowHow) - Iluminação e Efeitos Especiais</p> <p>Ricardo - Técnico em Segurança de Trabalho</p>	

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Alexandre Louzada

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
01	<p>De Braços Abertos: Padre Miguel Chama Shiva para o Carnaval</p> 	<p>Shiva, de braços abertos, saúda a estrela que habita em cada um de nós. Na Trimúrti hindu, a santíssima trindade deles, Brahma é o criador; Vishnu, o mantenedor; já Shiva, acreditam ser o destruidor. Mais do que destruir, Shiva refaz, reconstrói, ressignifica. Shiva seria a encarnação do espírito do carnaval, capaz de transformar os papéis sociais nos dias da folia e permitir que todos se reinventem a cada ano.</p> <p>A Mocidade Independente de Padre Miguel, sob as bênçãos de Shiva, abraça todas as crenças de “Nova Deli ao céu Tupiniquim”, sonhando com um mundo mais harmônico e acolhedor.</p>	Loucos de Paixão (2014)	Harmonia
02	<p>Velas de Portugal: Navegar é Preciso</p> 	<p>O lema da escola de Sagres de Portugal “navegar é preciso” é um incentivo aos navegantes portugueses e uma lembrança de que navegar é além de seguro, necessário para a expansão do Império Português. Inspirados por esse lema, as caravelas portuguesas saíam a caminho das Índias atrás do lucrativo comércio de tecidos e especiarias. Contam as lendas que os deuses conduziram as caravelas por novos caminhos até chegarem ao Brasil.</p>	Comunidade (1958)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Alexandre Louzada				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
03	<p>Baianas em Flor: União Entre as Nações com a Mesma Raiz</p> 	<p>A ala das baianas da Mocidade Independente de Padre Miguel representa a integração Brasil e Índia.</p> <p>A flor de lótus, símbolo hindu do crescimento espiritual, encontra nas baianas, representantes da nossa cultura e tradição, a sua personificação.</p> <p>Tanto a flor de lótus de origem indiana, quanto a vitória-régia de origem brasileira, além de terem flores muito parecidas, compartilham a mesma “raiz”, ambas, consideradas elementos sagrados, representam a possibilidade de transformação e a busca pela paz.</p>	Ala das Baianas (1958)	Harmonia
04	<p>Jaci: A Deusa e a Vitória-Régia</p> 	<p>Jaci, deusa Lua, na mitologia Tupi, é a guardiã da noite e protetora dos amantes. Um de seus papéis é despertar a saudade no coração dos apaixonados. Jaci é irmã-esposa de Guaraci, o deus Sol.</p> <p>Conta a lenda que a jovem Naiá, apaixonada por Jaci, se joga no lago ao ver a lua ali refletida. Jaci, ao saber do trágico fim da jovem índia, resolve transformá-la em vitória-régia.</p>	Comunidade (1958)	Harmonia

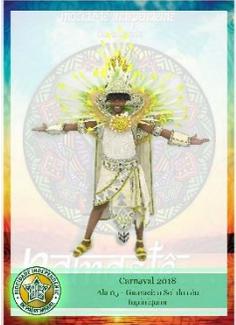
FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Alexandre Louzada

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
05	<p>Guaraci: O Sol do Céu Tupiniquim</p> 	<p>Guaraci é o deus Sol, guardião das criaturas durante o dia, Deus que dá a vida, criador de todos os seres vivos. Quando as caravelas aqui aportaram, conduzidas pela luz do Sol, mal sabiam os portugueses que estavam chegando a uma terra cheia de mitos, de lendas, de deuses. Reverenciar o deus da Luz é reconhecer que, nessa nova terra, a natureza deve ser cuidada e respeitada. A gola da fantasia faz uma alusão carnavalesca aos raios do Sol.</p>	Estrela de Luz (1988)	Alexandre Abreu
06	<p>Tupã: A Força da Terra</p> 	<p>Em terras tupiniquins, encontramos, segundo a mitologia Tupi, o grande criador dos céus, da terra e dos mares, pai de Guaraci e Jaci. Tupã, o deus das muitas faces, é o autor dos raios e trovões, força da nossa terra recém “descoberta”. Ao lado de Jaci e Guaraci, forma a santíssima trindade de Tupi.</p>	Sensação (1973)	Waldir Castro

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas) Alexandre Louzada				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
07	<p>Meninos do Engenho: O Amargo Sabor da Cana-de-Açúcar</p> 	<p>O cultivo da cana exigiu um enorme número de pessoas para trabalhar na colheita e nas instalações produtivas do engenho. A maior parte dessa mão-de-obra era escrava e trabalhava quase 18 horas ininterruptas. Muitos desses escravos, jovens e recém-chegados ao Brasil, viviam em péssimas condições nas senzalas.</p> <p>A doce cana-de-açúcar, originária da Índia, trazia, muitas vezes, um sabor amargo. Se, por lá, a sociedade em castas segregava as pessoas desde o nascimento, aqui uma nova sociedade formada por senhores de engenho e escravos também perpetuou as injustiças sociais.</p>	Comunidade (1958)	Harmonia
08	<p>Vendedores de Seda: Trazendo o Luxo para a Corte</p> 	<p>A seda, historicamente, foi criada na China e sua fabricação foi mantida em segredo por muitos séculos. Coube à Índia descobrir essa técnica milenar e produzir em larga escala esse tecido que se tornou uma das mercadorias mais valiosas do mundo.</p> <p>Os escravos de ganho (aqueles que realizavam tarefas remuneradas a terceiros e repassavam parte da quantia recebida para o seu senhor) eram responsáveis por vender essa seda trazida da Índia pelos portugueses. Como a seda era objeto de desejo das famílias mais abastadas da corte, os lucros eram enormes.</p> <p>Atualmente, Brasil é o único produtor de fio de seda em escala comercial no Ocidente, sendo o quarto maior produtor mundial de fios de seda crua, atrás apenas da China e da Índia.</p>	Vivo Mocidade (2008)	Marcos Vinícius

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)

Alexandre Louzada

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
09	<p>A Seda da Sinhá: Poder e Ostentação</p> 	<p>As senhoras do engenho (sinhás-donas) ou as suas filhas (sinhás-moças), em passeios pelo campo ou pela cidade, ostentavam vestidos geralmente feitos de seda - sinal de poder e riqueza de suas famílias. A seda era um dos produtos mais valorizados do mundo por produzir roupas leves, macias e brilhantes. As roupas e os hábitos dos senhores e senhoras de engenho demarcavam a distância imensa entre as classes sociais do Brasil Colônia. Mesmo não sendo hereditárias “as castas brasileiras” apontavam enormes as diferenças entre os grupos. Para compor a fantasia destacamos também o leque. Trazido pelos colonizadores europeus, o objeto, devido ao calor intenso, rapidamente, virou moda no Brasil colônia.</p>	Comunidade (1958)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Alexandre Louzada				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
10	<p>Mucamas: em Um Vestido de Chita, Vou Dançando na Avenida!</p> 	<p>As mucamas eram as criadas negras (ou escravas) que prestavam serviços domésticos na casa grande. Elas costumavam acompanhar “suas senhoras” pela cidade. Nesses passeios, usavam roupas feitas de chita, um tecido de algodão barato e de pouca qualidade, algumas vezes estampado com muitas flores outras vezes liso.</p> <p>A chita, que tem origem indiana, foi trazida para cá pelos portugueses e, com o tempo, passou a ser um dos ícones da identidade nacional, sendo usada em festas juninas e no próprio carnaval.</p> <p>Hoje para dançar na avenida do samba, nossa chita ganha ares carnavalescos. Nessa releitura, a chita brilha, as flores tropicais, presentes na fantasia, são uma lembrança dos estampados, muitas vezes, floridos desse tecido.</p> <p>As mucamas usavam ainda sândalo, nos cabelos e nas roupas, por suas propriedades aromatizantes e desinfetantes (contam que afastava piolhos e insetos). O sândalo, considerado uma árvore sagrada na Índia, é usado também para afastar energias ruins!</p> <p>Até hoje, é muito comum encontrar vendedores de óleos e de raiz de sândalo pelas ruas no Brasil!</p>	Comunidade (1958)	Harmonia

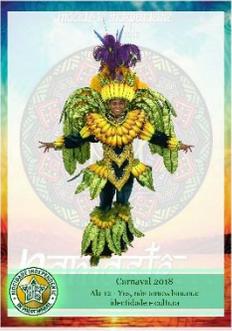
FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Alexandre Louzada

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
11	<p>Kamadeva: O Cupido KANA SUTRA</p> 	<p>Kamadeva, deus do amor e da prosperidade tal qual um cupido hindu, é um jovem bonito que carrega um arco feito de cana-de-açúcar. Quem recebe as doces flechadas se apaixona por ele imediatamente. O Kama Sutra, antigo texto indiano sobre as relações sexuais, rende homenagens a Kamadeva. Esse deus é a personificação da primavera e da brisa suave que traz fartura e abundância para a colheita. No caso do Brasil, com clima e solos favoráveis, parece que Kamadeva realmente abençoou as plantações de cana.</p>	<p>Maiorais do Samba (1963)</p>	<p>Valdir Mallet</p>
12	<p>Yes, Nós Temos Banana: Identidade e Cultura</p> 	<p>Em 600 A.C., escritos budistas indianos já mencionavam a banana, um dos frutos mais conhecidos do mundo. O Brasil e a Índia estão hoje entre os maiores produtores mundiais de banana. A presença da banana na cultura brasileira é tão grande que é difícil dissociar a fruta estrangeira do ideário nacional, a fruta está presente no nosso cotidiano seja na culinária, nas expressões populares, nas músicas. Marchinhas de carnaval eternizaram nossa intimidade com a fruta. <i>Chiquita Bacana</i> se vestia com uma casca de banana nanica. Carmen Miranda lembrava que somos um país com banana para dar e vender. Uma banana para quem disser que essa fruta já não é brasileira!</p>	<p>Oba Oba (2016)</p>	<p>Sylvio Pinheiro</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)				
Alexandre Louzada				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
13	<p>Coco: Em um País Tropical, um Estrangeiro com Jeitinho Brasileiro</p> 	<p>A música <i>Aquarela do Brasil</i>, de Ary Barroso, cria imagens tão claras de um país tropical que muita gente se espantaria em saber que o coco é um fruto nativo da região do Rajistão, na Índia. De grande importância social, por fornecer óleo, gorduras, minerais e vitaminas essenciais, o coco é presença certa nos tabuleiros das baianas repletos de cocadas, coco ralado e leite de coco.</p> <p>O coco, a exemplos de alguns outros frutos não nativos, foi incorporado no cotidiano brasileiro através de comidas, músicas e danças (vide a dança do coco no nordeste brasileiro). Esse “<i>coqueiro que dá coco</i>” pode não ser nativo, mas ao lado da banana, faz parte de uma representação tropicalista e simbólica do Brasil.</p>	Sou Mocidade (2017)	Paula Rosário

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)

Alexandre Louzada

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
14	<p>Pimenta do Reino da Folia: O Ardente Sabor do Samba</p> 	<p>A pimenta, originária do sul da Índia, chegou a ser um condimento tão caro que já foi usado como moeda de troca. Utilizada nas viagens marítimas para ajudar a conservar os alimentos, esse condimento chegou ao Brasil primeiramente pela Bahia, sendo chamada de pimenta-do-reino (de Portugal). Não é de se estranhar que as comidas baianas, a exemplo da comida indiana, tenham esse sabor tão ardente.</p> <p>A ala de passistas da Mocidade Independente de Padre Miguel presta homenagem a esse condimento indiano, já tão arraigado em nossa tradição! Nossos passistas, sempre tão ardentes, ousados, sensuais, sabem que a pimenta traz sorte e afasta as energias ruins. Sorte para os passistas! Sorte para Padre Miguel! Uma pitada de pimenta faz a diferença!</p>	Passistas (1958)	George Louzada

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)				
Alexandre Louzada				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	“A Noiva da Cor da Canela”	<p>A canela, originária da Índia, chegou a ser tão valorizada, no mercado do início do século XVI, que um quilo da especiaria valia praticamente sete gramas de ouro. Quando Jorge Amado funde o cravo e a canela, para representar sua personagem Gabriela, cria, no imaginário brasileiro, uma cor que passa a representar a identidade nacional, como se tivéssemos nascido assim, crescido assim.</p> <p>Nossa rainha de bateria, em 2018, morena da cor de Gabriela, representa a canela, a noiva desse casamento Brasil / Índia. Nesse enlace do cravo com a canela, nos damos conta de que essas especiarias, ainda que estrangeiras, representam a cultura brasileira.</p>	Rainha da Bateria	Camila Silva

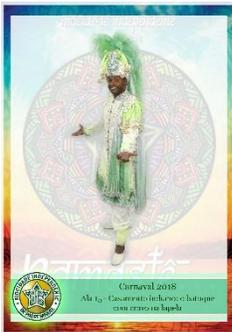
FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figuristas)

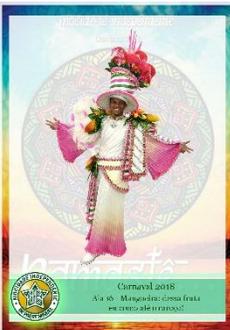
Alexandre Louzada

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
15	<p>Casamento Indiano: O Batuque com Cravo na Lapela</p> 	<p>A bateria da Mocidade Independente de Padre Miguel, em 2018, te convida para a grande festa. O casamento simbólico do Brasil e da Índia através de seus temperos.</p> <p>Um casamento indiano, tal qual um desfile carnavalesco, é acompanhado por músicas, danças, batucadas.</p> <p>Nossos ritmistas, com trajes típicos, são os noivos dessa festa. A flor do cravo na lapela, além dos poderes afrodisíacos, traz, segundo a crença, boa sorte para os recém-casados.</p> <p>O cravo, usado como tempero desde a antiguidade, motivou inúmeras viagens de navegadores portugueses para Índia</p> <p>Nesse casamento, o cravo e canela dão um tempero especial ao nosso samba, especiarias que cruzaram o mar e hoje definem simbolicamente a morenidade do nosso povo.</p> <p>O cravo em flor da lapela hoje traz sorte para nossa bateria!</p>	Bateria (1958)	Mestre Dudu

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Alexandre Louzada				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
16	<p>Mangueira: Dessa Fruta Eu Como Até o Caroço</p> 	<p>Quando os colonizadores portugueses trouxeram as primeiras mudas da mangueira, não podiam imaginar a tamanha popularidade que alcançaria no Brasil. Árvore nacional da Índia, a mangueira produz um fruto além de suculento, rico em vitaminas, sais minerais e propriedades antioxidantes.</p> <p>A presença de mangueiras no morro próximo à residência dos Imperadores do Brasil, na Quinta da Boa Vista, no século XIX, originou o nome do Morro da Mangueira, hoje em dia, um dos redutos mais famosos do samba no Rio de Janeiro - origem da Estação Primeira de Mangueira.</p> <p>Em 1993, a escola de samba, homenageando a sua própria história, desfilou com um samba que dizia “Da Índia, a manga se originou, floresceu como a poesia”. Foi assim que essa frondosa árvore “estrangeira”, hoje tão brasileira, se transformou em metáfora do samba.</p>	Comunidade (1958)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)

Alexandre Louzada

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
17	<p>Jaqueira: Os Frutos de Oswaldo Cruz e Madureira</p>  <p>The image shows a person in a white and blue costume with large, stylized wings or branches, representing the 'Jaqueira' (Cashew tree) theme. The costume is set against a circular graphic background. Below the image is a small logo and text: 'Carnaval 2018 Ala 17 - Jaqueira: os frutos de Oswaldo Cruz e Madureira'.</p>	<p>Originaria da Índia, a jaqueira se desenvolve espontaneamente em várias regiões do Brasil. Seu fruto, a jaca, é conhecido pelo cheiro forte, pelo sabor doce e pelo aspecto grudento.</p> <p>No mundo do samba, sob a sombra de uma jaqueira, no bairro de Madureira, nasceu a tradicional escola de samba Portela. Paulinho da Viola, famoso portelense, homenageou essa “árvore sagrada”, tratando-a como uma amiga e companheira. Impossível dissociar a história da Jaqueira das raízes do samba!</p> <p><i>“Quem é que não se lembra Da jaqueira da Portela Velha jaqueira Amiga e companheira Eu sinto saudades dela Guardei algumas folhas para recordação Ninguém fez, mas eu fiz a minha oração”</i></p>	Comunidade (1958)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Alexandre Louzada				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
18	<p>Tamarineira: Os Ramos de um Cacique</p> 	<p><i>“Você curtiu, você sambou O corpo logo arrepiou É assim lá debaixo da tamarineira”</i></p> <p>A palavra “tamarindo”, em sua etimologia, significa tâmara que veio da Índia. Indiana na origem, carioca e sambista na raiz, essa árvore, aqui no Rio de Janeiro, alcançou um status mitológico. Muitas rodas de samba do Grêmio Recreativo Cacique de Ramos acontecem “lá embaixo da tamarineira”, onde nomes como Fundo de Quintal, Beth Carvalho e Zeca Pagodinho foram revelados. Homenageada em várias canções, nas palavras de Luiz Carlos da Villa, a Tamarineira do samba é o “doce refúgio” “da poesia guardiã, planta onde, em todos os ramos, cantam os passarinhos nas manhãs”. Mangueira, jaqueira e tamarineira, embora originalmente nativas da Índia, simbolicamente formam hoje mais uma “trindade” na raiz do terreiro do samba, representação da autentica cultura brasileira.</p>	Comunidade (1958)	Harmonia

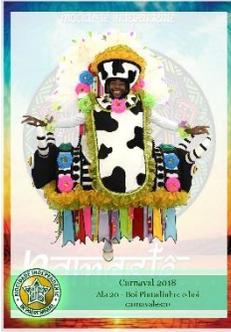
FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)

Alexandre Louzada

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
19	<p>“Boi Vitalino”: Um Novo Mundo Forjado no Barro</p> 	<p>Originário da Índia, o boi zebu, em seus inúmeros cruzamentos, constitui a espécie mais difundida no Brasil. Sua vantagem principal é a adaptação e a resistência ao clima quente.</p> <p>Tal qual as frutas e os condimentos indianos, o boi, em terras brasileiras, mais do que se adaptar ao clima, hoje é parte integrante do nosso folclore.</p> <p>Mestre Vitalino, no interior de Pernambuco, conhecido por suas figuras inspiradas no universo rural, tinha como tema recorrente a figura do boi. A criação de pequenos animais era sua maneira de recriar um mundo novo através do barro.</p>	Ziriguidum (2017)	Maria das Graças
20	<p>Boi Pintadinho: O Boi Carnavalesco</p> 	<p>O Boi Pintadinho é um folguedo popular típico do noroeste do estado do Rio de Janeiro e do Espírito Santo. O Boi Pintadinho, na verdade, uma brincadeira de carnaval, é apresentado, de forma teatral, junto a personagens como a Mulinha em um desfile com tambores e sanfona. Os integrantes cantam versos relativos às histórias lendárias de bois.</p>	Comunidade (1958)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas) Alexandre Louzada				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
21	<p>O Boi-de-Mamão: A Lenda que Veio do Sul</p> 	<p>O boi-de-mamão, manifestação folclórica típica do Paraná e de Santa Catarina, apresenta elementos comuns ao bumba-meu-boi nordestino como a morte e a ressurreição do animal. Entre as figuras que aparecem na narrativa do boi-de-mamão está a Bernúncia, uma espécie de bicho-papão que engole tudo o que encontra pela frente. Indiano na origem, as lendas do boi foram se diversificando no Brasil e ganhando diferentes indumentárias e ritmos. Pode-se perceber a caracterização da Bernúncia, o bicho papão, nos braços dos desfilantes.</p>	Impossíveis (1969)	Maria Tereza
22	<p>O Brincante do Bumba-Meu-Boi: ê, Boi do Maranhão!</p> 	<p>No Maranhão, a tradição do Bumba-meu-boi ou a tradição do boi-bumbá mistura personagens humanos e animais fantásticos. A lenda gira em torno da morte e da ressurreição de um boi. As pessoas que assistem à encenação dão um tom religioso à festa, agradecem as graças alcançadas e fazem promessas ao animal. O brincante ostenta cores e fitas típicas do Maranhão. Na parte da frente da fantasia, a representação do rosto do boi apresenta chifres que se projetam para a parte posterior. O boi indiano foi se espalhando Brasil afora, ganhando novas histórias, novos ritmos.</p>	Estrela Guia (2004)	Cleide Alves

FICHA TÉCNICA

Fantásias

Criador(es) das Fantásias (Figuristas)

Alexandre Louzada

DADOS SOBRE AS FANTÁSIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
23	<p>Parintins: Tem Boi na Floresta Amazônica</p> 	<p>No Amazonas, a festa tradicional do boi-bumbá sofreu influências indígenas e andinas, ganhando características muito específicas. Em Parintins, o Boi Garantido (o coração vermelho) e o Boi Caprichoso (a estrela azul) se apresentam ao som das toadas e mitos da Floresta Amazônica. Interessante perceber como esse animal estrangeiro hoje faz parte de uma tradição folclórica disseminada pelo país, com nomes, formas de apresentação e temas tão diversificados</p>	<p>Grupo Performático / Comunidade (1958)</p>	<p>Harmonia</p>
24	<p>Herança de Paz: os Filhos de Gandhi Hoje são Brasileiros</p> 	<p>A ala dos compositores da Mocidade Independente de Padre Miguel homenageia o maior afoxé da Bahia: os Filhos de Gandhi. Que o canto “da não violência e da paz”, lema do líder indiano Mahatma Gandhi, seja ouvido para além dos dias de folia. Como anuncia a letra do nosso samba enredo, “os Filhos de Gandhi hoje são brasileiros”.</p>	<p>Compositores (1958)</p>	<p>Domenil Santos</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas) Alexandre Louzada				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
25	<p>Holi Roxo: Desobedecer para Pacificar</p> 	<p>Holi, ou Festival das Cores, é um evento realizado na Índia, todos os anos, para comemorar a chegada da primavera. Segundo a lenda, o temível e vaidoso Rei Hiranyakashyap queria que todos, no seu reino, o adorassem, mas foi justamente o seu filho Prahlad que desobedecendo ao pai, resolveu adorar Vishnu.</p> <p>A fantasia em tom de roxo (faixa de cor entre o vermelho e o azul) relembra a amargura do rei e, ao mesmo tempo, a espiritualidade de seu filho Prahlad.</p> <p>Por tradição, as pessoas atiram nas outras um pó colorido chamado de gulal, originalmente feito de flores, cada cor contém um significado. Os desfilantes, seguindo a tradição, irão se pintar com pó de todas as cores!</p>	Comunidade (1958)	Harmonia

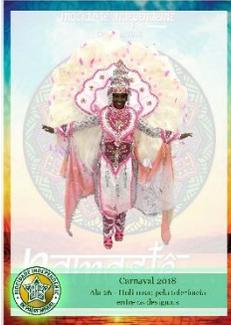
FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)

Alexandre Louzada

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
26	<p>Holi Rosa: Pela Tolerância Entre os Desiguais</p> 	<p>Vishnu reconheceu a bondade e a devoção de Prahlad e salvou-o da condenação proferida por seu pai: arder na fogueira.</p> <p>O festival, portanto, celebra a vitória de um deus contra o outro e o triunfo da devoção livre. Celebra, ainda, tal qual o carnaval, a tolerância entre as pessoas, promove a integração de classes sociais diferentes, como no Brasil, ou mesmo de castas diferentes, como na Índia.</p> <p>O tom rosa na festa Holi representa a igualdade e o respeito ao próximo. Vale notar que os desfilantes, formados essencialmente por gays e drags, prestam uma homenagem aos Hijras, grupo de transgênicos e intersexuais da Índia.</p>	Comunidade (1958)	Harmonia
27	<p>Holi Amarelo: Buscar a Liberdade há Tempo Ainda!</p> 	<p>O gulal amarelo, o pó indiano usado no festival, simboliza a luz, o sol, o otimismo e a alegria. Representa a mudança de vida do jovem Prahlad salvo do trágico destino. O príncipe decide comemorar a vida a cada primavera em sinal da liberdade recém conquistada. Essa é a origem do festival indiano, hoje famoso no mundo inteiro.</p> <p>O amarelo passa a representar o fogo que queima o ódio e o preconceito que liberta as pessoas de boa vontade.</p>	Comunidade (1958)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Alexandre Louzada				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
28	<p>Holi Laranja: Um Amor sem Início, Meio e Fim</p> 	<p>A última fantasia - o Holi laranja - simboliza o amadurecimento e triunfo do bem e da fé sobre o mal. O príncipe Prahlad lutou por suas escolhas e provou que vale a pena sonhar com um mundo sem preconceitos que respeite as escolhas de cada um.</p> <p>A cor laranja representa o eterno sonho de um mundo mais maduro que promova o amor sem início, meio e fim!</p>	Comunidade (1958)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Local do Atelier Rivadavia Correa, nº. 60 – Barracão nº. 10 – Gamboa – Rio de Janeiro – Cidade do Samba	
Diretor Responsável pelo Atelier Alessandra Reis	
Costureiro(a) Chefe de Equipe Alessandra Reis	Chapeleiro(a) Chefe de Equipe Alessandra Reis, Fabiano Valente, Glauber Costa, Layone Ventura, Robson Alameda, Wal Machado, Wladmir Vianna e Wellington Tery
Aderecista Chefe de Equipe Alessandra Reis, Fabiano Valente, Glauber Costa, Layone Ventura, Robson Alameda, Wal Machado, Wladmir Vianna e Wellington Tery	Sapateiro(a) Chefe de Equipe Gomes
Outros Profissionais e Respektivas Funções	
Tarcísio Zanon	- Arte Finalista
Alexandre Abreu	- Arame
Vitor	- Vime
Alex Salvador e Equipe	- Pintura de Arte
João Carlos	- Placas de Acetato
Outras informações julgadas necessárias	

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Autor(es) do Samba-Enredo		
Altay Veloso, Paulo Cesar Feital, Zé Glória, J. Giovanni, Denilson do Rosário, Carlinhos da Chácara, Alex Saraíça e Leo Peres		
Presidente da Ala dos Compositores		
Domenil Santos		
Total de Componentes da Ala dos Compositores	Compositor mais Idoso (Nome e Idade)	Compositor mais Jovem (Nome e Idade)
110 (cento e dez)	Nilton da Caranga 74 anos	Gabriel Teixeira 30 anos
Outras informações julgadas necessárias		
<p>Kamadhenu, derrama leite em nosso terreiro Ganesa tem licença do Cruzeiro Desemboca o Ganges cá no Rio de Janeiro Os Filhos de Gandhi hoje são brasileiros Brahma foi quem guiou velas de Portugal E trouxe a Índia ao gantois da Mãe querida Padre Miguel chamou Shiva pro carnaval E namastê pra todo povo da avenida Hora de se benzer, hora de ir ao mar Do sal à doce liberdade Há tempo ainda! Desobedecer pra pacificar Como um dia fez a Índia!</p> <p>Tereza de Calcutá Ó, santa senhora, ó, madre de luz Venha para iluminar Esse povo de Vera Cruz</p> <p>Clama o meu país, À flor de lótus, símbolo da paz E a vitória-régia da mesma raiz Pela tolerância entre os desiguais Nesse “Holi” Eis o triunfo do bem e da fé Nehru, Dom Hélder, Chico Xavier Olhem pra Índia e pro Brasil! Ô, ô</p> <p>Bendita seja a Santíssima Trindade Em Nova Deli ou no céu tupiniquim Ronca na pele do tambor da eternidade O amor da Mocidade sem início, meio e fim</p>		
		BIS
		BIS

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Justificativa do Samba-Enredo

O número três é o número da transformação, o sagrado que simboliza a unidade divina, o ciclo completo: o início, o meio e o fim.

O enredo da Mocidade Independente de Padre Miguel, em 2018, estabelece conexões, entre mundos tão distantes, o primeiro entroncamento de uma travessia: Portugal, Brasil e Índia. Hoje, revendo nossa história percebemos como somos tributários das muitas “sementes” indianas que, plantadas aqui, moldaram nossa identidade cultural.

Em uma dimensão histórica e, sobretudo, sagrada, bendizemos a santíssima trindade, seja ela **de Nova Deli ou do céu Tupiniquim**.

A escolha do termo “Tupiniquim” para se referir ao Brasil, é uma forma de respeitar a crença dos primeiros habitantes. A santíssima trindade católica se encontra com a tríade Tupi- formada por Tupã, o pai, deus dos raios e criador da natureza; Guaraci, o filho, deus sol; Jaci, a filha, deusa lua. Esse encontro sagrado dialoga ainda com a tradição Hindu, a Trimúrta -formada também pelos três deuses: Brahma, força criadora do universo; Vishnu, o deus mantenedor da ordem; e Shiva, aquele que destrói para reconstruir.

“Kamadhenu derrama leite em nosso terreiro

Ganesha tem licença do cruzeiro

Desemboca o Ganges cá no Rio de Janeiro

Os filhos de Gandhi hoje são brasileiros

Brahma foi quem guiou velas de Portugal

E trouxe a Índia ao Gantois da mãe querida

Padre Miguel chamou Shiva pro carnaval

E namastê pra todo povo da avenida”

Nesse enredo tramado há tantos séculos, Brahma, o início de qualquer jornada, guia as caravelas de Portugal para que se encontrem em um novo caminho. Kamadhenu, a vaca sagrada hindu, cujo poder realiza qualquer desejo, derrama seu leite sagrado e abençoa o terreiro da festa e da fé.

Ganesha, filho de Shiva, deus que desfaz obstáculos, tem a licença do Cruzeiro do Sul, estrela que guia os navegantes, para iniciar a jornada.

Shiva, mais que destruir, traz novos significados para nosso enredo. Padre Miguel, ao convidá-lo para a nossa festa, sabe que o Deus hindu é a encarnação do espírito carnavalesco, a força capaz de transformar os papéis sociais nos dias da folia e permitir que todos se reinventem a cada ano.

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Assim, os portugueses, a caminho do Oriente, acabam aportando por aqui e conectando mundos distantes, “**desemboca o Ganges**, rio sagrado hindu, “**cá no Rio de Janeiro**”.

Entre as tantas conexões, nos tornamos todos filhos de Gandhi- **OS FILHOS DE GANDHI HOJE SÃO BRASILEIROS**”. Mais do que um afoxé da Bahia, ser filho de Gandhi é vivenciar a cultura da paz e da não violência, do respeito ao próximo, “**desobedecer para pacificar**”.

Essa grande alma, Mahatma, é espelho e inspiração de muitos outros encontros.

TERESA DE CALCUTÁ
Ó SANTA SENHORA, Ó MADRE DE LUZ
VENHA PRA ILUMINAR
ESSE POVO DE VERA CRUZ

Promovemos simbolicamente o encontro de Gandhi com outra grande alma, madre *Tereza de Calcutá*, missionária católica da Índia e prêmio Nobel da Paz. Por sua devoção aos mais necessitados, por ser sinal de esperança em um mundo tão cruel, invocamos essa “santa senhora”, “madre de luz” para abençoar nossa terra, nosso povo de “Vera Cruz” (um dos primeiros nomes do nosso país que remete a uma dimensão religiosa)

NEHRU, DOM HÉLDER, CHICO XAVIER
OLHEM PRA ÍNDIA E PRO BRASIL!

Todos eles são convidados a partilhar desse momento de inspiração, de iluminação. O carnaval une *Nehru*, primeiro ministro da Índia e discípulo de Gandhi a *Dom Helder Câmara*, bispo católico, defensor dos direitos humanos e também *Chico Xavier*, médium, filantropo, expoente do Espiritismo.

Todos eles, INDEPENDENTE da fé, nos deixaram lições em atitudes de amparo aos mais necessitados, do respeito com o semelhante, da busca incessante pela paz. Esses bons ventos, aproximam “**ÍNDIA ao GANTOIS DA MÃE QUERIDA**”

Ao aproximar a Índia do Brasil, percebemos como árvores, frutas, condimentos, tecidos, animais de lá, criaram, em nossa terra, raízes históricas que florescem até hoje.

Ao lado de tantos mensageiros da paz, Mãe Menininha do Gantois, “a mão da doçura”, oferece um banquete, um ritual de purificação e de integração entre as culturas e religiões.

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Por isso é...

***HORA DE SE BENZER, HORA DE IR AO MAR...
DO SAL À DOCE LIBERDADE
HÁ TEMPO AINDA***

Entre as muitas lições dessa travessia, algumas não são tão doces como parecem. A frase “**DO SAL à DOCE LIBERDADE, HÁ TEMPO AINDA** sintetiza muito a relação da Índia com o Brasil. Apesar da cana-de-açúcar, de origem indiana, que ao lado dos condimentos e das frutas, exerceram um papel importante na nossa história, os engenhos trouxeram a reboque o flagelo da escravidão, uma sociedade marcada por injustiças sociais desde o tempo de Vera Cruz até os dias atuais. Na Índia, uma sociedade dividida em castas, também perpetuou, durante muitos anos, o preconceito entre as pessoas.

Ainda nas terras de Gandhi, a marcha do sal, um ato pacífico de protesto contra as imposições do Reino Unido, culminou com muitos indianos massacrados. Há tempo ainda de transformar o gosto salgado das injustiças em tempos mais doces.

Por isso....

***CLAMA O MEU PAÍS
À FLOR DE LÓTUS, SÍMBOLO DA PAZ
E À VITÓRIA RÉGIA DA MESMA RAIZ
PELA TOLERÂNCIA ENTRE OS DESIGUAIS***

Nessa simbólica união Brasil e Índia, temos a flor de Lótus, que emerge do lodo com os raios de Sol, símbolo da pureza e da paz, e a vitória régia, sua contraparte em terras brasileira - representação da transformação pelo amor.

Esse é o nosso clamor: esperança em floração! Que a mensagem da flor de lótus, símbolo da paz, se espalhe pelo mundo, que o bem e a fé triunfem sobre o mal, que todas as festas celebrem a vida e que unam todas as cores.

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Nesse **“HOLI”**

EIS O TRIUNFO DO BEM E DA FÉ

A festa de todas as cores na Índia se chama Holi, celebração da chegada da primavera. Segundo a lenda, o príncipe Prahlad é salvo da condenação por não querer adorar a um Deus que lhe foi imposto.

Nessa festa, os indianos comemoram a vitória da fé, o renascimento das cinzas, o respeito à devoção livre. Por tradição, as pessoas atiram uma nas outras um pó colorido.

Tal qual o carnaval, no festival Holi, as regras sociais ficam mais flexíveis, todas as pessoas se igualam e celebram a vida.

**RONCA NA PELE DO TAMBOR DA ETERNIDADE,
O AMOR DA MOCIDADE SEM INÍCIO MEIO E FIM!**

Por falar em festa, não podemos esquecer que o boi zebu, de origem indiana, filho simbólico de Kamadenu, a divindade bovina hindu, se tornou parte integrante do nosso folclore, da nossa identidade cultural, ganhando diferentes lendas, ritmos e indumentárias pelo Brasil afora.

O couro, a pele curtida do animal, é a matéria--prima para fazer o tambor, o atabaque, o bongo. Acredita-se que os primeiros tambores fossem feitos de troncos ocos de árvores como a mangueira, a tamarineira, a jaqueira (muitas também de origem indiana).

Assim, o tambor, que dá o tom de tantas festas, feito com o couro, faz do animal protagonista, parte integrante do nosso carnaval, do nosso batuque, da nossa bateria.

Por fim, encerramos com a nossa festa maior: o carnaval. Reafirmamos o amor eterno pela Mocidade, como anunciado nos textos sagrados indianos “sem início, meio e fim”. O tema da eternidade é muito presente na cultura indiana, da circularidade da mandala, que representa o infinito, até as lindas histórias daqueles que constroem palácios por acreditarem no amor além da vida.

É esse amor que ronca na pele do tambor da eternidade... amor da Mocidade - sem início, meio e fim!

FICHA TÉCNICA

Bateria

Diretor Geral de Bateria Mestre Dudu				
Outros Diretores de Bateria Ala, Gom, Bixo, Eugênio, Hebert, Leandro, Milton e Lázaro				
Total de Componentes da Bateria 265 (duzentos e sessenta e cinco) componentes				
NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS				
1ª Marcação 13	2ª Marcação 13	3ª Marcação 14	Rece-Reco 0	Ganzá 0
Caixa 82	Tarol 0	Tamborim 36	Tan-Tan 0	Repinique 36
Prato 01	Agogô 10	Cuíca 24	Pandeiro 0	Chocalho 36
Outras informações julgadas necessárias				
<p>Rainha da Bateria – Camila Silva Fantasia: A Noiva da Cor de Canela</p> <p>A canela, originária da Índia, chegou a ser tão valorizada, no mercado do início do século XVI, que um quilo da especiaria valia praticamente sete gramas de ouro. Quando Jorge Amado funde o cravo e a canela, para representar sua personagem Gabriela, cria, no imaginário brasileiro, uma cor que passa a representar a identidade nacional, como se tivéssemos nascido assim, crescido assim.</p> <p>Nossa rainha de bateria, em 2018, morena da cor de Gabriela, representa a canela, a noiva desse casamento Brasil/ Índia. Nesse enlace do cravo com a canela, nos damos conta de que essas especiarias, ainda que estrangeiras, representam a cultura brasileira.</p> <p><u>Justificativa da Fantasia da Bateria</u> Fantasia: Casamento Indiano: O Batuque com Cravo na Lapela</p> <p>A bateria da Mocidade Independente de Padre Miguel, em 2018, te convida para a grande festa. O casamento simbólico do Brasil e da Índia através de seus temperos.</p> <p>Um casamento indiano, tal qual um desfile carnavalesco, é acompanhado por músicas, danças, batucadas.</p> <p>Nossos ritmistas, com trajes típicos, são os noivos dessa festa. A flor do cravo na lapela, além dos poderes afrodisíacos, traz, segundo a crença, boa sorte para os recém-casados.</p> <p>O cravo, usado como tempero desde a antiguidade, motivou inúmeras viagens de navegadores portugueses para a Índia</p> <p>Nesse casamento, o cravo e canela dão um tempero especial ao nosso samba, especiarias que cruzaram o mar e hoje definem simbolicamente a morenidade do nosso povo.</p> <p>O cravo em flor da lapela hoje traz sorte para nossa bateria!</p>				

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Diretor Geral de Harmonia

Wallace Capoeira e Robson Veloso

Outros Diretores de Harmonia

Dinho, Alemão, Geraldo, Dudu e Leonardo

Total de Componentes da Direção de Harmonia

52 (cinquenta e dois) componentes

Puxador(es) do Samba-Enredo

Intérprete oficial – Wander Pires

Voz – Ronaldo Ylê, Roni Caetano, Rodrigo Santos, Valdir Júnior, Débora Cruz e Viviane Santos

Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo

Cavaco – André Félix (Diretor Musical), Leonardo Paiva e Jota Júnior

Violão – Rafael Paiva

Percussão – Celso do Pandeiro

Outras informações julgadas necessárias

FICHA TÉCNICA

Evolução

Diretor Geral de Evolução

Marco Antonio Marino

Outros Diretores de Evolução

Wallace Capoeira, Robson Veloso e Gabriel Azevedo

Total de Componentes da Direção de Evolução

53 (cinquenta e três) componentes

Principais Passistas Femininos

Ingrid Arcanjo, Sindy Lotus, Monike Vieira e Suzy Gomes

Principais Passistas Masculinos

George Louzada e Daniel Rodrigues

Outras informações julgadas necessárias

Coordenador da Ala de Passistas – George Louzada

FICHA TÉCNICA

Informações Complementares

Vice-Presidente de Carnaval Marco Antonio Marino		
Diretor Geral de Carnaval Marco Antonio Marino		
Outros Diretores de Carnaval -		
Responsável pela Ala das Crianças -		
Total de Componentes da Ala das Crianças -	Quantidade de Meninas -	Quantidade de Meninos -
Responsável pela Ala das Baianas Tia Nilda		
Total de Componentes da Ala das Baianas 80 (oitenta)	Baiana mais Idosa (Nome e Idade) Edméia Fonseca 81 anos	Baiana mais Jovem (Nome e Idade) Gleice Borges 27 anos
Responsável pela Velha-Guarda Hermano Mulato (Seu Mulato)		
Total de Componentes da Velha-Guarda 65 (sessenta e cinco)	Componente mais Idoso (Nome e Idade) Maria Emília 89 anos	Componente mais Jovem (Nome e Idade) Fábio Coelho 41 anos
Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.) Camila Silva (modelo e atriz), Silvero Pereira (ator) e Márcio Garcia (ator)		
Outras informações julgadas necessárias		

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Responsável pela Comissão de Frente

Jorge Texeira e Saulo Finelon

Coreógrafo(a) e Diretor(a)

Jorge Texeira e Saulo Finelon

Total de Componentes da Comissão de Frente	Componentes Femininos	Componentes Masculinos
15 (quinze)	*	*

Outras informações julgadas necessárias

* OBS.: O corpo de baile da comissão de frente é composto por 26 bailarinos.

- Grupo 01 – 15 componentes masculinos

- Grupo 02 – 08 componentes masculinos + 03 componentes femininos

Em todas as apresentações teremos somente 15 componentes aparentes.

Representação da Comissão de Frente

Deuses e Monges: Namastê pra todo povo da avenida

Conta o Rig Vedas, o livro sagrado hindu, que Indra, deus do trovão e das tempestades, rei de todos os deuses do passado, se revoltou ao perceber que os monges deixaram de cultuá-lo e passaram a venerar a Trimúrte, a santíssima trindade hindu: Brahma, deus primeiro, força criadora do universo; Vishnu, deus mantenedor da ordem; e Shiva, dançarino cósmico, aquele que executa as transformações do universo. Indra teria lançado raios para destruir templos e punir a todos os seus antigos adoradores.

Diante de tamanha fúria, os monges recorreram a um Sadhu, um homem santo, um asceta andarilho venerado pela força de sua fé. Juntos, oraram a Brahma para que este reunisse todos os deuses e aplacasse a raiva de Indra. Assim, os deuses inspiraram Indra a repensar o caminho da paz e do respeito às escolhas individuais.

A Comissão de Frente da Mocidade Independente de Padre Miguel, em 2018, encena essa lenda sobre o embate entre Indra, monges e deuses.

Aprendemos com Gandhi, a grande alma, que devemos transformar a ira em energia. Ira controlada é, nas palavras do pacifista indiano, “a força capaz de transformar o mundo em um lugar melhor”.

A moral da história – sim, toda lenda tem sua moral - não importa se deuses ou monges, precisamos lutar por um mundo mais solidário, repleto de paz e união. Exemplos não nos faltam. Além de Gandhi, Madre Teresa de Calcutá, “a mãe de luz”, também nos deixou o legado do amor e do acolhimento aos mais necessitados.

A Mocidade Independente de Padre Miguel, em 2018, celebra o encontro de deuses e mensageiros na apoteose do samba, o encontro e cruzamento de histórias e culturas, sobretudo, celebra a esperança em um mundo melhor.

Salve os deuses de lá e de cá, salve Gandhi, salve Madre Teresa, Salve a Mocidade!

Namastê: a estrela que habita em mim saúda a que existe em você!

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Outras informações julgadas necessárias

Jorge Texeira é formado em Educação Artística, pela Faculdade de Formação Profissional Integrada, e em Música, pela Escola de Música Villa-Lobos. Iniciou na dança, em 1987, na Escola de Dança Hortência Mollo. Diretor Artístico da Cia. Brasileira de Ballet e Fundador do Conservatório Brasileiro de Dança e da ONG Ciranda Carioca, Jorge Texeira se destaca ao utilizar metodologia própria de ensino, o que lhe rendeu prêmios, como: “Moção de Congratulações”, da Câmara Municipal do Rio de Janeiro; “Melhor Espetáculo” e “Menção Honrosa”, pela Prefeitura de Cabo Frio; “Moção Aplauso”, pela Prefeitura do Carmo; “Prêmio Cultura Nota 10”, pela Secretária de Cultura da Cidade do Rio de Janeiro; “Prêmio Dedicación”, pelo XIII Certamen Internacional de Danzas, “Danzamérica 2007”, na Argentina; “Prêmio de Melhor Maitre”, pelo V Fest Dance 3; Prêmio “Especial de Melhor Grupo”, em 2008 e 2009, no Festival de Dança de Joinville. Atuou como professor convidado de companhias profissionais, como: Studio de Ballet Tatiana Leskova, Cia. de Ballet da Cidade de Niterói, Deborah Colker Cia. de Dança, Ballet do Teatro Municipal do Rio de Janeiro e Ballet Nacional Dell Sódre (Montevidéu); prestou consultoria e supervisão de cursos de ballet clássico nas escolas: Ballet da Ilha de Vila Velha, Espírito Santo; Escola de Dança da Fundação Clóvis Salgado, Belo Horizonte, Minas Gerais; Escola Municipal de Bailados de Ourinhos, Ourinhos, São Paulo. Hoje atua como Diretor Artístico e Pedagógico da Escola Municipal de Bailados de Ourinhos e é professor/ensaiador convidado do Ballet Nacional de Sodré, em Montevid , Uruguai, sob a dire o de Julio Bocca. Tem sido premiado com seus alunos nos principais festivais de dança do mundo, tais como: Youth América Grand Prix, New York, EUA; Prix de Lausanne, Su a; International Ballet Competition, Beijing, China; New York Ballet Competition, EUA; M naco Danse Fórum, M naco; USA/IBC International Ballet Competition, Jackson. Orgulha-se de ter formado bailarinos que atuam em grandes companhias, pelas Américas e Europa. Desde 2007, assina como coreógrafo a Comissão de Frente de Escolas de Samba do Grupo Especial do Carnaval do Rio de Janeiro, atualmente na G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel. No ano de 2011, recebeu o Prêmio Plumas e Paetês, pela Melhor Comissão de Frente do Grupo B do Carnaval Carioca.

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Outras informações julgadas necessárias

Saulo Finelon iniciou seus estudos de ballet, em 1994, na Escola de Danças Maria Olenewa. Ingressou no Grupo Thalhe, em 1995, passando a ter aulas com o professor Jorge Texeira. Em 1996, foi aprovado para a Cia de Ballet da Cidade de Niterói, onde atuou como solista do ballet “Caminhada”, do coreógrafo Rodrigo Moreira. Em 1997, foi aprovado em audição pública para o Corpo de Baile do TMRJ, atuando como solista em vários espetáculos, tais como “Suíte em Blanc”, de Lifar; “Divertissements No 5”, de Ballanchine; “Les Pressages”, de Massine; “Daphnis e Cloé” de Fokine; “Amigos de Copélia”, de Henrique Martinez. Ensaçou sob a orientação de Jean Yves Lourmaux (etóile da Ópera de Paris), então diretor do TMRJ, o primeiro papel de Príncipe Desirée, do ballet “A Bela Adormecida”, de Marius Petipa. Em 2001, atuou como solista em: “As Quatro Estações”, com música de Verdi e coreografia de Gustavo Malojoli; “A Megera Domada”, de John Cankro, no papel de Inocência; “O Quebra-Nozes”, de Dallal Achcar. Integra o elenco da Cia Brasileira de Ballet como bailarino convidado, desde a sua reestreia, em 2001. Em 2002, foi aprovado como Bailarino Estatutário do TMRJ. A partir de 2003, passou a atuar como assistente/ensaaiador do professor Jorge Texeira, nas companhias de Ballet da Escola Petite Danse e na Cia Brasileira de Ballet. Atuou como assessor artístico do Conservatório Brasileiro de Dança, desde a sua inauguração, em 2007, até 2011. Desde 2004, é modelo exclusivo das grifes internacionais de artigos de dança e fitness “Só Dança”, “Kerche&Kerche” e “Trinys”, atuando como bailarino/modelo em desfiles do evento “Fashion Rio”. No filme “A Dona da História”, de Daniel Filho, dançou com as atrizes Débora Falabella e Fernanda Lima. Nos anos de 2008, 2009 e 2010, participou, como bailarino convidado da Cia. Brasileira de Ballet, de diversas turnês internacionais, pelas seguintes cidades: Mônaco, Miami e Nova York (EUA), Beijing (China) e Córdoba (Argentina). Desde 2007, é assistente do coreógrafo Jorge Texeira, nas coreografias Comissão de Frente de Escolas de Samba do Grupo Especial do Rio de Janeiro, como Portela, Grande Rio e, atualmente, para a Mocidade Independente de Padre Miguel. No ano de 2011, recebeu o Prêmio Plumas e Paetês, pela Melhor Comissão de Frente do Grupo B do Carnaval Carioca.

OBS: Jorge Teixeira e Saulo Finelon são os atuais coreógrafos campeões do carnaval carioca com a Mocidade Independente no ano de 2017. Foram os criadores da coreografia que embalou o voo mágico do Alladin pela Sapucaí!

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

1º Mestre-Sala Marcinho Siqueira	Idade 25 anos
1ª Porta-Bandeira Cristiane Caldas	Idade 33 anos
2º Mestre-Sala Jeferson Pereira	Idade 20 anos
2ª Porta-Bandeira Bruna Santos	Idade 20 anos

Outras informações julgadas necessárias

1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Nome da Fantasia: A Onisciência Divina

Criação do Figurino: Alexandre Louzada

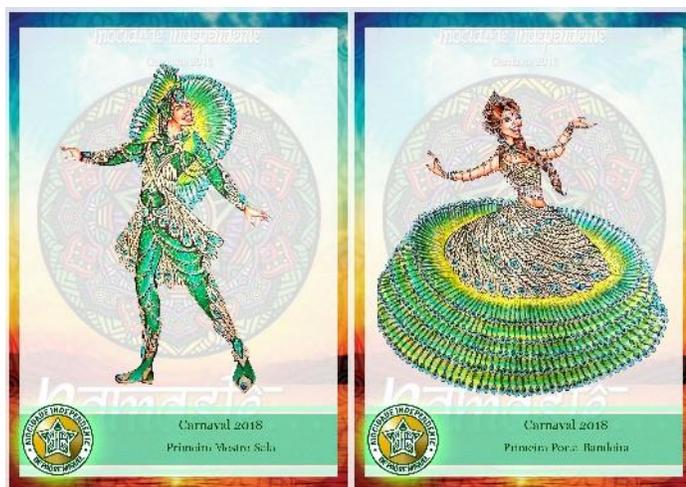
Confecção: Atelier Aquarela Carioca

Representação:

O primeiro casal de Mestre Sala e Porta Bandeira da Mocidade Independente de Padre Miguel em 2018 representa a onisciência divina.

No Rigveda, um dos textos mais antigos do hinduísmo, temos a descrição do olho de Shiva, o “que tudo vê, tudo conhece”. Símbolo do conhecimento que destrói o mal, o olho representa a magia de desvendar as verdades da vida. Krishna, um dos avatares de Shiva, é descrito com uma pena de pavão na cabeça.

O pavão, emblema da inteligência de cem olhos, é a manifestação terrena desse poder onividente e onisciente. Aquele que tudo vê, tem o entendimento e o poder sobre o mundo inteiro.



FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Nome da Fantasia: A Doce Cana: O Mel da Alegria, da Energia e da Riqueza

Criação do Figurino: Alexandre Louzada

Confeção: Alessandra Reis

Representação:

O segundo casal de Mestre e Sala e Porta Bandeira da Mocidade Independente de Padre Miguel, em 2018, representa a doce cana-de-açúcar.

Originária da Costa da Índia, essa gramínea foi sendo cultivada entre nós desde os primórdios da colonização e se tornou um dos pilares da economia colonial. Essa espécie de bambu, que produz um “mel sem abelhas”, era considerada pelos indianos o licor dos deuses.

A cana-de-açúcar, do etanol e da cachaça, ainda que estrangeira, no Brasil, foi sendo incorporada ao nosso imaginário como fonte de alegria, de energia e de riqueza.

Observação: As asinhas e as colmeias estilizadas da fantasia são uma alusão carnavalesca às abelhas, “rival” da cana na produção do “mel”.

